



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Lucas Denir Espindola

A voz de Exú na umbanda de Florianópolis: uma análise do léxico em pontos cantados

Florianópolis

2024

Lucas Denir Espindola

A voz de Exú na umbanda de Florianópolis: uma análise do léxico em pontos cantados

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção de título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Rocha Martins.

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Espindola, Lucas Denir

A voz de Exú na umbanda de Florianópolis : uma análise do léxico em pontos cantados / Lucas Denir Espindola ; orientador, Marco Antonio Rocha Martins, 2024.
359 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Português brasileiro. 3. Umbanda. 4. Léxico. 5. Linguística histórica. I. Martins, Marco Antonio Rocha. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Lucas Denir Espindola

A voz de Exú na umbanda de Florianópolis: uma análise do léxico em pontos cantados

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 12 de julho de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Marco Antonio Rocha Martins,
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.^a Dr.^a Josane Moreira de Oliveira
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Prof.^a Dr.^a Carla Regina Martins Paza
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Prof. Dr. Heronides Maurilio de Melo Moura
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Prof. Dr. Marco Antonio Rocha Martins
Orientador

Florianópolis

2024

Àquela que Ikú levou tão cedo, mas que comigo deixou a maior de todas as virtudes, o amor. Dedico a você, Mãe, Maria Aparecida Moreira (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Pesquisar é abandonar as areias conhecidas da praia e se lançar ao horizonte levando consigo a esperança de alcançar um objetivo. Mas essa viagem, embora solitária, não se faz sozinho e àqueles que oportunizaram essa aventura, teço aqui meus agradecimentos.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), por ofertarem um ensino público de qualidade.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc), por ter financiado parcialmente esta pesquisa.

À Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, que, através do programa UniEdu, financiou parcialmente esta pesquisa, pois, sem essas instituições, não haveria barco ou viagem a ser realizada.

Agradeço aos professores que tive durante toda a minha educação, porque foram eles que, junto com meus pressupostos teóricos, produziram o mapa cartográfico que me guiou nessa aventura.

Além desses, há uma tripulação que me acompanhou nos momentos de transformações e anseios que a pesquisa de forma distinta impõe, são eles: A minha irmã, Ma. Ariana Moreira Espindola, que leu e releu esta pesquisa tantas vezes quanto eu, que compartilhou conversas homéricas, saberes, bibliografia e questionamentos que enriqueceram de forma singular e substancial o que aqui apresento

Ao meu Orientador, Dr. Marco Antonio Rocha Martins, que mesmo em meio às águas revoltas e sob grandes ventanias permaneceu resignado e sempre soube apontar o norte.

À minha mãe-de-santo, Kátia Regina Luz, que mesmo quando eu estava incrédulo, passando pelos momentos de turbulência, sempre acreditou e me incentivou.

Ao meu namorado, Fernando Marçal – o bem de terra.

A vocês deixo aqui meus agradecimentos, pois oportunizaram não somente que esta pesquisa fosse concluída, mas que um recorte da história fosse fixado nestas páginas.

Por fim, deixo aqui meus agradecimentos à pessoa que enfrentou seus próprios medos, que questionou suas certezas e afrontou o mundo por amor, meu pai, Denir Amâncio Espindola. Sem ele, não haveria pesquisador ou voz a ser escrita. Obrigado.

“Èsù gbe eni se ebo lore o.” Èsù láaróyè.
Exú sustenta quem faz o sacrificio corretamente.

RESUMO

A voz de Exú emerge do desejo de identificar a influência das línguas africanas no processo sócio-histórico de formação do português brasileiro no sul do Brasil a partir dos documentos produzidos no final do século XX e encontrados no Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá, comunidade afro-religiosa sediada no bairro Tapera, em Florianópolis-SC. Buscamos, também, contribuir para a escrita da história desses territórios no contexto catarinense. Sob o aporte teórico e metodológico da sociolinguística histórica, com interseções em outras as áreas do conhecimento, temos por objetivo central construir um retrato léxico-cultural das comunidades afro-religiosas de Florianópolis e identificar as contribuições africanas nessas comunidades de fala, considerando um *corpus* formado por pontos cantados em terreiros de Umbanda em Florianópolis. Para isso, se fez necessário a localização, o levantamento, a catalogação, a transcrição dos documentos e a análise qualitativa dos dados do *corpus* a partir da teoria da sócio-histórica do português brasileiro. Buscamos, assim, uma desracialização da história linguística do Português no Sul do Brasil, a fim de dar visibilidade às comunidades afro-religiosas e à participação negro-africana na construção lexical-linguística-cultural do Brasil, especificamente, de Santa Catarina. Ademais, buscou-se construir um retrato histórico de Santa Catarina e das línguas que coexistiram durante o Brasil Colônia no estado, bem como, do bairro Tapera, além de tecer diálogos sobre a importância da língua – o verbo atuante – nos territórios de axé e sobre elementos significativos para a identidade dessas comunidades. O *corpus* desta pesquisa é composto por 1.719 pontos cantados encontrados em três livros de pontos do acervo da comunidade de fala já mencionada e produzidos no final do século XX. Além disso, a presente pesquisa também disponibilizou ao Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB/SC) cerca de 130 documentos localizados e digitalizados ao longo da pesquisa. Em relação aos dados analisados, estes estão organizados em nove campos lexicais construídos a partir das aproximações semânticas e composto pelas lexias, suas respectivas origens e significados adotados pela comunidade. Nos livros de pontos cantados, foram localizadas 158 lexias, entre elas, 25% têm origem em línguas Banto, 42% com origem na língua Iorubá e 32% são de origem Indígena ou são palavras do Português que foram ressignificadas na comunidade analisada. Das lexias contidas na amostra que possuem origem etimológica em línguas africanas, 30% são de uso inclusivo – menos restrito às comunidades – e 70% são de uso exclusivo – mais restrito –. Foram, também, realizadas duas entrevistas com yalorixás da comunidade analisada que apontaram para a variação no uso de termos exclusivos e a influência do contexto social e educacional na preservação da linguagem tradicional.

Palavras-chave: Português brasileiro; Léxico; Comunidades afro-religiosas; Umbanda; Linguística Histórica; Almas e Angola; Florianópolis.

ABSTRACT

The voice of Exú emerges from the desire to identify the influence of African languages in the socio-historical process of forming Brazilian Portuguese in southern Brazil based on documents produced at the end of the 20th century and found in the Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá, an Afro-religious community located in the Tapera neighborhood in Florianópolis, SC. We also seek to contribute to the writing of the history of these territories in the context of Santa Catarina. Under the theoretical and methodological framework of historical sociolinguistics, intersecting with other areas of knowledge, our main objective is to construct a lexical-cultural portrait of the Afro-religious communities of Florianópolis and identify the African contributions in these speech communities, considering a corpus formed by songs (pontos cantados) in Umbanda terreiros in Florianópolis. For this, it is necessary to locate, survey, catalog, transcribe the documents, and qualitatively analyze the corpus data based on the theory of the sociohistory of Brazilian Portuguese.. We aim, thus, for a de-racialization of the linguistic history of Portuguese in southern Brazil, giving visibility to Afro-religious communities and the Black African participation in the lexical-linguistic-cultural construction of Brazil, specifically, of Santa Catarina. Additionally, we sought to construct a historical portrait of Santa Catarina and the languages that coexisted during Colonial Brazil in the state, as well as the Tapera neighborhood, besides engaging in dialogues about the importance of language – the active verb – in the axé territories and about significant elements for the identity of these communities. The corpus of this research comprises 1,719 pontos cantados found in three songbooks from the mentioned speech community's collection, produced at the end of the 20th century. Moreover, this research also provided around 130 located and digitized documents to the Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB/SC). The analyzed data are organized into nine lexical fields constructed based on semantic approximations and composed of lexemes, their respective origins, and meanings adopted by the community. In the songbooks, 158 lexemes were located, among them 25% are of Bantu origin, 42% of Yoruba origin, and 32% are of Indigenous origin or are Portuguese words that were redefined within the analyzed community. Of the lexemes in the sample with etymological origins in African languages, 30% are of inclusive use – less restricted to the communities – and 70% are of exclusive use – more restricted. Additionally, two interviews were conducted with yalorixás from the analyzed community, highlighting the variation in the use of exclusive terms and the influence of social and educational contexts on the preservation of traditional language.

Keywords: Brazilian Portuguese; Lexicon; Afro-religious communities; Umbanda; Historical Linguistics; Almas e Angola; Florianópolis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Tapera de três tempos: 1977-1994-2000.....	40
Figura 2 – Ofício 01/84	42
Figura 3 – Esboço ata 01/1984 - p. 1/4.....	46
Figura 4 – Ponto de Nãna	47
Figura 5 – Ponto de Exú	47
Figura 6 – Pontos de Louvação - Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim	48
Figura 7 – Pontos de Louvação - Local da autoria não identificado	49

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Marcas lexicais diferenciadoras	36
Quadro 2 – Pontos Cantados	57
Quadro 3 – Campos lexicais.....	58
Quadro 4 – Cargos hierárquicos, títulos e funções.....	60
Quadro 5 – Cozinha-de-santo.....	62
Quadro 6 – Plantas, ervas e sementes	63
Quadro 7 – Espaços sagrados e práticas.....	64
Quadro 8 – Som, dança e música	67
Quadro 9 – Instrumentos sagrados e vestimentas	68
Quadro 10 – Nações e tradições	69
Quadro 11 – Saudações e Deuses.....	70
Quadro 12 – Animais e outras Lexias	73
Tabela 1 – Perfil da sociedade brasileira	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Atuaa	Associação dos Terreiros de Umbanda de Almas e Angola
Dr.	Doutor
Dr. ^a	Doutora
Fapesc	Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
n./nº	Número
Numavam	Núcleo de Estudos em Monitoramento e Avaliação Ambiental
P.	Página
PB	Português brasileiro
PHPB/SC	Projeto para a História do Português Brasileiro
PPGLIN	Programa de Pós-Graduação em Linguística
Prof.	Professor
Prof. ^a	Professora
Turi	Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá
Udesc	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
v.	Volume

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	SANKOFA: REVISITANDO ORIGENS E INTERSECÇÕES HISTÓRICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	19
2.1	BRASIL COLÔNIA: MEMÓRIA E HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO .	19
2.2	UM RESGATE DA DIVERSIDADE SÓCIO-HISTÓRICA DA SANTA (E NEGRA) CATARINA.....	27
3	METODOLOGIA	33
3.1	O TERREIRO DE AXÉ/A CASA-DE-SANTO: TERRITÓRIOS COLETIVOS DE RESISTÊNCIA.....	33
3.2	ORGANIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i> E METODOLOGIA DE RECOLHA DOS DADOS	43
4	O VERBO ATUANTE: ELEMENTO DIVINO PARA CRIAR REALIDADES . 51	
4.1	HERANÇAS DE UMA TRAVESSIA: AS LÍNGUAS DOS TERRITÓRIOS DE AXÉ	51
4.2	PONTOS CANTADOS: MIRONGAS E ENCANTAMENTOS NO CULTO AOS ANCESTRAIS.....	56
4.2.1	Cargos, títulos e funções	59
4.2.2	Cozinha-de-santo	61
4.2.3	Plantas, ervas e sementes	62
4.2.4	Espaços sagrados e práticas	64
4.2.5	Som, dança e música	66
4.2.6	Instrumentos sagrados e vestimentas	68
4.2.7	Nações e tradições	68
4.2.8	Saudações e Deuses	69
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICE A – Livro de Pontos Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá	88
	APÊNDICE B – Livro de Pontos Local de Autoria não Identificado	150
	APÊNDICE C – Livro de Pontos Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim	253
	APÊNDICE D – Entrevista Kátia Regina Luz - Íntegra	322
	APÊNDICE E – Entrevista Eliete Ignês Espindola - Íntegra	347
	ANEXO A – Declaração do funcionamento do Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá 1982	359

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se insere no campo teórico da sociolinguística-histórica e traz o levantamento, a catalogação, a transcrição e a análise lexical, a partir da teoria sócio-histórica do português brasileiro (PB), dos livros de Pontos¹ produzidos ao longo do século XX e encontrados no Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá (Turi), comunidade de tradição afro-brasileira sediada na Grande Florianópolis. Sendo a língua um lugar de resistências das identidades² de sujeitos e de comunidades afro-religiosas, esta pesquisa pretende contribuir para a construção de um *corpus* étnico-referenciado, isto é, que valorize positivamente os saberes “não brancos”, e, assim, colabore com a “[...] luta cognitiva e pela pluriversalização do mundo” (Rufino, 1987, p. 14).

Dessa forma, constitui-se como objetivo central desta dissertação verificar a influência de línguas africanas na construção sócio-histórica do PB, a partir da análise do léxico em documentos produzidos em território de tradição da Umbanda em Florianópolis. Para sustentar nosso problema de pesquisa, que se constituiu em entender as influências africanas no PB utilizado nas comunidades afro-religiosas de Florianópolis, especificamente as heranças lexicais de origem em línguas africanas, recorreremos à periodização do PB proposta por Lucchesi (2017), no que se refere à participação negra na formação dessa língua; ao estudo de Mattos e Silva (2004), para que pudéssemos perceber as intersecções históricas-linguísticas nos processos que originaram o PB; aos estudos de Castro, com destaque para o livro *Camões com Dendê* (Castro, 2022), a fim de pensar a língua nos territórios de Axé, o léxico afro-religioso, bem como, as identidades afro-religiosas.

Foram delineados como objetivos específicos desta pesquisa: (1) localizar e realizar o levantamento dos livros de cânticos ritualísticos na comunidade de tradição afro-brasileira Turi em Florianópolis; (2) Catalogar e transcrever os documentos colhidos; (3) analisar esses documentos, a fim de buscar dados que corroborem com o objetivo central dessa dissertação. Porém, dado o espaço da escrita no contexto afro-religioso, bem como, a importância da oralidade nesses espaços, entendíamos a incerteza da presença de material que oportunizasse a análise lexical de termos de origem africana na comunidade estudada.

¹ Pontos cantados são rezas e cantigas ritualísticas entoadas ao som do atabaque.

² Assumimos aqui o conceito de identidade proposto por Bucholtz e Hall (2005), para quem identidade é algo que emerge nas interações sociais a partir de uma construção dinâmica que resulta do modo como os indivíduos se posicionam em relação aos outros e aos contextos sociais específicos. Sendo assim, identidade não é um atributo fixo ou preexistente de um indivíduo, mas algo que é constantemente construído e negociado através das interações sociais, logo, um produto da prática social.

Para além dos objetivos já mencionados, esta pesquisa busca dar visibilidade às memórias e aos saberes invisibilizados, bem como, corroborar com a reescrita de uma história que foi pautada no esquecimento e orquestrada pela colonialidade. Já que a palavra “[...] não se limita a ser vinculadora dos sentidos, a palavra é carne, é materializadora da vida, propiciadora dos acontecimentos” (Rufino, 1987, p. 14), almejamos colocar aqui nossos ancestrais, aqueles que adormecem na Calunga Grande³ e os que, diariamente, trabalham para proteger suas comunidades, promovendo assistência social e preservando uma cultura que é constantemente violentada de infinitas formas.

Ao longo desta dissertação, nos *cruzos*⁴ dessas linhas e do processo de pesquisa, buscamos novos caminhos, transcrições que provoquem, zombem desse projeto hegemônico colonialista. Para isso, invadimos outras áreas do conhecimento, esticamos as linhas, alinhavamos alguns retalhos e desatamos outros, ouvimos os anciãos, aprendendo em cada território ancestral que entramos, tentando costurar cuidadosamente essa colcha de fuxicos que espera que outrem a venha continuar.

O caminho até esse objetivo e fonte, ambos, hoje, bem-recortados, foi bastante sinuoso. Inicialmente, tínhamos a pretensão de analisar cartas e outros documentos produzidos no contexto dos terreiros de umbanda da grande Florianópolis. Para isso, no primeiro ano do desenvolvimento desta pesquisa, nos envolvemos na tarefa de construir uma rede de contatos que nos levou a mais de dez Casas de Santo, que já estão abertas desde o recorte temporal pré-estabelecido – 1930-1999. Na grande maioria, a produção escrita no contexto daqueles territórios se desenvolveu, a partir do acesso à rede de Internet, por meio dos blogs. Fora dessa especificidade, os sacerdotes travam na oralidade seus conhecimentos e mostram as fotos como testemunhas da história de seus territórios, ora pela importância da palavra atuante nesses espaços, ora pelas desventuras do tempo, por violência patrimonial, por mobilidade. Para além disso, os poucos textos que alguns sacerdotes confiaram disponibilizar são produções que repetidamente foram reescritas quase que coletivamente. Portanto, naquele momento, não encontramos as fontes almejadas.

É importante demarcar que fomos recebidos atenciosamente por sacerdotes e sacerdotisas e que estes disponibilizaram um tanto de seu tempo para ter conosco conversas longas. Mas de todas as casas e instituições com as quais tivemos contato, o Turi se apresentou com o maior acervo documental, datado de 1980 a 1999. No entanto, os documentos não

³ Calunga grande é o mar, a enormidade de seu destino e de seu horizonte (Schwarcz, 2000, p. 227).

⁴ Termo adotado por Rufino (1987), sendo os *cruzos* domínio de exú, aqui referenciados como ponto de encontro e o início de tudo.

estavam tratados/organizados, constituindo, portanto, um mar de informações, já que havia não só documentos da própria instituição e de sua formação, mas também de outras. Frente àquela realidade, catalogamos e digitalizamos todos os documentos, para que a instituição pudesse preservar esses retalhos da história, bem como, transcrevemos todas as atas e livros de pontos.

No Turi foram encontrados, entre outros documentos, 52 ofícios/circulares, 42 atas, um livro de pontos, 13 discursos escritos e um estatuto produzidos na própria instituição. Além desses, foram encontrados oito apostilas de ensino mediúnico-religioso e um livro de pontos escritos pelos dirigentes da Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim (SC); oito edições do jornal produzido pelo Centro Espírita Luz Eterna (PR); uma edição do “Correio Espírita”; uma edição do jornal e algumas outras produções textuais do Centro Espírita Seara do Amor (SC); um edição da revista produzida pelo Centro Espírita Cobra Verde (SC), entre outros textos elaborados pela Federação Espírita do Brasil, Conselho Estadual Cristão Espírita de Umbanda e Culto Afro-brasileiro de Santa Catarina, que foram disponibilizados ao Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB/SC).

A partir disso, observamos a necessidade de mudanças na delimitação do *corpus*. Optamos, assim, por restringir o recorte aos livros de pontos. Nesse novo alinhamento, inspirados pelo estudo de Castro (1983), intitulado *Das línguas africanas ao português brasileiro*, fomos arrebatados e levados a pensar sobre o léxico, o princípio de tudo, a “palavra” tão fundamental para essas comunidades no que diz respeito aos processos de construção de suas identidades.

Embora isso, tínhamos clareza de que não poderíamos de vista os desafios inerentes a esta pesquisa com relação ao processo de aproximação, que demandou, sobretudo, respeito à comunidade e às suas palavras, respeito por aqueles nelas estão e pelos que por elas passaram. É importante lembrar que a análise vem de fontes escritas em um lugar em que a oralidade é pilar principal em sua busca para honrar a ancestralidade e o conhecimento ancestral, na contramão ao valor da grafia para a cultura eurocêntrica. Ainda assim, no desejo de produzir uma pesquisa que recuperasse as formas linguísticas usuais nas comunidades de tradição afro-religiosa no passado, nos aventuramos a encarar esse desafio e mapear em documentos escritos o léxico afro-brasileiro usado.

Nota-se, portanto, que, para desenvolver esta pesquisa, lançamos mão do conhecimento produzido e em elaboração na academia, especialmente do PHPB/SC e pelo Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (AYA), da Universidade do Estado de Santa Catarina. (Udesc), como também foi necessário promover articulação com os entes religiosos, com

movimentos sociais e com pesquisadores negros a fim de estabelecer redes de relações que nos auxiliassem na busca desses documentos.

Contudo, dados os desafios já mencionados, as intempéries do tempo e o descaso do poder público no exercício de preservação desses territórios, bem como, o curto período para desenvolver a pesquisa, optamos por restringir a análise aos livros de pontos⁵ encontrados no Turi. Além da quantidade de documentos públicos disponibilizados por essa comunidade, o pesquisador desta dissertação é filho e membro do Turi há mais de 16 anos, bem como, sua avó, Elite Ignês Espindola, carrega, aos 94 anos, o título de primeira filha de santo dessa instituição.

Em relação a isso, com o objetivo de declarar o lugar a partir do qual o pesquisador produz esta pesquisa, destaco que, embora eu tenha iniciado minha caminhada na umbanda no começo da adolescência, em 2008, entre as diversas fotos a que tive acesso durante a pesquisa, encontrei uma na qual apareço com um pouco mais de quatro anos de idade, além daquelas em que aparecem meus tios, minhas tias, meu pai e minha avó. Logo, o terreiro está presente na minha vida desde cedo, atravessando minha infância e minhas experiências. Fotos como essas remontam às memórias pessoais de infância, marcadas por assistir benzeduras, incorporações, entidades, olho gordo e encostos.

Foram essas experiências que me trouxeram até esta pesquisa, pois *A voz de Exú* surge do desejo de olhar cientificamente para a minha comunidade, olhar o léxico dessa comunidade, mas, também, de tingir sobre o papel em letras *times roman* uma história desse território, as identidades por ele veladas e que seriam apagadas pelo tempo. Olhar os documentos históricos de uma comunidade é visitar as memórias de outrem e, com isso, também as minhas, pois “*Sou o que sou, pelo que nós somos*” (Filosofia Ubuntu).

Ao passo que iniciei esta pesquisa, ainda quando tinha outras pretensões, mesmo quando em busca de uma imparcialidade idealizada, me tornei Babalorixá de Umbanda e iniciei a própria casa, a própria comunidade como Pai Lucas de Oxum. Digo isso para me delatar, pois, vocês que estão lendo esta pesquisa, devem ficar atentos, uma vez que ela não parte de uma promessa de imparcialidade ou isonomia: *a voz de Exú* está impregnada das minhas experiências e dos meus conhecimentos progressos.

Cabe ressaltar, também, que esta dissertação não se trata somente de um discurso científico, mas de um ebó⁶, isto é, da transformação do sujeito por detrás das palavras e das ideias. Tão logo, retifico que esta pesquisa é uma tentativa de resguardar a memória desse

⁵ Pontos são, também, cânticos e rezas que são entoados durante os ritos. Na seção 3 desta pesquisa iremos discorrer mais detalhadamente sobre o seu significado e sua função.

⁶ Oferenda feita em intenção de algo.

território de tradição, bem como, do bairro, pois o Turi encerrou suas atividades enquanto esta dissertação estava sendo elaborada. Aliado a isso, o descaso público pode fazer com que a história desse território caia no esquecimento.

Sendo a linguagem um fato social ela não é alheia à cultura e à história, mas guiada nessa relação íntima e na coexistência entre sujeito e língua (Meillet, 1977 *apud* Alkmim, 2012, p. 26), para que possamos realizar uma análise linguística do léxico⁷ a partir da teoria da sócio-história do PB é necessário, no mínimo, que retomemos a história contada – e aquela que está sendo recontada –, observando como a sociedade brasileira se desenvolveu, como as políticas linguísticas interferiram no processo de formação sociolinguística, bem como, as violências linguística e física pelas quais esse território passou. Assim, na seção 1, o leitor encontra um breve levantamento sócio-histórico sobre a formação cultural e linguística do Brasil. Para além disso, evocamos estudos etnográficos para compreender as intersecções que perpassam a história da formação do PB, em que se pode vislumbrar a periodização do português afro-brasileiro proposta por Lucchesi (2017). Ainda, a fim de compreendermos o cenário sociocultural e linguístico da virada do século XX em Santa Catarina, lançamos mão, também, dos estudos históricos e linguísticos, estabelecendo entre eles um diálogo que nos possibilitasse uma análise global interdisciplinar de formação do PB. Para melhor compreensão dos fenômenos, a seção 1 foi dividida em três subseções: na primeira, traçamos o panorama nacional desde a chegada dos portugueses ao “Brasil” para vislumbrar uma periodização do PB; em seguida, o leitor é convidado a explorar os acontecimentos histórico-culturais de Santa Catarina. Na seção seguinte, apresentamos a metodologia da pesquisa e propomos uma reflexão sobre os territórios de axé como espaços de acolhimento, de resistência e de preservação linguística e filosófica a partir do contexto histórico apresentado. Por fim, na terceira seção, abrimos um diálogo entre os estudos do léxico como campo da linguística, os dados coletados e a filosofia que sustenta esses territórios de tradições sapienciais, dando potência para os saberes e a cultura que são marginalizados e desvalorizados. É necessário que possamos ouvir os nossos ancestrais, indo mais fundo do que uma visão genérica sobre a África, sobre esses territórios de resistência, sobre essas culturas.

A fim de que possamos colaborar para a construção de uma sociedade melhor, bem como, contribuir com a luta pela decolonialidade, é de extrema importância ressaltarmos a produção de conhecimento e de saberes nesses espaços de resistência, assim como beber das filosofias e das ciências africanas, tão potentes e tão ignoradas em razão do favorecimento das

⁷ Retifico que não nos apoiamos em uma teoria lexical, mas na teoria da sociolinguística histórica.

eurocentradas. Entendemos, assim, que não há como falarmos sobre comunidades de tradição afro-brasileira a partir de outra perspectiva senão esta.

2 SANKOFA: REVISITANDO ORIGENS E INTERSECÇÕES HISTÓRICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

“to go back and fetch it”
(provérbio africano)⁸

A relação entre língua e sociedade é a base do ser humano, é definitiva e se estende por toda a existência, coexistindo de forma dependente uma da outra (Alkimim, 2012). Sendo assim, produzir uma pesquisa linguística que não destaque a história, logo, a construção do homem enquanto sujeito social, nos leva a produzir uma análise que não percebe as nuances da relação do homem com seus semelhantes e com a natureza (Benveniste, 1976 *apud* Alkimim, 2012), ou seja, não se dá conta do percurso etnocida que participa intimamente do processo de formação da língua falada do lado de cá do Atlântico, nem mesmo reconhece que foi de sangue e de suor que se fez essa língua, essa terra, esse *CRUZO*.

Para se pensar uma linguística decolonial no Brasil é, portanto, necessário observar as intersecções do processo histórico, bem como, buscar a afrocentralidade histórica, científica e cultural para além de fenômenos linguísticos isolados. Com esse objetivo, nesta seção, apresentamos uma sócio-história do PB. Desse modo, na primeira subseção, abordamos o contexto do Brasil Colônia e uma periodização do PB, em seguida, na segunda subseção, dialogamos sobre o contexto catarinense e as intersecções históricas que podem ter afetado a língua usada nesse estado.

2.1 BRASIL COLÔNIA: MEMÓRIA E HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ao chegarem no “Brasil” em 1500, os portugueses trouxeram consigo a língua das caravelas, ou o português médio falado em Portugal nos dois primeiros séculos da colonização do Brasil (Galves, 2007, p. 523), mas encontraram uma terra multilinguística e multicultural. No “Brasil recém encontrado” havia algo entre 600 a mil línguas indígenas; hoje, após mais de 500 anos de destruição, sobrevivem cerca de 274 línguas de 304 etnias indígenas diferentes (Storto, 2019, p. 8).

⁸ Tradução livre: “Volte e busque”. Esse provérbio africano é relacionado ao ideograma de um pássaro, denominado Sankofa, cujo pescoço é voltado para trás. Apesar de o pássaro voar para frente, ele olha continuamente para trás, para o seu passado. O símbolo Sankofa dos Adinkras, um pássaro estilizado que se move para frente, mas sempre olha para trás, lembra-nos que é impossível entender o presente sem entender e estar conscientes do passado, resgatando o que foi perdido e caminhando para frente.
Ver: <https://ccsankofa.wordpress.com/2012/09/01/sankofa-simbolo-adinkra/>

Desde a chegada dos portugueses no além mar, diversas foram as intervenções e inovações linguísticas que nos trouxeram até a língua hoje praticada no Brasil. Para refletirmos sobre a construção dessa língua, dialogamos com os principais estudos sociolinguísticos e historiográficos acerca do tema. Assim, pretendemos construir um breve panorama das histórias do(s) português(es) brasileiro(s).

O primeiro contato dos portugueses ao pisarem na Ilha de Vera Cruz foi com os povos indígenas que viviam na Costa, falantes de línguas do tronco Tupi. Estes, por compartilharem do mesmo tronco linguístico, conseguiam se comunicar entre si através de uma língua franca que mais tarde seria denominada como Língua Geral (Lucchesi; Bextar; Robeiro, 2009, p. 1). Dado o ambiente multilinguístico que havia, é certo, e já demonstrado em muitos estudos historiográficos sobre o tema, que viriam a existir algumas línguas francas como a da Costa, das quais podemos citar os povos Kiriri (Séc. XVII), e o que mais tarde viria a ser chamado *Língua Geral Paulista* e *Língua Geral Amazônica*, ambas de origens distintas (Rodrigues, 1986; Severo, 2018).

De acordo com a Carta de Pero Vaz de Caminha, que testemunhou os primeiros contatos dos portugueses com os povos nativos, após a partida da frota de Cabral ficaram no território recém “descoberto” dois grumetes desertores, bem como, dois degredados, sendo um deles Afonso Ribeiro, com o intuito de aprender a fala dos nativos⁹, que “Dão início, desta forma, ao processo de dizimação dos índios brasileiros e de suas línguas, percurso etnocida e glotocida conhecido, conduzido primeiro pelos colonizadores” (Mattos e Silva, 2004, p. 14). As políticas missionárias no Brasil do século XVI, instrumento fundamental no processo colonizador e evangelizador com fins de dominação física e cultural, construíram diversos instrumentos linguísticos, como gramáticas das línguas exóticas, locais, da terra (Severo, 2018, p. 14) em busca de “[...] uma maior eficácia na conversão do gentio” (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 43) e acabaram por gerar o que Mattos e Silva (1993, p. 78) denominam como *tupi jesuítico*.

Ainda em relação aos processos perpetrados aos povos indígenas nesse período, Lucchesi, Bextar e Ribeiro (2009) expõem a respeito das *bandeiras* que mobilizaram um grande contingente humano dos núcleos povoadores de São Paulo e irromperam pelos sertões de Minas Gerais e do Centro-Oeste na caça de indígenas, de gado, de cavalos e de muares (Gross, 2019, p. 272-296). Também destaca que, dilatando pouco a pouco a linha do Tratado de Tordesilhas, esse contingente trazia consigo a Língua Geral, que perduraria até o século XVIII com os sujeitos deixados para fixarem vilas. Segundo Lucchesi, Bextar e Ribeiro (2009), nesse período,

⁹ BRASIL. Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasília: MEC, xxxx.

a composição étnica da sociedade brasileira se definiu pelos chamados mamelucos, os filhos dos estupros aos quais as mulheres indígenas foram acometidas. Estes, em busca de se afirmarem na sociedade dos brancos, viriam a ser os mais sagazes caçadores de indígenas. Foi por meio dessas expedições que a língua geral chegou até a Amazônia, sendo usada, inclusive, por povos indígenas de línguas que não são do tronco linguístico Tupi, como, por exemplo, o Macro-jê (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 44).

O tráfico de africanos para o Brasil foi iniciado por volta de 1532 (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 45) / 1538 (Mattos e Silva, 2004, p. 17), ao menos foi nesse momento que ocorreu a primeira expedição oficial como uma alternativa para suprir a demanda por mão de obra dos emergentes engenhos de cana de açúcar, das plantações e dos latifúndios. Sujeitos que vinham motivados pela crença na inabilidade indígena ao trabalho forçado agrícola e pela campanha contra a escravização dos indígenas por parte dos Jesuítas (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 44).

Todavia, tendo conhecimento de que a escravização dos indígenas era mais viável economicamente, dado o valor do negro e a constante demanda por mão de obra, fica evidente que, na verdade, houve inabilidade por parte do colonizador em escravizar os povos originários, dadas as questões de saúde (gripe, sarampo, entre outras) e, ainda que infrutífera, a resistência desses povos, bem como, a vasta habilidade desses sujeitos para adentrar na mata em razão do seu conhecimento da terra. Vale mencionar que a habilidade de conhecer o território torna valiosa a mão de obra indígena no povoamento, na ocupação das fronteiras e na caça aos negros fugitivos.

Importante ressaltar que a escravidão indígena foi proibida pela primeira vez em 1570, embora ainda fosse permitido o cativo em caso de guerra justa contra os não aliados à Coroa portuguesa, o que, na prática, criou um mercado de venda dos indígenas prisioneiros. Embora não tivesse sanada a escravização dos indígenas, o cenário legal de proibição e o lucro que a carne negra movimentava, por exemplo, com o pagamento de impostos à Coroa, incidiam no comércio escravagista de negros-africanos (o que não ocorreu na escravidão indígena), processo que se consolidou ao longo dos séculos seguintes.

No que tange à língua, a partir desses primeiros contingentes de negros trazidos de Guiné, segundo Castro, “[...] observou-se a confluência do português europeu antigo e de línguas negro-africanas ao encontro de línguas indígenas brasileiras” (Castro, 2022, p. 128). É bem verdade que esse não foi o primeiro contato dos portugueses e de sua língua com as línguas africanas, pois essa relação data de um longo período, dadas, também, as chamadas cruzadas ocorridas durante a Idade Média, bem como, as *conquistas* de diversas cidades do baixo Saara

pelos portugueses. Sendo assim, estes já possuíam estratégias para comunicação com estrangeiros (Naro; Scherre, 2007, p. 26).

O sistema verbal resultante, utilizado durante as primeiras explorações navais na África Ocidental era chamado de “língua de preto”, mas existem registros de seu uso até com espanhóis. Ricamente documentado na literatura da época desde 1516 (com data provável original de 1455), esse sistema tinha um amplo leque de traços variantes pidginizantes, incluindo uso variável de flexões verbais e nominais. (Naro; Scherre, 2007, p. 27).

A essa altura, se faz necessário entendermos que Guiné, à época, poderia significar toda a extensão da costa atlântica do continente africano, isto é, do Cabo Branco (Senegal) até o rio Congo (Castro, 2022, p. 129). O tráfico de escravizados, ainda no século XVI, cresceu de forma vertiginosa. Mattos e Silva, apoiadas no censo de Anchieta, de 1583, indicam a existência de “[...] 24.750 brancos, 14.100 negros e 18.500 indígenas aldeados” (Mattos e Silva, 2004, p. 17) na colônia sul-americana. Em Pernambuco, os escravizados, em sua maioria falantes de língua do tronco Banto (Mattos e Silva, 2004, p. 19), já ocupavam a base da sociedade colonial brasileira (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 45). Ainda segundo Lucchesi, Bextar e Ribeiro (2009), a Língua Geral predominava em São Paulo, no Maranhão e no interior do país, enquanto o Português avançava a partir dos centros mais dinâmicos – Pernambuco e Bahia. Além dessas línguas gerais de base indígena, é possível que tenham existido, ao menos, duas línguas gerais de base africana usadas entre os negros, devido à concentração étnico-geográfica, sendo uma delas de base Iorubá (mais ao Norte) e outra de base Quimbundo (mais ao Sul) (Naro; Scherre, 2007, p. 30).

A partir do século XVII, segundo Castro (2022, p. 129), as línguas indígenas foram perdendo a função de língua veicular na Costa, devido ao grande contingente de escravizados africanos, dando lugar às línguas negros-africanas das senzalas que resultariam nas línguas sagradas, secretas, faladas ainda hoje nos terreiros de todo o Brasil com fins ritualísticos, forma principal de transmissão dos saberes seculares dessas tradições e documentos vivos de línguas subsaarianas faladas anteriormente no Brasil (Castro, 2022, p. 191). Na visão de Castro,

São palavras que descrevem a organização sócio-religiosa do grupo, objetos ritualísticos e sagrados, cozinha ritualística, cânticos, saudações e expressões referentes a crenças, costumes específicos, cerimônias e ritos mágicos, todas apoiadas em um tipo consuetudinário de comportamento [...] nela encontra a noção maior de segredo dos cultos. [...] E se a língua não relata a realidade, mas a cria subjetivamente, qualquer mudança que se opere no sistema linguístico dessa língua refletirá necessariamente uma mudança na imagem dessa realidade. (Castro, 1983, p. 85).

No período em questão, as senzalas constituíam um ambiente extremamente multicultural e plurilinguístico. Desta forma, é preciso compreender como as questões linguísticas eram impostas aos africanos recém-chegados, aspecto que nos interessou particularmente nesta dissertação, quando procuramos em pontos de terreiro de umbanda traços de um léxico originário dessas línguas. De acordo com Castro (2022), os africanos recém-chegados no Brasil que, portanto, não conheciam nossa língua, eram chamados “boçais”. Esses sujeitos escravizados eram destinados, em sua maioria, às *plantations*, e o objetivo era claro: destinar os que não poderiam se comunicar facilmente aos serviços mais pesados e degradantes, estabelecendo a separação dos coétnicos e colíngues o fim de, por exemplo, se evitar a formação de motins pelos sujeitos exauridos. Nesses espaços, os escravizados conversavam apenas com seu feitor, que na maioria das vezes era da mesma etnia, demorando, assim, para aprender o português (Almeida, 2012).

Foi nesse contexto de trabalho árduo das grandes plantações no interior do país que os africanos foram apresentados à nova língua, “[...] de modo que o conhecimento que adquiriram da língua do colonizador se restringia a um vocabulário reduzido, praticamente desprovido de estrutura gramatical” (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 28). Os ladinos eram aqueles que sabiam falar uma modalidade de “português arcaizante” (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 45), rudimentar, provavelmente adquirido na Costa Angolana como segunda língua, por isso, gozavam de certo prestígio, já que podiam participar de duas comunidades sócio-linguisticamente diferenciadas: na senzala ocupando um lugar de poder, de comando, e na casa-grande realizando os trabalhos domésticos (Castro, 2022, p. 136). A esse respeito, Fanon situa que,

Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. [...] os oficiais são, antes de qualquer coisa, intérpretes. Servem para transmitir as ordens do senhor aos seus congêneres, desfrutando por isso de certa honorabilidade. (Fanon, 2008, p. 34).

Na percepção de Castro, a língua da senzala pode ter sido facilitada por serem falantes de línguas que Greenberg (1966 *apud* Castro, 2022, p. 130) nomeia como família Níger-Congo, pois, em grande parte, aqueles negros e negras estavam eram originários da África subsaariana. Esse fator, segundo a autora, contribui para a teoria de que na senzala havia se desenvolvido uma língua própria e que, devido ao comércio entre vizinhos e às uniões exogâmicas, os africanos, necessariamente, eram políglotas. Além disso (2022), conforme a mesma autora, é razoável pensar que uma língua franca das senzalas possa ter ocorrido a partir da língua de

maior prestígio ou tenha havido um nivelamento a partir das línguas da etnia majoritária naquele espaço, entre elas o Kimbundo, o Umbundo e o Kikongo (Castro, 2022, p. 130). Nas palavras da autora,

Nas senzalas, dentro desse contexto multicultural e plurilíngue, a necessidade de comunicação entre falantes linguisticamente diferenciados deve ter provocando a emergência de uma língua franca [...] que pode ter sido, em parte, facilitada pelas tendências internas de desenvolvimento das próprias línguas subsaarianas de substrato linguístico comum. (Castro, 2022, p. 130).

Em viés semelhante, Silva Neto (1963) se posiciona sobre a língua que se desenvolveu nos Quilombos entre os séculos XVI e XVII de base Banto. Esses espaços de resistência, conforme destaca, eram agrupamentos isolados, politicamente estruturados, que articulavam com a sociedade legítima, criando economias próprias (Silva Neto, 1963). Para Mattos e Silva, esses são aspectos necessários para se pensar o papel que os negros-africanos e os negros-brasileiros desempenharam na construção e na difusão do “*português geral brasileiro*”, sendo laboratórios de formação (Mattos e Silva, 2004, p. 128, grifo dos autores).

Lucchesi, Bextar e Ribeiro (2009), por sua vez, apresentam dados de Mussa (1991) sobre o perfil da sociedade brasileira no século XVII. Neles, podemos observar que o número de negros-africanos cresceu em relação ao século XVI de 20% para 30%, dentre esses, 65% de origem Banto, bem como, a população de negros-brasileiros era de 20%, enquanto havia uma queda dos indígenas integrados, de 50% - 10%, e dos europeus, de 30% - 25%. Esses comparativos são expostos na Tabela 1:

Tabela 1 – Perfil da sociedade brasileira

Etnia	1583 - 1600	1601 - 1700	1701 - 1800	1801 - 1850	1851 - 1890
Africanos	20,00	30,00	20,00	12,00	2,00
Negros brasileiros	-	20,00	21,00	19,00	13,00
Mulatos	-	10,00	19,00	34,00	42,00
Branco brasileiros	-	5,00	10,00	17,00	24,00
Europeus	30,00	25,00	22,00	14,00	17,00
Índios integrados	50,00	10,00	8,00	4,00	12,00

Fonte: Mussa (1991, p. 163) *apud* Lucchesi, Bextar e Ribeiro (2009, p. 62).

Para além da senzala, enquanto os indígenas adentravam nas matas com os bandeirantes, grande parte dos negros permanecia estacionada em sítios escolhidos, tendo sua força de trabalho explorada e colaborando, assim, para assegurar a ocupação e a posse da terra para a Coroa, o que pode ter provocado a necessidade de uma língua franca entre esses sitiados, algo

como um português arcaico com *africanias* e com aportes de línguas indígenas (Castro, 2022, p. 131). Conforme a mesma autora, essa língua franca alcançou as zonas de plantações, de garimpos e de quilombos.

A descoberta das jazidas de ouro e de pedras preciosas nas Minas Gerais, no final do século XVII, orientou não só o tráfico para essa região, como também, os escravizados oriundos dos engenhos já decadentes. De acordo com Lucchesi, Bextar e Ribeiro (2009), é possível que tenham vindo, pelo menos, trezentos mil portugueses inspirados pelo sonho do enriquecimento com essa nova fonte. A migração desse contingente provocou, também, o deslocamento de outros profissionais de setores distintos, como artesãos e pecuaristas, durante o século XVIII. Para Lucchesi, esse cenário proporcionou o avanço da Língua Portuguesa no interior, principalmente nas Minas Gerais e em Goiás, logo, fez com que os escravizados tivessem um maior contato com a língua-alvo. Para Mattos e Silva (2004), a miscigenação (somando 30% entre brancos-brasileiros e mulatos) e a presença dos portugueses (22%), que até o século XIX não eram nem um terço da sociedade brasileira, são indicadores da formação de uma língua franca brasileira, que não seria africana, mas continuadora do português (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009).

Um marco importante no cenário linguístico brasileiro ocorreu durante o reinado de D. José I, quando o Marquês de Pombal instituiu que o Português era a língua do Príncipe, e, assim, proibiu o uso da língua geral, conferindo à língua portuguesa o status de oficial. Para além disso, o Marquês implementou o ensino leigo, que, até então, era restrito aos Jesuítas (Mattos e Silva, 2004). Assim, “[...] pôs fim ao trabalho missionário dos religiosos jesuítas nos aldeamentos indígenas, elevando-os à condição de vilas a ser administradas por um Diretor, devendo, para tal e primeiramente, extirpar-lhes as línguas de origem” (Lobo, 2015, p. 71).

No entender desses autores, foi então que o multilinguismo abriu caminho para o PB. Desse modo, tentou-se aniquilar o multilinguismo em busca do modelo - um estado - uma língua - uma nação -, através de políticas linguísticas, como a do Diretório de Pombal (1750), que tornou obrigatório o ensino de Língua Portuguesa, bem como, já mencionado, elevou-a ao status de língua oficial.¹⁰

¹⁰ Segundo Mattoso Câmara (1975), ao trata a respeito da periodização do português europeu, o português clássico divide-se em dois, a primeira parte entre o século XVI e XVII e a segunda no século subsequente com o Português moderno. Essa informação é essencial para que possamos ter consciência de que as diversas imigrações oriundas de Portugal trouxeram consigo portugueses diferentes, falares distintos, e, com isso, podemos imaginar que o mesmo ocorreu em relação aos negros-africanos escravizados contudo, de línguas em movimento dentro da colônia, com a inserção constante de outras línguas também em movimento no contexto das plantations, é distinto do mesmo contato em outros contextos, por isso, conforme destaca o mesmo autor, o português afro-brasileiro não é homogêneo.

A fuga da Corte Portuguesa para o Brasil em 1808 ocasionou mais complexidade ao cenário que viemos costurando até aqui. A corte, que era a elite política e cultural da época, provocou mudanças culturais, como a criação de uma imprensa, o processo de literalização, as primeiras escolas de nível superior e deu início a uma série de eventos que iriam se desdobrar na independência da colônia oitenta anos depois (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 50). Além disso, esse grupo de portugueses que aqui chegou no século XIX trouxe consigo outro falar, dando início a um processo de mudanças fonológicas no português até então falado na colônia. Isso porque,

[...] na virada do século XVIII para o século XIX, o português europeu passou por um profundo processo de mudanças fonológicas, com uma violenta redução das suas vogais átonas, que também teve fortes implicações no plano da morfossintaxe, como a fixação da ênclise como colocação pronominal praticamente categórica. (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 41).

Ainda, para os mesmos autores, “Com o continuado declínio da cultura açucareira, manteve-se também o deslocamento de escravos para o Sul do país, [...], dando continuidade ao tráfico interno e ao massivo deslocamento das camadas pobres da sociedade” (Lucchesi; Bextar; Ribeiro, 2009, p. 50). Nessa época, a sociedade brasileira era predominantemente constituída por indígenas, africanos e mestiços que ocupavam zonas rurais, segregados da vida institucional ou de cidadania. Para Lucchesi, Bextar e Ribeiro (2009, p. 54), foi nos núcleos de exclusão, no campo, que o processo de transmissão irregular, ou seja, o sistema linguístico defectivo de aquisição da Língua Portuguesa pelos africanos e indígenas teve seus frutos. Para além disso, com a abolição da escravatura, os mais de três milhões de imigrantes europeus e chineses que viriam ao Brasil, cuja maioria se destinava ao trabalho braçal no campo, adquiriram o português como segunda língua a partir do sistema defectivo daqueles que até então estavam nesses espaços, ou seja, capatazes, africanos e seus descendentes.

Vimos, portanto, que, entre os séculos XVI e XIX, os africanos constituíram a força motriz do setor mais dinâmico da economia colonial, a cultura agroexportadora escravagista¹¹. Nesse sentido, Castro (2022) pensa a participação dos negro-africanos e seus descendentes no

¹¹ É a partir desse contexto que Lucchesi, Bextar e Ribeiro (2009) pensa a construção do PB, dado o isolamento das comunidades rurais que aprenderam o português em situações adversas, em uma transmissão linguística irregular do tipo leve, que resulta em uma variedade de português distinta da usada pelos colonos. Essa foi a língua com a qual seus descendentes tiveram contato e adquiriram a língua portuguesa, ou seja, a aquisição por um sistema defectivo. Essa relação se manteve até o contato com o português urbano no século XX, decorrente dos projetos de ocupação das zonas rurais, que acabaram por expor essas comunidades e integrá-las ao processo extrativo. Todavia, conforme já relacionado, o autor reconhece que o contato dos negros-africanos com a língua dos colonos no contexto das plantations é diverso daquele ocorrido em outros contextos, por isso, defende a não homogeneidade do português afro-brasileiro.

processo formação da língua a partir das senzalas, espaços ocupados em grande parte por indivíduos da África subsaariana, alguns falantes de línguas do grupo Banto. Desse modo, percebe-se que as contribuições negro-africanas na construção do PB ocorreram no momento do aprendizado da língua do colono, conseqüentemente, “[...] por transmissão oral como segunda língua, transferiram para esse novo falar, [...] traços léxico-fonológicos e sintáticos de substrato das línguas do grupo Banto”¹² (Castro, 2022, p. 239). Observamos, assim, nesse contexto, processos que se desdobram no PB. Além disso, é possível apontar como esses processos influenciaram nas identidades afrodescendentes e afro-religiosas.

2.2 UM RESGATE DA DIVERSIDADE SÓCIO-HISTÓRICA DA SANTA (E NEGRA) CATARINA

Santa Catarina tem como seus conterrâneos personagens negros ilustres, como o escritor Idelfonso Juvenal da Silva, a jornalista Antonieta de Barros, o poeta Cruz e Souza, o também poeta e músico João Rosa Junior, a cantora Neida Maria Rosa e Trajano Margarida, entre tantos outros. Porém, esse estado brasileiro constrói, ou tenta construir, uma história única, que não lastreia a negritude em suas origens (Penna, 2005, p. 9), chegando a ser conhecido como um estado de brancos. Para compreender esse e outros aspectos, nesta subseção discorreremos a respeito da história de Santa Catarina, na qual relacionamos discussões que nos auxiliem a desconstruir esse discurso de história única, bem como, buscamos refletir sobre as intersecções sociais que podem ter contribuído na formação do PB aqui falado. Dito de outro modo,

Trata-se portanto, de reconhecer que a história da experiência africana deve ser integrada à história de Florianópolis e Santa Catarina, não simples um seção dela. Trata-se, ainda e acima de tudo, de situar Santa Catarina no Atlântico negro e permitir enxergar “a flor da senzala. (Mamigonian; Zimmermann, 2013, p. 13, grifo dos autores).

Até o século XVII, Santa Catarina era, em parte, ocupada por Carijós, Kaingangs, Botocudos, Gualachos, Guañanas, Guanaós e Iratins (Gross, 2019). A faixa litorânea, desde a atual São Francisco até o norte do Rio Grande do Sul, era habitada, há pelo menos 1000 anos, pelos Indígenas Carijós, falantes de línguas do Tronco Tupi-Guarani. Esses, já teriam contato com o homem branco (franceses e espanhóis) desde 1503, por ocorrência de naufrágios e

¹² O tronco linguístico Banto abriga cerca de 500 línguas, por isso, é plausível pensar que, nas senzalas, originou-se uma língua franca que tenha contribuído, talvez pela semelhança entre as línguas Banto, para a formação do português do Brasil.

desertores, até que, algumas décadas mais tarde, estabeleceram uma relação comercial de escambo com os exploradores que precisavam abastecer as navegações para continuarem as viagens, relação essa que perdurou pacífica até a chegada das bandeiras e das missões jesuíticas de catequese (Lavina, 2004, p. 73-82).

Especificamente em relação à região da Mata Atlântica, essa era ocupada pelos indígenas nômades falantes de língua Jê, os Xokleng. Segundo Lavina (2004), esse grupo foi o que demorou mais tempo para ter contato com o homem branco, pois mudava de região em busca de alimento conforme as estações do ano, se aproximando do planalto catarinense no outono e do litoral no verão. Por fim, o planalto catarinense era ocupado pelos Kaingáng, indígenas seminômades pertencentes, também, ao grupo linguístico Jê. Essas informações são relevantes, uma vez que nos indicam quais etnias habitavam a atual Santa Catarina e, assim, as línguas faladas e como o processo de colonização interferiu nessas comunidades no contexto catarinense.

Segundo Coelho (1877), o século XVII foi marcado por disputas entre Portugal e Espanha em relação à bacia da Prata, com isso, houve incentivo à imigração de casais açorianos pobres e pouco letrados para a região. A população de escravizados, à época, era de 5.191 pessoas, grande parte dela destinada à “[...] produção de gêneros alimentícios que consistia em mandioca, milho, arroz, café, ovos, algodão, cana-de-açúcar, batata doce, feijão e legumes variados além da pesca” (Penna, 2005, p. 19).

Contemporâneo a isso, foram fundadas na Capitania de Paranaguá (atual Santa Catarina e Paraná) a Vila de São Francisco do Sul (1658), a Vila da Laguna (1676) e o povoamento Nossa Senhora do Desterro (1673), esse último por Francisco Dias Velho, que trouxe consigo, na ocasião, seus filhos, outra família agregada, padres jesuítas e 500 índios “domesticados” (Mamigonian; Zimmermann, 2013). Veio, também, algum tempo depois, Domingos de Brito Peixoto com sua família, indígenas e escravizados (Coelho, 1877). Porém, ainda no mesmo século, Peixoto deixou a região e, pouco mais tarde, Dias Velho foi assassinado por corsários holandeses, fato que levou sua família a se mudar para Laguna (Mamigonian; Zimmermann, 2013). A região permaneceu escassamente povoada com alguns fugitivos portugueses e escravizados negros até o século XVIII (Lins, 2022). Para o mesmo autor,

Naquela época, o grande envolvimento dos paulistas era com o apresamento de índios, o que reduziu drasticamente as populações autóctones do litoral, incluindo também a ilha. A luta contra os “gentios” permitia a aquisição de mão de obra servil de forma barata aos senhores de terras das capitanias do centro-sul, num momento que o mercado de escravos africanos ainda não estava totalmente consolidado. (Mamigonian; Zimmermann, 2013, p. 20).

Foi somente após a expansão do sistema de defesa da Ilha com fortificações e contingente militar que os africanos chegaram em centenas para trabalhar no empreendimento da região, como, por exemplo, a pesca de baleia para obtenção de óleo. Segundo Mamigonian e Zimmermann (2013), foi no início do século XVIII que os vicentistas, bem como suas famílias e escravizados, chegaram à Ilha inspirados pelas possibilidades de riqueza e de poder promovidas nas regiões fronteiriças. Os mesmos autores ainda ressaltam que, após 1738, teve início o projeto de ocupação proposto pela Coroa portuguesa com o objetivo de desenvolver a região através da agricultura, o que resultou na vinda dos colonos (Mamigonian; Zimmermann, 2013). Nesse contexto, com a finalidade de atender pedagogicamente aos imigrantes e indígenas, dois missionários jesuítas foram enviados à localidade para ensinar a escrita aos filhos dos imigrantes (Lins, 2022).

Nas freguesias da Ilha, segundo recenseamento da época, o número de escravos somava 1.995 pessoas, correspondendo a perto de 22% da população total computada (Espada Lima, 2013, p. 198). Enquanto isso, no interior do estado catarinense, foram iniciadas as incursões dos bandeirantes na busca de gado, cavalos, vacuns e muares, o que ocasionou a abertura de novos caminhos para abastecer o mercado de Minas Gerais. A partir desse momento, os indígenas que resistiam aos bandeirantes acabaram por servir de mão de obra para os latifundiários da região, o que culminou em um processo de miscigenação entre afrodescendentes, indígenas e colonizadores (Gross, 2019).

A integralização da Ilha de Santa Catarina ao circuito comercial de alimentos, principalmente com a farinha de mandioca, mas também com outros produtos da lavoura que integravam o comércio de víveres centrado da praça comercial do Rio de Janeiro, ampliou a população de escravizados no território catarinense destinada ao trabalho na lavoura (Mamigonian; Zimmermann, 2013). Nesse contexto,

Em 1808, a transferência da Corte Imperial para o Rio de Janeiro e a nova conjuntura da economia colonial trouxe dinamismo econômico para as áreas de produção de alimentos no litoral catarinense [...] Essa fase de distinta prosperidade vivida no litoral catarinense, graças às exportações de alimentos, era em grande parte sustentada pela compra de africanos novos para as pequenas e médias propriedades agrícolas (Mamigonian; Zimmermann, 2013, p. 26).

À época, as senzalas eram habitadas por indivíduos solteiros e pelas famílias que os escravizados, ao longo do tempo, formaram, sendo vigiados sob os olhos atentos de um homem livre ou mesmo de um escravo. Na roça, as famílias mais abastadas poderiam facilmente organizar seu negócio, criando novas categorias socioprofissionais com funções especializadas

(Mamigonian; Zimmermann, 2013). Percebemos, assim, como eram constituídas as senzalas e as relações étnico-linguísticas no contexto dos escravizados em Santa Catarina.

Com a chegada da República, no final do século XIX, no Brasil, vivia-se um processo de afirmação de modernidade com a promoção do discurso científico, bem como, a criação de mecanismos de controle, a remodelação das cidades com serviços de infraestrutura e a construção de estradas para integrar o estado. Dessa forma, desenvolveu-se a

Implementação de uma rede de “instituições de sequestro” que construía sujeitos para a nova ordem: hospital, escola, hospício, prisão, entre outras [...] ao passo que os enquadrava em uma ordem geral disciplinatória, docilizando os corpos, em especial, aqueles que não eram convidados a entrar pela porta da frente da moderna cidade do limiar do século XX (Bitencourt, 2004, p. 30).

Nessa sociedade moderna não havia espaço para cortiços, cabarés, animais, prostituição no bairro da Figueira, casas do beco sujo, nem para negros, ou seja, era preciso “limpar a cidade”. Como consequência dessa “limpeza”, “[...] os negros ficaram apenas com o direito de aparecer aqui e ali, como símbolo de miséria, pobreza, marginalidade e fracasso individual. Fantasmas da sua própria imaginação” (Mortari; Cardoso, 2004, p. 92). A população de bairros majoritariamente habitados por negros, como a Figueira, a Pedreira, a Tronqueira, o Campo do Manejo e a Cidade Nova, foi expulsa (Rascke, 2018), empurrada para mais longe do centro, para os morros, espaços que se tornaram reduto de resistência da cultura afrodescendente. Exemplo disso, o Montserrat, antigo limite da velha Desterro, é, atualmente, um conhecido reduto do samba, que abriga em sua comunidade a bicampeã Sociedade Recreativa Cultural e Samba Embaixada Copa Lord. Esses fatos se tornam importantes nesta pesquisa, já que nos apontam o processo de construção da sociedade afro-florianopolitana.

Os jornais da cidade, no começo do século XX, foram os principais protagonistas na divulgação dos Códigos de Conduta. Eles veiculavam, em suas páginas, uma preocupação com o ajuntamento de negros, proibiam o aluguel de casas, bem como, expressavam a necessidade da sociedade de Desterro em demarcar a sua posição social. Situação essa que não se dava ao acaso, mas pelo abismo que distinguia o litoral catarinense colonizado por açorianos e o sucesso das colônias germânicas. Entre os territórios negros, nesse contexto, temos a Igreja Nossa Senhora da Conceição dos Homens Pardos na Praça Getúlio Vargas e a Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos homens Pretos. Essa última, ainda que sob a vigilância do vigário que ali materializava os anseios da elite branca, oferecia acolhimento, comunhão e prestava cuidados fúnebres aos negros, seguindo as tradições africanas e, até pouco antes, comprava alforrias.

Conseguimos perceber até aqui como surgiram os primeiros grupos organizados de negros, além disso, as diferenças históricas-étnico-linguísticas entre o litoral catarinense e o planalto. Logo, isso se torna relevante para que possamos notar as singularidades que desencadeiam o PB nos terreiros florianopolitanos, bem como, a forma como esses espaços surgiram e se organizaram.

Outras organizações afro-brasileiras foram formadas no alvorecer da modernidade, fortalecendo a consolidação de territórios negros, como as escolas de samba, a exemplo do Grêmio Recreativo e Carnavalesco Brinca Quem Pode (1935), do grupo Tira a Mão (1930), e as sociedades recreativas, entre elas, a Sociedade 13 de Maio, fundada em Itajaí em 1906, o Centro Cívico Cruz e Souza, fundado em 1916 em Lajes, o Club 25, fundado em 1933 no bairro Agrônômica (Mortari; Cardoso, 2004), o Grêmio Recreativo Flor de Maio, criado por mulheres, o Clube Náutico Henrique Dias (Teixeira, 2020) e o Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, fundado em janeiro de 1920 por, entre outros, Ildefonso Juvenal, sendo, neste último, permitida a frequência exclusivamente de *homens de cor*. No entender de Teixeira,

A construção de espaços para se congregar não era apenas uma resposta à exclusão, mas envolvia projetos próprios de cidadania que colocavam os sujeitos frente a frente com o racismo. Formadas em uma conjuntura de expansão e reorganização das cidades, de reconfiguração do papel das mulheres na sociedade e de transformação das práticas físicas e esportivas, as associações dialogavam com as transformações no espaço urbano e evidenciaram o desejo de seus membros de participarem ativamente na construção de um Brasil moderno (Teixeira, 2020, p. 167).

De acordo com Cardoso e Ianni (1960, p. 93), em 1920, havia em Desterro 8.153 brancos, 928 pretos, 1.957 mestiços e 53 caboclos, para o que seria o perímetro central da cidade. No Brasil, apenas 25% da população era alfabetizada, isto é, tinha contato com leitura e escrita (Rascke, 2018). Foi nesse contexto que a imprensa negra em Desterro surgiu. Entre os jornais da época, pode-se citar *O Literato* (1914), vinculado ao Centro Literário e Recreativo Castro Alves, o jornal *XXIX de Maio* (1920), *A Urucubaca* (1915) e a revista *Folha Rosea* (1915), esse últimos sob o comando de Ildefonso Juvenal (Rascke, 2018).

Podemos observar, no exposto, como a sociedade negra catarinense se mobilizou no início da República em busca de direitos, logo, conseguimos vislumbrar os acontecimentos que podem ter influenciado na formação do PB falado hoje na capital catarinense. A análise desse contexto histórico-social se mostra, portanto, incontornável à medida que nos fala das línguas que coexistiam no estado durante o Brasil Colônia, bem como, dos fatores sócio-histórico-linguísticos que influenciaram não só na formação do português falado em Florianópolis, como

também na língua das comunidades afro-religiosas florianopolitanas. Além disso, ficam expostos os acontecimentos geopolíticos-históricos que levaram à construção dos territórios de resistência, como a Umbanda e, assim, como se construíram as identidades dos falantes dessas comunidades, produtores das nossas fontes.

3 METODOLOGIA

3.1 O TERREIRO DE AXÉ/A CASA-DE-SANTO: TERRITÓRIOS COLETIVOS DE RESISTÊNCIA

Para que pudéssemos analisar os dados coletados a partir de um olhar distinto do colonialismo, ou seja, a partir de um olhar que valorizasse a perspectiva das comunidades, nos foi necessário entender tanto a importância da comunidade e o papel do indivíduo nessas tradições, quanto o processo da construção desses espaços e das identidades Umbandistas. Segundo Lopes (2020), apoiada no pensamento de Fisher (1998), para os africanos, as necessidades coletivas são mais importantes do que as necessidades dos indivíduos que compõem a comunidade, pois tudo foi criado para o benefício da sociedade. Nesse contexto, a palavra enquanto verbo atuante possui um lugar de destaque. Logo, aquele sujeito que falta com a veracidade ou a intenção das palavras falha com a comunidade, com os seus conterrâneos, com seus ancestrais¹³, assim, cai em desgraça, se torna indigno.

Como podemos observar, pertencer a determinada comunidade concebe aos indivíduos sediados nela um novo sentido de vida, o que fundamenta “[...] a ideia de tradição como elo: contamos as histórias dos nossos antepassados para a comunidade, para que um dia nossos descendentes contêm as nossas histórias” (Lopes, 2020, p. 27). Nesse mesmo pensar, Malandrino e Castro situam que

O Ser supremo marcou para todos os seres a lei da interação e da interdependência [...] Entre os seres existe uma interação de vida, que os sustenta. Nada se move sem influir com seu movimento em outros seres [...] sendo que nenhum ser criado existe independente dos demais, vivendo de maneira receptiva e exposto a um aumento ou a uma diminuição de sua vida. (Malandrino; Castro, 2010, p. 66).

Segundo os mesmos autores, após os anos finais do período escravocrata, embora os esforços dos libertos para se firmarem como pessoas livres, a cidadania de fato poucas vezes foi alcançada. O provável é que esse esforço tenha desencadeado a formação de uma organização social fechada, um território com sua própria cosmologia, seus valores e sua ética (Malandrino; Castro, 2010). Tendo a comunidade a importância social como vimos, imaginemos que o território é mais do que terra, é um lugar sagrado de cuidado, de

¹³ Na filosofia africana o tempo é sincrônico, ou seja, passado, presente e futuro coexistem simultaneamente, sendo assim, os ancestrais continuam existindo e compondo a comunidade (Lopes, 2020).

compartilhamento, de união, de família e de ancestralidade. Essa filosofia de cuidado, de familiaridade, ajudou os libertos no período pós-abolição, assim como já os havia auxiliado a sobreviver. As crenças dos Povos Banto estão calcadas na centralidade da comunidade, ou seja, no culto aos ancestrais, bem como, ao ser Supremo.

Ao nos debruçarmos sobre a história da Umbanda, religião essencialmente brasileira, nos deparamos com a versão amplamente difundida que atribui fundação da Umbanda, em 1908, a Zélio de Moraes, homem branco nascido no estado do Rio de Janeiro em 1891 em uma família católica. Nesse ponto, é preciso perceber que esse discurso do final do século XX, que atribuiu a Zélio a fundação de uma religião afro-brasileira, constituía-se como produto do racismo institucionalizado que previa o apagamento do protagonismo negro na construção dessa tradição. Já sabemos que havia sujeitos praticantes de Umbanda ou, ao menos, de práticas muito similares à Umbanda anteriores a Zélio de Moraes, e que ao usar como marcador único, como princípio, a história de Zélio, tenta-se embranquecer, mais uma vez, a história, dando a ele coroa/título de Pai da Umbanda, ignorando que a todo o momento Zélio gozava dos seus privilégios socio-étnicos, que, bem sabemos, os protegeram. Essa religião que antecede Zélio de Moraes era distintamente afro-brasileira universalista, assim, na sua origem, é possível identificar quatro influências: africana, católica, espírita e indígena. Cabe ressaltar, portanto, que

A umbanda é uma religião afro-brasileira que se constituiu a partir do encontro com as perspectivas religiosas da matriz africana, ameríndia e indo-europeia. Agregou elementos das nações jeje, nagô, bantu, angola entre tantas outras; recebeu influência da pajelança indígena e também do catolicismo e kardecismo. (Jorge, 2013, p. 154).

A Umbanda é uma tradição derivada de expressões religiosas como o Calandu e a Macumba (Malandrino; Castro, 2010), e surgiu através da assimilação, isto é, da confluência entre o culto aos orixás iorubas e a estrutura organizacional e filosófica Banto, além de ser composta, também, por traços dos povos originários, do catolicismo e do kardecismo vigentes no início do século XX no contexto de urbanização e de industrialização. Ainda segundo Malandrino e Castro (2010), dado o contexto de exclusão dos africanos e dos afrodescendentes no período pós-abolição, os então libertos acionaram o dispositivo da religiosidade, tão importante para os povos Banto, como mecanismo de integração e de proteção, almejando o estabelecimento de uma nova ordem, de um mundo melhor. Nesse sentido,

Portanto, ao falarmos de umbanda não estamos falando de uma somatória de aspectos de várias religiões, sem que haja uma lógica e uma ligação entre eles.

A umbanda surgiu para responder às necessidades de um grupo de indivíduos que chegaram a metrópoles em formação. Além disso, podemos pensar que dentro desta nova estrutura religiosa foram criados símbolos e rituais, provenientes do inconsciente, que buscaram responder às necessidades psíquicas daqueles indivíduos. Portanto, símbolos e rituais de outras tradições acabaram por ser ressignificados. (Malandrino; Castro, 2006, p. 96).

A Umbanda, tradição que cultua os Orixás, possui como base do seu vocabulário e de sua estrutura hierárquico-religiosa os povos Nago-Queto, falantes da língua Iorubá (Castro, 2011, p. 275). Porém, segundo Malandrino e Castro (2010), os povos Congo-Angolanos, falantes de Línguas do tronco Banto¹⁴, também colaboraram para a formação dessa tradição afro-brasileira. As contribuições filosóficas e religiosas dos povos Banto para a Umbanda são constatadas, entre outros, pelo “[...] culto aos antepassados, pela continuidade existente entre vivos e mortos, pelo culto baseado em estrutura familiar e pela união vital existente entre aqueles que pertencem a determinado grupo” (Malandrino; Castro, 2010, p. 311), tal como, a mutabilidade ritualística e a incorporação de Preto-velhos, de Caboclos e de Exús.

Até aqui, organizamos um cenário que abordou, principalmente, a influência das línguas Banto, porém, a tradição de Umbanda tem suas origens, como já mencionado, nos povos Nagô-queto, falantes da língua Iorubá. Para que pudéssemos evidenciar as distintas línguas nações – línguas litúrgicas – faladas nas tradições que ainda hoje são cultuadas no Brasil, no quadro de Castro (2011), podemos observar algumas marcas lexicais dessas identidades étnico-religiosas. Isso nos possibilitou, durante a análise dos dados nesta dissertação, perceber que, na Umbanda, houve, também, assimilação do léxico dos povos Banto. Em alguns casos, há palavras assimiladas que substituem termos do Iorubá, por exemplo, Zambi¹⁵ – Deus supremo congo-angolano. Embora tenha origem Banto, o termo Zambi é muito mais usado na comunidade de fala investigada do que o termo Olorum – Divindade suprema Iorubá – para designar essa entidade superior, conforme se pode observar no Quadro 1.

¹⁴ Os povos bantu (Congo-angola) cultuam as divindades chamadas de Inquices (Castro, 2011, p. 275).

¹⁵ “Em Banto, encontramos diversas designações de Deus, [...] mas é Nzambi (ou Zambi), da nona classe, a forma mais frequente e também a mais sugestiva de nomear Deus. Nzambi é um derivado do verbo amba, que significa falar. E chamar a Deus de Nzambi é chamá-lo literalmente de <aquele que, por excelência, fala>, logo é o Verbo” (Castro, 2022, p. 89).

Quadro 1 –Marcas lexicais diferenciadoras

“Nação” Identidade étnico-religiosa	Jeje-mina	Nagô-queto	Congo-angola
Deus Supremo	Maú-Lisa	Olorum	Zambi
Divindade-Santo	Vodum	Orixá	Inquice
Mãe de santo	rumbono/doné	ialorixá	mameto/nêngua
Pai de santo	rumbon(d)o	babalorixá	tateto/tata
Iniciado	vodunce	iaô	muzenza
O mais velho	ebome/evame	ebome	macota
Leigo	beto	cossi	Banto
Terreiro (templo)	rondemo	Ilê	unzó/canzuá
Santuário	peji	(peji)	baquice
Atabaque	rum	Ilu	(z)ingoma
Marca linguístico-cultural	Gbe (Ewe-Fon)	Ioruba (Nagô)	Banto

Fonte: Marcas lexicais diferenciadoras (Castro, 2011, v. 1, p. 275).

As línguas africanas apresentadas no Quadro 1 – Gbe (Ewe-Fon), Iorubá (Nagô) e Banto – permanecem somente na condição de línguas especiais, no Brasil, ou línguas rituais que vivem e dão sentido às identidades sediadas nesses territórios de axé. Isso porque, as Línguas-Nação são confinadas aos iniciados no axé, portanto restritas ao ambiente religioso e com contato mínimo com as variedades do PB faladas fora do contexto afro-religioso, ainda assim, como aponta Petter, remontam a uma ancestralidade (Petter, 2015, p. 232).

Desse modo, embora na comunidade estudada nesta pesquisa, assim como em outros ritos afro-religiosos, não haja uma língua-nação, observa-se uma variação específica que é utilizada pela comunidade nas suas relações internas. Para compreender linguisticamente as intersecções histórico-culturais dessa variedade do Português, precisamos retomar alguns dados acerca da origem histórica e da formação da comunidade da tradição de Umbanda local. Em Florianópolis, as instituições religiosas de Umbanda – isto é, as Casas de Santo, Tendas ou Terreiros de Umbanda – surgiram em meados do século XX, mais especificamente com o espaço religioso de Mãe Malvina (Malvina Ayroso de Barros), em 1940, após a itajaiense tomar suas obrigações religiosas no Rio de Janeiro (Leite; Vieira, 2017).

Já o ritual de Almas e Angola¹⁶, apesar de ter uma longa história no Rio de Janeiro, em Santa Catarina teve início apenas em 1951, através da Mãe Ida de Xangô (Guilhermina Barcelos). Antes disso, Mãe Ida já havia frequentado alguns Terreiros de Florianópolis, como, por exemplo, o já citado Terreiro de Mãe Malvina. Porém, foi somente em 1949 que ela foi

¹⁶ Umbanda de Almas e Angola, um dos rituais dos diversos rituais de Umbanda.

iniciada por Pai Luiz D'Ângelo no Ritual de Almas e Angola na Tenda Espírita Fé Esperança e Caridade, no Rio de Janeiro. Dois anos depois, Mãe Ida de Xangô fundou, em 1951, o primeiro Terreiro de Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina¹⁷, a Tenda Espírita São Jerônimo, no bairro Saco dos Limões, na qual era sacerdotisa.

Bisneta de Santo de Mãe Ida, Mãe Dilma começou a prestar atendimentos mediúnicos em um imóvel particular no bairro Tapera na década 1970, como podemos observar na fala da Mãe Kátia:

[00:04:40] *quando ela [Mãe Dilma] veio para Tapera, ela veio para Tapera, eu era criança assim, mas lá por 1970, ela começou a atender as pessoas. Então ela fez um quartinho de atendimento, que a gente chama de gongá, né? E esse quartinho de atendimento foi indo e a minha vó era viva e a vó tinha um terreiro lá, em, na... na Ponta do Leal. E a mãe atendia lá e atendia aqui. Ela atendia mais aqui, os finais de semana, nada assim muito... Não era uma, não tinha sessão e tal, né? (Entrevista Kátia Regina Luz).*

Na época, Mãe Dilma encontrou uma comunidade carente de direitos básicos que desconhecia os ritos de Umbanda, mas, pouco a pouco, a comunidade de pescadores e de lavadeiras foi se aproximando do congá.¹⁸ Segundo os relatos contidos nas entrevistas, são raras as famílias da comunidade que não possuem ao menos um membro que tenha frequentado o espaço ao longo dos 40 anos da instituição.

Eliete Ignês Espindola, Leta como prefere ser chamada, nos falou, durante a entrevista, que embora sua mediunidade tenha se apresentado desde muito cedo através das visões e de incorporações, foi somente com o início dos atendimentos que ela foi entender à essa mediunidade e conhecer a Umbanda, como podemos observar no trecho a seguir, retirado da entrevista:

[00:00:46] *Ah, sim, olha eu, quando era pequena, eu via visagem. Eu era assim, guria duns 12 anos por aí, assim, mas é eu tinha muito medo disso, Deus o livre! Eu não ia a cemitério, que eu tinha medo. Aí um dia, foi num sábado, eu estava na casa da minha avó, aonde eu morava, e eu me deu um negócio, me deu um, um treco em mim, que eu fiquei com os olhos bem*

¹⁷ Embora outras pessoas tenham posteriormente se iniciado com Pai Luz D'Ângelo, podemos afirmar que a maior linhagem ainda atuante de Almas e Angola na Grande Florianópolis descende da Mãe Ida. Sendo assim, vale mencionar que o ritual de Almas e Angola em Santa Catarina sofreu diversas alterações e modificações quando comparado ao praticado no Rio de Janeiro, sejam essas modificações devidas aos conhecimentos trazidos por Mãe Ida do Candomblé Nagô Igexá, seja pela sistematização do ritual implementada por Pai Evaldo de Oxalá (Evaldo Linhares), filho de Santo de Mãe Ida e sacerdote fundador do Terreiro de Umbanda do Ritual de Almas e Angola mais antigo ainda em funcionamento de Santa Catarina, a Tenda Espírita Jesus de Nazaré, localizada na Rua Gisela, no bairro Bela Vista, em São José. Com isso, deixo exposto que o ritual em questão, com a modulação litúrgica já mencionada, é praticado quase que exclusivamente em Santa Catarina.

¹⁸ Pequeno espaço sagrado onde se tem atendimento mediúnico; um pequeno terreiro.

regalado, aí todo mundo ficou com medo, pensou que eu estava ficando louca, aí foi aonde começou a vim o Pai Antônio. Preto Velho. Preto Velho!

[00:02:04] Depois que eu me casei, começou, eu comecei a vim Exú, não podia ver ninguém doente. Eu não podia ir em lugar que tivesse baile, que tivesse, assim, música, essas coisas, eu já ficava toda desorientada. Eu chegava a pular calçada grande para vir-me embora. [...] *Apareceu a dona Dilma aqui, uma vez, que eu não conhecia ela, começou a [pausa], porque eu lavava antes pra cunhada dela, que era a tia da Kátia, a dona Dilma, casada com o tio da Kátia. Aí comecei a ter amizade com a dona Dilma, aí [pausa] eu falava com a dona Dilma, aí [eu] já abaixava o Preto Velho, a fala muito enrolada, né? Aí nós duas [pausa], ela começou a benzer.*

[00:04:01] *Só eu e ela. Nós dois, só. Aí ela come – aí começou um pessoal a vim, foi vindo, foi indo, foi indo, que todo mundo gostava, né?*
(Entrevista Eliete Ignês Espindola)

Embora os atendimentos tenham começado na década de 1970, foi somente em 1984¹⁹, após a yalorixá Mãe Dilma Ana d'Iemanjá Ogunté (Dilma Ana de Souza Luz) ter herdado de sua mãe carnal²⁰ Ana Francisca de Souza, Mãe Ana de Xangô,²¹, os bens religiosos que Mãe Dilma fundou o Turi na Tapera, bairro localizado a 27 km do centro de Florianópolis, parte do distrito do Ribeirão da Ilha desde 1809, como afirma Mãe Kátia:

[00:03:05] *Na realidade, a minha mãe estava na transição. Ela já era Babá de Umbanda há muitos anos, mas em 1980, a minha avó faleceu. E daí, de 1980 a 1982, ela foi fazer essa questão de... De fazer os ritos da passagem, né? Porque com o rito da passagem da morte, veio ela daí a herdar essa parte de Santo. Então dois anos ela se preparou para realmente ser Mãe de Santo. E daí ela fez o assentamento da casa, ela fez, daí, ela já era uma Babá coroada nas sete linhas, mas ela algo não, não tocou, e, daí, eu não sei te dizer, mas daí ela foi para o rito de Almas e Angola. Daí ela iniciou os assentamentos todos já dentro do Almas e Angola, e, daí, sim, ela passou a ser Mãe de Santo, que antes ela só era Babá. Ela nunca assumiu nenhum Filho de Santo, nunca fez nenhum rito sacerdotal, mas ela já, fazia uns 15 anos que ela, até mais, talvez, que ela era uma babá de sete linhas, que seria o último grau da Umbanda das sete Linhas que ela praticava.* (Entrevista Kátia Regina Luz).

Dilma começou a lecionar muito cedo, foi professora de catequese, servidora do Estado de Santa Catarina e começou a atender com a preta velha Vó Sofia na Tapera ainda na década de 1970, após herdar os bens de sua mãe. Foi somente na década de 1980 que deixou a Umbanda

¹⁹ Embora a ata de fundação seja datada de 1984, encontramos uma declaração da Assembleia Legislativa de Santa Catarina assinada pelo então deputado Antônio Henrique Bulcão Vianna, com data de 11 de abril de 1982, atestando que o Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá encontrava-se em pleno e contínuo funcionamento, conforme documentos constantes no Anexo A.

²⁰ Progenitora do sexo feminino.

²¹ Segundo Leite e Vieira (2017), Mãe Ana de Xangô abriu o Centro Espírita Irmão Octaviano Ribeiro em 1952, na Rua Raimundo Correia, no bairro Estreito. Posteriormente, Mãe Ana agregou à doutrina Kardecista, já praticada por ela, as Sete Linhas Exotéricas de Umbanda e mudou o terreiro para a Rua Tobias Barreto, na Ponta do Leal (Leite; Vieira, 2017, p. 87).

de Sete Linhas Exotéricas²² e se iniciou na Umbanda de Almas e Angola com Mãe Hilca de Iansã²³ (Hilca Ávila Soares), sendo assim, tornou-se neta do Pai Evaldo de Oxalá (Evaldo Linhares) e bisneta de Santo da matriarca fundadora do Ritual de Almas e Angola em Santa Catarina, Mãe Ida de Xangô (Guilhermina Barcellos). Após o falecimento de Mãe Dilma, sua filha carnal²⁴ e irmã de Santo, Mãe Kátia d’Omulú (Kátia Regina Luz), assumiu o sacerdócio do Turi.

Em relação à comunidade da Tapera, Fossari (2004) explica que a região, no período pré-colonial, era habitada pelos Jês e, posteriormente, pelos Guaranis, há cerca de 1500 anos, como foi possível observar através dos objetos arqueológicos e dos 172 sepultamentos descobertos pelo Padre João Alfredo Rohr em escavações realizadas na década de 1960 (Marques, 2008 *apud* Martins, 2019). A fazenda do Caiacanga ou Caiacanga Mirim, como era conhecida a Tapera no período da colonização, recebeu seus primeiros colonos no século XVIII, e chegou a contar com três engenhos de farinha de mandioca, um deles próximo à praia (Martins, 2019, p. 38).

A comunidade, segundo a pesquisa de Martins, era composta por pescadores e agricultores. Foi no ano de 1923 que o então Centro de Aviação Naval, que viria a se tornar Base Aérea em 1941, foi para a Tapera e modificou a vida daqueles que ali viviam, estabelecendo uma dependência econômica entre comunidade e Centro de Aviação. Essa relação é observável nas falas dos mais antigos. Em grande parte, as mulheres eram lavadeiras ou domésticas dos militares e os homens exerciam trabalhos braçais, como jardinagem. Também as memórias de infância estão embriagadas pelos eventos comemorativos e tecnológicos da Base. Desse modo, “A Base Aérea é uma barreira existente e desintegradora entre a comunidade e a cidade, transformando a Tapera num bairro invisível” (Espíndola, 2016), como é destacado na entrevista da yalorixá Leta de Xangô.

[00:06:20] *E o meu marido era pescador. Depois ele foi para a base, entrou no serviço da base, que ficou sendo funcionário, né? Da aeronáutica, mas nós era muito pobre.*

[00:11:21] *É, pescador e lavadeira. Era o que tinha aqui. O pessoal da Tapera, tudo lavavam, pros soldados, ali para o posto médico, que era a enfermaria, tudo. Porque era um lugar muito pobre aqui.*

[00:11:40] *A minha mãe também era lavadeira. Lá, o tempo da marinha, ela lavava por marinho. O meu pai era marinho. Só que não eram daqui,*

²² Mãe Dilma tomou sua iniciação de Yalorixá nas Sete Linhas Esotéricas de Umbanda em 1959.

²³ Mãe Hilca, a flor de Almas e Angola, fundou, em 1981, a Tenda Espírita Santa Rosa de Lima, ainda hoje localizada na R. dos Navegantes – Balneário do Estreito. A Tenda Espírita Santa Rosa de Lima é declarada de utilidade pública desde 1985, pela Lei Nº 2295/85.

²⁴ Descendente do sexo feminino em relação a seus progenitores.

né? Servia aqui, na marinha, depois daqui eles foram se embora pro Rio, aí não sei mais... Ele saiu daqui, né?

[0:13:07] *Ah! Não, era, era uma coisa muito pobre aqui. A gente era café cozido com banana verde cozida. Era um pãozinho, era um biscoito, né, bem... um lugar bem pobre.* (Entrevista Eliete Ignês Espindola).

Com a expansão da Base Aérea, a comunidade que morava em grande parte da Rua do Fogo precisou se mudar para o local atual. Nessa época, o acesso ao bairro era feito por canoa e, posteriormente, em 1976, pela rodovia Açoriana, mesmo ano em que a comunidade recebeu a instalação do sistema de energia elétrica. Segundo os mais velhos, no período em questão, somente pessoas de grande poder aquisitivo moravam de frente para o mar da praia. Ao ouvir as falas dessas pessoas, é possível imaginar quão tamanha era a vida pacata dos moradores da região, considerando-se a lentidão com que as mudanças ocorriam no bairro até a década de 1980.

É importante lembrar que o Turi foi fundado e declarado como de utilidade pública e assistência social (Lei 7.240/88) na década de 1980, mesmo período em que houve aumento populacional expressivo no bairro da Tapera (Martins, 2019, p. 41). Estudos do Numavan/UFSC estimam que, na década seguinte (1990-2000), a população da Tapera aumentou 250% com a imigração de pessoas que procuravam em Florianópolis uma chance de vida melhor. Com o baixo custo do solo no bairro, essas novas famílias, a maioria carente, foram se assentando na parte mais distante da praia, hoje conhecida como Rua do Juca. No último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população da Tapera já ultrapassava sete milhões de pessoas. Na Figura 1, pode-se visualizar o desenvolvimento desse espaço.

Figura 1 – A Tapera de três tempos: 1977-1994-2000



Fonte: Geoprocessamento Corporativo PMF.

Como pode ser observado na imagem, cuja localização do Turi está marcada em rosa, a comunidade da Tapera se desenvolveu ao redor desse primeiro Terreiro de Umbanda da região. Os sujeitos, benzedeiros e comunidade em geral, foram transpassados e transpassaram a comunidade de tradição afro-brasileira, construindo experiências, intercâmbios culturais e memórias. Dessa forma, suas identidades foram afetadas pelo religioso e a comunidade de fala foi afetada por esse intercâmbio.

Nesse contexto, pelo qual as comunidades são atravessadas e atravessam os terreiros, se encontra o pesquisador por detrás desta pesquisa. Sou neto de Dona Leta, cresci em um ambiente católico-umbandista. A proximidade com o terreiro influenciou de forma singular a construção do meu juízo de valores e visão de mundo.

Ao olhar para os documentos que antecedem a ata de fundação do Turi, ainda enquanto Tenda de Umbanda Tapera, encontramos listados os nomes de alguns dos filhos de Dona Leta. Sobre isso, em entrevista, a Yalorixá Leta de Xangô destacou a participação de alguns dos seus filhos:

[00:07:40] *O Darci. O Darci trabalhava muito bem com Ogum, uma beleza. E o Darci, aí depois foi Filho de Santo da Mãe Dilma.*

[00:07:57] *E a Dagmar, e a Daurina que era a cambona, que era [risos]. Mas um dia ela se enfezou com a Kátia, e a Kátia com ela, ela tirou a guia do pescoço e disse que não ia mais lá e veio se embora [risos].*

[00:08:10] [risos] *Ai, ai.*

[00:08:16] *Mas isso faz anos, né? Barbaridade. Eu nem sei quanto tempo. (Entrevista Eliete Ignês Espindola).*

Além disso, nos documentos da mesma época, encontramos ofícios (Figura 2) encaminhados a agentes públicos e a empresas privadas de grande porte com o objetivo de arrecadar verba para a construção do Terreiro, obra essa que foi realizada com a ajuda do corpo da polícia militar.

Figura 2 – Ofício 01/84

Exmo. Sr. Governador do Estado de Santa Catarina
 D.D. Dr. Esperidião Amin Helou Filho /
 Palácio do Governo
Nesta

Of. nº 01/84

Florianópolis, 06 de Fevereiro de 1.984.

Senhor Governador,

Na qualidade de cidadãos Catarinenses, Florianopolitanos, residentes na Praia da Tapera, eleitores de Vossa Excelência, vimos, através do presente solicitar a Vossa benevolente ajuda, mediante o que lhe exporemos:

I - Nossa comunidade carente de recursos financeiros;
 II - Parte desta comunidade é adepta à Umbanda;
 III - Não possuímos um Terreiro de Umbanda que atenda às nossas necessidades;
 IV - Estamos trabalhando em conjunto para conseguir nosso objetivo;
 V - Ficaremos eternamente agradecidos se Vossa Excelência nos concedesse uma ajuda financeira no valor de CR\$ 250.000,00 (Duzentos e cinquenta mil cruzeiros) para que pudéssemos cooperar de êxito, em parte, nossos esforços.

Diante de que seremos agradecidos por Vossa Excelência, rogamos a Oxalá que lhe abençoe e a Rainha Iemanjá lhe proteja para todo o sempre.

DILMA ANA DE SOUZA LUZ
 SÁBALORIXÁ
 Por seus filhos do Santo e comunidade adepta.

Ofício nº 01/84 dirigido ao Exmo. Sr. Governador de Santa Catarina por Dilma de Souza Luz solicitando ajuda para a construção do Turi. Fonte: Arquivo da Instituição.
 Fonte: Arquivos do Turi (2024).

Dessa forma, podemos ver como Mãe Dilma era articulada politicamente, o que não somente beneficiou a comunidade de tradição afro-religiosa, mas, sabendo que os Pais e Mães-de-santo são ativos na busca por direitos básicos para as comunidades em torno dos terreiros, podemos supor que Mãe Dilma ajudou na luta da comunidade da Tapera por tais direitos.

Kátia Luz, na entrevista realizada para esta pesquisa, lembra que, embora nem toda a comunidade da Tapera tenha frequentado o Terreiro como membro ativo, o espaço sempre foi um lugar de desenvolvimento humano. Segundo a mesma entrevistada, a comunidade encontrava no Terreiro um lugar de segurança alimentar para suas famílias e, também, de orientação, de apoio psicológico e de incentivo. Sobre a comunidade frequentar o Turi enquanto consulente, a Yalorixá Leta de Xangô destaca:

[00:04:15] *Daqui da redondeza tudo ia pra se benzer, né? Aí foi a [pausa], depois a dona Dilma se mudou para cá. Trabalhei muito tempo, depois que a dona Dilma fez o centro. Aí eu fui.*

[00:04:36] *Aí começou, Luquinha, o pessoal tudo a vim, tudo a vim, encheu, né? O pessoal, tinha muita gente que vinha.* (Entrevista Eliete Ignês Espindola).

Essa relação entre casa-de-santo e comunidade que estamos aqui costurando não é exclusividade do Turi, ou seja, ela se dá na maioria dos terreiros que praticam a Umbanda em Florianópolis. Desse modo, ainda hoje, grande parte dos terreiros dos mais distintos segmentos afro-religiosos está localizada nos morros da Capital e nas áreas rurais (Leite; Vieira, 2017). Também, cabe ressaltar que essas comunidades periféricas são compostas, em grande parte, por uma população carente e desassistida, por se pode vislumbrar a importância dos terreiros, bem como, dos sacerdotes enquanto agentes de mudança na busca por dignidade para os sujeitos sediados nessas comunidades.

Nos debruçarmos sobre esses territórios de axé nos permite vislumbrar uma história que, paulatinamente, foi violentada por uma história colonial que tentou apagar e negar a importância e a influência das filosofias e saberes negro-africanos na história do Brasil. Esses saberes filosóficos são perceptíveis tanto nas contribuições de natureza Linguístico-lexical que iremos abordar mais adiante na análise lexical dos pontos cantados, como pelos valores que norteiam a sociedade.

Entender, ainda que de forma sucinta, como esses territórios se consolidaram e funcionam é de extrema importância para este estudo, já que língua e sociedade são inerentes uma à outra, sendo assim, um estudo linguístico que não valorize sujeitos e subjetividades de determinada comunidade de fala se torna frágil e reforça uma história única colonial. Por isso, até aqui tentamos, para além de expor nossos pressupostos teóricos, visibilizar esses sujeitos, esses territórios e seus saberes filosóficos.

3.2 ORGANIZAÇÃO DOS *CORPORA* E METODOLOGIA DE RECOLHA DOS DADOS

Para atingir o nosso objetivo de verificar a influência de línguas africanas na construção sócio-histórica do PB, a partir da análise do léxico nos livros de pontos cantados produzidos em comunidade de prática denominada “Umbanda” em Florianópolis, foi necessário estabelecermos uma aproximação com os territórios de Umbanda, especificamente aqueles dos rituais de Almas e Angola, abertos ainda no século XX.

Para isso, em parceria com a Tatalorixá Kátia de Omulú e do Babá Ogã André, um agente público municipal e membro de uma comunidade de Umbanda de Almas e Angola, começamos a tecer uma rede de comunicação com as comunidades de tradição afro-religiosas

localizadas na Grande Florianópolis e abertas desde a segunda metade do século XX. Aqui, é necessário destacarmos que esse recorte temporal obedecia à delimitação do objeto proposto no início da pesquisa, isto é, havia a pretensão de analisar textos produzidos no século XX no contexto das comunidades de tradição afro-religiosa localizadas na Grande Florianópolis. A opção por trabalhar com textos escritos nesse contexto tinha o propósito de investigar traços linguísticos de línguas africanas em textos escritos nessas comunidades. Contudo, esse caminho inicial precisou ser retraçado em virtude dos desafios encontrados em relação ao gênero textual e à delimitação temporal, que agora se estende, também, para produções posteriores ao ano 2000.

Dado que havíamos recém saído do período de isolamento devido à pandemia de Covid-19, a maioria dos pais e mães-de-santo estava envolta em funções internas das casas de santo, além disso, esse contato foi realizado em ano eleitoral, o que dificultou alguns encontros presenciais, já que aqueles sacerdotes e instituições estavam envolvidos nas atividades eleitorais ou na troca de diretoria. Alguns dos sacerdotes com quem tivemos contato presencialmente foram Pai Rodrigo do Ilê Asè Tì Gun Bì Nan,²⁵ Tatalorixá Pai Carlinhos de Oxaguiã da Tenda Espírita Caboclo Tupiniquim²⁶ e, entre outros, a Agnes da Uniafro.

Nesses encontros, bem como, em conversas por telefone, nossos questionamentos eram exploratórios, na busca por documentos de qualquer gênero produzidos no contexto das casas de santo. Algumas vezes, antes que fosse apresentado o recorte temporal, os sacerdotes e sacerdotisas indicavam seus *blogs* pessoais e/ou outras páginas na Internet onde eles produzem textos com a temática afro-religiosa.

Percebemos, então, a existência de duas situações inicialmente recorrentes que dificultaram nossa busca: os textos classificados como sigilosos, como por exemplo, o caderno de sacerdote e/ou de babá,²⁷ e as comunidades onde não existe uma produção textual fora da Internet.

Outro desafio foi o medo que muitos sacerdotes tiveram da subversão das informações repassadas, o que levou alguns deles a não nos permitir acesso aos documentos, dando-lhes *status* de sigiloso. Apesar disso, todos os sacerdotes com quem tivemos contato ficaram muito

²⁵ Localizado na R. José Víctor da Rosa, 74, Barreiros, São José, SC.

²⁶ Localizado na R. Irmã Bonavita, 2191, Capoeiras, Florianópolis, SC.

²⁷ Especificamente na Umbanda de Almas e Angola, quando o iniciado passa pela quarta iniciação e se torna Yalorixá ou Babalorixá, ele copia a punho um caderno do seu pai/mãe-de-santo que descreve os ritos. Para além deste, alguns sacerdotes acabam por construir ao longo do seu sacerdócio um outro caderno, que é passado somente para os(as) filhos(as) que se tornam sacerdotes.

confortáveis em conversar e contar não só a história de suas casas, mas, também, sobre seus rituais.

Embora soubéssemos que o Turi possui um acervo grande de documentos, até esse momento da pesquisa não havíamos nos debruçado sobre ele. Voltamo-nos ao acervo do Turi somente após as buscas por documentos em outras comunidades de tradição afro-religiosa da Grande Florianópolis se mostrarem infrutíferas e os documentos coletados não atenderem às nossas expectativas.

No Turi, havia uma variedade imensa de documentos produzidos na própria instituição e em outras comunidades que foram fechando ao longo do tempo ou compartilhando com o Turi sua produção, porém o acervo não estava tratado. Sendo assim, para que pudéssemos selecionar os documentos de nosso interesse, foi necessário organizar o acervo da entidade, catalogando-o e digitalizando-o. Essa ação, embora tivesse por objetivo resgatar os documentos, também proporcionou um retorno para a comunidade em questão, no sentido de preservar a memória daquele território. Como o Turi encerrou suas atividades no ano 2023 devido a não possuir uma sede própria, logo, não dispõe de espaço para armazenar os documentos do arquivo. Sendo assim, para além de instruir sobre o destino ideal para os documentos, a saber, sugerir a sua entrega para os arquivos públicos, também disponibilizamos os arquivos digitalizados e organizados da seguinte forma: Estado (SC - PR) - Década (1980-1990) - Instituição - Tipo.

Após esse processo, percebemos que a escrita pessoal, como cartas, era ausente nesse espaço, assim como nas comunidades que já havíamos visitado. A catalogação dos documentos deixou evidente que a forma textual mais presente no arquivo do Turi eram atas. Desse modo, após transcrevermos todas as atas de 1984 a 1999 (conforme Figura 3) usando as normas de transcrição do PHPB/SC,²⁸ as percebemos como uma fonte possível para construção da pesquisa.

²⁸ Cf.: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/normas-de-edicao-do-phpb-2a-versao?authuser=0> (acesso em 27 maio de 2024).

Figura 3 – Esboço ata 01/1984 - p. 1/4

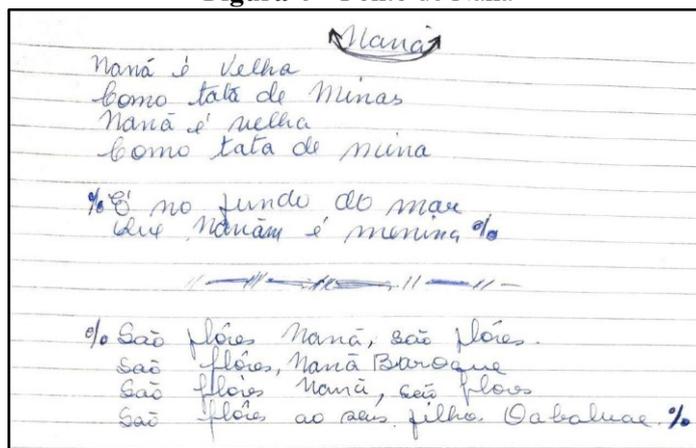
Tapera 10 de Janeiro de 1984. Atã...
 Aos 10 dias do mês de Janeiro
 de 1984, em nome de Luiz Luiz,
 Babalorixá do ~~Templo de Umbanda de Rio~~
~~de Janeiro~~, reuni os médiums e
 parte da comunidade de Tapera sediada
 à Umbanda, no ^{meu} 'Jongá', ~~em~~ pequenas
 repartições situadas em terrenos de milha popu-
 laridade, na praça de Tapera, para tratarmos
 dos seguintes assuntos:
 1.º: O local em que estão fazendo atendi-
 mentos aos povos e aos médiums em desen-
 volvemento, tornando-se pequenos, sem condi-
 ções de atendimento.
 2.º: Tratou-se da urgência de uma ^{novas}
 construções, onde possa atender a todos
 indistintamente.
 3.º: Para que o Jongá, torne-se ^{Terreiro}
 de Umbanda, necessariamente precise de
^{recursos adequados, dentro do que for possível}
~~para distintos membros para compor uma~~
 diretoria
 4.º: Apresentação das pessoas para ^{quais}
 organizadas ^{integral} a ^{sempre} uma diretoria.
 5.º: Se mais assuntos a tratar, marcar-se-
~~á~~ para o dia 20 de Janeiro nova reunião.

Fonte: Arquivo do Turi (2024).

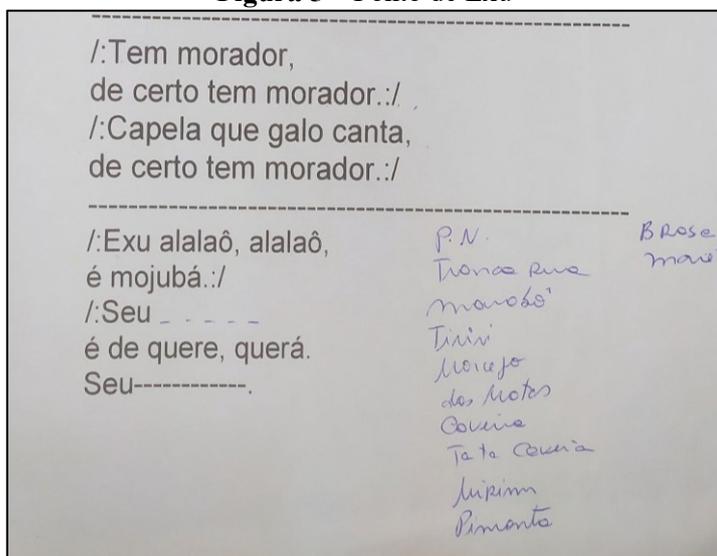
Se, por um lado, constatamos que os textos mais formais não nos possibilitariam observar o fenômeno linguístico que almejávamos, por outro, ficou evidente que um texto muito recorrente no arquivo pesquisado, os livros de pontos cantados (cânticos litúrgicos), nos permitiriam uma abordagem não menos interessante. Embora estejamos aqui chamando de livro de pontos, eles são, na verdade, cadernos e fichários que, em suas páginas, guardam os pontos, ou seja, os cânticos que as entidades²⁹ cantam e ensinam.

Encontramos cerca de 1.700 pontos cantados (como ilustram as Figuras 4 e 5 a seguir), produzidos em três instituições diferentes, sendo uma delas não identificada. As duas origens identificadas são: Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim, instituição ainda em funcionamento no bairro Capoeiras, e o Turi, essa já aqui referenciada.

²⁹ Espíritos ancestrais que trabalham na Umbanda através da incorporação, com rezas e consultas.

Figura 4 – Ponto de Nãna

Ponto de Nãna retirado do livro de pontos do Turi.
 Fonte: Arquivo do Turi (2024).

Figura 5 – Ponto de Exú

Pontos de Exú copiados do livro de pontos do Turi.
 Fonte: Arquivo do Turi (2024).

Como alguns pontos foram escritos a punho, outros eram xerox, bem como, havia aqueles digitados e, ainda, alguns com anotações, optamos por transcrevê-los. Dessa forma, solucionamos não só a legibilidade dos pontos cantados, mas, também, conseguimos diminuir a extensão dos apêndices nesta pesquisa em relação ao número de páginas e, principalmente, contribuímos com uma rara compilação e organização de *corpora* para o PHPB/SC, que pode servir de base para pesquisas futuras. Apesar de não trazermos a digitalização desses documentos, todos foram transcritos com o cuidado de manter suas respectivas estruturas e formas, a fim de conservar o máximo de sua originalidade. Contudo, é preciso demarcar que,

em alguns livros, os pontos ocupavam uma página inteira, nesses casos, organizamos o apêndice em colunas.

Embora a amostra seja grande, com cerca de mil e setecentos pontos, cabe ressaltar que alguns pontos ocorrem em duas ou três autorias diferentes, como se pode ver nas Figuras 6 e 7, porém, tendem a ter mudanças significativas entre eles, seja no campo lexical ou no grafema.

Figura 6 – Pontos de Louvação - Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim

<u>Louvação à coroa de Babá</u>	
<p>Babá.. Tudo isso é seu... Prá salvar a coroa Que Oxalá lhe deu... Pra salvar a coroa Que Oxalá lhe deu Babá, tudo isso é seu ...</p> <p><u>Babá</u></p> <p>Se uma estrela clareou o gongá.. Coroa Babá, coroa... Coroa Babá, coroa... Se uma estrela clareou o gongá..</p> <p><u>Babá</u></p> <p>Louvado seja .. Meu Senhor, meu Pai amado.. É Babalaô.. Meu Senhor do Bonfim..</p> <p><u>Babá</u></p> <p>Ô! Babá.. Ô! Babá, Babalorixá.. Ô! Babá.. Ô! Babá, Pai Oxalá... Saudei lá na pedreira Meu Pai de cabeça Xangô Caboclo seu Oxóssi Que me abençoou Marcado na cabeça com arco e cobra coral Eu não tenho medo da morte Jamais me espantei com o mal É ô Babá!</p> <p>No mar de Yemanjá Seu Ogum Estrela me criou</p>	<p>Corri com Cosme, Damião, Doum ... Oxum já de saravou Sou Sete, sou cruzado Na encruzilhada do amor Com fogo eu já fui queimado... Sou filho de Nosso Senhor É ô Babá ...</p> <p><u>Babá</u></p> <p>Obaluaê... Babalorixá... Sua coroa de Zambí Quem lhe deu foi Oxalá Saravá Babalaô Que ele é chefe do gongá</p> <p><u>Babá</u></p> <p>Ôh! Que lindo poema Ôh! Que lindo gongá Ôh! Babalaô Ôh! Babá de Orixá.. Aqui eu trago a minha Mãe Pequena E também trago a minha Babá Eu trago os meus Ogã coroados Na fé de Ogum, na fé de Oxalá Banda com Banda se combinam E nós estamos aqui pra combinar Eu trago a minha Mãe Pequena E também trago a minha Babá</p> <p><u>Babá</u></p> <p>No céu uma estrela brilhou Brilhou, deixa ela brilhar</p>

Pontos de louvação retirados do livro de pontos do Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim. Fonte: Arquivo do Turi.

Figura 7 – Pontos de Louvação - Local da autoria não identificado

BABALORIXÁ - YALORIXÁ

UMA ESTRELA CLAREOU GONGÁ
 COROA BABÁ COROA (BIS)
 COROA BABÁ COROA
 UMA ESTRELA CLAREOU GONGÁ (BIS)

SARAVÁ BABÁ,
 BABÁ D'ORIXÁ (BIS)
 OI.....

BABÁ TUDO ISSO É SEU
 PRÁ SALDAR A CÔROA
 QUE OXALÁ LHE DEU
 PRA SALDAR A COROA
 QUE OXALÁ LHE DEU
 BABÁ TUDO ISSO É SEU (BIS)

AUÊ BABÁ AUÊ INA AUÊ ENE
 É ORERÊ
 AUÊ BABÁ AUÊ INA AUÊ ENE
 É ORIXÁ (BIS)

ELE E BABÁ BABALORIXÁ
 É FILHO DE ZAMBI DO PAI OXALÁ

LOUVADO SEJA ME SENHOR
 MEU PAI AMADO

Pontos de louvação retirados do livro de pontos com local de produção não identificado.

Fonte: Arquivos do Turi (2024).

Com o auxílio do Novo dicionário Banto do Brasil (Lopes, 2003), do Dicionário Yorubá-Português (Beniste, 2021), do Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi (Cunha, 1998), além da consulta a sacerdotes e a busca por produções científicas que apresentassem palavras de origem africana presentes não só no contexto afro-religioso, mas também no PB, nos debruçamos sobre a amostra já transcrita para, atentamente, destacar os possíveis dados que mais tarde foram confrontados com as fontes já mencionadas, a fim de aferir a origem etimológica das lexias encontradas. Além das origens já mencionadas, neste trabalho também foram classificados os termos com origem em línguas indígenas do Brasil e aqueles que, embora tenham origem na língua do colonizador, passaram por um processo de ressignificação no uso dos terreiros.

Na análise, produzimos nove quadros organizados a partir do campo lexical, isto é, pela aproximação semântica das lexias encontradas na amostra, com destaque para o significado dos termos no contexto afro-religioso e na comunidade analisada e, também, a extensão do uso, sendo ela exclusiva das comunidades ou inclusiva – aquelas usadas também em outros contextos além do contexto afro-religioso.

Não obstante, tendo em vista a natureza poética dos pontos cantados, nas nossas transcrições, optamos por manter a formatação estrutural encontrada na fonte, letras maiúsculas ou minúsculas como nos originais, bem como, os desvios ortográficos foram mantidos, preservando, assim, a estética dos textos. Porém, na análise, as lexias são apresentadas conforme a grafia mais adotada quando confrontado com o restante das fontes analisadas.

Ainda, a fim de compreender o uso de alguns termos, bem como, mesmo que de forma sutil, observar se os termos encontrados na amostra ocorrem na fala dos membros dessas comunidades, realizamos uma entrevista com a Tatalorixá Mãe Kátia d’Omulú e com a Yalorixá Leta de Xangô. Nas entrevistas, optamos por questionar as entrevistadas não só sobre a consciência metalinguística e as lexias encontradas na amostra, mas sobre a origem desse território, como também, sobre a relação com a comunidade ao redor. Consideramos esses pontos importantes para que pudéssemos entender quem são aqueles que fazem parte da comunidade e como a comunidade interage linguística-culturalmente com aquele espaço. Também procuramos entender a consciência metalinguística das entrevistadas, o entendimento de alguns termos encontrados e o recorte étnico-social de cada uma.

4 O VERBO ATUANTE: ELEMENTO DIVINO PARA CRIAR REALIDADES

O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade (Vilela, 1994, p. 6).

Nesta seção, discorreremos sobre a língua no contexto das casas de tradição afro-brasileiras de Florianópolis/SC e, mais especificamente, a respeito do léxico usado em pontos cantados. Analisar as lexias nos possibilitou vislumbrar as subjetividades dessas comunidades, bem como averiguar as assimilações linguísticas na construção do PB. Assim, para além da discussão sobre o léxico, debater debatemos a respeito da consciência e da identidade linguísticas³⁰ dessas comunidades e dos sujeitos nelas sediados. Isso nos permitiu estabelecer um diálogo entre os estudos linguísticos lexicais e os dados sistematizados, a fim de fazer “[...] emergir elementos significativos ligados ao modo de viver, às crenças, à visão de mundo, às angústias, à história deste mesmo povo” (Dourado, 2010, p. 42).

4.1 HERANÇAS DE UMA TRAVESSIA: AS LÍNGUAS DOS TERRITÓRIOS DE AXÉ

De antemão, precisamos entender que é por meio da língua que a realidade se desenha. Dito de outra forma, é através da língua que o sujeito existe, seja por meio do discurso pelo qual a ideia de sujeito se cria e perpetua, dando sentido às experiências e aos papéis sociais, seja pelas marcas linguísticas empregadas na sua variação e pela qual o indivíduo expressa sua subjetividade, sua identidade, sendo reconhecido e se reconhecendo como parte, como igual. Desse modo, falar é existir absolutamente para o outro (Fanon, 2008, p. 33). Segundo Dourado, “[...] é por meio das palavras que a humanidade tece essa infinita rede de comunicação. O léxico, conjunto de palavras de um determinado povo, espelha os interesses, anseios, costumes, sentimentos desse mesmo povo, reflete a sua cultura” (Dourado, 2010, p. 48). Sendo assim, “[...] o léxico testemunha a história da língua e registra, portanto, possíveis contatos linguísticos e culturais de seus falantes” (Petter, 2011, p. 266).

Ao pensarmos sobre o *Atlântico Negro*, especificamente, sobre os 4,8 milhões de africanos que, além de serem arrancados de suas vidas e submetidos à extrema violência mental e física durante a travessia, tiveram suas identidades paulatinamente apagadas pelos

³⁰ Assumimos aqui o conceito de identidade proposto por Bucholtz e Hall (2005), logo, entendemos identidade linguística como “um conjunto de traços linguísticos, juntamente com outros elementos semióticos, que atuam na construção de uma dada identidade” (Severo, 2015).

mecanismos de escravização no que viria a se tornar o Brasil. Dessa forma, falar de língua é falar de tradição oral, ou seja,

Se as vozes de quatro milhões de negro-africanos que foram trasladados para o Brasil ao longo de mais de três séculos consecutivos não tivessem sido abafadas em nossa História, por descaso ou preconceito acadêmico, hoje saberíamos que eles, apesar de escravizados, não ficaram mudos, falavam línguas articuladamente humanas e participaram da configuração do português brasileiro não somente com palavras que foram ditas a esmo e “aceitas como empréstimos pelo português”, na concepção vigente, mas também nas diferenças que afastaram o português brasileiro do de Portugal. (Castro, 2011, p. 1).

À luz de Nascimento (2019), podemos perceber os quilombos e as comunidades tradicionais, dentre elas Umbanda, Candomblé, Kimbando e outros, como espaços de resistência de “[...] dimensão criativa da identidade africana que resiste ao colonialismo racialista e seus mais diversos mecanismos de dominação” (Leite; Vieira, 2017, p. 10), e, também, espaços de permanência e fomentação da cultura e língua desses sujeitos. Ao penetrar nesses espaços nos quais o princípio é Exú, sendo ele aquele que nomeou todas as coisas, a oralidade possui um papel superior ao da grafia, pois é através do diálogo que se dá a comunicação com os orixás, com a ancestralidade, “[...] nos seus falares cotidianos, na sua linguagem litúrgica, na poesia de louvação aos seus deuses, na mitologia herdada dos seus ancestrais” (Dourado, 2010, p. 21). É desse modo, portanto, que os conhecimentos são passados e aprendidos, “[...] pacientemente de boca a ouvido e de mestre a discípulo através dos tempos” (Bâ, 1973, p. 17). No entender de Lopes,

A transmissão oral do conhecimento é o veículo do poder e da força das palavras, que permanecem sem efeito em um texto escrito. O conhecimento transmitido oralmente, pelo Verbo atuante, tem o valor de uma iniciação, que não está no nível mental da compreensão, porém na dinâmica do comportamento (Lopes, 2020, p. 34).

Ao enveredar-nos pelas *filosofias africanas* (Lopes, 2020), observamos que a palavra falada possui, nesses territórios, caráter sagrado, não a palavra como materialidade sonora ou capacidade da linguagem humana, mas a palavra enquanto O Verbo, aquele que “[...] anima, põe em movimento e desperta as forças que se encontram estáticas nas coisas” (Lopes, 2020, p. 34), e, sendo assim, falar é um ato divino de criação. E por ser um ato divino, “[...] uma só palavra pode estourar uma guerra, assim, como uma simples fagulha pode provocar um incêndio” (Lopes, 2020, p. 35), pois a palavra não é só uma representação de algo, mas a criação de alguma coisa na realidade (Lopes, 2020).

Como observamos na seção anterior, Santa Catarina, durante o período em que perdeu o regime escravista no Brasil, esteve inserida no contexto de abastecimento de escravos do centro-sul do Brasil e, assim, era articulada com a dinâmica de tráfico interprovincial, sob a visão de que seu maior fornecedor de escravizados era o Rio de Janeiro. Segundo Espíndola (2013), ao menos 12% dos navios negreiros que saíam do porto carioca tinham por destino Santa Catarina, e vale destacar que a principal origem dos negros que desembarcavam no porto do Rio de Janeiro era Congo-angolana, isto é, povos que falavam línguas do grupo linguístico Banto (Castro, 2022, p. 121). Esse dado é bastante relevante, uma vez que nos mostra a origem dos escravizados que aqui chegaram e “[...] evidencia origens linguísticas Banto entre os escravizados presentes em ambas as capitânicas [Rio de Janeiro e Santa Catarina], com pessoas [com suas línguas e culturas] oriundas de Angola, Congo, Benguela e Moçambique” (Görski *et al.*, 2021, p. 86).

Segundo Castro, Banto é o termo para designar uma família linguística composta por 500 línguas tipologicamente familiarizada do tronco linguístico protobantu, demarcação que compreende uma área de nove milhões de km² e que engloba 21 países situados na África Ocidental, Oriental e Meridional (Castro, 2022, p. 63), isto é, comunidades culturais com civilização comum e línguas aparentadas. Entre os reinos que compunham essa região, Castro destaca, usando, entre outros critérios, a relação histórica com o Brasil, “[...] o reino de Congo, regido pelo Manicongo, o de Ndongo, do soberano Ngola, o de Matamba, da Rainha Jinga, e o de Loango”, falantes de, entre outras línguas, Kimbundo e Kikongo (Castro, 2022, p. 83).

Cabe ressaltar com Bovini que

O tráfico de escravos ocorreu de modo a promover o contato entre os indivíduos que seriam transportados para o Brasil, seja nos barracões, por vários meses, seja nos navios ancorados que aguardavam completar a carga, diretamente orientado para o mercado brasileiro. Essas circunstâncias favoreceram a emergência de uma nova situação linguística para os cativos: “contato com línguas africanas diferentes e próximas e contato com o português, língua dos futuros senhores. (Bovini, 2008 *apud* Lima, 2012).

Nessa relação que se estabeleceu a partir da escravização desses corpos, o Português, língua do colonizador, favorecida por razões históricas e políticas, ganhou *africanias*, centenas de palavras africanas, bem como, *tupinismos* (Castro, 1967), que resistem não só na língua de santo nos terreiros de Umbanda e Candomblé, mas no PB usual. A partir dos termos de origem africana inventariados por Castro em 2001, Alckmim e Petter (*apud* Fiorin, 2008, p. 145-178) buscaram identificar aqueles que são de uso geral pelos falantes do PB, isto é, retirando dos 3.517 vocábulos do inventário linguístico de Castro aqueles que eram de uso restrito ao povo

de santo de Umbanda e Candomblé, ou “linguagem de santo”, e chegaram, devido às limitações metodológicas, a 56 vocábulos de uso extenso que se adaptaram fonológica, morfológica e sintaticamente ao Português, organizados da seguinte forma (Petter, 2011, p. 268):

Categoria 1, que inclui termos que podem ser usados em qualquer interação social, (30 vocábulos). Ex: caçamba ‘depósito de lixo’ e ‘carroceria de caminhão’, caçula ‘filho mais novo’, carimbo ‘marca e instrumento para marcar’, cochilar ‘dormitar’, xingar ‘ofender com palavras’;

Categoria 2, que é constituída de termos informais, de uso coloquial que, eventualmente, dependendo da situação, são substituídos por outros (9 vocábulos). Ex.: bamba/bambambã ‘exímio’, ‘hábil’, cafuné ‘carinho feito na cabeça com a ponta dos dedos’, muamba ‘contrabando’;

Categoria 3, em que constam termos marcadamente informais, de uso restrito (17 vocábulos). Ex.: bunda ‘nádegas’, cafundó ‘lugar muito distante’, quizumba ‘confusão’, ziquizira ‘azar, doença indefinida’ (Petter, 2011, p. 91).

Nesta dissertação, voltamos o nosso olhar para os termos que são de uso rotineiro no contexto das comunidades “terreiros de umbanda” em Florianópolis, sendo eles de uso exclusivo das comunidades ou inclusivo – aqueles que são usados, também, em outros contextos. Sendo assim, buscamos inventariar o repertório que compreende as lexias dos falares do Turi, como representação dos terreiros de Florianópolis. A análise desse repertório lexical nos possibilitou vislumbrar não só a história da língua, como, também, conhecer esses espaços, os seus objetos sagrados, sua filosofia, seus costumes e sua estrutura sociorreligiosa.

A chamada língua-da-gente-de-santo como se conhecem os adeptos dos cultos na Bahia que, apesar de vir resistindo à interferência do prestígio crescente do Português, tem, no entanto, com o tempo, dele recebido uma boa influência morfológica e vocabular, notadamente nos candomblés de origem congolanga, os candomblés-de-caboclo profundamente marcados pela influência também dos aborígenes brasileiros, o caboclo. (Castro, 1967, p. 31).

Essa língua-ritual, presente hoje nas comunidades afro-religiosas, tem sua origem remontada nas senzalas através das relações sociais que ali se davam. Castro (2022) aponta que a diversidade linguística nas senzalas, bem como, a hierarquização linguística entre os idiomas que estavam em contato naqueles espaços, ou seja, o prestígio de determinada língua em detrimento de outras, são fatores que podem ter ditado a extensão da participação/influência de cada língua nesse processo de surgimento dessa língua pré-português brasileiro³¹. Essa língua, surgida, que ao longo do tempo foi sendo modificada pela língua do colonizador, como aponta Castro (2012), também modificou o Português, interferindo na construção do PB. Exemplos

³¹ Uma língua franca que permitia a comunicação entre os sujeitos escravizados naquele período histórico.

disso são os termos lexicais do Português que deram lugar a léxicos de origem Banto com o mesmo significado, como é o caso de *caçula*, *corcunda*, *cafuné*, *dendê* (Castro, 2012).

Para além disso, Castro (2012) aponta que as mães pretas e mucamas também foram agentes da inserção dessas *africanias* na língua do colonizador, bem como, de mudanças na rotina através da relação de convívio que se estabeleceu com a criança, mas também com a família.

No que tange aos ritos brasileiros, Castro (2011) evidencia o aprendizado da língua ritual como parte do processo de iniciação religiosa, aprendizado que se entende para além do sentido denotativo, ou seja, fornece conhecimento sobre as implicações e alusões de cada um dos termos. Em relação às comunidades de tradição afro-religiosa denominadas Umbanda, nas suas mais diversas ramificações e rituais, as línguas africanas, ou línguas-nação como se têm nos candomblés, não serão adotadas, isto é, no vocabulário litúrgico da umbanda não há uma língua-nação, mas há ocorrência de termos africanos.

Já em relação ao vocabulário usual entre os *irmãos de santo* nos terreiros de Umbanda, não há uso de termos africanos distintos daqueles dicionarizados pelo português. Castro (2011, p. 278) aponta que no candomblé de Salvador houve um processo semelhante, porém, o vocabulário litúrgico parou de se modificar por influência da língua portuguesa a partir do momento em que as comunidades e os sujeitos nelas sediados começaram a reconhecer a língua-nação como primordial à identidade étnico-religiosa e, assim, houve um resgate das formas linguísticas e uma manutenção da língua no contexto litúrgico. Olhar as marcas lexicais de determinada comunidade nos permite observar as suas origens, inclusive em relação às comunidades de Umbanda.

Por isso, na seção 3.2, apresentamos a análise da amostra, observando, para além dos dados linguísticos, outras concepções extralinguísticas que julgamos necessárias para melhor compreensão dos dados. Logo, nessa seção, constam os quadros com os dados coletados e a análise dos dados, como já mencionado.

4.2 PONTOS CANTADOS: MIRONGAS E ENCANTAMENTOS NO CULTO AOS ANCESTRAIS

Na umbanda, “ponto” possui dois sentidos, pode se tratar do desenho carregado de simbolismo que, com pomba,³² as entidades riscam sobre a madeira para expressar determinada energia, bem como, se identificar, mostrando a falange à qual ela pertence, a energia que é invocada, entre outras informações - Ponto Riscado -; ou se tratar dos cânticos que também são agregadores de energia e apresentam as mesmas informações - fundamentos - que o ponto cantado. Mãe Kátia nos contou, em sua entrevista, que embora hoje os Ogã e outras pessoas criem pontos cantados, no passado somente as entidades criavam/traziam os pontos cantados:

[00:31:59] *Eu acho que isso aí tem muita coisa que está é que [pausa], que envolve, né? Primeiro que, antigamente, os pontos de Umbanda era puxado por entidades. E daí o ogã aprendia, fazia o registro. É [pausa], hoje em dia a Entidade puxa um ponto e fica no esquecimento, porque nem o ogã nem os médiuns captam a mensagem e pronto. E a Entidade ele canta uma vez, se o ogã não respeitou, deu. Ele não vai repetir, porque ele não é professor. Ele, na hora que ele está puxando uma cantiga, ele está ali trazendo toda uma energia, todo um processo energético curativo, que envolve aquele ambiente, naquele momento e ele está totalmente envolto. E o ogã, é uma das missões do ogã, é exatamente captar a cantiga do guia que chega, então cabe a ele gravar imediatamente isso para poder daí, tá. E, antigamente, era isso, todos os pontos eram. Então, é isso tu não vê mais os ogãs anotando. Já percebi isso, várias vezes, aqui na minha casa. E os guias não estão mais puxando, porque eles estão [pausa]. Aí, daí vem o anímico do médium, a tá cantando aquilo que ele está ouvindo no YouTube, que está ouvindo no pai Google, né? Que ele está à busca de saber mais. Então, ele não está centrado na sua própria incorporação, ele está mais centrado em alguma outra esfera, e então, acaba reproduzindo isso. Isso também aconteceu com a [pausa], com o samba, né? O samba nasceu em Casa de Santo, mas o samba ele reproduz a energia do orixá, mas ele não é ponto de fundamento, e esses ogãs estão puxa— trazendo esses, as músicas do samba como se fossem um ponto. (Entrevista Kátia Regina Luz).*

Ademais, os pontos cantados são rezas que, para além de contar o fundamento de um espírito, evocam e invocam os ancestrais para a guerra - pontos de demanda -, mas também pedem a proteção nos momentos difíceis, como é o caso do seguinte ponto encontrado em nossas fontes documentais:

(1)
Santo Antônio da batalha
Faz de mim batalhador

³² S.f. (1) Na umbanda, pedaço de giz usado para riscar no chão os pontos emblemáticos ou sinais cabalísticos de cada entidade. (2) O pó extraído da raspa desse giz, que se asperge ou passa no corpo, como proteção. Do quicongo *mpemba*, giz, correspondente ao quimbundo *pemba*, cal (Lopes, 2003, p. 174).

Mas segura Santo Antônio Exú (nome) e Pombo-gira (Livro de Pontos “Local de Autoria Não Identificado”, p. 86).

Aprender os pontos-cantados e suas finalidades é parte essencial no processo de iniciação de todo filho de santo (aprendiz). Para além das finalidades já mencionadas, eles também são pontos de saudação, pontos de descarrego (limpeza energética), pontos de subida (cânticos de despedida) e cerimoniais, como, por exemplo, fúnebres, de casamento, para receber visitas na casa ou, ainda, para batismo e iniciação ritualística. Neles conhecemos não só a história dos guias, mas o arquétipo do Orixá. É a partir dessas finalidades/funções ritualísticas que os pontos cantados da amostra foram organizados no quadro a seguir. Os 22 temas que estão presentes no Quadro 3 são aqueles denominados nos livros analisados, sendo assim, relacionamos os pontos com os livros e, desta forma, temos um panorama da amostra aqui estudada.

Quadro 2 – Pontos Cantados

(continua)

Tema	Local da autoria		
	Local da autoria não identificado	Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim Estreito	Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá Tapera
Salvas	1	x	3
Defumação	24	13	15
Abertura	1	9	6
Anjo de Guarda	9	x	5
Saudação a Coroa de Babá	14	9	4
Beijada/Ibeji	32	27	13
Oxalá/Òriṣànlá	21	9	15
Yemanjá/Yemojá	46	22	21
Ogum/Ògún	75	46	53
Nanã Buruquê/NananBuruku	14	13	13
Xangô/Sàngó	42	29	26
Oxum/Oṣun	48	45	23
Oxóssi/Òṣòṣì/Caboclo	122	124	63
Iansã/Oya	25	40	21
Obaluaiê/Òbalúwáiyé	16	x	17

Quadro 2 – Pontos Cantados

(conclusão)

Tema	Local da autoria		
	Local da autoria não identificado	Tenda de Umbanda Caboclo Tupiniquim Estreito	Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá Tapera
Preto-Velhos/ Pretas/Velhas/ Almas	82	45	56
Pombajira/Èṣù-Èlégbára - Exú/ Èṣù	121	121	93
Descarrego	4	16	x
Boiadeiro	12	x	x
Hino da Umbanda	2	x	x
Batismo	3	x	x
Malei	2	x	x
Total	704	568	447

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Nas fontes analisadas para este trabalho, os pontos estão organizados de acordo com a liturgia, logo, para além de serem separados por entidades, são separados como: pontos de abertura (com o objetivo abrir as sessões); pontos de defumação; pontos para salvar a coroa de Babá (com a finalidade de referenciar as yalorixás e Babalorixás pelo compromisso com a comunidade e seus esforços) e Salva Anjo de guarda (para enaltecer o compromisso de todos, desde os mais velhos aos mais novos).

A fim de compreender mais atentamente a amostra, podemos observar, no Quadro 4, os dados referentes às lexias de origem Banto e Iorubá organizadas em Campos Lexicais³³.

Quadro 3 – Campos lexicais

(continua)

Campo Lexical	Número de lexias	
	Banto	Iorubá
Cargos, títulos e funções	4	6
Cozinha-de-santo	4	3

³³ Assumimos aqui a perspectiva de Coseriu (1987; 1977) sobre campos lexicais, desse modo, os campos lexicais estão organizados a partir da aproximação e oposição semântica entre os termos situados neles. Para Coseriu a maneira como as palavras são agrupadas em campos lexicais reflete a percepção e a organização do mundo pelos falantes. Coseriu propõe que os campos lexicais não são rígidos, mas sim flexíveis e dinâmicos, adaptando-se às novas experiências e usos da linguagem ao longo do tempo.

Quadro 3 – Campos Lexicais

(conclusão)

Campo lexical	Número de lexias	
	Banto	Iorubá
Plantas, Ervas e Sementes	0	4
Espaços Sagrados e Práticas	12	2
Som, Dança e Música	6	1
Instrumentos Sagrados e Vestimentas	4	1
Nações e Tradições	3	1
Saudações e Deuses	5	47

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Podemos observar que, das lexias selecionadas e contabilizadas nesse Quadro 4, a grande maioria dos termos é de origem Iorubá, o que se deve às origens linguísticas da Umbanda. Além disso, percebemos que embora não sejam majoritariamente termos de uso mais inclusivo, *Espaços Sagrados e Práticas* é o campo que possui maior número de lexias de origem Banto. Nesse sentido, tendo em vista a importância da *cozinha-de-santo* para esse território e o fato de grande parte das lexias de origem africana que foram dicionarizadas pelo PB serem de origem Banto, podemos verificar, no Quadro 4, que no campo *cozinha-de-santo* foram encontradas apenas quatro lexias de origem Banto.

Ao longo da análise dos dados, podem ser observados, nos quadros, outros termos que, embora não possuam origem nas línguas Banto ou Iorubá, também se destacaram na amostra.

4.2.1 Cargos, títulos e funções

A estrutura hierárquica da Umbanda vem do culto aos orixás, desse modo, neste campo lexical – *cargos e títulos* – os termos referentes aos cargos litúrgicos encontrados, com exceção de *Tatá*, que possui origem Banto, são de origem Iorubá³⁴, são eles: *babá*; *babalaô*; *iaô*; *cambone*; *ogãs*; *yalorixá*.

Destacamos, ainda, que, especificamente no ritual de Almas e Angola praticado em Florianópolis/Santa Catarina, o termo *iaô* cai em desuso em relação ao seu sinônimo *pai-pequeno*, *mãe-pequena*, pois a estrutura hierárquica iniciática desse ritual é composta por sete cargos, sendo eles: Anjo-de-guarda, Bori, Pai-pequeno; Babalorixá, Reforçado de 7 anos, Reforçado 14 anos, Tatalorixá. Para além dos cargos iniciáticos, uma casa de santo possui uma

³⁴ Essa etimologia é proposta em Beniste (2021).

tríade hierárquica: *Pai-de-santo* (Sacerdote), *Ogã*, *Cambone*. De todas essas lexias até aqui apresentadas, somente pai-de-santo, que não é de origem africana, é de uso inclusivo, isto é, não restrito às comunidades.

Além disso, colocamos os títulos englobados no mesmo campo lexical, destes, as lexias *Bamba*, *Gangá* e *Capangueiro* possuem origem Banto³⁵. Todos os títulos e funções são de uso exclusivo, no entanto, é necessário um estudo mais apurado para verificar se esse uso se restringe somente aos pontos cantados ou se estende para a oralidade dessa comunidade.

No Quadro 5, a seguir, podemos observar, para além dos termos de origem etimológica africana, os termos *mãe-pequena*, *pai-de-santo*, *pai-de-cabeça*, que, embora tenham origem no português, são ressignificados no contexto da comunidade pesquisada. Além desses, estão presentes os termos de origem Tupi: *Tupã*, *Morubixaba* e *Quirimbamba*.

Quadro 4 – Cargos hierárquicos, títulos e funções

(continua)

Lexia	Origem etimológica³⁶	Significado
<i>Babá</i>	Ioruba	Igual à Yalorixá, Babalaô
<i>Babalaô</i>	Ioruba	Cargo religioso, 5º iniciação no ritual de Umbanda de Almas e Angola
<i>Bamba</i>	Banto	Pessoa que é autoridade em determinado assunto
<i>Cambone</i>	Ioruba	Cargo religioso, aquele que auxilia as entidades
<i>Gangá</i>	Banto-Quimbundo	1. Chefe da união de terreiro; 2. Chefe de antigos terreiros de cambindas.
<i>Mãe-Pequena</i>	Português	Cargo religioso, terceiro Iniciação no Rito de umbanda Almas e Angola
<i>Morubixaba</i>	Tupi	Chef. Indígena
<i>Ogãs</i>	Ioruba	Cargo, função, Pessoa iniciada para tocar o atabaque
<i>Pai-de-cabeça</i>	Português	Orixá dono do Ori
<i>Pai-de-Santo</i>	Português	Sacerdote; Aquele que inicia outro no Axé
<i>Quirimbamba</i>	Tupi	Corajoso
<i>Tatá</i>	Banto-Quimbundo	O(a) mais velho(a)
<i>Tupã</i>	Banto-Quimbundo	O(a) mais velho(a)

³⁵ Essa etimologia foi proposta em Lopes (2003).

³⁶ A etimologia Banto segue o proposto por Lopes (2003); A etimologia em Línguas Indígenas segue o Proposto por Cunha (1998); A etimologia Yorubá segue o proposto por Beniste (2021).

Quadro 4 – Cargos hierárquicos, títulos e funções

(conclusão)

Lexia	Origem etimológica³⁷	Significado
<i>Tupã</i>	Tupi	Divindade
<i>Yalorixá</i>	Iorubá	Cargo religioso, 5º iniciação no ritual de Umbanda de Almas e Angola
<i>Capangueiro</i>	Banto-Quimbundo	Guarda-costas

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

4.2.2 Cozinha-de-santo

Sobre o Quadro 4, a cozinha-de-santo exerce um papel essencial para as comunidades afro-religiosas, pois o alimento de origem animal ou vegetal é a conexão com os Orixás. Segundo Camargo, Costa, Ulbrich (2021), apoiadas em Mortanari (2018), a comida está intimamente ligada à cultura, desde seus cultivos até o seu consumo, trazendo a sua origem étnico-identitária seja quando o pai-de-santo passa sobre o corpo na busca de axé, seja quando esse alimento é servido ao orixá ou à comunidade (Camargo; Costa; Ulbrich, 2021). O ato de comer é conhecer o outro, para além disso, é uma representação da própria história da umbanda e suas assimilações. Desse modo, para a mesma autora,

Para a religião ao transformar os alimentos em comidas estamos exercendo um ritual importante através das rezas, das colheitas, da comensalidade, no movimento que fazemos com o corpo, com as técnicas de preparo, tornando-o sagrado. Neste sentido a religião, oportunizou o acesso à alimentação, fazendo referência para além da religião, e sim para o nutrir biologicamente o corpo. Em outras ocasiões o alimento que foi oferecido ao Orixá ou divindade, cumprindo sua função que é de dar oásis, o poder, porém, deverá seguir o seu ciclo, que finaliza ao ser despachado, servindo de alimento aos animais ou adubo para a terra. (Camargo; Costa; Ulbrich, 2021, p. 121-122).

Compreende-se, portanto, que é na cozinha-de-santo que a alquimia acontece, ou seja, a magia de transformar o fruto da terra em axé que nutre o corpo, o espírito e o sagrado. É esse axé que será ofertado aos ancestrais e sustentará o território e a comunidade em seu entorno. Sendo assim, o alimento traz segurança alimentar não só para os indivíduos sediados nesses territórios como, também, para aqueles que, embora não compartilhem da mesma fé, encontram nos terreiros comida para sanar a fome.

³⁷ A etimologia Banto segue o proposto por Lopes (2003); A etimologia em Línguas Indígenas segue o Proposto por Cunha (1998); A etimologia Yorubá segue o proposto por Beniste (2021).

Ao observarmos os termos associados à cozinha-de-santo, é possível perceber que, entre todos os campos, esse, talvez, seja aquele que possui proporcionalmente mais lexias de uso inclusivo, isto é, ele é menos restrito às comunidades afro-religiosas. Os termos englobados nesse campo de uso inclusivo e com origem em línguas africanas são: *Acarajé*, *Angu*, *Dendê*, *Fubá* e *Vatapá*. Entre os de uso restrito ou exclusivo das comunidades, estão: *Marafa*, *Curiá*, *Omoloko*. Sendo que apenas *Acarajé*, *Omoloko* e *Vatapá* possuem suas origens na língua Iorubá,³⁸ como se pode observar no Quadro 5.

Quadro 5 – Cozinha-de-santo

Lexia	Origem³⁹	Significado
<i>Acarajé</i>	Iorubá	Bolinho de feijão-fradinho descascado frito no azeite de dendê. Etm. àkàrà+jé
<i>Curiá</i>	Banto - Umbundo	Bebida
<i>Dendê</i>	Banto	O fruto do dendezeiro
<i>Fubá</i>	Banto-Quimbundo	Farinha de Milho
<i>marafa</i>	Banto- Quicongo	Cachaça
<i>Omoloko</i>	Iorubá	1. Comida; 2. Tradição afro-brasileira
<i>Vatapá</i>	Iorubá	Comida. Etm. Vata'pa
<i>Angu</i>	Fon	Comida
<i>Cambuca</i>	Tupi	Pote

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

4.2.3 Plantas, ervas e sementes

Em relação às *Plantas, ervas e sementes*, esse campo é parte importante da cultura afro-religiosa, pois representa a seiva sagrada que está inserida em todas as iniciações, seja através dos banhos ou de outros ritos. Segundo Camargo (1976 *apud* Ferreira *et al.*, 2021, p. 2), o uso das plantas, das ervas e das sementes nos ritos de Umbanda remontam à influência dos indígenas, dos curandeiros e feiticeiros africanos traficados para o Brasil. Além disso, o uso das ervas para curar é “[...] uma prática milenar e, possivelmente, tão antiga quanto a própria humanidade, confundindo-se com sua história de vida” (Lorenzi; Matos, 2008; Almeida, 2016 *apud* Ferreira *et al.*, 2021, p. 2). Na Umbanda, as ervas são parte intrínseca a todos os rituais, desde a defumação que inicia todos os trabalhos até as maiores iniciações. Porém, nos dados

³⁸ A etimologia segue o proposto por Beniste (2021).

³⁹ A etimologia Banto segue o proposto por Lopes (2003); a Etimologia em Línguas Indígenas segue o proposto por Cunha (1998); a etimologia Yorubá segue o proposto por Beniste (2021).

coletados para esta dissertação, dentre as lexias de origem africana englobadas no campo lexical “Plantas, Ervas e Sementes”, apenas quatro se originam do Iorubá, sendo elas: *Ewê*, *Mariô*, *Obi*, *Orobô*. Ainda assim, mesmo com o baixo número de ocorrência de termos do tipo, é importante destacar que o espaço de prestígios deste campo para a comunidade analisada fica expressa na ocorrência dos termos do mesmo campo lexical, porém, de origem não-africana.

(2)

A Umbanda cheirou *arruda*,
A Umbanda cheirou a *guiné*,
A Umbanda cheirou *alfazema*
Com as ervas da Jurema.

/:A Umbanda cheirou,
a umbanda cheirou a defumador.:/

(Livro de Pontos “Tenda De Umbanda Caboclo Tupiniquim”, p. 09).

No Quadro 6, não expusemos os termos desse campo lexical que não possuem origem em línguas africanas, exceto aqueles termos de origem Tupi, pois acreditamos que, para essa análise, é necessário destacar também as contribuições de línguas indígenas ao vocabulário dessas comunidades.

Quadro 6 – Plantas, ervas e sementes

Lexia	Origem ⁴⁰	Significado
<i>Angá/Ingá</i>	Tupi	Árvore
<i>Cipó</i>	Tupi	Trepadeira herbácea
<i>Ewê</i>	Iorubá	Folha
<i>Indaiá</i>	Tupi	Palmeira
<i>Jurema</i>	Tupi	1. Planta Sagrada; 2. Entidade de Oxossi
<i>Mariô</i>	Iorubá	Folha do dendezeiro. Etm. Mariwô
<i>Obi</i>	Iorubá	Produto vegetal, noz-de-cola
<i>Orobô</i>	Iorubá	Semente
<i>Samambaia</i>	Tupi	Planta

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Desconsiderando as lexias de origem Tupi, podemos observar que todas as demais lexias encontradas na amostra e expressas no Quadro 6 são de origem etimológica Iorubá e são de uso exclusivo das comunidades afro-religiosas.

⁴⁰ A etimologia Banto segue o proposto por Lopes (2003); a etimologia em Línguas Indígenas segue o proposto por Cunha (1998); a etimologia Yorubá segue o proposto por Beniste (2021).

4.2.4 Espaços sagrados e práticas

Em *Espaços sagrados e Práticas* foram agrupados os termos que buscam como referencial não só a lexia centralizadora deste trabalho “terreiro”, mas, também, aqueles que, a partir da filosofia dessas comunidades, são pontos de conexão, sejam eles internos ou externos aos terreiros. As lexias que compartilham a origem etimológica nas línguas Banto, com exceção de *Macumba*, *Mandinga* e *Mironga*, que são de uso inclusivo, *Aruanda*, *Banda*, *Calunga*, *Canjerê*, *Canjirá*, *Cansuá*, *Gira*, *Gongá* e *Macaia* são todas de uso exclusivo.

Além desses termos, foram encontrados *Ilê* e *Jacutá*, que compartilham suas origens no Iorubá e são de uso exclusivo. No Quadro 7, a seguir, podemos observar esses termos e os demais termos englobados nesse campo lexical.

Quadro 7 – Espaços sagrados e práticas

(continua)

Lexia	Origem⁴¹	Significado
<i>Arerê</i>	Indeterminada	Semelhante a Fuzuê, encontro barulhento de pessoas.
<i>Aruanda</i>	Banto	Morada mítica dos orixás e entidade
<i>Banda</i>	Banto- Quimbundo	Lugar de origem de uma entidade de Umbanda
<i>Calunga</i>	Banto	Lugar Sagrado; Grande Mar, Cemitério. Etm. Kalunga
<i>Canjerê/Cangerê</i>	Banto-Quimbundo	1. Encontro Religioso; 2. Feitiçaria
<i>Canjirá</i>	Banto	Local de força importante de um templo umbandista
<i>Cansuá/Cazuá</i>	Banto-Quimbundo	Local, terreiro ou salão onde se realizam cerimônias, nos rituais de origem Banto. Do quimbundo nzua, cabana.
<i>Caricó</i>	Indeterminada	Templo; Terreiro
<i>Congá/Gongá</i>	Banto-Quimbundo	Terreiro
<i>Gira</i>	Banto-Umbundo	Sessão, culto. etm. <i>chila</i>
<i>Gogue</i>	Indeterminada	Barco
<i>Humaitá</i>	Tupi	Morada de Ogum
<i>Ilê</i>	Iorubá	Casa, Moradia
<i>Jacutá</i>	Iorubá	1. Denominação de altar, Casa de Santo; 2. Título concedido a Xangô

⁴¹ A etimologia Banto segue o proposto por Lopes (2003); a etimologia em Línguas Indígenas segue o proposto por Cunha (1998); a etimologia Yorubá segue o proposto por Beniste (2021).

Quadro 7 – Espaços sagrados e práticas

(conclusão)

Lexia	Origem ⁴²	Significado
<i>Macaia</i>	Banto- Quicongo	1. Casa; Local das matas onde se reúnem os terreiros; 2. Folhas sagradas. etm. Makaia
<i>Mandinga</i>	Bantu-Quicongo	Bruxaria; Feitiço; Talismã
<i>Mironga</i>	Bantu-Quibundo	Feitiço, sortilégio, bruxedo
<i>Macumba</i>	Banto- Quimbundo	1. Encontro Religioso; 2. Feitiçaria
<i>Terreiro</i>	Português	Local de culto aos Orixás
<i>Urucaia</i>	Tupi	Lugar sagrado

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Vale nos atentarmos aos referenciais dos termos inseridos nesse campo lexical, pois *Cansuá*, *Gongá* e *Banda*, assim como, *Macumba*, *Mandinga* e *Mironga* são sinônimos que não só coexistem, mas são amplamente usados dentro da comunidade estudada. Para melhor compreensão desse dado é necessário que sejam avaliados os mecanismos que provocam o uso de determinado termo em uma situação específica, que não provoca em outra.

Kátia Regina Luz (Apêndice IV) aponta que as distinções se dão da seguinte particularidade: *Cansuá* é mais usual pelas entidades do grupo preto-velhos; *Gongá* está associado a um lugar sagrado pequeno, pode ser um terreiro pequeno, o altar, o ronco⁴³; Já *Banda* pode ser qualquer reunião.

Ela ainda explicou que *mandinga* é o trabalho de feitiçaria, mas *mironga* são simpatias ou rezas, como podemos observar nos seguintes trechos:

[00:50:34] *Porque gongá é com... primeiro, o gongá é um peji, o gongá é um altar, um gongá é um, um, um espaço onde você vai benzer alguém que tem seu santinho, lá, tem a coisa de uma entidade, de um guia, tudo isso é “gongá”.*

[00:51:19] *Então, é isso, banda é o povo, né? Então, “Ah, vamos pra banda”, “vamos fazer uma banda”, vamos juntar o povo, vamos fazer a coisa...*

[00:51:30] *Não [é] físico. É a união do povo naquele movimento, naquela, naquele rito, naquele axé, naquela força, que vai acontecer ali.*

[00:51:49] *A gente usa, cazuá se usa também, por exemplo, quando a gente tem muita gente na casa e a gente quer que pegue alguma coisa, na, no, no, no, no, no, no quartinho de Santo, onde tem o pote de cabeça, um patuá, alguma coisa, a gente tá, “Vai lá no cazuá, pega lá um negocinho”.*

[00:53:25] *Tá, macumba é um [pausa] um tipo de ritual.*

⁴² A etimologia Banto segue o proposto por Lopes (2003); a etimologia em Línguas Indígenas segue o proposto por Cunha (1998); a etimologia Yorubá segue o proposto por Beniste (2021).

⁴³ Lugar sagrado onde se recolhe os iniciados, onde se guarda objetos sagrados.

[00:53:51] Olha. *A mandiga, ela tem várias características, não é? Uma delas é... São orações, e... ou qualquer ritual que tu vá fazer, para qualquer coisa.*

[00:54:27] *A mironga seria quase como se fosse uma simpatia. Sabe quando a pessoa vai rezar e vai fazer simpatia, ela vai fazer uma simpatia para achar uma coisa perdida. Vai fazer o responso do Santo Antônio.* (Entrevista Kátia Regina Luz).

Na contramão disso, a segunda informante, Eliete Ignês Espindola (Apêndice V), afirma desconhecer o termo *Cansuá*. Ainda, na concepção dessa entrevistada, *Macumba*, *Mandinga* e *Mironga* são sinônimos, assim como *banda* é sinônimo de terreiro, conforme destacado nos seguintes trechos:

[00:15:04] [banda] *É o terreiro.*

[00:15:07] *Gonga também, eu sei que é onde fica os Santos, né?*

[00:15:38] *Mironga. Eu sei!*

[00:15:41] *É feitiço. A gente fazer mal para a outra pessoa, né? É mironga.*

[00:16:22] *Fazendo mindingagem, é. É feitiço também.*

[00:15:19] [Cazuá] *Isso é mais novo, né? Esse?* (Entrevista Eliete Ignês Espindola).

4.2.5 Som, dança e música

No que tange ao som, esse é personificado. O atabaque, um dos muitos instrumentos que se encontra dentro do terreiro, tem vida própria, passa por iniciações e banhos e é alimentado para que possa ecoar as rezas que nos conectam aos nossos ancestrais, ou seja,

Tamanho é o valor da música, nas religiões afro-brasileiras, que seus rituais públicos iniciam, se desenvolvem e terminam concomitantemente com ela; também são vários os ritos onde a ausência da música é inconcebível (Cardoso, 2006, p. 1).

Cada música conta uma história, invoca um orixá, sendo assim, cada música vem acompanhada de uma dança ancestral. Diferente do Candomblé, a Umbanda de Almas e Angola não conta com toques distintos para cada situação, o atabaque ecoa o mesmo som que vibra o ar, vibra o corpo e leva os médiuns ao transe. Na amostra, encontramos instrumentos não convencionais de uso na Umbanda de Almas e Angola, como: *Berimbau*, *Bumbo*, *Gonguê*, todos de origem Banto. Além disso, há aqui registrado *Batuque*, que, na amostra, referencia o próprio som; *Corimba*, que, segundo Lopes (1999), é um cântico religioso e *Congado*, que, segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, é uma dança que representa a coroação

da realeza do Congo, porém, na nossa amostra, parece recuperar um lugar, talvez, um momento, como veremos a seguir.

(3)

De rara beleza gue vive cantando

Profunda grandeza

A sua riqueza

Vem lá do passado

Vem lá do *Congado*

(Livro De Pontos “Local de Autoria Não Identificado”, p. 66).

O único termo desse campo lexical encontrado na amostra, que possui origem na língua Iorubá, é *Ijexá*. Provindo das terras da Nigéria, de uma região onde predomina o culto a Oxum (Lühning, 1990, p. 123), esse toque/ritmo é ecoado para diversos orixás no Candomblé e em algumas vertentes da Umbanda, porém, na Umbanda de Almas e Angola, não é tocado *Ijexá* em nenhuma ocasião. O termo *Ijexá*, que além de ser um toque é, também, um ritual, está dicionarizado no Português e seu uso é inclusivo, ou seja, irrestrito, fazendo parte da Música Popular Brasileira. Observemos o Quadro 8:

Quadro 8 – Som, dança e música

Lexia	Origem⁴⁴	Significado
<i>Atabaque</i>	Árabe	Instrumento africano de percussão
<i>Batuque</i>	Banto	1. Designação comum a certas danças afro-religiosas; 2. Batucada; 3. Culto religioso afro-gaúcho.
<i>Berimbou</i>	Banto-Quimbundo	Tocou berimbau
<i>Bumbo</i>	Banto- Quicongo	Instrumento de percussão
<i>Congado</i>	Banto	Dança que representa a coroação de um rei ou rainha do Congo.
<i>Corimba</i>	Banto	1. Cântico Religioso afro-brasileiro; 2. Dança
<i>Gonguê</i>	Banto	1. Pequeno tambor; 3. Espécie de agogô
<i>Ijexá</i>	Iorubá	Ritmo musical
<i>Maracanã</i>	Tupi	Semelhante a um chocalho. Etm. maraka'nã
<i>Maracatu</i>	Tupi	Instrumento de percussão

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

⁴⁴ A etimologia Banto segue o proposto por Lopes (2003); a etimologia em Línguas Indígenas segue o Proposto por Cunha (1998); a etimologia Yorubá segue o proposto por Beniste (2021).

Podemos perceber que, embora o Quadro 9 seja composto majoritariamente por termos de origem Banto, entre os termos de origem africana, apenas *Berimbou*, *bumbo*, *Ijexá* e *Batuque* são de uso inclusivo, ou seja, são usados fora do contexto religioso.

4.2.6 Instrumentos sagrados e vestimentas

Nesse Campo lexical, destacamos os objetos e instrumentos usados com fim sagrado e as vestimentas ou adereços que possuem o estado de sagrado. Sendo assim, *Cachimbo*, *Missanga*, *Fundanga* e *Pemba*⁴⁵ são objetos/instrumentos sagrados de origem Banto. Já o único termo encontrado de origem Iorubá é *Adê*⁴⁶, como podemos observar no Quadro 9:

Quadro 9 – Instrumentos sagrados e vestimentas

Lexia	Origem	Significado
<i>Adê</i>	Iorubá	Coroa Ornamentada usada pelos orixás
<i>Atabaque</i>	Árabe	1. Instrumento de Percussão
<i>Cachimbo</i>	Banto- Quimbundo	Etm. Kixima
<i>Fundanga</i>	Banto-Quimbundo	Pólvora
<i>Guia</i>	Português	1. Colar de contas; 2. entidade espiritual
<i>Missanga</i>	Banto-Quimbundo	Miçanga
<i>Patuá</i>	Tupi	Amuleto
<i>Pemba</i>	Banto-Quimbundo	Giz
<i>Pito</i>	Indeterminada	1. Cigarro; 2. Cachimbo

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Dos termos mostrados no Quadro 10 que possuem origem em línguas africanas, apenas *cachimbo* e *missanga* são de uso inclusivo, ambos herdados do Quimbundo/Kimbundo, língua do grupo Banto falada em Angola.

4.2.7 Nações e tradições

Neste campo lexical, observamos que há a ocorrência de termos referenciando nações, como é o caso *Quimbanda*, *Umbanda*, *Candomblé*, esse último com origem etimológica

⁴⁵ Um giz usado nos trabalhos de feitiçaria e outros.

⁴⁶ Coroa ornamentada usada pelos orixás.

questionável. Para Castro, Candomblé “[...] vem do étimo Banto ‘ka-n- dómb-íd-é>kà-n-dómb-éd-é >ka-n-dómb-él-é’, derivado nominal dever- bal de ‘kù-lómb-à>kù-dómb-á’, louvar, rezar, invocar” (Castro, 1983, p. 83). Porém, no *Dicionário dos cultos afro-brasileiros* produzido por Cacciatorea, a origem de Candomblé é Iorubá, a partir da junção candombé-ile. No Quadro 10, será possível observar a presença da lexia *Omoloko*, que já apareceu em outro campo lexical. Isso ocorre, pois, em algumas ocorrências, o termo se refere à comida feita com feijão fradinho, no entanto, em outras ocorrências se refere à tradição *Omoloko*.

Quadro 10 – Nações e tradições

Lexia	Origem⁴⁷	Significado
<i>Candomblé</i>	Banto-Quimbundo	Tradição afro-religiosa
<i>Omoloko</i>	Iorubá	1. Comida; 2. Tradição afro-brasileira
<i>Quimbanda</i>	Banto-Quimbundo	Tradição Afro-Religiosa
<i>Umbanda</i>	Banto-Quimbundo	Tradição Afro-Religiosa
<i>Aimoré</i>	Tupi	Tribo indígena

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

4.2.8 Saudações e Deuses

Nos que se refere ao Panteão dos orixá Iorubá, estima-se que na África há centenas de Orixá, porém, para o Brasil, foram trazidas apenas algumas dezenas deles. Na Umbanda de Almas e Angola são cultuados apenas doze Orixás, todos eles encontrados na nossa amostra: *Iansã, Iemanjá, Exú, Nanã Buruque, Obaluaê, Ogum, Oxalá, Oxossi, Oxum, Pomba-gira, Xangô, Ibeji/Ibeijada*.

(4)

Eu abro a minha gira,
 Ó mironga,
 Sem minha gira
 Eu não posso trabalhar.
 /:Se é na fé,
 na fé de *Oxalá*, Meu Pai,
 Sem ele eu não posso trabalhar.:/
 *Eu abro a minha gira,
 ó mironga,
 sem minha gira
 eu não posso trabalhar.:/
 *...Se é na fé,

⁴⁷ A etimologia Banto segue o proposto por Lopes (2003); a etimologia em Línguas Indígenas segue o Proposto por Cunha (1998); a etimologia Yorubá segue o proposto por Beniste (2021).

na fé de *Yemanjá*, Meu Pai,
Sem ela eu não posso trabalhar.:/
*...*Ogum, Nanã, Xangô, Ynhasã,*
Oxóssi, Oxum, Beijada,
Santas Almas e *Exu*

(Livro De Pontos Terreiro De Umbanda Reino De Iemanjá”, p. 10).

Ainda assim, encontramos outras lexias de origem Iorubá relacionadas “aos deuses” são: *Alafim, Aganju, Agodô, Apará, Bará, Cindá, Eguns, Erês, Malê, Marabo, Megê, Obá, Olorum, Oloxum, Omulú, Orixá, Orixalá, Ossãe, Oxumaré, Xoroque, Yalode*. Além disso, na amostra há 15 lexias de saudações de mesma origem: *Atotô, Epa Babá, Eparrey, Kaô Cabecilê, Laroyê, Mojubá, Odojá, Odociabá, Ogunhê, Okê Arô, Oni, Ora yêyê ô, Patacori, Salumbá, Saravá*. Também encontramos na amostra *Zambi, Matamba* e *Kayala*, de origem Banto, como podemos ver no Quadro 11.

Quadro 11 – Saudações e Deuses

(continua)

Lexia	Origem⁴⁸	Significado
<i>Alafim</i>	Iorubá	1. Qualidade de Xangô; 2. Título de nobreza
<i>Aganju</i>	Iorubá	1. Adj. Lugar inóspito; 2. Pai de Xangô; 3. Qualidade de Xangô
<i>Adorei</i>	Português	Saudação às Almas
<i>Agodô</i>	Iorubá	Qualidade de Xangô
<i>Agoiê</i>	Iorubá	Resposta a um pedido de licença "Agô"
<i>Apará</i>	Iorubá	Divindade, Òpára
<i>Atotô</i>	Iorubá	1. Saudação a Obaluaê; 2. Silêncio
<i>Bará</i>	Iorubá	Variedade de Exú
<i>Catende</i>	Banto-Quicongo	Inquice banto correspondente às vezes a Iroco, às vezes a Ossain.
<i>Cindá</i>	Iorubá	Nome do orixá Oxum nos terreiros de Omolocô.
<i>Eguns</i>	Iorubá	Espíritos desencarnados, considerados como elementares, são almas ou espíritos dos mortos.
<i>Epa Babá</i>	Iorubá	Saudação a Oxalá
<i>Eparrey</i>	Iorubá	Saudação a Oxalá
<i>Erês</i>	Iorubá	1. Igual a ibejada; 2. Brincar
<i>Exú</i>	Iorubá	Orixá da comunicação e do caminho.

⁴⁸ A etimologia Banto segue o proposto por Lopes (2003); a etimologia em Línguas Indígenas segue o Proposto por Cunha (1998); a etimologia Yorubá segue o proposto por Beniste (2021).

Quadro 11 – Saudações e Deuses

(continuação)

Lexia	Origem	Significado
<i>Iansã</i>	Iorubá	Orixá dos ventos
<i>Ibeijada/Beijada</i>	Indeterminada	Variação de Ibeji, Erês
<i>Iemanjá</i>	Iorubá	Orixá das águas, mãe de todas as cabeças.
<i>Kaô Cabecilê</i>	Iorubá	Saudação a Xangô
<i>Kayala</i>	Banto	É um dos nomes de Quissimbe, o inquice Banto responsável pelos mistérios das águas.
<i>Laroyê</i>	Iorubá	Saudação a Exú
<i>Malê</i>	Iorubá	Falange de Ogum
<i>Malei-me</i>	Banto	1. Perdão; 2. Interj. Pedido de compaixão, piedade, misericórdia. Etm. Malembe.
<i>Marabo</i>	Iorubá	Falange de Exú
<i>Matamba</i>	Banto- Quicongo	Entidades correspondentes à Iansã Nagô; 2. Nome de um inquice.
<i>Megê</i>	Iorubá	Falange de Ogum
<i>Mojubá</i>	Iorubá	Saudação a Exú, eu te saúdo
<i>Nanã Buruque</i>	Iorubá	Orixá da sabedoria e dos pântanos
<i>Obá</i>	Iorubá	Orixá do Rio Obá
<i>Obaluaê</i>	Iorubá	Orixá cura, do respeito aos mais velhos, da terra e da morte
<i>Odociabá</i>	Iorubá	Saudação à Iemanjá
<i>Odojá</i>	Iorubá	Saudação à Iemanjá
<i>Ogum</i>	Iorubá	Orixá da guerra e dos instrumentos de trabalho.
<i>Ogunhê</i>	Iorubá	Saudação a Ogum. etm. Ogum yê Ogum Vive.
<i>Okê Arô</i>	Iorubá	Saudação a Oxossí
<i>Olorum</i>	Iorubá	Deus supremo
<i>Oloxum</i>	Iorubá	Divindade associada a Oxum
<i>Omulú</i>	Iorubá	Orixá da doença e da cura
<i>Oni</i>	Iorubá	Saudação Beijada
<i>Ora yê yê ô</i>	Iorubá	Saudação à Oxum
<i>Orixá</i>	Iorubá	Divindade
<i>Orixalá</i>	Iorubá	Criador da humanidade; um dos nomes de Oxalá

Quadro 11 – Saudações e Deuses

(conclusão)

Lexia	Origem	Significado
<i>Ossãe</i>	Iorubá	Orixá das folhas
<i>Oxalá</i>	Iorubá	O orixá criador do Universo
<i>Oxossi</i>	Iorubá	Orixá das matas e da caça.
<i>Oxum</i>	Iorubá	Orixá das águas doce, da fertilidade e do ouro.
<i>Oxumaré</i>	Iorubá	Orixá que une o céu a terra
<i>Patacori</i>	Iorubá	Saudação a Ogum. Etm. Pàtàkòrí: Pàtàkì+Orí
<i>Pomba-gira</i>	Indeterminada	Orixá feminino dos caminhos
<i>Preto-Velho</i>	Português	Linha de entidades da Umbanda
<i>Salumbá</i>	Iorubá	Saudação á Nanã, Salubá
<i>Saravá</i>	Iorubá	Saudação
<i>Xangô</i>	Iorubá	Orixá da Pedreiras e da Justiça
<i>Xetruá</i>	Indeterminado	Saudação de Caboclos
<i>Xoroque</i>	Iorubá	Qualidade de Ogum
<i>Yalode</i>	Iorubá	1. Qualidade de Oxum; 2. Título dado á Oxum "Aquela que lidera as mulheres"
<i>Zambi</i>	Banto	Deus-Supremo

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Ao observar o Quadro 12, podemos perceber que, para além dos deuses e das saudações, englobamos alguns outros termos, são eles: *Agoiê*, que parece ser um desvio ortográfico da expressão *Àgò yà* (licença concedida)⁴⁹; *Malei-me* parece ser um desvio ortográfico de *maleme* (pedido de perdão). Além disso, encontramos termos de uso exclusivo que possuem origem no português, como: *Adorei* – Saudação às Almas – e *Preto-velho* – Entidades da energia das Almas.

Consideramos as lexias *Iansã*, *Iemanjá*, *Exú*, *Nanã Buruque*, *Obaluaê*, *Ogum*, *Oxalá*, *Oxossi*, *Oxum* e *Xangô* como lexias de uso inclusivo, isso porque, embora sempre referenciem a cultura afro-religiosa, são usadas em outros contextos por integrantes e não integrantes dessas comunidades. Sendo assim, os demais termos de origem africana são de uso exclusivo das comunidades afro-religiosas, isto é, 89% da amostra total contida no Quadro 12, incluindo os termos de origem africana e não africana, são de uso mais restrito ao contexto das comunidades.

⁴⁹ Àgò (Licença); Àgò onilé o! (Licença ao dono da casa!) – A pessoa pede antes de entrar; Àgò yà! (Licença concedida) – Diz quem se encontra dentro do local.

Além das lexias encontradas na amostra e expostas nos quadros anteriores, ainda encontramos 11 lexias que referenciam animais, 10 delas têm origem no Tupi e foram englobadas no Quadro 12. Por limitações metodológicas, também colocamos no Quadro 12 outros termos que não conseguimos qualificar em um único campo lexical, são eles: *Axé*, *Cochila*, *Odará* e *Xodó* de origem africana e, de origem em línguas europeias, *Arriado*, *Bater-Cabeça*, *Coroa*, *Corrente*, *Demanda*, *Firma*, *Formoza*, *Mocho* e *Ponto*.

Quadro 12 – Animais e outras Lexias

(continua)

Lexia	Origem	Significado
<i>Aló</i>	Iorubá	Ir embora. Etm. Provável Àilò: Desenraizado
<i>Arriado</i>	Espanhol	1. Entidade incorporado
<i>Axé</i>	Iorubá	Energia, força vital
<i>Bater-Cabeça</i>	Português	1. Ato de deitar de braços sobre o chão em sinal de respeito.
<i>Canoa</i>	Tupi	Embarcação leve de pequeno porte
<i>Coroa</i>	Português	Coroa Mediúnica
<i>Corrente</i>	Português	Conjunto de médiuns de um terreiro
<i>Cochila</i>	Bantu- Quicongo	dormir
<i>Demanda</i>	Português	1. Desentendimento; 2. Energia negativa
<i>Firma</i>	Português	1. Consolidar, fortalecer, confirmar; 2. Acessório de porcelana
<i>Formoza</i>	Português	Adj. Bem
<i>Inhambu</i>	Tupi	Ave
<i>Jararaca</i>	Tupi	Serpente
<i>Jibóia</i>	Tupi	Serpente
<i>Juriti</i>	Tupi	Ave
<i>Lambú</i>	Tupi	Ave
<i>Macuco</i>	Tupi	Ma'kuku: Ave brasileira
<i>Mocho</i>	Espanhol	Coruja
<i>Odará</i>	Iorubá	Bom, bonito, bem feito
<i>Sabiá</i>	Tupi	Ave
<i>Sucuri</i>	Tupi	Serpente

Quadro 12 – Animais e outras Lexias

(conclusão)

Lexia	Origem	Significado
<i>Surucucu</i>	Tupi	Serpente
<i>Ponto</i>	Português	1. Símbolo riscado com a pomba; 2. Cântico
<i>Xodó</i>	Bantu-Quimbundo	Afeto

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Ainda sobre o Quadro 12, podemos perceber que, entre as seis lexias de origem africana, *Odará*, *Aló* e *Axé* são as únicas que possuem suas origens no Iorubá. Além disso, com exceção de *Odará* e *Aló*, que possuem um uso mais exclusivo ou, ao menos, não são usadas de forma demasiada em outros contextos, tanto as lexias de origem Iorubá quanto as de origem Banto são de uso inclusivo, ou seja, não é restrito às comunidades afro-religiosas.

Contudo, é preciso destacar que os termos *Ponto*, *Firma*, *Demanda*, *Coroa*, *Bater-Cabeça* e *Arriado*, exceto esse último, que é de origem espanhola, têm sua origem no português e passaram por uma ressignificação no contexto da comunidade analisada. Sendo assim, consideramos que os termos que são ressignificados são de uso exclusivo, já que o seu uso em outro contexto possui outro referencial no mundo. No entanto, não colocamos nessa última lista a lexia *corrente*, pois entendemos que, embora seu significado dicionarizado não seja o mesmo daquele usado nas comunidades, também é usado em outros contextos com sentido semelhante, por exemplo, *corrente de oração*. Por limitações metodológicas, não conseguimos verificar a origem etimológica do termo *Aló*, mas exibimos uma ocorrência para exemplificar.

(5)

Cambono, ele vai *aló*,
meu cambono,
vai num gira só.:/
/:Seu gongá fica aí,
cambono ele vai partir.:/

(Livro De Pontos “Terreiro De Umbanda Reino De Iemanjá”, p. 64).

Ao observar os pontos escritos, que são um recorte muito pequeno desses territórios, dado o protagonismo da tradição oral nas comunidades, podemos perceber, por meio das origens etimológicas dos léxicos inclusivos e exclusivos encontrados, as influências dos povos africanos, principalmente os de origem Banto e Iorubá, na formação étnico-cultural da Umbanda de Almas e Angola. Nesse sentido, podemos citar as 57 ocorrências da palavra *Zambi* na amostra, que se refere à divindade suprema dos povos Banto e ocorre na Umbanda. Além

disso, podemos observar a ocorrência da palavra *Tatá*, que é como se denomina o cargo do Pai-de-santo nas tradições Banto e quando usada na Umbanda é ressignificado como “*o mais velho*”.

(6)

/:Com licença de *Zambi*,
eu vou abrir minha orucaia,:/
Mas é na fé de *Oxalá*,
Eu vou abrir minha orucaia.
Com licença de *Zambi*.

(Livro De Pontos “Terreiro De Umbanda Reino De Iemanjá”, p. 11).

Dos pontos analisados e apresentados nos quadros acima, podemos perceber que grande parte possui origem etimológica na língua Quimbundo. Segundo Castro, essa língua é falada na região central de Angola “[...] entre a ilha de Luanda, Capital do país, Malanje, Bengo, Kwanza norte até Ambriz” (Castro, 2022, p. 83-84). Se retornarmos à seção 1 desta dissertação, à luz de Castro (2022), saberemos que o tráfico de escravos nessa região ocorreu no século XVII e trouxe para a então Colônia cerca de 800 mil pessoas durante a expansão da economia açucareira no Nordeste, descoberta das minas na Bahia e o plantio de tabaco no recôncavo baiano (Castro, 2022, p. 123).

Além dos 40 termos de origem Banto que encontramos na amostra, os dados revelam, também, 67 *lexias* de origem Iorubá. O território Iorubá (Yorubá) compreende uma grande extensão de terra na Nigéria, composto por muitos impérios, que “[...] estende-se dos pântanos e lagoas da orla marítima do Atlântico à distante curva do Rio Níger” (Castro, 2022, p. 114). O comércio escravagista voltou-se para esse povo na última fase do tráfico, no século XIX, porém, ao contrário dos povos Banto, que, segundo os dados de Castro (2022, p. 121), ficaram concentrados em diversos estados do Nordeste, do Centro-oeste e do Sudeste, os escravos de origem Iorubá se concentraram principalmente no centro urbano de Salvador (Castro, 2022, p. 121).

Nesse sentido, podemos perceber como foi intenso, também, o processo de assimilação com o catolicismo e expresso nos pontos. O sincretismo é intensamente usado tanto para guias (Eguns⁵⁰ que vêm guiar, trabalhar), quanto para personificar os orixás através do sincretismo. Nos dados colhidos, 32% da amostra é composta por termos de origem em línguas não-africanas, entre elas há *lexias* da língua do colonizador, que foram ressignificadas nesse contexto afro-religioso, por exemplo, *Mãe-pequena* (cargo iniciático) e *Bater-cabeça*, esse

⁵⁰ De origem Iorubá significa espírito ancestral.

último, embora seja sugestivo, dentro dos terreiros ganha um sentido sagrado que transcende a ação de encostar a cabeça no chão.

Ao olhar para esses e os demais termos que encontramos na amostra, se destacam, em meio aos pontos, as polissemias, como é o caso de “*Macumba*”, que em 16 ocorrências referenciam a sessão ritualística, mas também, em outros momentos, aos trabalhos de feitiçaria, como em: “Eu nunca vi preto velho fazer *macumba*”, “Foi na *macumba*”. O mesmo ocorre com a palavra *guia*, que significa tanto o Egun/Entidade, quanto o fio de contas.

Para além disso, a grafia das palavras muda principalmente nos casos em que a origem seja africana. Acreditamos que esse fenômeno ocorra, como já mencionado, devido à tradição de umbanda ser vivencial e o aprendizado se dar pela oralidade. Logo, é possível que a variação no cântico de cada casa e na hora de trazer para o grafema, tenham surgido equívocos devido à fonética. Para materializar essas variações, podemos olhar tanto para o nome dos orixás, como é o caso de *Nanan Buruku*, que nos pontos aparece como *Nanã Boruque* e *Nanã Buruke*, *Inhansã* e *Iansã*; como, também, para as saudações, como *Ogô ya*, que nos pontos aparece como *agoiê*.

Se observarmos atentamente os quadros anteriores, pode-se notar que das 158 lexias presentes nas nossas fontes, apenas *Acarajé*, *Angu*, *Axé*, *Batuque*, *Berimbou*, *Bumbo*, *Cachimbo*, *Cochila*, *Candomblé*, *Dendê*, *Exú*, *Fubá*, *Iansã*, *Iemanjá*, *Ijexá*, *Macumba*, *Mandinga*, *Missanga*, *Mironga*, *Nanã Buruque*, *Nagô*, *Obaluaê*, *Ogum*, *Omoloko*, *Oxalá*, *Oxossi*, *Oxum*, *Quimbanda*, *Vatapá*, *Xangô* e *Xodó* são de uso inclusivo, ou seja, de uso dentro e fora dessas comunidades afro-brasileiras. É possível, ainda, ver que o Quadro 5 é aquele que apresenta o maior número de termos inclusivos.

No universo dos dados tratados, 25% das lexias são de origem em línguas Banto, 42% com origem na língua Iorubá. Destas, 30% são termos de uso inclusivo, ou seja, recorrente no PB. Porém, se confrontarmos esse dado com as percepções das conversas de aproximação com os líderes religiosos, bem como, das entrevistas realizadas durante esta pesquisa e transcritas nos apêndices IV e V, parece que pontos cantados são um recorte muito pequeno da língua falada nos terreiros de umbanda – Almas e Angola. Nesse sentido, o número de ocorrência dos termos exclusivos – que não são de uso em outros contextos – não parece refletir a língua falada naqueles espaços.

Nesse sentido, Mãe Kátia d’Omulú (Kátia Regina Luz), quando questionada sobre a existência e uso de termos exclusivos no contexto das casas-de-santo, afirma que em sua percepção já houve um uso maior, porém, com o acesso à educação e ao mercado de trabalho formal, os integrantes das comunidades acabam por deixar de usar esses termos exclusivos.

Sendo assim, podemos avaliar que essa variação no uso percebida por Mãe Kátia d’Omulú vai ao encontro do que Castro (2011) descreveu em relação ao Candomblé, isto é, uma cristalização da língua das comunidades afro-religiosas diante do prestígio do Português. Nas palavras de Mãe Kátia d’Omulú,

[0:19:27] *Ah! Ah, existe muitas coisas que se fala, assim. Na verdade, tem se perdido. Antigamente, se falava mais expressões de... do cotidiano do Santo do que hoje em dia, né? Hoje em dia é tem uma instituição da violência e do ódio, que as pessoas evitam muito usar qualquer coisa, a não ser que esteja só dentro da [pausa].*

[0:21:10] [O uso de palavras de uso exclusivo] *tá diminuindo muito, eu acho. Eu tenho uma visão que quanto mais as pessoas foram é buscando conhecimento e tendo mais acesso a ir para a Universidade, aos estudos, automaticamente, isso vai se, foi se perdendo, né? Porque o lado profissional da gente vai, vai ocupando a gente num outro papel social, que molda a nossa fala, né? (Entrevista Kátia Regina Luz).*

Diferente da Mãe Kátia d’Omulú, a Yalorixá Leta de Xangô (Eliete Ignês Espindola), a segunda informante, afirmou que não percebe o uso de termos exclusivos, ou seja, um falar distinto daquele que ela usa fora do contexto afro-religioso. Todavia, quando questionada sobre alguns termos de uso exclusivo, Leta de Xangô reconheceu algumas lexias, entre elas: *Banda, Mironga, Macumba, Mandinga, Gira*. Para além dessas, depois de finalizada a gravação, a informante recordou de outros termos que são de uso exclusivo e que ela mesmo usa, entre eles: *Aló, Demanda, Doboru*⁵¹ e *Menga*.⁵² É possível que a Yalorixá não perceba a existência de duas normas distintas (aquela de uso nas comunidade afro-religiosa e a usada em outros contextos) devido aos termos de uso exclusivo das comunidades de tradição afro-religiosa serem inerentes à fala cotidiana dessa entrevistada.

Na entrevista com a Mãe Kátia pudemos perceber que aparecem alguns termos de uso exclusivo do contexto das casas-de-santo. Para além dos já mencionados, destacamos *Epô*⁵³ e *Urupema*⁵⁴. Já em relação à Leta, alguns termos encontrados na amostra aqui analisada não fazem parte do vocabulário dessa entrevistada. Tendo em vista que tanto a Yalorixá de Xangô quanto a Yalorixá de Omulú possuem tempo semelhante em uma comunidade de tradição afro-religiosa, aproximadamente 45 anos, acreditamos que a diferença em relação ao conhecimento de termos de uso exclusivo presentes na amostra não se deve ao tempo ou ao grau hierárquico e, sim, que há outros fatores do recorte social, como veremos a seguir.

⁵¹ Pipoca. Etm. Banto.

⁵² Sangue. Etm. Banto-Quicongo.

⁵³ Dendê.

⁵⁴ Peneira Etm. Tupi.

Kátia Regina Luz, Mãe Kátia d’Omulu, nasceu na década de 1950 e é formada em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina e servidora aposentada do Estado de Santa Catarina. Mulher cis, branca, heterossexual, iniciou-se na Umbanda de Almas e Angola na década de 1980, através de Mãe Hilka de Iansã, na Tenda Espírita Santa Rosa de Lima, no bairro Balneário do Estreito. Mãe Kátia construiu uma trajetória nos movimentos sociais, chegando a fundar a primeira Associação de Terreiros de Umbanda de Almas e Angola em Santa Catarina⁵⁵ e ingressado em diversos conselhos.

Já a Yalorixá Leta de Xangô (Eliete Ignês Espindola) nasceu na década de 1930. Filha de uma família nativa da Tapera, sua mãe era doméstica dos oficiais e seu pai é desconhecido. Mulher Preta Retinta, cis, heterossexual, Eliete estudava com “a professora do Jardim” (uma professora que dava aulas em um jardim da rua), até ser fundada a Escola Tenente Almáchio, onde estudou até o 3º ano do ensino básico. Embora sua mediunidade e suas incorporações tenham começado desde cedo, Leta só conheceu uma comunidade de Tradição afro-religiosa com a chegada da Mãe Dilma de Iemanjá Ogunté à Tapera nos anos 1970. Eliete nunca frequentou outros segmentos afro-religiosos, ou seja, sempre frequentou a mesma casa de santo e, na década 1990, passou pela iniciação para Yalorixá realizada por Mãe Dilma. Profissionalmente, Elite se dividia entre lavar as roupas dos soldados na fonte de água (rio) e na criação dos seus nove filhos. Seu marido, Amâncio Procópio Espindola, analfabeto, vivia da pesca e como jardineiro da Base Aérea de Florianópolis.

Ao observarmos ambas as trajetórias e recortes sociais, percebemos que o fato de a Yalorixá Leta de Xangô não reconhecer alguns termos que estão presentes na amostra e não são presentes na fala da comunidade de tradição em que ela se encontra pode estar relacionado ao fato de Eliete não ter contato com outros segmentos religiosos que utilizam esses termos, bem como, ela ter parado seus estudos ainda no ensino básico, o que não lhe possibilitou contato com as formas linguísticas presentes em outras nações ou que são mencionadas nos cursos que abordam a temática afro-religiosa. Na contramão disso, Kátia sempre teve uma relação próxima com outros segmentos religiosos e busca, em sua fala, resgatar formas que não são usuais na sua comunidade ou que caíram em desuso.

Porém, ainda que muitas das lexias encontradas nos pontos não apareçam na fala dos sujeitos sediados na comunidade estudada, devemos destacar que há outros termos de uso exclusivo de origem africana que aparecem na fala desses sujeitos e que não aparecem na amostra analisada. Sendo assim, podemos perceber que um estudo com dados de fala sob o

⁵⁵ Associação dos Terreiros de Umbanda de Almas e Angola (Atuaa).

arcabouço metodológico da sociolinguística deve apresentar resultados distintos daqueles que encontramos nesta pesquisa, especificamente, em relação aos termos exclusivos que estão presentes na fala dos sujeitos dessas comunidades. Entende-se que, assim, será possível um retrato linguístico mais fidedigno dessas comunidades.

O centralizador que nos motivou até este trabalho foi, justamente, averiguar a influência das línguas africanas no contexto afro-religioso da Grande Florianópolis. Podemos apontar que, dado o papel centralizador da oralidade e dos fatores históricos singulares de Florianópolis, os Terreiros de Umbanda de Almas e Angola tiveram sua língua cristalizada e, salvo exceções, utilizam mais a língua do colonizador, termos dicionarizados no PB e/ou de uso inclusivo, no cotidiano da casa de Santo. Permanecem como exceções as saudações e os orixás, ambos os casos são os de maior ocorrência nos dados coletados e apresentados até aqui.

No entanto, essa observação não afasta a hipótese de que há uma variedade de PB distinta nas comunidades afro-religiosas de Umbanda de Almas e Angola sediadas em Florianópolis, especificamente no Turi, mas que os pontos não conseguem, por influências de outros ritos e da divulgação midiática, retratar a variedade linguística ali falada. Nesse sentido, há o fuxico,⁵⁶ as palavras de encantamento que nomeiam os objetos sagrados, os ritos que não estão expostos nos pontos, mas aparecem na fala, no aprendizado de boca a ouvido.

⁵⁶ O segredo, o mistério.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Nyansa bun um nme mate masie*⁵⁷

Eu ouvi e guardei

Com o objetivo de verificar a influência de línguas africanas na construção sócio-histórica do PB no Sul do Brasil, a partir da análise do léxico em documentos produzidos, ou pontos cantados, em território de tradição Umbanda em Florianópolis, foi necessário voltarmos aos saberes das comunidades afro-religiosas. Isso se deu não apenas no pensar a respeito dos processos de formação do PB, mas, também, no inverter a lógica colonialista e vislumbrar a história a partir de outro ponto de vista, o ponto de vista das identidades subjugadas.

Dessa forma, se fez necessário não só retomar as questões linguísticas e históricas do PB no contexto nacional dos grandes centros, mas tentar compreender as singularidades no desenvolvimento do estado de Santa Catarina. Isso porque, ainda que de forma singular, esse estado brasileiro estava na rota de comércio de escravos. Sendo assim, para entendermos os processos linguísticos do PB falado nas comunidades afro-religiosas da Grande Florianópolis, foi necessário entender a origem dos escravos que aqui chegaram e dos povos tradicionais que aqui viviam.

Tentar remontar às origens dos povos tradicionais nos permitiu, de um lado, para além de observar o protagonismo dessas comunidades na construção sociocultural e linguística do Brasil, perceber suas culturas, filosofias e seus territórios de resistência. Por outro lado, ao tentar olhar para essas subjetividades, notamos a ausência de estudos que olhem de perto para esses territórios, bem como, as particularidades dessas comunidades de tradição no contexto histórico de Santa Catarina.

Desse modo, entende-se como necessário que se ampliem os estudos sobre esses territórios tradicionais e que se recuperem as especificidades linguísticas, culturais e filosóficas das identidades africanas vítimas do *Atlântico negro*⁵⁸ que aportaram em Santa Catarina, ponderando o uso do termo genérico “africanos” e ressaltando a diversidade étnica daqueles que para cá foram trazidos (Petter, 2010). Essa ampliação de estudos nos permitirá construir um retrato mais fidedigno dos falares das comunidades afro-religiosas e, possivelmente, dos processos linguístico-históricos da construção do PB.

⁵⁷ NASCIMENTO, Elisa Larkin; SÁ, Luis Carlos (org.). **Adinkra**: sabedoria em símbolos africanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó: Ipeafro, 2022.

⁵⁸ Mamigonian e Zimmermann (2013).

Ao longo desta pesquisa discutimos o papel essencial da língua na construção das identidades afro-religiosas, bem como, na transmissão dos conhecimentos desses territórios, em especial dos Terreiros de Umbanda de Almas e Angola. Sendo assim, evidenciou-se a importância da tradição oral na preservação da cultura desses espaços. Além disso, a análise dos dados coletados e organizados em nove campos lexicais nos revela não só a estrutura organizacional e filosófica desses territórios, mas a diversidade linguística e cultural presente neles expressada através das ocorrências das lexias de origem africana, bem como, de línguas indígenas, além daquelas de origem no Português que são ressignificadas no contexto das casas de santo, como, por exemplo, *ponto, demanda, coroa, arriado*.

Ainda nesse sentido, percebemos que grande parte das lexias que referenciam as *saudações* e os *deuses* tem origem etimológica no Iorubá, neste caso, são 47 ocorrências. Porém, ao longo da análise, ficou evidente que nos demais campos a ocorrência de termos de origem Banto em detrimento dos de origem Iorubá é maior. Destacamos, aqui, o campo nomeado *Espaços Sagrados e Práticas* como sendo aquele que possui o maior número de ocorrências de origem Banto em um único campo lexical. Desse modo, embora os resultados demonstrem uma maior ocorrência de termos do Iorubá no quadro geral, devemos ficar atentos, pois, se não fossem *saudações* e os *deuses*, o número de ocorrências de termos dessa origem seria muito baixo.

Em relação às entrevistas que realizamos com o objetivo de verificar as questões relacionadas ao uso de sinônimos e das polissemias, observamos que há uma baixa ocorrência de lexias de origem africana. Para além disso, a partir dos questionamentos sobre os termos coletados nos pontos, percebemos que pode haver uma relação entre nível de instrução das entrevistadas e o conhecimento de parte das lexias presentes nos pontos, bem como, na distinção entre termos semanticamente semelhantes, como: *Mironga, Macumba e Mandinga*.

Quanto aos resultados obtidos, conseguimos observar a presença de um número significativo de lexias de origem africana, principalmente originárias do Quimbundo e do Yorubá, de uso mais restrito à comunidade. Das 158 lexias encontradas na amostra, 25% têm origem em línguas Banto, 42% com origem na língua Iorubá, sendo que, nesse universo de termos de origem africana, apenas 30% deles são de uso inclusivo, logo, uso menos restritivo. Esses dados analisados corroboram nossa hipótese inicial de que há uma variedade do PB singular nas comunidades afro-religiosas da Grande Florianópolis, porém, a partir das entrevistas, acreditamos que são necessários estudos mais amplos acerca do tema, a fim de verificar dados como esses não só nos documentos históricos dos terreiros, mas também nos falares de santo.

Dessa forma, acreditamos que novos estudos como este podem contribuir para a História do PB no contexto catarinense, assim como, com a compreensão do processo de formação do PB a partir das senzalas e posteriormente dos terreiros. Além disso, se beneficiam deste estudo e do *corpus* aqui construído aqueles que porventura quiserem analisar fenômenos morfossintáticos nos pontos cantados, o léxico do Português dessas comunidades e aqueles que anseiam por produzir estudos semânticos sobre tal variedade. Aliás, julgamos que além dos estudos sobre a formação do PB em Santa Catarina e os processos sócio-históricos envolvidos nisso, outras áreas do conhecimento podem encontrar nesta pesquisa contribuições singulares sobre a Umbanda em Santa Catarina, especificamente sobre o ritual de Almas e Angola, tal como, sobre a história de Santa Catarina, tendo em vista que além dos documentos aqui expostos, foram disponibilizados ao PHPB/SC documentos que lastreiam a origem e as lideranças desse ritual, bem como, de formação do bairro Tapera, comunidade onde se localiza o terreiro aqui estudado.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística – parte 1. MUSSALIM, Ana Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1, p. 23-50.
- ALMEIDA, M. A. L de. **Ladinos e boçais: o regime de línguas do contrabando de africanos, (1831-c.1850)**. 2012. 200p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2012.
- BÂ, Amadou Hampate. “A palavra, memória viva na África”. **Correio da UNESCO**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, 1973.
- BENISTE, José. **Dicionário Yorùbá-Português**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2021.
- BITTENCOURT, João Batista. Cidades em movimento. *In*: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p. 29-30.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo: Dominus, 1963.
- BULCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Identity and interaction: A sociocultural linguistic approach. **Discourse studies**, [S. l.], v. 7, n. 4-5, p. 585-614, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461445605054407>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- CAMARGO, H. W; COSTA, J. E; ULBRICH, Terri. Cultura alimentar: a linguagem da fé e a relação entre alimento divindade e Umbanda. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 07, n. 03, p. 120-135, 2021.
- CARDOSO, Â. N. N. **A linguagem dos tambores**. 2006. Tese (Doutorado em Etnomusicologia) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- CARDOSO, F. H.; IANNI, O. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo, SP: Cia. Editora Nacional, 1960.
- CASTRO, Y. P. Das línguas africanas ao português brasileiro. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 14, p. 81-106, 1983. DOI: 10.9771/aa.v0i14.20822.
- CASTRO, Y. P. de. A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia. **Afro-Asia (UFBA)**, Salvador, v. 4-5, p. 25-34, 1967.
- CASTRO, Y. P. de. **Africanias em terras brasílicas**. Belo Horizonte: Viva Voz/Faculdade de Letras da UFMG, 2022. 196 p. il.
- CASTRO, Y. P. de. **Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros**. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks Editora, 2022.
- CASTRO, Y. P. de. Marcas linguístico-culturais diferenciadores de identidade Negro-Africana entre religiões afro-brasileiras. *In*: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V; RASO, T.

(org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 1, p. 275.

CASTRO, Y. P. Localização e origem da população negra escravizada em território colonial brasileiro: as denominações Banto e iorubá. **Revista Eletrônica: Tempo -Técnica - Território**, v. 3, n. 2, p. 48-62, 2012. ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v3i2.15442>.

COELHO, M. J. d'A. **Memoria histórica da Provincia de Santa Catharina**. Desterro: Typ. de J. J. Lopes, 1877.

COSERIU, E. **Gramática, semántica, universales estudios de la lingüística funcional**. 2. ed. rev. Madrid: Gredos, 1987.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi**. 4. ed. São Paulo, SP: Melhoramentos; Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1998.

DOURADO, L. M. A. **Ifá Lexical: o léxico de Terreiro em Tenda dos Milagres, construção identitária do Povo-de-Santo**. 2010. 190p. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

ESPADA LIMA, H. Da escravidão à liberdade na Ilha de Santa Catarina. *In*: MAMIGONIAN, B.; ZIMMERMANN, J. (ed.) **Uma história diversa: Africanos e afro-descendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2021. p. 195-221.

ESPÍNDOLA, A. M. **Domingos e Domingas: escravidão e liberdade na Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha (1830-1880)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ESPÍNDOLA, Ariana Moreira. **Papéis da Escravidão: a matrícula especial de escravos (1871)**. 2016. 251 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/174681/344850.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mar. 2023.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed.UFBA, 2008.

FERREIRA, M. E. A.; ELIAS, G. A.; ASSUNÇÃO, V. K.; CITADINO-ZANETTE, V. Plantas medicinais utilizadas em rituais de umbanda: estudo de caso no sul do Brasil. **Ethnoscintia**, [S. l.], ano 6, n. 3, p. 1-14, jun. 2021 - [ISSN: 2448-1998].

FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida M. T. (org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1, p. 145-177.

FISHER, Robert B. **West African Religious Traditions: Focus on the Akan of Ghana**. Nova York: Orbis Book, 1998.

FOSSARI, T. D. **A População Pré-Colonial Jê na Paisagem na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, 2004. 339p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

FRABO, M. F. **Memórias, lembranças e medos: ser migrante, ser inimigo.** SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 1., 2011, Florianópolis. Anais **eletrônicos** [...]. História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC, 2011. p. 1519-1533. Disponível em: <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/377/299>. Acesso em: 9 set. 2024.

GALVES, C. **A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro.** In: CASTILHO A. de; MORAIS M. A. T. ; LOPES, R. (org). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro.** Campinas: Pontes, 2007. p. 513-528.

GÖRSKI, E. M. *et al.* Aspectos sócio-históricos, geográficos, políticos e culturais de Santa Catarina. In: COELHO, I. L. *et al.* (org.). **Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX e XX.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2021. p. 72-130.

GROSS, Cristina Buratto. **Os “escolhidos e os escorraçados”, os povos tradicionais e a formação sócio-espacial de Santa Catarina: rompimentos das invisibilidades de caboclos e caboclas do contestado na serra acima, pescadores e pescadoras do litoral na serra abaixo.** 2019. 156 f. tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEL_14cd480378f22378a624f5ebf40349cd. Acesso em: 20 mar. 2023.

JORGE, É. F. da C. Umbanda: a problemática questão de suas origens, o arranjo de sua cosmovisão/ Umbanda: a matterofproblem its origins, thearrangementofyourworldview. **Vivência:Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 41, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/4716>. Acesso em: 6 mar. 2024.

LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: história de povos invisíveis. In: BRANCHER, Ana. (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos.** 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. v. 1, p. 83-101.

LEITE, I.; VIEIRA, A. E. (Coord.). **Territórios do Axé: religiões de matriz africana em Florianópolis e municípios vizinhos.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2017.

LIMA, E. C. **A toponímia Africana em Minas Gerais.** 2012. 215 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

LINS, H. N. **Escravidão em Santa Catarina: caracterização e trajetória.** In: ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE, 15., 2022. Rio do Sul-SC. **Anais Eletrônicos** [...]. Rio do Sul, 2022. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/anais-xveec/trabalho/232366>. Acesso em: 06 jul. 2023.

LOBO, Tânia. Rosa Virgínia Mattos e Silva e a história social lingüística do Brasil. Estudos de Lingüística Galega, vol. 7, 2015, pp. 69-82 Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, Espanha Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305641135005>.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil:** contendo mais de 200 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LOPES, Nei. **1942 - Filosofias africanas**: uma introdução. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2020.

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 347-382, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/NGxLPBSqNXYNghFtwqrrwgh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 set. 2024.

LUCCHESI, D. BEXTAR, A.; RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador: Ed. UFBA, 2009. 576p.

LÜHNING, A. “Música: Coração do Candomblé”. **Revista USP**, São Paulo, n. 7, p. 115-124, set./out./ nov. 1990.

MALANDRINO, B. C.; CASTRO, Y. P. de. “**Há sempre confiança de se estar ligado a alguém**”: dimensões utópicas das expressões da religiosidade Bantú no Brasil. 2010. 433p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, 2010.

MALANDRINO, B. C. **Umbanda**: mudanças e permanências. São Paulo: EDUC - Fapesp, 2006.

MAMIGONIAN, B.; ZIMMERMANN, J. (ed.). **Uma história diversa**: Africanos e afro-descendentes na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 195-221.

MARTINS, F. **De espaço marginal a trajetórias plurais**: narrativas e imagens na construção do bairro da T- Florianópolis. 2019. 69 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro**. São Paulo, Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. Português brasileiro: raízes e trajetórias (Para a construção de uma história). **Discursos**, Lisboa, n. 3, p. 75-92, 1993.

MATTOSO CAMERA, J. **História e estrutura da língua portuguesa**, Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Senac, 2008.

MORTARI, Cláudia; CARDOSO, Paulino de Jesus F. Territórios negros em Florianópolis no século XX. In: BRANCHER, Ana. (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. v. 1, p. 83-101.

NARO, A. J; SHERRE, M. M. P. (org.) **Garimpo das origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PENNA, C. G. **Escravidão, liberdade e os arranjos de trabalho na ilha de Santa Catarina nas últimas décadas de escravidão (1850-1888)**. 2005. 80 f. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PETTER, M. M. T. Para uma História Social das Línguas Africanas. *In*: COSTA, I. del N. da. *et al.* (Orgs.). **História do Português Brasileiro: história social do Português Brasileiro - da história social à história linguística**. Coordenação geral: Ataliba T. de Castilho. São Paulo: Contexto, 2010.

PETTER, M. M. T. (Org.) **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

PETTER, M. M. T. A influência das línguas africanas no português brasileiro. *In*: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, Tommaso. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011, v. 1, p. 255-274.

PETTER, M. M. T. A presença de línguas africanas na América latina. **Linguística**, [S. l.], v. 26, p. 78-96, 2011. Disponível em: http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/26_linguistica_078_096.pdf. Acesso em: 11 set. 2024.

RASCHE, K. L. Imprensa negra e combate ao racismo (Florianópolis, 1914-1925). **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 38-65, jul./set. 2018.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RUFINO, Luiz, **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Raça como negociação: sobre teorias raciais em finais do século XIX no Brasil**. Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SEVERO, C. G. Sobre o significado identitário na Sociolinguística: a construção do gênero. *In*: FREITAG, R.; MEISTER, K. O.; SEVERO, C. G. (Orgs.). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 75-90. ISBN: 978-85-8039-121-3, DOI 10.5151/9788580391213-0002

SEVERO, C. G. Uma visão panorâmica das políticas linguísticas no Brasil: construindo diálogos. **Revista da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, RJ, v. 94, p. 11-22, 2018.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

STORTO, L. R. **Línguas indígenas: tradição, universais e diversidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

TEIXEIRA, L. Associativismo negro em Florianópolis na década de 1920. **Métis: história & cultura**, [S. l.], v. 19, n. 37, p. 164-190, jan./jun. 2020.

VILELA, Mário. Notas prévias. *In*: VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

APÊNDICE A – LIVRO DE PONTOS TERREIRO DE UMBANDA REINO DE IEMANJÁ

(P. 1) SALVAÇÃO

Um abraço dado
De bom coração,
É sempre uma benção,
Uma benção, uma benção.

Oh! Deus lhe salve,
Oh! Deus lhe ajude,
Oh! Deus lhe dê
Felicidade e saúde.

/:Pra vocês que são filhos de pomba,
pra vocês que são filhos de fé.:/
/:Batam a cabeça e peça tudo
o que quiser.:/

(P. 2) DEFUMAÇÃO

Nossa senhora incensou à Jesus Cristo,
Jesus Cristo incensou os filhos seus.
Eu incenso, eu defumo esta casa,
Na fé de Ogum, Yemanjá e Oxalá.
/:Vou defumando, vou incensando
a casa do Bom Jesus da Lapa.:/

Nossa Senhora
Incensou seu amado filho,
Para Dele todo o mal retirar,
Eu incenso,
Eu defumo esta casa
Para o mal sair e
O bem entrar

/:Yemanjá pediu, licença à Oxalá
pra defumar o terreiro com guiné.:/
com alecrim e as ervas de Jurema,
Oxalá mandou defumar filhos de fé.

(P. 3) DEFUMAÇÃO

/:Oi, corre gira meu São Jorge,
Oi, corre gira sem parar,
A Umbanda tem fundamento,
Os filhos querem se defumar.:/
Com incenso e bejuim,
Alecrim e alfazema,
Defumar filhos de fé
Com as ervas da Jurema.
Defuma com as ervas da Jurema.
Defuma com arruda e guiné.
Alecrim, bejuim e alfazema.
Vamos defumar filhos de fé.
Corre gira Pai Ogum
Filhos quer se defumar
Umbanda tem fundamento
É preciso preparar
Com arruda e guiné,
Alecrim e alfazema.
Defumar filhos de fé
Com as ervas da Jurema.

(P. 4) DEFUMAÇÃO

Levanta a cortina lá do céu,
Levanta a cortina lá do mar.

/:Eu vim defumar este terreiro, eu defumei,
com sangue de Jesus eu me lavei.:/

Defuma a nossa banda,
Defuma o nosso gongá.
Defuma nossa banda pequenina,
Defuma Jesus Cristo no altar.

/:Defuma com Lara de lei.:/
Eu venho de marajó,ai,ai,ai.
Eu venho de marajó,
Defuma com Lara de lei.

(P. 5) DEFUMAÇÃO

A Umbanda cheirou arruda,
A Umbanda cheirou a guiné,
A Umbanda cheirou alfazema
Com as ervas da Jurema.

/:A Umbanda cheirou,
a umbanda cheirou a defumador.:/

Cosme e Damião,
a sua casa cheira.
Cheira cravo,cheira rosa,
Cheira flor de laranjeira.

(P. 6) DEFUMAÇÃO

Com licença Pai Ogum
Filhos quer se defumar
A Umbanda tem fundamento.
É preciso preparar
Com arruda e guiné
Alecrim e alfazema
Defuma filhos de fé

Com as ervas da Jurema.

Defuma, defuma,
Defuma, defuma, defuma.
São Jorge defuma
Seus filhos de fé.

(P.7) DEFUMAÇÃO

To defumando
To defumando
A casa do Bom Jesus da Lapa
Nossa Senhora incensou a Jesus Cristo.
Jesus Cristo incensou os filhos seus.
Eu incenso
Eu incenso essa casa
Pro mal sair e a felicidade entrar
Eu incenso
Eu incenso essa casa
Na fé de Oxossi, de Ogum e de Oxalá.

A Umbanda queimou, cheirou guiné
Vamos defumar filhos de fé.
A Umbanda queimou, cheirou guiné
Vamos defumar filhos de fé.
Defuma eu Babá
Defuma eu Babalaô
Defuma eu Babá
Defuma eu Babalaô.

(P. 8) ABERTURA

ABRIMOS A NOSSA GIRA,PEDINDO
A PROTEÇÃO A:
Nosso PAI OXALÁ
Nossa MÃE IEMANJÁ

Nosso PAI OGUM
 Nossa MÃE NANÃ
 Nosso PAI XANGÔ
 Nossa MÃE OXUM
 Nosso PAI OXÓSSE
 Nossa MÃE IANSÃ
 NOSSO PAI OBALUAÊ
 As BEIJADAS BENDITAS
 As SANTAS ALMAS BENDITAS
 A TODOS OS EXÚS
 Para cumprir nossa missão!!!!

(P. 9) **ABERTURA**

/:Auê,auê, Babá,
 eu vou abrir seu caricó.
 Vou pedir licença a Zambi
 Para abrir seu caricó.:/
 Se é na fé de Oxalá,
 Eu vou abrir seu carricó.
 Auê, auê,Babá,
 Eu vou abrir seu caricó.
 *Se é na fé de Yemanjá,eu vou abrir seu
 caricó.
 Auê,auê,Babá,
 Eu vou abrir seu caricó.
 *... Ogum, Nana, Xangô,
 Ynhasã,Oxossi,Oxum,
 Beijada, Santas Almas e
 Exu.

(P. 10) **ABERTURA**

Eu abro a minha gira,
 Ó mironga,
 Sem minha gira

Eu não posso trabalhar.
 /:Se é na fé,
 na fé de Oxalá, Meu Pai,
 Sem ele eu não posso trabalhar.:/
 *Eu abro a minha gira,
 ó mironga,
 sem minha gira
 eu não posso trabalhar.:/
 *...Se é na fé,
 na fé de Yemanjá, Meu Pai,
 Sem ela eu não posso trabalhar.:/
 *...Ogum,Nanã,Xangô,Ynhasã,
 Oxóssi,Oxum,Beijada,
 Santas Almas e Exu

(P. 11) **ABERTURA**

Eu abro a nossa gira,
 Pedindo a proteção,
 /:ao nosso Pai Oxalá
 para cumprir,
 nossa missão.:/
 /:Com licença de Zambi,
 eu vou abrir minha orucaia,:/
 Mas é na fé de Oxalá,
 Eu vou abrir minha orucaia.
 Com licença de Zambi,
 Eu vou abrir minha orucaia.
 *Mas é na fé de Yemanjá,
 eu vou abrir minha orucaia.
 Com licença de Zambi,
 Eu vou abrir minha orucaia.
 *...Ogum, Nanã,Xangô, Ynhasã,
 Oxóssi,Oxum,Beijada,

Santas Almas e Exu.

(P. 12) ABERTURA

/: Quem vem,
 quem vem lá de tão longe,
 lá de tão longe,
 são nossos guias que vem trabalhar.:/
 /:Oh! Daí-me forças
 pelo amor de Deus, Meu Pai.
 Oh!daí-me forças nos trabalhos meus.:/

(P. 13) ANJO DA GUARDA

Saravá,saravá,saravá,
 Esse povo de umbanda
 Que é filho de fé no gongá.
 Saravá,saravá,saravá.
 Oh! Meu Pai de cabeça
 Não deixa seus filhos tombar.
 Oh! Lua,oh! Lua
 ilumine o terreiro,
 Que o Pai de cabeça chegou.
 Oh!lua,oh!Lua,
 Já deu meia noite
 E o galo cinzento cantou.

(P. 14) ANJO DA GUARDA

Oh! Zambi,
 Com licença de Zambi,
 Acredito e tenho fé.
 Salve o grande Orixalá,
 Que ele é rei dos terreiros,
 Vamos todos sarava.
 Saravá todas Entidades,
 Saravá todos Terreiros,

Saravá todo povo de Umbanda,
 Saravá todos curandeiros.

/.Eu fui a Bahia e implorei;
 Ao meu Senhor do Bonfim;/
 Que ele me ajudasse
 A seguir a Umbanda
 Meus caminhos até o fim;/
 Meu Senhor do Bonfim me ajude;
 Eu preciso de paz e saúde.;
 Eu fui a Bahia.

(Pá. 15) ANJO DA GUARDA

/:Vou pro terreiro,
 vou saravá,
 vou bater minha cabeça
 aos pés de Oxalá.:/
 Mas eu vou.
 Eu vou saravá Ogum,
 Vou benzer meu patuá,
 Vou pedir a proteção
 Ao Mestre Pai Oxalá.
 Levarei doces para as Beijadas.
 Pra minha Mãe uma flor,
 Vinhos para os Pretos-Velhos,
 Cerveja pro meu Pai Xangô.
 Mas eu vou.

(P. 16) ANJO DA GUARDA

Lá no céu uma luz brilhou;
 Anjos do terreiro eu chamei;
 Oh! Deus,oh!Deus;
 Como brilha bonito.;
 O anjo esta em mim;

Se Oxalá permitir;
 Que venha meu Anjo;
 Me guarde meu Anjo;
 Me abençoe meu Anjo;
 Meu anjo da guarda;
 Me guarde meu Anjo;
 Me abençoe meu Anjo;
 Meu anjo de luz!!!

(P. 17) **COROA**

Okê de Babá

/:Oh! Que lindo poema,
 Oh! Que lindo gongá.:/
 Oh! Babalaô,oh! Babá de Orixá.
 Aqui eu trago a minha Mãe Pequena
 E também
 Trago a minha Babá,
 Trago meu ogã coroadado
 Na fé de Ogum, na fé de Oxalá.
 Umbanda com umbanda se combina
 E nós viemos aqui pra combinar.
 Eu trago a minha Mãe Pequena
 E também trago a minha Babá.

(P. 18) **COROA**

Okê de Babá

/:A estrela clareou o gongá,
 coroa Babá,coroa.:/
 /:Coroa Babá,coroa
 e a estrela clariou o conga.:/

/:Obaluaê, Babalorixá:
 /a sua coroa de canga quem lhe deu foi
 Oxalá

Sarava esta Babá
 Que ela é chefe do gongá.

/:Oh! Me salve a pemba,também salve a
 toalha.:/
 Salve a coroa
 Que Pai Oxalá é maior.

(P. 19) **BEIJADA**

/:Eu vi a larinha,
 na beira d'água,
 comendo arroz,
 bebendo água.:/
 ...repete-se com os
 nomes de todos os
 Erês da casa.

Para que cocada branca,
 Pra te dar,pra te dar.
 Se não tiver guaraná,
 Eu vou chorar,eu vou chorar.

(P. 20) **BEIJADA**

Eu fiz uma promessa,
 dei doce a beça,
 para os meninos guris.
 Mamãe que fazia,
 Seus doces, pedia,
 Que lhe fizessem um favor,
 Que seu papaizinho
 Desse a ela seu grande amor.
 Cosme, Damião e Doum,
 Crispim,Crispimiano,
 Cabloclinho das matas,

Doces para vocês, eu fiz,
 E a promessa que fiz já paguei,
 Festas e mais festas eu fiz,
 Nesta data feliz eu me lembro.
 Cosme,Damião e Doum,
 27 de setembro.

Brincadeira de beijos,auê,
 Olha duas com duas,auê
 Novidade nenhuma,auê
 Olha duas com duas,auê

(P. 21) **BEIJADA**

/Bahia,
 terra de dois irmãos.:/
 /:Governador da Bahia,
 São Cosme e Damião.:/

27 de setembro,
 vai ter festa no alasê,
 saravá todas as crianças
 mensageiras de Oxalá.
 Saraválarinha,
 Saravá Joãozinho da praia,
 Saravá todas as falanges
 Do jardim e da macaia.

/:Papai mandou um balão,
 para todas as crianças
 que tem lá no céu.:/
 /:Tem doce, mamãe,
 tem doce lá no jardim.:/

(P. 22) **BEIJADA**

/:Viva querê,vivaquerê,
 esta em festa o seu alasê.:/
 /:os quindins, os quindins,
 os quindins de ioá,
 as criancinhas vamos saravá.:/

/:Hoje tem alegria.:/
 Hoje tem alegria,
 Cosme e Damião,
 Hoje tem alegria.

/:Eu estava na Bahia,
 quando foram me chamar.:/
 /:Ouvi o som do tambor,
 lá em cima do Pará.:/

Lá no céu tem três estrelas,
 Todas três em carrerinha.
 Umas é Cosme e Damião,
 Outra é Mariazinha.

(P. 23) **BEIJADA**

/:Cai,cai,sereno,
 oh! Deus Menino,
 chamai as criancinhas
 para brincar com os meninos.:/
 Vou pedir ao Pai de Santo,
 Vou fazer minha oração,
 Vou pedir às criancinhas
 Que nos dêem a proteção.

SUBIDA

Andorinha que voa,voa,
 Andorinha,

Leva os anjinhos pro céu,
Andorinha.

(P. 24) **Oxalá**

/:Esta casa será abençoada
pois o senhor derramou
o Seu amor.:/
/:derrama Senhor,
derrama Senhor,
derrama sobre nós
O seu amor.:/
/:Os seus filhos serão abençoados
pois o Senhor derramou
o seu amor.:/
/:Derrama Senhor
derrama Senhor,
derrama sobre nós o seu amor.:/

Oh! deus nos salve esta casa santa,
Oh!Santa,oh!Santa.
Aonde Deus fez a sua morada,
Morada,morada,
Aonde mora o cálice bento
E a hóstia consagrada.

(P. 25) **OXALÁ**

No jardim das oliveiras.:/
Eu encontrei um jardineiro.:/
Era Jesus Cristo.:/
Nosso Pai verdadeiro.:/

Jesus Cristo é Nosso Pai.:/
é filho da Virgem Maria.:/
Lá no alto do calvário.:/

É a estrela que nos guia.:/

/:A estrela de Oxalá surgiu
iluminando este gongá.:/
/:Iluminando a coroa de
seus filhos,
Ele é nosso Pai,
Vem nos abençoar.:/

(P. 26) **OXALÁ**

Nanguê,nanguê,
Nanguê,nangá
Nanguê,nanguê
Viva a pemba de Oxalá.

Ai quantas forças tem Meu Pai
no céu,
Ai quantas forças tem Meu Pai no mar,
Ai quantas forças, quantas forças
Tem meu Pai,
Quanta beleza tem Meu Pai Oxalá.

/:Sua gogue estava cheia
sua gogue ia pro mar.:/
/:Nós queremos,
nós queremos encontrar
as graças do Pai Oxalá.:/

(P. 27) **OXALÁ**

Oxalá,Meu Pai!

Tenha pana⁵⁹ de nós
 Tem dó
 A volta do mundo é grande
 Seu poder é maior.

Lá no céu abriu uma porta e
 Um pombo apareceu.
 Era Papai Oxalá,
 Que veio ver os filhos seus.

Oh! deus nos salve esta casa santa,
 Oh!Santa,oh!Santa.
 Aonde Deus fez a sua morada,
 Morada,morada,
 Aonde mora o cálice bento
 E a hóstia consagrada.

(P.28) - **OXALÁ**

/:La no céu abriu uma porta,Oxalá
 apareceu ./

/:Vinha com seu manto
 branco,Derramando as suas
 graças,Abençoando os filhos seus.:/

(P.28) **OXALÁ**

/:Ai,como gira
 uma estrela dentro
 d'um gongá:/

/:Ai,gira
 pra filhos de fé.:/

Vamos salvar a gira
 Do Nosso Pai Oxalá.

Esta casa tem 4 cantos
 Cada canto tem uma cruz.
 Cada canto tem seu nome (bis)
 O santo nome de Jesus.(bis)

Abre a porta gente,
 Que ai vem Jesus
 Ele vem cansado
 Com peso da cruz.
 /:Vem de porta em porta
 vem de rua em rua;
 carregando a cruz,
 sem culpa nenhuma.:/

(P. 29) **IEMANJÁ**

Eu estava na beira da praia,
 Pra ver o balanço do mar.
 Eu vi seu retrato na areia
 Me lembrei da sereia
 Comecei a chamar.
 /:Vem Janaina vem,vem
 Vem Janaina vem cá.:/

Receber suas flores,
 Que eu vou lhe ofertar.:/

(P. 30) **YEMANJÁ**

/: Foi lá no alto mar,
 que eu vi,
 Yemanjátrabalhar.:/

Trabalhar,trabalhar,trabalha
 Com as forças dos ventos
 Com as forças dos astros

⁵⁹ Pena.

Com as forças do mar.

/:lê,iê,iê

lê,iê,iê

Odôsiaba é a rainha do mar.:/

(P. 31) **YEMANJÁ**

Mãe d'água, rainhas das ondas,

Sereia do mar

Mãe d'água seu canto é bonito

Quanto seu luar.

Auê, auê Yemanjá.

/:Rainha das ondas

sereia do mar.:/

Como é lindo canto de Yemanjá,

Faz até o pescador chorar,

Quando escuta a

Mãe d'água cantar

/:Vai com ela

pro fundo do mar.:/

(P. 32) **YEMANJÁ**

/:Yemanjá ô,

sindá,sindá,

sindá,sindo lê lê.:/

Linda sereia,

És a rainha do mar,

Se minha mãe é sereia

Salve a rainha do mar.

Yemanjá coroou.

Joguei meu barquinho n'água,

Para poder navegar,

Peco licença primeiro

A nossa mãe Yemanjá.

/:Oh! Yemanjá,

oh! Yemanjá,

quem manda nas ondas do mar

é Yemanjá.:/

(P. 33) **YEMANJÁ**

/:Yemanjá, esplendor da natureza,

ela é quem comanda o mar,

com sua graça e beleza.:/

Quem ouviu.

Quem ouviu,

Em noite de lua cheia,

O canto de uma sereia

Vai com ela pro fundo do mar,

Do mar,do mar,

Conhecer sua morada de amor,

E nunca mais voltar,

E submersa nesta paisagem

Num festival de miragem

Oh! Vai minha mãe girar.

Sete mares navegando,

Uma lenda exaltando

A sereia,rainha do mar.

É Beira Mar,

Maré alta, lua cheia,

Espuma é prata n'areia,

E a brisa é o perfume do mar.

Vou velejar,

Penetrar no mundo estranho,

Viajar dourados sonhos

Pra ver a sereia cantar.

(P.34) YEMANJÁ

Yemanjá, é a rainha do mar,
 Yemanjá,
 É a rainha do mar.
 Salve o povo da aruanda,
 Salve Meu Pai Oxalá,
 Salve Oxóssi, rei das matas,
 Salve Ogum Beira Mar.
 Yemanjá

/:Ela vem de longe,
 lá do fim das águas.:/
 /:Oh! Santa sereia
 das águas do mar,
 da maré alta e baixa.
~~Quem sabe,~~⁶⁰
 Se você for com amor *e for com fé*⁶¹
~~E for buscar,~~⁶²
 Yemanjá vai na certa lhe ajudar.:/
 Oooohohoh...⁶³

(P. 35) YEMANJA

Retira a jangada do mar,
 Mãe d'água mandou avisar,
 Que hoje não pode pescar,
 Que hoje tem festa no mar.
 /:eh!eh!eh!eh!
 Yemanjá
 Ela é,ela é
 A rainha do mar.:/
 Traz pente, traz espelho,

O,ô,Ô;
 Pra ela se enfeitar,
 ÔôÔ;
 Traz flores, traz perfume,
 Enfeita todo o mar.

(P. 36) YEMANJÁ

Oxalá,Meu Pai,
 me dá licença,
 pra eu levar este presente,
 a Yemanjá.
 Ela adora ver o mar todo florido,
 Ela é mãe d'água,
 Gosta muito de ajudar.
 Ela é Janaína
 É mãe de Yemanjá.
 Eu tenho muita fé em boiadeiro,
 Ele esta comigo em qualquer lugar.
 Oxóssi é aquele nobre cavaleiro,
 Que lá de cima gosta muito de ajudar
 Ê,ê;
 É Janaina,é Janaina,
 É mamãe Yemanjá.

(P. 37) YEMANJÁ

/:Zum,zum,zum,
 lá no meio do mar.:/
 É o canto da sereia
 Que faz o pescador. *CHORAR*⁶⁴
 Parece que ela advinha
 O que vai acontecer.

⁶⁰ Tachado no original

⁶¹ Escrito à mão

⁶² Tachado no original

⁶³ Escrito à mão

⁶⁴ Escrito à mão.

Ajudai-me, Rainha do mar,
 Ajudai-me, Rainha do mar,
 Quem manda na terra,
 Quem manda no mar.
 Zum,zum,zum,
 Lá no meio do mar.
 Como ela nada no mar,
 Como ela nada no mar.
 Vem numa onda bem funda.
 Como ela nada no mar.

(P. 38) - **YEMANJÁ**

Joga flores no mar,
 Joga flores no mar,
 Faça com fé,
 Peça o que quer
 A nossa mãe Yemanjá.
 Joga flores no mar,
 Joga flores no mar,
 Quem tem fé não padece,
 Quem sofre merece,
 Precisa rezar.
 Ode,ode,ode,odé
 Salve a rainha do mar,
 Nossa mãe Yemanjá.
 Joga flores no mar.

(P. 39) **YEMANJÁ**

/:Oh!santa de azul,
 oh! Santa do mar,
 vem ver seus filhos,
 Yemanjá.:/
 Odô,odô,odô
 Odôia,odôia.

Yemanjá,saia do mar,
 E venha ver sua Yaô.

(P. 40) **YEMANJÁ**

Pescador, pegou veleiro e foi,
 Foi pescar no reino de Yemanjá.
 Veleiro voltou sozinho,
 Sereia do mar levou,
 Mas como é lindo
 Pescar no mar,
 No reino de Yemanjá.

/:Navio negreiro no meio do mar:/
 /:E a negra escrava se pois a cantar
 Oi,sarava, nossa mãe Yemanjá.

(P. 41) **YEMANJÁ**

Quanta poesia encerra,
 Quanta beleza na terra
 Guiadas por Oxalá.
 As águas nas cachoeiras
 Rolando pelas pedreiras,
 E o canto do sabiá.
 O chão umedecido,
 Vão os tapetes formando,
 Pra Janaína passar.
 Oh! Janaína,
 No mar ela mora,
 Ela é a lua, é o sol,
 É a beleza de aurora.
 Como Pai Xango,ele é justiceiro,
 Oh! Minha santa guerreira,
 É mãe Oxum quando chora.

(P. 42) SUBIDA DE YEMANJÁ

Maria Madalena,
 Não deixai ninguém chorar,
 Vai passando, vai levando
 Tudo pras ondas do mar.

A sua praia,
 É de água salgada,
 Oh! Minha mãe Yemanjá,
 Levai toda maldade.

Olha a saia dela
 Ondelei,
 Como o vento leva pro mar.

O vento é quem te trouxe,
 É quem te leva.
 O vento é quem te trouxe,
 É quem te leva para o mar.
 Auê, auê
 Auê seu cantoá.
 O vento é quem te trouxe,
 É quem te leva para o mar.

(P. 43) ORAÇÃO DE OGUM

Nesta casa de guerreiro, Ogum,
 Vim de longe pra rezar, Ogum,
 Peço a Deus pelos doentes, Ogum,
 Na fé de Oxalá, Ogum,
 Ogum salve esta casa santa, Ogum
 Os presentes e os ausentes, Ogum,
 Salve velhos e crianças, Ogum,

Nego Velho ensinou, Ogum,
 Na cartilha d'Aruanda, Ogum,
 Que Ogum não esqueceu, Ogum,
 Come⁶⁵ vencer a quimbanda, Ogum,
 A tristeza foi embora, Ogum,
 Na espada d'um guerreiro, Ogum,
 E a luz do romper da aurora, Ogum,
 Vai brilhar neste terreiro, Ogum.

(P. 44) OGUM

Se meu pai é Ogum,
 Ogum,
 Vencedor de demanda,
 Ele vem d'aruanda
 Pra salvar filhos de umbanda.
 /:Ogum, Ogum lara.:/
 Salve os campos de batalha,
 Salve a sereia do mar.
 /:Ogum,
 Ogum lara.:/
 A primeira espada
 quem ganhou foi ele.:/
 Mas ele é,
 Ele é Ogum Megê,
 Que veio d'aruanda
 Pra seus filhos proteger.

(P. 45) OGUM

Ogum em seu cavalo corre.:/
 E a sua espada reluz.:/
 Ogum, Ogum lara.:/
 Sua bandeira cobre os filhos de Jesus

⁶⁵ Como

Ogum iê!:/

Ogum partiu pra guerra,
 Ogum tocou clarim.
 O seu exército todo,
 Foi comandado assim.
 /:São dois irmãos,
 da madrugada,
 Salve Ogum lara,
 Salve Ogum Matinatá.:/

/:Quando Jesus desceu da cruz, São Jorge
 segura seu reinado.:/

/:Olha o seus espinhos da roseira, seus
 filhos cair.:/

(P. 46) OGUM

/:Eu tenho sete espadas
 pra me defender,
 eu tenho Ogum em minha companhia.:/
 Ogum é meu pai,
 Ogum é meu guia,
 Ogum vai baixar,
 Na fé em Deus e na Virgem Maria.

Ogum,
 Meu guerreiro de umbanda,
 Cavaleiro supremo,
 Vencedor de demanda.
 É sentinela de Pai Oxalá,
 É remador de Yemanjá.
 /:Senhor dos mundos,
 ilumina a minha vida,
 toma conta de nossa gira,

tire o inimigo do meu caminho.:/

(P. 47) OGUM

Ogum, guerreiro de umbanda,
 seu ponto veio firmar.
 /:Ele pede ao sol e a lua
 para lhe ajudar.:/

/:Olha ê, olha a ronda,
 papai tá no céu
 seu Ogum tá de ronda.:/

SUBIDA DE OGUM

Seu Ogum vai,vai,
 Vai deixar saudades,
 Seu Ogum vai,vai,
 Pra sua cidade.
 Seu Ogum vai,
 Que sua banda lhe chama
 Seu Ogum vai,
 Descobrir se tem mironga.

(P. 48) OGUM

/:Na lua nova,
 na umbanda ele é Ogum.:/
 /:Zambi,ele é Ogum,
 Ogum nhê.:/

Na porta da romaria,
 Eu vi,
 Um cavaleiro de ronda.
 Trazia um escudo no braço
 E uma lança na mão.
 Ogum venceu a guerra

E matou o dragão.

Ouvi um toque
no clarão da lua,
Ogum é praça de cavalaria.
È ordenança da Virgem Maria,
Venceu demanda ao raiar o dia
La lalaialaia
La lalaialaia.

(P. 49) **OGUM**

/:Cavaleiro que bater
em minha porta,
passarei a mão na pomba,
para ver quem é:./
/:Mas ele é,
São Jorge guerreiro,
Meu irmão,
Cavaleiro da força e da fé:./

Ogum, Ogum, Ogum
Ogum, Ogum meu pai,
O senhor mesmo é quem diz:
Filhos de pomba não cai.
Ogum vem d'aruanda,
Pra salvar filhos de fé
Seu Ogum venceu demanda.

Estava na beira da praia,
quando eu vi
Ogum Estrela passar.
Abre a porta, oh! gente,
Que aí vem Ogum,
Montado em seu cavalo

Ele vem saravá.

(P. 50) **OGUM**

Ogum Megê,
General de umbanda,
Com sua espada,
Seu Ogum foi a Oxalá.
Com sua espada,
Com sua lança,
Venceu demanda
Nos campos do Humaitá,
Ogum Megê.

Pisa na linha de umbanda,
que eu quero ver,
Ogum Sete Ondas.
Pisa na linha na linha de umbanda,
Que eu quero ver,
Ogum Beira Mar.
Oh! pisa na linha de umbanda,
Que eu quero ver.
/:Ogum Iara,
Ogum Megê:./
Olha a banda,aruê.

(P. 51) **OGUM**

/:Ele é Ogum Iara,
na gira ele é Beira Mar:./
/:Ogum Mege, meu pai,
na sua terreira ele vem saravá:./

Bandeira içada
é sinal de uma vitória,
nos campos de Humaitá,

e na umbanda vamos todos saravá,
 linda falange ele sabe guerrear.
 Seu Beira Mar,Ogumnago,
 Seu Rompe Mato e Ogum de Lê.
 Ogum Iara,seuNaruê,
 E ai vem seu Ogum Megê.

(P. 52) **OGUM**

Ogum partiu pra guerra,
 Ogum tocou clarim.
 O seu exército todo,
 Foi comandado assim.
 /:São dois irmãos,
 da madrugada,
 Salve Ogum Iara,
 Salve Ogum Matinatá.:/

Ogum Megê,
 General de umbanda,
 Com sua espada,
 Seu Ogum foi a Oxalá.
 Com sua espada,
 Com sua lança,
 Venceu demanda
 Nos campos do Humaitá,
 Ogum Megê.

(P. 53) **OGUM**

Salve Ogum Megê,
 Ogum Rompe Mato e
 Ogum Beira Mar.
 Ele trabalha na areia, meu pai,
 Ele trabalha no mar,auê,
 Ele trabalha nas matas,

Vamos saravá.

Por entre mares,
 por entre matas e terras,
 eu entendi o que
 meu pai quis dizer:
 Que Ogum não devia beber,
 Que Ogum não devia fumar,
 Mas a fumaça são as nuvens
 Que passam
 E a cerveja as ondas do mar.

(P. 54) **OGUM**

/:Beira Mar,auê,
 Beira Mar.:/
 Ogum já jurou bandeira
 Nos campos de Humaitá.
 Ogum já venceu demanda,
 Vamos todos saravá.
 /:Beira Mar,auê,
 Beira Mar.:/
 Eu estava na minha banda,
 Eu estava no meu gongá,
 Eu estava lá na calunga
 Pra que foram me chamar.

Na alvorada um cavaleiro surgiu,
 Com sua lança e
 Seu escudo na mão.
 /:Seu capacete
 reluzia em oleno céu,
 Ele é seu Beira Mar.:/

(P. 55) **OGUM**

/:Quando os clarins tocaram,
laia,laia,laia,
sua banda formou.:/
/:Se ele é Ogum lara,
ele venceu a guerra
nos campos do Humaitá,
lalaialaia.:/

/:Se sua espada,
brilha no raiar do dia,
seu Beira Mar
é filho da Virgem Maria.:/
/:Seu Beira Mar,
brilha n'areia,
seu Beira Mar
é filho da mamãe sereia.:/

(P. 56) OGUM

Quem esta de ronda
é São Jorge.
Deixa São Jorge rondar
São Jorge é santo guerreiro
Quem manda na terra,
Quem manda no mar.
Saravá meu pai,
Saravá meu guia.
Girar é bom,girar é bom,
Girar é bom,é bom girar.

/:Cavaleiro supremo,
mora dentro da lua.:/
/:Sua bandeira divina
é um mar de ventura.:/

Ogum, meu Senhor São Jorge,
vamos fazer aliança.
Meu pai venha nos valer,
Com sua espada e sua lança.
/:Auê, Capitão Marambaia,auê, General da
batalha.:/

(P. 57) OGUM

/:Quem me dera Ogum
para ser meu guia.:/
Mas ele é praça
De cavalaria,
É ordenança
Da Virgem Maria.

/:Se a sua espada é de ouro,
sua coroa é de rei.:/
/:Ogum é tata na umbanda,
seu cangira, mogongô,
Ogum nhê ê.:/
mogongô
/:Ogum, Ogum,
Ogum é timbirim
Lá nas matas eu vi.:/
Ogum Estrela quando vem
La d'aruanda,trazendo
Pemba pra salvar
Filhos de umbanda.
Oh! Japonês,
/:Japonês, olha as ondas
do mar.:/
mogongô

(P. 58) OGUM

/:Dia 23 de abril,
 quem manda
 é São orge⁶⁶guerreiro.:/
 /:Oh! diz Ogum nhê,
 oh! diz Ogum ia.:/
 Comprei flores, comprei velas,
 Com prazer gastei dinheiro,
 Para enfeitar a capela,
 Para enfeitar o terreiro.
 Oh! diz Ogum nhê,
 Oh! diz Ogum ia.

Oh! que noite tão bonita,
 oh! que noite tão estrelada.
 /:Carruagem tão bonita,
 com a imagem tão bonita,
 de Ogum Megê.:/

(P. 59) OGUM

/:Seu Ogum Beira Mar,
 o que trouxe do mar,
 /:Ele veio do mar,
 trazendo areia.
 Na mão direita ele traz
 Uma guia da mamãe sereia.:/
 Que cavaleiro é aquele,
 que vem cavalgando
 pelo céu azul,
 é seu Ogum Matinatá,
 defensor do Cruzeiro do Sul.

E e á, e e á
 Pisa na umbanda,cangira
 Firma no gongá.
 E e á, e e á,
 Pinsa na Umbanda, meu pai
 Vamos saravá.

(P. 60) OGUM

Ogum de Lei,lê,lê,
 Ogum de Lei, lá,lá,
 Ogum de Lei,lê,lê,
 É nas ondas do mar, auê.
 Quando Ogum partiu pra guerra
 Oxalá deu carta branca.
 Toma conta de seus filhos,
 São Jorge venceu demanda.

Bendito louvado seja,
 saravá umbanda,
 saravá Ogum,
 /:Que já venceu demanda,
 que já tocou clarim.:/
 Seu Ogum tocou clarim.

Ogum não devia beber,
 Ogum não devia fumar,
 Mas a fumaça representa as nuvens
 E a cerveja as ondas do mar.

(P. 61) OGUM

/:Saravá Ogum,Ogum,
 Ogum e a coroa de lei.:/

⁶⁶ Jorge

/:Seu Ogum pisa na cangira de umbanda.
 Seu Ogum pisa na cangira de Oxalá.:/
 Saravá

/:Ogum é Lei,
 não me deixe sofrer tanto assim.:/
 /:Quando eu morrer,
 vou passar lá n'aruanda,
 saravá Ogum,
 saravá seu Sete Onda.:/

Brilhou no céu,
 brilhou no mar,
 a lança de São Jorge
 refletindo no luar.
 /:Ogum é São Jorge,
 meu santo protetor,
 daí forças aos meus irmãoS,
 saúde, paz e amor.:/

(P. 62) OGUM
 Quatro horas da manhã,
 Ogum tocou alvorada.
 Acorda filho de umbanda,
 E venha ver seu Ogum Matinatá.

/:Ogum passa na lua,
 faz tremer a terra,
 nos campos de batalha
 seu Ogum venceu a guerra.:/
 /:Lê,lê,lê,
 lê,lê,lê,a,
 vamos saravá Ogum,
 lá no Humaitá.:/

/:Bandeira linda de Ogum,
 esta içada,
 lá no Humaitá.:/
 Mas ele é,
 General de umbanda,
 Seu Ogum venceu demanda
 Nos campos do Humaitá.

(P. 63) OGUM

Quem chegou na casa das almas,
 vamos formar e tomar sentido,
 oi toma conta neste instante,
 pois vai chegar seu comandante, Ogum
 Ogum nhê, Ogum nhê,
 Ogum nhê, Ogum nhê,
 Foi na umbanda
 Quem esta de ronda chegou.

No alto da romaria,
 eu vi,
 um cavaleiro de ronda.
 /:Mas ele é,
 elé é Ogum Megê,
 ele veio d'aruanda,
 pra seus filhos proteger.:/

(P.64) SUBIDA DE OGUM

/:Cambono,ele vai aló,
 meu cambono,
 vai num gira só.:/
 /:Seu gongá fica aí,
 cambono ele vai partir.:/

/:Ogum, já me adorou,
 Ogum, já me saravou.:/
 Filhos de pomba,
 Porque tanto choras,
 É seu Ogum da falange,
 Que já vai embora.

/:Sua espada, seu capacete,
 seu cambono já guardou.:/
 /:Saravá, todos os Oguns.
 Nazaré, vento levou.:/

Pé no estribo,
 monta cavalo,
 olha que Ogum vai embora,
 /:Lê,lê,lê,ta na hora.:/

(P. 64) NANÃ BURUQUÊ

Assaluba,Nanã!
 Assaluba,vovó!

Nanã,
 É orixá de umbanda,
 Nanã,
 Ela é Nossa Senhora.
 /:Vamos saravá Nanã,Nanã,
 que ela vai,
 chegar agora.:/

Oi dizem que Nanã
 Balança o céu,
 Oi, dizem que Nanã

Balança o mar,
 Oi, dizem que Nanã
 Balança a terra,
 Oi, dizem que Nanã
 Balança a umbanda,auê.

(P. 65) NANÃ BURUQUÊ

Eu vi,
 eu vi Nanã.
 Eu vi Nanã na beira do rio.
 O sol se esconde,
 No romper da aurora,
 Mas é Nanã que vai chegar agora.

/:Nanã é velha
 como tata de minas.:/
 /:É no fundo mar,
 que Nanã é menina.:/

É uma velha,muito velha,
 que veio lá de orucaia,
 /:ele se chama Nanã Buruquê⁶⁷,
 ela se chama Nanã Buruquê.:/

(P. 66) NANÃ BURUQUÊ

/:Atraca, atraca,
 que ai vem Nanã, êa.:/
 É Nanã,é Oxum,
 É Oxum, é Nanã, êa.
 É Nanã,é Oxum,
 É Oxum,é Nanã,
 É a sereia do mar.

⁶⁷ Buruquê

Nanã,minhavovózinha,
 minha vó,minha vó.
 Nanã que Deus me deu,
 Minha vó, minha vó.

/:Nanã,Nana,
 é Nana⁶⁸Buruquê.:/

/:A sua saia é roxa,
 a sua casa é de sapê.:/

(P. 67) **NANÃ BURUQUÊ**

/: Na cachoeira,
 de Nanã Buruquê,
 só se lava a cabeça
 de filhos de fé
 que é pra valer.:/

/:Se você não é,
 então não vai lá,
 que Nanã Buruquê,
 ó meu filho,
 pode não gostar.:/

Auê,auê,vovó,
 olha sua canoa no fundo do mar.
 Auê, auê,vovó,
 Olha, rema com rema
 Na sua orucaia.

/: Na mesa da umbanda
 eu vi Nanã,
 Eu vi Nanã.:/

(P. 68) **SUBIDA NANÃ BURUQUÊ**

São flores, Nanã,
 São flores,
 São flores Nanã Buruquê.
 São flores,
 São flores do seu filho,Obaluaê.

Oh! Senhora San't Ana
 É Nanã Buruquê,
 Ela é mãe dos Orixás,
 São Roque é Obaluaê.
 São flores.
 Na hora da agonia
 Ele que vem nos socorrer,
 É seu filho, Nanã,
 É seu pai,
 São Roque é Oabaluaê⁶⁹.

/:Oi; quando os sinos dobram,
 anunciando a grande hora.:/

/:As ondas do mar lhe chamam,
 mas é Nanã que já ta indo embora.:/

(P. 69) **XANGÔ**

/:Bati a cabeça pro meu pai Xangô,
 e lá d'aruanda ele me abençoou.:/

Meu Pai Xangô,
 É o chefe,é
 O rei das pedreiras,filhos de fé,
 Na umbanda vem abençoar.

⁶⁸ Nanã

⁶⁹ Obaluaê

Com sua luz e sua missão justiceira, Filhos
de fé.

/:No alto da pedreira esta Xangô,
Senhor do meu destino até o fim.:/
/:Se um dia eu não tiver,
a fé que ele me deu,
que caia essa pedreira sobre mim.:/

/:Cachoeira da mata virgem,
aonde mora meu Xangô.:/
Pedra rolou, Nanã Buruque⁷⁰,
Pedra rolou, sarava⁷¹ pai Xangô.

(P. 70) XANGÔ

/:Xangô, seu Agodô,
seu Trovoada, seu Sete Faisca.:/
Lá na pedreira onde Xangô morava,
Oh! Meu pai,
Onde o rouxinol cantava.

/:Oh! Gino, olha a sua banda,
Oh! Gino, olha o seu gongá.:/
Aonde o rouxinol cantava.
Aonde pai Xangô morava.
Ele é filho da cobra coral,
/:ele é filho da cobra coral:/
Cao

Eu vi pai Xangô
Descendo a serra,
Mas ele vem,

⁷⁰ Buruquê

Beirando o mar.

/:Deixou sua pedreira em
cima, caô, cabecilê.:/

(P. 71) XANGÔ

Caô, xangô! Caô, Cabecilê!

/:Estava sentado sobre a pedra,
quando a umbanda me chamou.:/
levanta,
que já é hora,
venha ouvir o lindo
orado de Xangô.

/:Caô, meu pai,
deixa essa pedreira ai.:/
/:A umbanda ta lhe chamando,
deixa essa pedreira ai.:/

/:Xangô da pedra preta,
vou cantar ponto agora.:/
Vou cantar com alegria,
Com fé em Nossa senhora.
/:É pedra, é pedra, é pedra,
na morada de Xangô.:/

(P. 72) Xangô

/;Pedra rolou; Pai Xangô, lá na pedreira:
Segura pedra meu Pai, na cachoeira;/
/Tenho meu corpo fechado;/
Xangô é meu protetor,
Segura ponto meu filho;

⁷¹ Saravá

Pai de cabeça chegou!!/

/:Xangô,Xangô, CaÔ;/

Xangô é meu Guia.,

Xango é meu Pai,

A pedra na pedreira

Ela rola mais não cai,./

(P. 73) **Xangô**

Machadinha é de ouro,

É de ouro,é de ouro.

/:Machadinha que corta mironga,

é machadinha de Xangô.:/

/:Em cima daquela pedreira,

tem um livro que é de Xangô.:/

/:Caô,caô,

Caô,cabecilê.:/

Eram seis horas,

Quando o sino tocou,

Na marambaia,

Cidade da Jurema.

Eram seis horas,

Quando o sino tocou.

/:Com licença de Zambi,

sarava⁷² pai Xangô.:/

(P. 74) **Xangô**

Cão Xangô!! Cão Cabecile!!

Que pedreira tão alta,

Quanto limo criou

Não me quebra a pedra

Na morada de Xangô

Ele é Xangô das Almas,

Ele é feito nas Amas.,

Oh! Almas, oh! Minhas almas,

Seu Agodô, venha nos valer.

Dizem que Xangô;

Mora na pedreira,

Mas não é lá sua morada verdadeira;

Ele mora no horizonte,

Uma cidade de luz;

Onde mora Santa Bárbara,

Oxum Maré e Jesus

(P. 75) **Xangô**

/:Xangô botou pedra

em seu caminho,

mas não era para eu pisar.:/

Com as pedras de Xangô me dava

Eu vi meus sonhos se realizar.

Com as pedras que Xangô me deu,

Eu fiz a gruta do seu arerê.

/:Pedras sobre pedras,

consegui fazer,

a gruta da Oxum Marê.:/

/:Xangô,olha a sua banda,

Xangô,olha o seu gongá.:/

⁷² Saravá

Lá na mata, onde a Juriti cantava.
 Na pedreira onde Pai Xangô
 Fez sua morada.
 /:Olha a sua banda Xangô,
 olha o seu gongá.:/

(P. 76) **XANGÔ**

Por detrás daquela serra,
 Tem uma linda cachoeira.
 É de meu Pai Xangô,
 Que arrebentou sete pedreiras.
 É água nascendo na fonte
 E espinho na flor.
 Do seu peito escondido
 Nasceu a coragem de ser vencedor.
 Punhal na mão direita,
 Com escudo tão fiel,
 A quem na terra prometeu o céu.
 São sete pedreiras
 Que ele aprendeu a quebrar.
 Na fâisca, na fúria, no raio,
 Na chuva, na luz do luar.
 Lavou o corpo com o
 Vinho amargo do suor,
 E fez do próprio bem
 Todos os males, talvez o menor.

(P. 77) **Xangô**

Seu Sirimão, seu Sirimão
 É mais feroz que o leão.
 Arrebentou pedra no peito,

Arrebentou a sua mão.
 Seu Sirimão.

Caô cabecilê, é de mussum sum
 Ai como ele vem,
 É de mussum sum, ai como ele vem,
 Caô cabecilê, ai como ele vem.

/:Trovejou lá no céu,
 umbanda balanceou.:/
 /:Oh! Deus, umbanda balanceou.:/
 /:Auê, auê, auê,
 Salve a coroa de pai Xangô.:/

SUBIDA

/:Xangô já vai,
 já vai pra aruanda.:/
 /:Abenção, meu pai,
 proteção pra nossa banda.:/

(P. 78) **SUBIDA DE XANGÔ**

Adeus surpresa,
 Meu Pai Xango;
 Ele vai embora.,
 Adeus surpresa.;
 Fica com Deus e Nossa Senhora;
 È hora ; é hora;

Quem quiser⁷³ ver Xangô;
 Ai no reino da Gória⁷⁴...;
 Xangô é um santo que...;
 Na terra não demora;

⁷³ Quiser

⁷⁴ Glória

(P. 79) OXUM

Ela é uma flor ô ô;
 No Jardim do Senhor.;
 Ela é uma rosa;
 Uma rosa em botão;
 Ela é toda ternura.;
 Ela é toda pureza;
 Ela é toda amor;
 ./Ela é;;;. /
 Senhora da Conceição./

/Eu vi mamãe Oxum na cachoeira;
 Sentada na beira do rio,./
 ./Colhendo lírio, lírios ê.;
 Colhendo lírio, lírios a.;
 Colhendo lírios..
 Pra enfeitar nosso gongá./

(P. 80) OXUM

No alto da canhoeira⁷⁵.;
 Tem um lindo jacutá,
 Tem um banquinho de ouro;
 Que a Oxum vai se sentar;
 ./Ai,ieu mamãe Oxum,;
 Ai, ieu Oxum Maré;/
 /Auêdimdim,/ /
 /Auêdimda,/ /
 Olha a matamba do aruê;
 Olha a matamba do aruê;

(P. 81) SUBIDA DE OXUM

Baila Oxum,
 Olha a banda da Senhora;
 Baila Oxum;
 Aieuiou já vai embora;
 Aieuiou já vai embora;
 Que esta na hora;
 Aieuiou já vai embora;
 Aieuiou já vai embora;
 Vai embora pra aruanda.;
 Aieuiou já vai embora;

(P. 82) OXUM

/:Oxum Marê, Oxum Marê, Oxum Marê,
 cadê você, cadê você.:/
 Você foi pra longe,
 Não ouço mais o seu cantar,
 É triste a dor da saudade,
 Esse pranto a rolar.
 Fiz promessa pra Nanã,
 Fiz prece pra Oxalá,
 Vou pedir a Ynhasã
 Para ouvir o seu cantar.
 /:Oxum Maré, Oxum Marê, Oxum Marê,
 cadê você, cadê você.:/
 Levei cerveja preta,
 Na pedreira de Xangô,
 Deixei duas velas acesas,
 O seu canto não chegou.
 Apelei pra Omulú,
 Sua voz apareceu,
 Ordenança de Oxossi
 Quando Oxum apareceu.

⁷⁵ Cachoeira

Oxum Maré, Oxum Marê, Oxum Marê,
Cadê você, cadê você.

(P. 83) **OXUM**

/:Ouvi um brado da mamãe Oxum;
no alto da cachoeira.:/
/:Mas era,ela,
Nossa Senhora,
Esperando Ogum
Para jurar bandeira.:/

Se minha mãe é Oxum,
na umbanda e no candomblé.
Aieú, aieúauá minha mãe,
Aieú, aieú minha mãe Oxum Marê,
Ela vem beirando o rio
Colhendo lírios pra nos ofertar.
Mamãe Oxum, aieúieú mamãe Oxum,
Orixá desce e venha nos abençoar.

Salve minha mãe Oxum
que vem da cachoeira
com seu copo d'água
veio saravá.
/:É mamãe ê,
ê mamãe, á.:/

(P. 84) **OXUM**

/:Oh! flor de maio.:/
/:A minha mãe
é uma linda flor de maio.
Ai ieuieú, flor de maio.:/

/:Mamãe Oxum chegou,

na gira dos Orixás.:/
Trazendo nas águas do rio,
Sua mensagem de paz.
Mamãe Oxum,
Valei-me mamãe Oxum.
Olhai pros seus filhos na gira
Na gira de Pai Oxalá.
Oi gira, oi gira,
Oi gira, oi gira,
Oi gira e torna a girar,
Pra salvar filhos de pemba,
Na gira dos Orixás.

(P. 85) **OXUM**

/:Quem manda na cachoeira é Oxum.
Quem tem tantos filhos
Pode ter mais um.:/
Firma ponto,
Filhos de fé,
Bate cabeça no gongá.
Oi saravá, mamãe Oxum
E o nosso Orixalá.

/:Foi na beira do rio,
aonde Oxum chorou.:/
/:Chora, ieu, ieu,
olha os filhos seus.:/

Meu Deus,
Mas que luz é aquela,
Que vem,
Lá do alto da pedreira.
/:É a estrela da mamãe Oxum,
iluminando toda a cachoeira.:/

(P. 86) OXUM

No céu,
 uma estrela vem brilhando,
 nas águas o amor refletindo,
 ai ieuieu Oxum,
 de alegria estou sorrindo.
 Também na cachoeira
 Tenho a força de Oxum.
 Oxum é minha mãe e
 O meu pai é Ogum.
 Ai ieuieu.

A minha mãe é Oxum,
 Ai ieuieu.
 Rainha da cachoeira.
 A deusa da beleza é minha mãe Oxum,
 É Orixá da natureza.
 /:Aí vem Oxum passeando,
 passeando no clarão da lua.:/
 /:Aí como é linda,
 aí como é linda,
 mamãe Oxum passeando,
 no clarão da lua.:/
 Ai ieuieu.

(P. 87) OXUM

Eu vi,
 A deusa da natureza,
 A rainha da beleza,
 Com seu lindo manto azul,
 Oh! manto azul,

Parecei⁷⁶ um céu todo estrelado,
 Era manto sagrado
 Da nossa mamãe Oxum.
 Eu juro,
 Pensei que fosse miragem,
 Ao olhar aquela imagem,
 Chorei de emoção.
 /:Mas ela era,
 a minha estrela guia,
 que abençoava e sorria,
 e estendia a sua mão.
 Ora ieuieu!:/

(P. 88) OXUM

Eu fui ao cantoá,
 paga promessa só,
 levei ouro maior
 um adê pra ieuieu.
 Olha ieuieu,
 Minha prece verdadeira,
 Venha nos abençoar.
 Oh! Meus Deus,
 Como é lindo!
 O céu se abre,
 Mãe Oxum vem surgindo,ô,ô,ô.:/

/:Alodê,ialodêialô.:/

Alodê,ialo,
 Minha mãe é odê ê.

⁷⁶ Parecia

(P. 89) **OXÓSSI**

Oi, não se mexe na espada de Ogum
 oi, não se mexe na machada de Xangô
 oi, não se mexe no bodoque de Oxóssi
 /:Pois lá na mata tem,
 um grande cacador.:/

O seu Rompe Mato
 quando vem na umbanda,
 ele traz na cinta uma cobra coral.
 /:Mas era uma cobra coral.:/

(P. 90) **OXÓSSI**

Como é bonito,
 assistir festas nas matas,
 ouvir o som das cascatas,
 e o lindo canto dos sábias⁷⁷.
 Que noite linda,
 Que bela noite de luar,
 Sobre o clarão da lua,
 Eu vi a Jurema passar.
 A mata estava em festa, ô,ô,
 Toda coberta de flores,
 Até,os passarinhos cantam,
 Meus caboclos,
 Eles cantam em seu louvor.
 /:Ô,Ô,ô,o,
 quanta beleza,
 Ô,Ô,Ô,Ô,
 quanto esplendor,
 como é bom ter a certeza
 que seu Ubirajara

é nosso protetor.:/

(P. 91) **OXÓSSI**

/:Balanceia,balanceia,
 quero ver balanciear.:/
 /:Auê, dona das matas, deixa os caboclos
 arriar.:/

Caboclo roxo da pele morena,
 ele é Oxóssi, é cacador,
 lá na Jurema.
 /:Ele jurou e torna jurar,
 em tomar os conselhos
 que a Jurema vai lhe dar.:/

(P. 92) **OXÓSSI**

O vento ta⁷⁸ soprando nas matas,
 jogando as folhas da Jurema
 no chão
 O vento vem soprando,
 As folhas vão caindo e
 A Jurema das Matas vem surgindo.

Quando ele grita na serra,
 e a sereia no mar.:/
 /:Ele se chama Tupinambá,
 caboclo Urubá.:/

O guiné, o guiné,
 olha que cabocla é essa,
 o guiné, o guiné,
 que balança mais não cai.

⁷⁷ Sabiás

⁷⁸ tá

/:Vestimenta de caboclo
 é samambaia,é samambaia,
 é samambaia.:/
 Saía caboclo
 Não me atrapalha,
 Saía do meio da samambaia.

(P. 93) **OXÓSSI**

Caçador na beira do caminho,
 aí não me mate
 essa coral na estrada,
 ela abandonou sua choupana,
 cacados⁷⁹,
 oi no romper
 da madrugada
 Caçador.

Naquela praia de areia,
 aonde a lua clariou⁸⁰
 /:todos os caboclos pararam
 para ver a procissão
 de São Sebastião.:/
 Okê.
 /:Okê, okê,caboclo,
 meu pai caboclo
 é São Sebastião.:/

(P. 94) **OXÓSSI**

/:Se a gameleira de Oxóssi,
 deu sombra,

meu Pai Oxalá me responda.:/
 Como é bonito,
 Que bonito é,
 O meu pai Oxóssi
 No seu arerê.

No alto daquela serra,
 debaixo d'um pé de angá,
 eu vi a cabocla Jurema
 atirar sua fecha⁸¹ e não errar.
 Zuou,zuou,a sua flecha⁸²,zuou
 Zuou,zuou, a sua fecha⁸³, zuou.

Ô Juremê, ô Jurema,
 sua flecha caiu serena,
 Oh! Jurema,
 Dentro desse gongá.
 Salve São Jorge guerreiro,
 Salve São Sebastião,
 Salve todos os caboclos
 Que nos dão a proteção,
 Ô jurema.

(P. 95) **OXÓSSI**

/:Se você tem caboclo
 eu quero ver balancear.:/
 /:Arreia,arreia,
 capangueiro da Jurema,
 em Juremá.:/

⁷⁹ Caçador

⁸⁰ Clareou

⁸¹ Flecha

⁸² Flecha

⁸³ Flecha

/:Estava na mata caçando,do meio da mata
saía pó.:/

/:Era a Cabocla Jurema
que estava brincando com a cobra cipó.:/

/:Lá naquelas matas,
eu vi a cobra piar.:/

/:A cobra pia
eu também quero piar.
Seu bodoque era de aco,
E sua fecha⁸⁴ de indaiá.:/

(P. 96) OXÓSSI

/:Seu Guaraci quando
vem d'aruanda,
vem no clarão
da estrela de Oxalá.:/
Seu Guaraci vem no terreiro
Pros seus filhos saravá.

Getruê,getruá,
olha, vou laçar meu boi,
Getruê,getruá
O meu boi eu vou laçar;
Cadê aquele laço,
laço de laçar meu boi.

Cadê aquele laço,
Que não sei pra onde foi.
Boiadeiro sim,
Boiadeiro, sim senhor.
Eu sou boiadeiro

Boiadeiro,sim senhor.

(P. 97) OXÓSSI

/:Um grito na mata ecoou,
foi a Jurema que chegou.:/
Com sua flecha e seu cocar
A Jurema vem nos ajudar.

/:Caboclo a sua mata é verde,é verde,
é verde da cor do mar.:/

/:Saravá o cassuté da Jurema,
saravá o cassuté da Jurema,
saravá o cassuté da Jurema,
Jurema.:/

Na sua aldeia tem
os seus caboclos,
na sua mata tem
derendendem.
No seu saioite tem
Penas douradas.
Seu capacete brilha n'alvorada.

(P. 98) OXÓSSI

Foi, numa terra serena,
lá nas matas da Jurema
que eu vi um caboclo bradar.

/:Quio,
quio,quio.quio,quierá
sua mata estava em festa,
saravá seu Sete Flecha
que ele é o rei da floresta.

⁸⁴ Flecha

/:Vermelho é a cor
do sangue de meu pai,
e verde é a cor
das matas onde ele mora.:/

(P. 99) **OXÓSSI**

/:Estrela matutina,
clareia a umbanda sem parar.:/
/:Oi dizem que meu pai
é um caboclo.
Auê,auê,auá.:/

Quem manda nas matas,
é Oxóssi,
Oxóssi é caçador,
Oxóssi é caçador.
Eu vi meu pai assoviar⁸⁵,
Ele mandou chamar.
/:É d'aruanda, auê,
é d'aruanda,auê.
O seu Oxóssi é de d'aruanda,
É d'aruanda,auê.:/

/:Oxóssi é caçador,
eu gosto de ver caçar.:/
De dia ele caça nas matas,
A noite ele caça no mar.

(P. 100) **OXÓSSI**

Aqui nesta aldeia,
Tem um caboclo

Que ele é leal.
Ele não mora longe,
Mora aqui mesmo neste cantoá.

/: Oh! lê,lê,lê,
caboclinha atirou,
ela atirou
e a sua flecha certa.:/
Ela atirou, atirou, atirou,
Atira cabocla
Lá nas matas da Jurema.

Foi Zambi quem criou o mundo,
É Zambi que vai governar.
/:É Zambi quem ilumina as estrelas
que ilumina Oxóssi lá no Jurema.:/
/:Okê,okê,okê,
okê,meus caboclos,okê.:/

(P. 101) **OXÓSSI**

/: Oxóssi nas matas é rei,
Oxóssi nas matas é.:/
Ele passa pelos caminhos
Sem deixar marcas dos pés.

O seu saiote é carijó,
a sua flecha é de indaiá.
Todos caboclos vem sereno,
Como sereno é.
Oxóssi é rei da macaia,
Oxóssi é rei da guiné.
Ele atirou,ele atirou,

⁸⁵ Assobiar

Ele atirou e ninguém viu,
 O seu Oxóssi é quem sabe
 Aonde a fecha⁸⁶ caiu.

Se a estrela de Oxóssi brilha
 Mamãe eu quero ver.
 Eu quero ver
 Se Oxóssi é bamba.
 Mamãe eu quero ver

(P. 102) OXÓSSI

Eu vi chover,
 eu vi relampear,
 mas mesmo assim
 o céu estava azul.
 /: Samborê pemba,
 folha de Jurema.
 Oxóssi é dono do maracajá.:/

No centro da mata virgem,
 uma linda cabocla eu vi.
 /:Com seu saiote,
 feito de pena,
 era a Jurema, filha de Tupy.:/
 Jurema,Jurema,Jurema,
 Linda cabocla filha de Tupy.
 Ela veio,
 Lá de juremá,
 Pra firmar seu ponto
 Neste gongá.

(P. 103) SUBIDA DE OXÓSSI

/:O sol,
 nasceu a beira mar,
 foi dar,bom dia a Yemanjá.:/
 /:Mas ele foi,
 correr a sua gira lá nas matas,
 foi dar, boa noite a Juremá.:/
 Na folha verde da Jurema,
 Aonde o pássaro preto mora.

Caboclo vai embora,
 pra cidade da Jurema.
 Bom Jesus esta lhe chamando,
 Pra cidade da Jurema.
 Ele vai ser coroado,
 Na cidade de Jurema,
 Oi,na coroa do arerê,
 Pra cidade de Jurema.

(P. 104) DESCARREGO DE OXÓSSI

Serra,serra,serrador,
 Corta,corta,cortador,
 Corta todos os maus dos filhos,
 Viva Deus Nosso Senhor.

/:Oh! lua,
 caboclo da lua já chegou.:/
 /:Vai dizer a sua mãe,
 quantos filhos ele curou.:/

/:Cabocla sobe a serra,
 vai derrubar seu pau mais forte.:/

⁸⁶ flecha

/:Não precisa de machado,
não precisa de serrote.:/

Descarreguei,descarreguei,
na lei de umbanda.

Descarreguei, eles são
Filhos de umbanda.

(P. 105) YNHASÃ

Ventou na matas,
ventou nas pedreiras,
que vento forte,
nas cachoeiras.
Não é Oxóssi, nem é Xangô,
É Ynhasã com seu patacoro.
Senhora dos ventos e do trovão
Oh! minha mãe, quero sua proteção.

Ela é matamba,
Ele é oiá,
Ela é Ynhasã deste jacutá.:/
Ela é matamba,
Senhora dos ventos
Da espada de ouro.

/:Sinda popô, Santa Bárbara êa.:/
Olha sinda, sinda minha mãe,
Santa Bárbara no seu jacutá,
Olha sinda,minha mãe,
Santa Bárbara venha nos ajudar.

(P. 106) YNHASÃ

Auêdimdim,
auêdim dá,
olha a matamba do aruê
olha a matamba do aruá.

/:Êparrê, oiá,
deusa dos ventos,
mensageira de Oxalá:/
Êparrê,beloiá
Saravá grande guerreira,
Deusa do céu e da lua,
Minha santa padroeira
Que meu destino conduz.
Proteção pra sua filha,
Êparrê ô beloíá,
Moça rica da umbanda,
Venha nos abençoar.
Êparrê beloíá.

(P. 107) YNHASÃ

Saravá⁸⁷ deusa maior,
Ynhasã é moça rica.
/:Ynhasã deusa dos ventos
saravá moça bonita.:/
/:Ynhasã é minha mãe,
rainha do jacutá.:/
entre todas,êparrê,
roda a saia que eu quero ver,
filhos de pemba não tem querer
roda a saia que eu quero ver.

⁸⁷ Saravá

(P. 108) - YNHASÃ

/:Arêrê, Ynhasã,
o Rei Congo chegou,
Arêrê, Ynhasã,
O seu ponto afirmou.:/
/:Lá na aruanda,
Rei Congo chegou,
Vencendo demanda,
O seu ponto afirmou.:/

Êparrê, Ynhasã,
êparrêobeloiá,
a sua coroa é de ouro, Ynhasã,
venha nos ajudar.

Oh! êparrê.:/
A sua espada risca o espaço,
Deusa do mundo, Ynhasã iatopé.
Eu louvo a sua coroa, Ynhasã,
E viva o seu arêrê,
Oh!êparrê.

(P.109) YNHASÃ

Ynhasã, tem um leque que venta,
pra abanar dia de calor.
/:Ynhasã mora na pedreira
eu quero ver,
Meu Pai Xango.:/

Trovejou relampeou
Em alto mar.
Saravá Ynhasã,
Rainha do jacutá.

(P. 110) YNHASÃ

/:Oiá,olha ê, oiá,
Oh! êparrê, êparrê Ynhasã.:/
Viaja na força dos ventos,
No corisco e no trovão,
Senhora da tempestade,
Nos dê sua proteção.
/:Oiá,olha ê, oiá,
Oh! êparrê,êparrê Ynhasã.:/
Vencedora de demanda
Ela é Orixá guerreira
Na coroa de Xango,
Ynhasã é a primeira.

(P. 111) YNHASÃ

Êparrê, Ynhasã!
Êparrê,ôbeloiá!

/:Eparrê, lá na aruanda,
a nossa Mãe é Ynhasã.:/
/:Oh! gira,
deixa a gira girar,
oh! gira,
deixa a gira girar.:/
Oh! deixa a gira girar,
Sarvá⁸⁸Ynhasã,
Pai Xango, Yemanjá ô,
Deixa a gira girar,
Oh! gira,
Deixa a gira girar,
Oh! gira,

⁸⁸ Saravá

Deixa a gira girar.:/

(P. 112) YNHASÃ

/:Ynhasã menina,
dos cabelos loiros,
onde é sua morada?
É na mina de ouro.:/
Ynhasã é muito linda,
Mais bonita, ela é
Ynhasã está no terreiro
Vem trazer o seu axé.
No céu uma estrela guia,
brilhou,brilhou tão linda.
/:Oh! saravá, saravá Ynhasã,
Oh! saravá Xango e Oxalá.:/

(P. 113) YANHASÃ⁸⁹

Eram duas ventarolas,
Eram duas ventarolas,
Que vinham beirando o mar.
/:Uma era Ynhasã,êparrê,
a outra era Yemanjá.:/

(P. 114) YNHASÃ

/: Brilhou no meu do bambuzal,
uma estrela a iluminar.:/
Brilhou.
Ma era ela, mãe Ynhasã,
Que clareava seu oferendá.
/:Que clareava,
luz e multicores,
que sinhá trazia,iaiaá,

no seu alguidar.:/

Tem acarajé, o sinhá,
Tem,tem, tem,
Tem acarajé o sinhá
Tem,tem,tem.

(P. 114) YNHASÃ

Oh! Ynhasã,
senhora dos ventos,
Oh! Ynhasã venha nos valer.
Dá proteção pros seus filhos,
Com sua espada,
Vem nos socorrer
Sua coroa é de ouro Ynhasã,
Que brilha no gongá.
Vem saravá filhos de pemba,
E viva nosso Pai Oxalá,
Oh!beloiá.

Ynhasã,
Ynhasã,
Segura seu arêrê,Ynhasã.
Segura seu arêrê,Ynhasã
Oh! Ynhasã, oh! Ynhasã
Segura seu arêrê.

(P. 115) YNHASÃ

Santa guerreira,
que ao meu lado caminha,
com sua lança de ouro e
sua espada na mão.
És para mim,toda riqueza,

⁸⁹ Ynhasã

Venero sua beleza,
 Trago em meu coração.
 A sua saia quando roda irradia.
 Oh! deusa da ventania,
 É rainha do trovão.
 Com Pai Xangô,
 Ynhasã fez sua morada.
 Ela roda sua saia
 Quando Ogum toca alvorada.
 /:Êparrê, êparrêoiá,
 Saravá mãe Ynhasã,
 É rainha, é Orixá.:/

(P.116) **YNHASÃ**

Oh! Ynhasã
 Inhasã, minha mãe.
 Oh! Ynhasã venha nos ajudar.
 Estou pedindo proteção pra nós.
 Oh! Ynhasã limpa nossa voz.
 Eu trago uma rosa,
 Eu quero ofertar.
 Ynhasã é minha mãe,
 Sei que ela vai me ajudar.
 Êparrê, ê,ê,ê,a.
 Eu vim pedir proteção
 Pra grande falange do ar.
 Êparrê,ê,ê,ê,a
 Eu vim pedir proteção,
 Confio em minha Orixá.
 Estou aqui minha mãe!
 As rosas vim lhe ofertar.
 Ynhasã é minha mãe,
 Êparrê,ê,ê,ê,a
 Eu vim pedir proteção

Pra grande falange do ar.
 Êparrê, ê,ê,ê,a
 Eu vim pedir proteção
 Confio em minha orixá.

(P. 117) **YNHASÃ**

/:Ynhasã, cadê Ogum?
 Foi pro mar.:/
 Ynhasã penteia
 Seus cabelos macios,
 Quando a luz da lua cheia,
 Clareia as águas do rio.
 Ogum sonhava
 Com a filha de Nanã,
 E pensava que as estrelas
 Fossem os olhos de Ynhasã.
 /:Ynhasã, cadê Ogum?
 Foi pro mar.:/
 Na terra dos Orixás,
 O amor se dividia
 Entre Deus que era de paz,
 Outro Deus que combatia,
 E a luta só termina
 Quando existe um vencedor,
 Ynhasã virou rainha
 Na coroa de Xangô.
 Ynhasã, cadê Ogum?
 Foi pro mar.

(P. 118) **OBALUAÊ**

/:Seu Obaluaê,
 chama samiodê.:/
 Com sua capa de peste,
 Pelo mundo ele andou.

Omulú,olha eu,
faz zuê, zum,zum,
olha faz zuê.

/:Era mas não era,
pensei que era, mas não era não.:/
pensei que fosse pintasilva
que mora na pedra furada.

LIMPEZA DE OBALUAE

Se ele corre os quatros cantos,
Quatro cantos sem parar.
Se ele corre os quatro cantos
É pra seus filhos ajudar.

(P. 119) OBALUAÊ

/;Salve, salve,
salve a calunga.:/
/:Seu Obaluaê,
atotô,meu pai,
Omulú.:/

/:Omulú é tata,
na sua dança.:/
/:Com sua muleta
e sua bengala,
ele também dança.:/

Ele é um grande Orixá,
ele é o chefe da calunga.
/:Ele é seu atotô, Obaluaê.:/

A calunga é campo santo,

é morada de meu pai,
mas quem passa pela vida
pra calunga sempre vai.

(P. 120) OBALUAÊ

Atotô,nhê!

/:Oh! Que belo este jardim,
com lindas flores
enfeitadas em buquê.:/

/: Ofertadas de todo o coração,
ao velho Obaluaê.:/

As flores pro meu velho,
Atotô meu pai,

São lindas e cheirosas,
Atotô meu pai,

As flores pro meu velho,
Atotô meu pai,

Também são milagrosas,
Atotô meu pai,

(P. 121) OBALUAÊ

Atotô,nhê!

/:Meu Pai Oxalá,
é o rei, venha nos valer.:/

/:O velho Omulú,
atotô,Obaluaê.:/

/:Atotô, Obaluaê,
atotô,Babá,

atotô,Obaluaê,
atoto,é Orixá.:/

Oh! São Miguel

Reflexo de Oxalá,
 Seus filhos fiéis
 Vem lhe Saravá.
 /:Chefe da calunga,
 onde o mocho pia.
 Proteção de Atotô
 É todo dia ./

(P. 122) OBALUAÊ

Atotô,nhê!

Seu Obaluaê,
 vem na lei de umbanda.
 Seu Obaluaê,
 vem salvar a nossa banda.
 Seu Obaluaê,
 É nosso pai, é nosso guia,
 Dentro dessa Tenda,
 A sua luz se irradia.
 /:É Orixá maior,
 sua coroa é de lei,
 saravandoatotô,
 atotô, Obaluaê.:/

/:Casinha branca, casinha branca
 que eu fazer.
 Pra oferecer ao meu pai, Omulú,
 Meu pai, Omulú,
 Seu Atotô,Obaluaê.:/
 Salve, minha mãe Oxum,
 Salve, Nana Buruquê,
 Salve,Atotô, Obaluaê.

(P. 123) OBALUAÊ

Atotô,nhê!

Chefe da calunga,
 Onde o mocho pia.
 Protecão de Atotô
 É todo dia.:/

Se encontrares no caminho
 um velhinho, peça abençoão.
 /:Deus te abençoe,
 Deus te abençoe.
 Deus te abençoe,Obaluaê,
 Deus te abencoe.:/

(P. 124) SUBIDA DE OBALUAÊ⁹⁰

/:Já mandei cair.:/
 Já mandei cair,
 Sua casa de branco,
 Já mandei cair.

Mas ele vai se retirando,
 Pois Jesus já lhe chamou.
 /:Nossa Senhora da Penha.
 Viva Deus,Nosso Senhor.:/

(P. 125) PRETO VELHO

Adorei,minhas santas
 E pr'as almas

⁹⁰ Obaluaê

/:Eh! Tia Maria,
 Preta velha da Bahia.:/
 Segura na barra da saia,
 Dança na ponta dos pés,
 E quando pega o rosário,
 Faz umbanda e candomblé,
 Tia Maria.

/:Eh! Tia Maria,
 Preta Velha da Bahia.:/
 Rezadeira de quebranto,
 Mau olhado e desencanto,
 Feiticeira, curandeira,
 Dobradeira de Junqueira,
 Tia Maria.

/:Eh! Tia Maria,
 Preta Velha da Bahia.:/
 Vem segurar seu ponto,
 Sua pemba, e muita fé.
 Quem quizer⁹¹ falar com ela,
 Traga figa de guiné,
 Tia Maria.

(P. 126) PRETO VELHO

/:O Congo e a Cambina
 vieram trabalhar.
 O Congo vem por terra,
 Cambina vem por mar.:/
 /:Mas ela é Cambina,
 Preta Velha feiticeira,
 Ela é Cambina,
 Preta Velha Mironqueira.:/

Quem vem lá,
 quem combate demanda,
 filha de Congo
 é Maria Redonda.

/:O cachorrinho da Vovó,
 Vovó catará, ê, ê,
 Não tem fumo, só tem pó,
 Vovó catará, ê, ê.:/
 Cadê minha pita, que quero pitar.
 Cadê minha marafa, que quero tomar.
 Cadê minha bancada, que quero sentar.
 Vovó ta⁹² no reino, vamos saravá

(P. 127) PRETO VELHO

Arriou na linha do congo,
 é congo, é congo, aruê.
 Arriou na linha do congo,
 Agora que eu quero ver.

Olha, meu São Benedito,
 que gira o mundo dentro do gongá,
 olha, meu São Benedito,
 trazendo o infinito pra junto do mar.
 Se minha mãe, também era Benedita,
 Oi saravá, toda moça bonita,
 Oi saravá, pra quem vem da calunga,
 Oi saravá, nosso Pai Oxalá,
 Oi saravá, saravá Orixá.

⁹¹ Quiser

⁹² tá

(P. 128) PRETO VELHO

/:O sol clariou⁹³ o dia,
 a lua clariou⁹⁴ nosso gongá.:/
 a Vó Sofia, ilumina meus passos,
 Pai Joaquim ilumina os caminhos
 Por onde eu passo.

Eu já plantei café de meia,
 eu já plantei canavial.
 Café de meia não da lucro, sinhá
 Canavial, marafá dá.
 /:Amarra o boi Preta Velha,
 na porteira do Gongá.:/

O galo cantou,
 quando Jesus nasceu,
 mas também, ele cantou,
 quando a Vó Sofia aqui chegou.
 /:Viva aleluia, viva aleluia,
 viva aleluia da Vó Sofia.:/

(P. 129) PRETO VELHO

/:Lá no cruzeiro das almas,
 eu vi Preto Velho rezar.:/
 Mas era,
 Pai Joaquim D'Angola,
 Que vem de longe
 Pra rezar seu patuá.

Pai Joaquim, e, ê,
 Pai Joaquim, ê, a

Pai Joaquim veio de Angola,
 Pai Joaquim é de Angola,
 Angolá⁹⁵.

(P. 130) PRETO VELHO

/:O sol clariou⁹⁶ o dia,
 a lua clariou⁹⁷ nosso gongá.:/
 a Vó Sofia, ilumina meus passos,
 Pai Joaquim ilumina os caminhos
 Por onde eu passo.
 Eu á plantei café de meia,
 eu já plantei canavial.
 Café de meia não da lucro, sinhá
 Canavial, marafá dá.
 /:Amarra o boi Preta Velha,
 na porteira do Gongá.:/

O galo cantou,
 quando Jesus nasceu,
 mas também, ele cantou,
 quando a Vó Sofia aqui chegou.
 /:Viva aleluia, viva aleluia,
 viva aleluia da Vó Sofia.:/

(P. 131) PRETO VELHO

Quem é aquele velhinho,
 que vem no caminho andando devagar.
 Com seu cachimbo na boca,
 Puxando a fumaça e jogando pro ar.
 /:Mas ele é do cativoiro,
 ele é Preto Velho,

⁹³ Clareou

⁹⁴ Clareou

⁹⁵ Angola

⁹⁶ Clareou

⁹⁷ Clareou

ele é mirongueiro.:/

(P. 132) **PRETO VELHO**

/:Vó Sofia chegou da Bahia,

todo mundo comeu vatapá.:/

Com dendê e fubá,

Acarajé,comida de Santo

Quem é que não quer.

Pra fazer cangerê,

Só a baiana é quem sabe fazer.

/:Tem, tem pempa,

tem,tem guia,

tem seu olhar.

Tem,tem pempa,

Tem feitiço no olhar.:/

/:Preto Velho chegou da Bahia,

batuque não pode parar.:/

/:Ele traz um colar de missangas

coma guia do Pai Oxalá.:/

Ê, ê, ê,

Batuque não pode parar.

Ê, ê, ê,

Na gira do Pai Oxalá.

(P. 133) **PRETO VELHO**

/:Preto com preto

na roça é cidade.

Oh! que bambeia, cidade.:/

Cadê o Preto Velho

Que não esta nesta cidade,

Oh! que bambeia, cidade.

/:Eu choro meu cativeiro,

meu cativeiro, meu cativerá.:/

No tempo da escravidão,

Preto Velho sempre trabalhou,

/:mas não tinha o que pensar,

deixava os problemas para o Senhor.:/

/:Quando vinha às seis horas,

Saravá Ogum,Saravá Pai Xangô.:/

O nego esta molhado de suor,

feliz, feliz, porque se libertou.

/:O sinhá, o sinhá,

segura o chicote, não deixa bater.

Reze uma prece, pra nego morrer,

Que nego não quer mais sofrer.:/

(P. 134) **PRETO VELHO**

Vovó tem sete saias,

na última saia tem mironga.

Vovó veio de Angola,

Pra salvar filhos de umbanda.

/:Com seu patuá, e a figa de guiné,

Vovó veio de Angola

Pra salvar filhos de fé.:/

Preto velho senta no toco,

faz o sinal da cruz,

pede proteção à Zambi,

para os filhos de Jesus.

Cada conta do seu rosário,

É um filho que ali está,

Senão fosse os Pretos Velhos

Não sabiam caminhar.

(P. 135) PRETO VELHO

/:Bahia, o África,
vem cá,vem nos ajudar.:/
/:Força baiana,
força africana,
força divina vem nos ajudar.:/

/: Pai Benedito trabalha.:/
/: com Cipriano e Jacó.:/
/: Ele trabalha com chuva e o vento,
ele trabalha com a lua
e o sol.:/

/:Mãe Maria, cadê Pai José,
foi na mata colher guiné.:/
/:Diga a ele que quando vier,que pise no
chão e não bata com pé.:/

(P. 136) PRETO VELHO

/:Quem caminha com as almas, caminha
devagarinho.:/
/:é devagar, é devagarinho,
quem caminha com as almas
nunca se perde no caminho.:/

/:Abre a porta do céu, São Pedro
deixa as almas trabalhar.:/
/:Oh! Virgem Imaculada,
Nossa Senhora da Conceição.:/

/:Senão⁹⁸ fosse as almas santas,
meu cruzeiro se queimava.:/

/:Ai,ai,ai,
meu cruzeiro se queimava.:/

(P. 137) PRETO VELHO

/:Lá no cruzeiro das almas,
eu vi Preto Velho rezar.:/
Mas era,
Pai Joaquim D'Angola,
Que vem de longe
Pra rezar seu patuá.

Pai Joaquim,e,ê,
Pai Joaquim,ê,a
Pai Joaquim veio de Angola,
Pai Joaquim é de Angola,
Angolá⁹⁹.

(P. 138) PRETO VELHO

/:Ai, como pita o cachimbo,
meu velho,
ai,como bebe marafa,
meu velho.:/
Tem formiguinha pequenina
Na orucaia,
Ai,como pita o cachimbo,
Meu velho.
Tem formiguinha pequenina
Na orucaia,
Ai,como bebe marafa,
Meu velho.

Vovó Maria Conga,

⁹⁸ Se não

⁹⁹ Angola

ela é africana,
 ala é soberana,
 rainha de Omolokô.
 Saravá a Senhora Sant'Ana,
 Afilhada de Ynhasã,
 Protegida de Xangô.
 /: No arerê, da Vovó,
 nós viemos saravá,
 São Cosme,São Damião e Doum.:/

(P. 139) PRETO VELHO

As almas tem, as almas dá.
 As almas dá para quem
 Sabe aproveitar.
 Vamos pedir,
 Vamos implorar,
 As almas dá para quem
 Sabe aproveitar.

Lá vem vovó descendo a serra
 com a sua sacola,
 com seu rosário,com seu patuá,
 ela vem d'angola.
 /:Eu quero ver Vovó.:/
 Eu quero ver se filho de pomba
 Tem querer.

Lá, no cruzeiro das almas,
 aonde as almas vão rezar.
 /:As almas choram de alegria,
 quando os filhos se combinam,
 também choram de tristeza,
 quando não quer combinar.:/

(P. 140) PRETO VELHO

/:As almas pedem,
 é com grande alegria.:/
 /:é um Pai Nosso
 e uma Ave Maria.:/
 Ave Maria, cheia de graças,
 O Senhor é convosco,
 Bendito seja vós
 Entre as mulheres,
 Bendito o fruto
 Que de vosso ventre
 Nasceu Jesus.

Eu andava perambulando,
 sem ter nada pra comer.
 Vou pedir as santas almas
 Para vim me socorrer.
 /:Foi as almas que me ajudou.:/
 Oi,viva Zambi,
 Viva Deus,Nosso Senhor.

(P. 141) SUBIDA DE PRETO VELHO

Preto velho vai embora,
 Vai beirando a beira mar.
 Vai, vai, vai,
 Pega a mironga e vai girar.

Preta velha vai embora,
 e vai rezando os seus filhos com guiné.
 E na umbanda ela firma o seu ponto
 E na aruanda ela tem a sua fé.

(P. 141) EXÚ

/:A dona dessa gira,

é Pomba Gira.

Mas ela é,

Pomba Gira de fé.:/

/:É linda como a lua,

como a lua.

È bela como aurora,

Ai,como aurora.

Mas eu daria tudo,

Daria tudo,

Pra ver a Pomba Gira

Nesta hora.:/

/:Ganhei uma barraca velha;

foi a Cigana que me deu.:/

O que é meu é da Cigana,

O que é dela não é meu.

(P. 142) EXÚ

Bem que lhe avisei,

Pra você não jogar

Esta cartada comigo.

Você me jogou um valete,

Eu lhe joguei uma dama,

Mas olha

Você é meu amigo,

Pomba Gira Cigana é,

Pomba Gira de fama.

Eu ai caminhando pé,

Pra ver se encontrava,

A linda Cigana de fé.

Ela passou,

E leu minha mão,

E disse-me, disse-me toda a verdade.

/:Mas eu, só queria saber

onde andava,

a Pomba Gira Cigana.:/

(P. 143) EXÚ

De vermelho e negro,

Vestida a noite,

O mistério traz.

De colar de contas,

Brinco dourado a promessa faz.

Se é preciso ir,

Você pode ir,

Peça o que quiser¹⁰⁰,

/:Mas cuidado amigo,

ela é bonita,

ela é mulher.:/

No canto da rua

Zombando,zombando,

Zombando esta¹⁰¹,

Ela é moça bonita,

oi girando,oi,girando,

oi girando, vai,

oi girando vai,o, lê, lê,

oi girando vai, o, lê, lê,

oi girando vai, o, lê, lê,

oi girando vai.

¹⁰⁰ Quiser

¹⁰¹ Está

(P. 144) EXÚ

Cambono segura a cantiga
Que está chegando a hora
Saravá toda a encruza
Exu é quem manda agora!

O garfo de exu é firme
A capa de exu me rodeia!
Já passei na encruzilhada
Vaguei pela madrugada
Exú não bambeia!

Abre a porta do teu mundo
E deixa esse povo entrar!
O exu é um povo amigo
Ele só quer te ajudar!
Eu tô cantando, eu tô louvando
Eu tô pedindo a proteção
A esse povo de exu¹⁰²
Meu camarada, meu irmão!

Meu senhor do campo santo
Nas horas santas benditas
Quem louva povo de exu
Não passa horas malditas!

Exu larara ô
La rara ô
É mojubá!
Ele é exu é do kerêkerê!
Ele é exu é do kerêkerá!

Boa noite, meu senhor!
Exu no reino chegou!
Vamos louvar nossa quimbanda
Viva exu que é doutor!

Boa noite, meu senhor!
Exu no reino chegou!
Vamos louvar nossa quimbanda
Viva exu que é doutor!

Exu chegou no reino!
Meu deus quero ver quem é!
Com licença de ogum, com licença
de ogum
Chegou meu exu de fé!

Boa noite, boa noite!
Exu tá no reino e vai dar boa noite!
Boa noite, boa noite!
Exu vem saravá e me dar boa noite!

Exu louvei
Exu louvei a encruzilhada!
Louvei morada de exu
Louvei a rua e a madrugada!

Tá chegando a meia noite
Tá chegando a madrugada!
Salve o povo de quimbanda
Sem exu não se faz nada!

Ô boa noite pra quem vem de longe

¹⁰² Exú

Ô boa noite pra quem vem
 chegando
 É boa noite pra moça bonita
 É pra ela que estamos cantando
 Vou por sete rosas vermelhas
 Lá na encruzilhada
 É lá que a moça bonita
 Dá a sua risada!

Eu vi uma linda mulher
 Lá no cruzeiro a girar
 Com seu olhar e seu sorriso
 Que só me faz enfeitiçar
 Eu vou chamar por você
 Eu vou chamar quando a lua sair
 O seu olhar é que me fascina
 Que só me faz enfeitiçar!

Dentro da calunga eu vi
 Uma linda mulher gargalhar!
 Era pomba-gira da calunga
 Que começa a trabalhar!

Eu vi um a rosa na encruza
 Eu peguei e plantei no meu jardim!
 Maria Mulambo, Maria mulher
 Saravá Maria Padilha rainha do
 candomblé(2x)

Nos sete cruzeiros
 Ela é uma rainha
 Ela tem a força de Omolú
 É o braco forte de Ogum Megê
 É o raio da luz de Iansã

Ela é coroada de força
 Ela é coroada de luz
 Ela é Maria Padilha
 Que na calunga tem muita luz...
 Quando eu toco tambor
 Eu só toco pra ela
 Seu olhar é sereno
 Seu olhar me fascina.
 Ela vem girando na linha das almas
 É a Maria Padilha!
 Minha senhora das almas
 Atira e não erra mira!
 Ela é minha protetora
 Saravá Sá Maria Padilha!

(P. 145) **EXÚ**

Dona pomba-gira cigana
 Leva o que tem pra levar!
 Leva a minha quizila
 Leva bem para o fundo do mar!

Olha que menina
 Olha que menina bela!
 É pomba-gira menina
 Me chamando na janela!

Ela é uma beleza
 É pomba-gira menina!
 Na demanda não bambeia
 Sua morada é na esquina!

A marola do mar já vem rolando
 Pomba-gira da praia já deu sua
 risada!

Ela é mulher bonita, muito formosa
Trabalhando na areia ou na
encruzilhada!

Quem quiser vá ver
Quem não crê que vá olhar!
Pomba-gira da praia, meu sinhô
Vem nas ondas do mar, vem nas
ondas do mar!

Mas que caminho tão escuro
Que vai passando aquela moça
Com seus farrapos de chita
Estalando osso por osso!

Olha, minha gente
Ela é farrapo só!
Pomba-gira maria molambo
É de coróccó!

Mulambo, mulambo
Por onde você andou?
Foi presa e acorrentada
Foi tranca rua quem salvou o seu
amor
Quem ver você sorrir pensa que é
feliz
Mas ela traz uma marca no peito
E só deus sabe o porquê!

Maria molambo¹⁰³ traz
Linda saia com sete guizos

Quando roda nos terreiros
Trabalhando nas demandas
Mostra que tem muito juízo!

Maria padilha
Rainha do candomblé!
Firma curimba
Que tá chegando mulher!

Maria padilha
Traz linda figa de ouro
Oi saravá rainha linda de
quimbanda
Sua proteção é um tesouro!

De onde é que maria padilha vem?
Aonde é que maria padilha mora?
Ela mora na mina de ouro
Onde o galo preto canta
Onde criança não chora!

Ela é maria padilha
Da sandalhinha de pau!
Ela trabalha pro bem
Mas também trabalha pro mal!

Nos sete cruzeiros
Ela é uma rainha
Ela tem a força de Omolú
É o braço forte de Ogum Mege
É o raio da luz de Yansã
Ela é coroada de força

¹⁰³ Mulambo

Ela é coroada de luz
 Ela é Maria Padilha
 Que na calunga tem muita luz...

(P. 146) **EXÚ**

Quando eu toco tambor
 Eu só toco pra ela
 Seu olhar é sereno
 Seu olhar me fascina.
 Ela vem girando na linha das
 almas
 É a Maria Padilha!

Meu sinhô, meu sinhozinho!
 Gargalharam na encruzilhada!
 Era pomba-gira rainha, sinhô
 Que reinava na madrugada!

Queiram bem a exu
 Queiram bem a exu, gente!
 Eu quero bem a dona rainha
 Queiram bem e exu, gente!

Ela está no reino, auê
 Ela vem saravá auá!
 Pomba-gira rainha auê
 É rainha do mal auá!

Auê pomba-gira rainha
 Comanda a madrugada!
 Quando chega nas encruzadas
 Dá logo sua gargalhada!

O seu manto é de veludo

Rebordado todo em ouro
 O seu garfo é de prata
 Muito grande é seu tesouro!

Lá no cruzeiro da calunga
 Eu vi uma farofa amarela
 Quem não acredita em pomba-gira
 do cruzeiro
 É muito bom não mexer nela!

Minha senhora das almas
 Atira e não erra mira!
 Ela é minha protetora
 Saravá sá pomba-gira!

Rosa vermelha... Rosa vermelha
 sagrada
 Rosa vermelha é pomba gira das
 sete encruzilhadas!
 Quando ela vem... Vem girando
 Cantando e dando risada
 Cuidado amigo ela esta de sai
 rodada!

Pomba gira você é uma rosa
 Uma rosa que não tem espinhos!
 Pomba gira você é uma rosa
 Uma rosa que abre os meus
 caminhos!

Rosa caveira ... Rosa caveira...
 Ela é o exu que nasceu na porteira!
 Não se põe sobre a mata
 Não se põe sobre a mesa

Ela é o exu que acompanha O
caveira!

Zé pilintra no catimbó

É tratado de doutor!

Quando abre a sua mesa

Tem fama de rezador!

Quem é aquele homem sentado logo ali...

Todo de terninho branco chapéu de palha

Olhou pra mim...ele é o zé...

O zé pilintra é...

Ele é malandro ele é boêmio ele é
de fé...

Seu zé feche a porteira, cancelas e
tronqueira!

Não deixe o mal entrar

Olha que o galo já cantou na
aruanda

Farofa na fundanga eu quero ver
queimar!

(P. 147) **EXÚ**

Oi zé quando for lá na lagoa

Toma cuidado com balanço da canoa

Oi zé faça tudo que quiser

Só não maltrate o coração dessa
mulher!

Eu encontrei o zé pilintra no
cruzeiro...

Chorando pelo amor de uma
mulher...

Ele chorava por uma mulher

chorava por uma mulher..

Chorava por uma mulher que não

lhe amava...

Quem e que usa gravata vermelho

Terno branco e chapéu de banda

E seu zèpilintra e doutor de umbanda

Que vem chegando da sua aruanda

Bravo sr zé pilintra chegou!

Com seu chapéu de palha

E seu lenço no pescoço

Zé pilintra está na terra

Pra dizer: boa noite, moço!

Morador lá no sertão

Traz sua figa no pé

Se não está aborrecido

Louva jesus de nazaré!

Tranca ruas e zé pilintra

São dois grandes companheiros,

Tranca ruas na encruza,

E zé pilintra no terreiro.

Lá no morro é, que é lugar de tirar
onda. Bis

Tomando brahma de meia, jogando
baralho e ronda.

Tem gente que me chama de amigo,

Mas não possui no coração a lealdade,

Se pensam que me enganam

eu não me iludo,

Sem lealdade não existe amizade, é só falsidade!

De madrugada quando vou descendo o morro,
A nega pensa que eu vou trabalhar.

Bis

Eu boto meu baralho no bolso,
Meu cachecol no pescoço.
E vou pra barão de mauá!
Mas trabalhar, trabalhar pra quê?

{bis}

Se eu trabalhar eu vou morrer.

De dia numa linda batucada
De noite nos braços da amada.
Qual é que é, seu zé. Qual é que é?
Eu sei que seu caso é mulher.

Calça, culote, paleta, camisa fina
So me falta uma botina, pra acabar de ajeitar
É zepilinha sim senhor, e ze pilinha seu doutor
Seu doutor, seu doutor...(bis)

Calça, culote, paleta, camisa fina
So me falta uma botina, pra acabar de ajeitar
É ze pilinha sim senhor, e ze pilinha seu doutor
Seu doutor, seu doutor...(bis)

(P. 148) EXÚ

Essa cartada ninguém vai ganhar
O vencedor acaba de chegar!
Salve exu cigano que veio de lá
E junto com ele eu vou girar!

Ele vem de longe mas chega aqui
E quando vem alguém lhe chamar
Vem salvando toda a encruza
Já chegou seu marabô!

Quem nunca¹⁰⁴ viu

Que venha ver!

Marabô na encruza

É de quenguerê!

Vinha passando pela rua
Quando ouvi seu marabô me chamar
Louvei a encruza, louvei a lua
Saravá seu marabô que caminha pela rua!

Caminhei pela estrada deserta
Caminhei sem olhar para a lua
Até que cheguei na minha morada
Sou marabô da encruzilhada
Sou um dos donos da rua!

Auê, veludo!

Seu cabrito deu um berro

¹⁰⁴ Nunca

Rebentou cerca de arame
Estourou portão de ferro!

Descarrega, seu veludo
Leva o que tem de levar!
Com sua força bendita
Leva o mal para o fundo do mar!

Deu meia-noite, quando o malvado
chegou!(2x)
Era exu veludo, dizendo que era
doutor!(2x)
Mas ele é exu, dizendo que é doutor!
Mas ele é exu, irmão do seu marabô!

Se ele é capitão da encruzilhada, ele é!
Ele é ordenança de ogum!
Sua coroa quem lhe deu foi santo antonio!
Sua djina quem lhe deu foi omulu!
Oi salve o céu, salve o sol e salve a lua!
Saravá seu tranca rua
Que é dono da gira no meio da rua!
Ina ele é mojubá (2x)
Saravá seu tranca rua
Que é dono da gira no meio da rua

Comigo ninguém pode
Mas eu pode com tudo
Na minha encruzilhada
Eu é exu veludo

Na encruzilhada tem um rei
Esse rei é seu tranca-ruas
Na outra esquina tem mais um rei

É seu tiriri com a rainha pomba- gira!

Soltaram um pombo lá nas matas
Lá na pedreira não pousou
Foi pousar na encruzilhada
Seu tranca ruas quem mandou!
Ena,enamojubá ê, ê mojubá (4x)

Tranca ruas matou seu gato
Mas não quis comer sozinho
Chamou seus camaradas
E dividiu em pedacinhos!
Logo chegou seu lúcifer
Com a pomba-gira que é exu mulher!

Seu tranca ruas nasceu
Pra cumprir sua missão
Pela sua inteligência
Ganhou logo galão!
Ele é exu muito delicado
Mas se entra em demanda
Não quer mais sair não!

(P. 149) **EXÚ**

Exu da meia-noite
Exu da madrugada
Salve o povo de quimbanda
Sem exu não se faz nada!

Seu meia-noite,sereno cai
Cai,cai,sereno cai
Seu meia-noite,sereno cai
Cai,cai, sereno cai!

Seu meia-noite no ponto de mina
Laroiê galo já cantou!(3x)

Seu meia-noite na encruza
Galo canta, gato mia
Quem trabalha com exu
Não tem hora, não tem dia
Busca sempre a melhoria!

Exu da meia-noite
Exu da encruzilhada
Salve o povo de aruanda
Sem exu não se faz nada!

Ele não foi batizado!
Não buscou a salvação!
Mas ele é quem vence demanda
Saravá exu pagão!

Exu ganhou garrafa de marafo
E levou na capela pra benzer!
Seu mangueira correu e gritou:
Na batina do padre tem dendê!
Tem dendê, na batina do padre tem
dendê!(4x)

Viva as almas!
Viva a coroa e a fé (ô viva as
almas!)
Viva exu nas almas!
Ele é seu mangueira de fé! (ô viva
as almas!)

Exu trabalha de pé

Não se senta na cadeira!
Gosta de beber marafo
De brincar com o seu garfo!
Saravá exu mangueira!(2x)

Pinga fogo lá na encruza
Pinga fogo lá na serra
Abre a porta gente!
Pinga fogo tá na terra!

Eu vi exu pinga fogo
No alto do chapadão
Comendo jaca madura
Jogando as verdes no chão!

Seu pinga fogo passou na
encruzilhada
Ali encontrou sá pomba-gira!
Aproveitou, encomendou-lhe um trabalho
Despachou a demanda
Ficou segurando a gira!

Exu não vem no clarão do sol...
Ele vem ao romper da lua!
Saravá exu vira mundo!
Ele é rei da madrugada
Junto com seu tranca ruas!

Exu pisa no toco,
exu pisa no galho
Galho balança, exu não cai ô
ganga!
É exu, exu pisa no toco de um
galho só (2x)

Marimbondo pequenino, bota fogo
no paiol, ô ganga!
É exu tatá caveira no toco de um
galho só!

(P. 149) **EXÚ**

Um pombo preto voou da mata
Voou e pousou lá na pedreira
Onde os exus se reúnem
Mas o reino é de tatá caveira!

Mas ele mora na pedra dourada
Onde não passa água
Onde não brilha o sol
Mas ele é João Cavera¹⁰⁵ auê
O exu das almas da calunga ê!

Toma lá, traz cá!
Ô caveira!
Toma lá, traz cá!
Ô caveira!

A porta do inferno estremeceu
Veio todo mundo pra ver quem é!
Ouviram-se gargalhadas na encruza
Era seu caveira com a mulher de Lúcifer!

Êêê caveira vai firma ponto na
folha da bananeira!
Eu ouço a gargalhada do diabo toda noite...
Na sua catacumba tem mistério, êê
caveira...

Portão de ferro
Cadeado de madeira
Na porta do cemitério
Quem mora é exu caveira!

Quando vou ao cemitério
Peco licença para entrar
Bato com o pé esquerdo
Pra depois eu saravá!
Eu saravo omulu
E seu caveira também!
Assim eu faço a obrigação
Para os filhos do além!

Deu uma ventania, ô ganga
No alto da serra!
Era rei tiriri, ô ganga
Que veio para a terra!

Ele se chama tiriri
Nasceu em mato grosso
Se criou em Nazaré, em Nazaré
É filho de um xavante
Neto de um navegante
Tiriri é um rei é
É um rei é! É um rei é! (4x)

Firma o ponto
Acerta o passo!
Para o exu tiriri
Não há embarço!

¹⁰⁵ caveira

Exu tiriri

Trabalhador da encruzilhada!

Toma conta e presta conta

Ao romper da madrugada!

Quando o galo canta

As almas se levantam

E o mar recua!

É quando os anjos do céu dizem
amém

E o pobre lavrador diz aleluia!

Viva a aleluia, viva a aleluia!

Rei tiriri viva a aleluia!

Viva a aleluia, viva a aleluia!

Rei tiriri viva a aleluia!

Eu não tenho patrão

Calunga foi quem me criou

Meu nome é sete covas

Minha quimbanda ele já louvou!

Ele é exu pagão

Não tem quem obedecer!

Pra ele só interessa

Qualquer demanda vencer

Seu sete covas é rei na quimbanda!

(2x)

(P. 150) **EXÚ**

Eu vinha vindo devagar

Oi devagar e bem ligeiro

Chegou a falange do 7 cruzeiros

Firma o sol...Firma a lua!

Chegou seu 7 encruza no meio da
rua!

Quem pensar que o céu é perto

Nas nuvens não vai chegar!

Seu gargalhada está rindo

Do tombo que vão levar!

O luar brilhou na mata

Gato miou na encruza!

Saravei seu gargalhada

É exu meu camarada

Ninguém abusa com ele!

Passei pela encruza à meia-noite

Um assovio ouvi e gritei:

Saravá todo povo da encruza!

Seu gargalhada, nesta hora me valei!

Ri quáquáquá!

Olha seu gargalhada tá pra chegar!

Banda de exu vai chegar

E exu gargalhada que vai mandar!

Quem ri na encruza é rei!

Quem brilha no céu é a lua!

Exu gargalhada baixou nesta banda

Dando suas gargalhadas

Saravando sua rua!

Eu vi um clarão nas matas

E pensava que era dia!

Era o exu das matas

Que fazia sua magia!

Eu vi um clarão nas matas
 E pensava que era dia!
 Era o exu das matas
 Que fazia sua magia!

Se uma brasa me queima
 Meu santo antonio é maior!
 Saravá seu sete poeiras
 Ele gira num pé só!

Sou pequeno de angola
 Porém já sei escrever!
 Sete poeiras na umbanda
 Também já sabe ler!
 Ele é exu, ele é curador!
 Ele é exu, ele é vencedor!
 Ele é exu, ele é curador!
 Ele é exu, ele é vencedor!

Ele é exu
 É exu mirim!
 Não me nega nada
 Sempre me diz sim!

Exu mirim é meu exu de fé!
 Exu mirim é pequeno na umbanda!
 Exu mirim saravando a encruza
 Exu mirim vencendo suas
 demandas!

Exu mirim é um exu formoso!
 Ele é exu de fé!
 Tem um pai e tem um mano

Esse mano é lúcifer!

Quem voa baixo sempre voa!
 Quem muito se eleva quebra a asa!
 Cuidado com sua mironga, sinhô...
 Eu conto com exu brasa!

Ó meu senhor das armas
 Só voa quem tem asa!
 Eu me chamo exu
 Eu é exu brasa!

Exu brasa não é criança
 Que se engana com tostão!
 Só se lembram de seu brasa
 Quando estão em aflição!

Seu sete cruces na quimbanda é rei!
 Ele é irmão de exu veludo!
 Quando chega em sua banda,
 saravá!
 Quebra demanda, quebra tudo!

(P. 151) **EXÚ**

Seu sete cruces no cruzeiro
 Está pra nos ajudar!
 Seu marafo e seu dendê
 Ele gosta de cuidar!

Capa preta no reino
 É uma beleza!
 Eu nunca vi um exu assim...
 Ele é madeira que não dá cupim!

Treme ceu, treme terra
 Treme tudo o que há ao redor...
 Chegou seu capa preta
 E nesta hora ele é o maior

Ao ver exu na encruza
 Com ele não se meta!
 É ali que ele trabalha
 O reino é de capa preta!

Com faca de dois gumes
 Não convém brincar!
 Exu da capa preta
 Vamos respeitar!

É no mar de marabô
 É no mar de exu maré...
 Tem uma calunga linda
 Acredite se quiser!
 Você vai ter que ver
 Você vai ter que acreditar
 Que a maior calunga
 É no fundo do mar!

Ele vem nas ondas do mar
 Pra mostrar quem ele é!
 Vem para vencer demandas...
 Ele é exu maré!

Quando a maré escoar
 A praia vai ficando vazia!
 É exu maré que vem chegando
 Saravando encruzilhadas
 Fazendo sua magia!

Chegou exu maré
 Para todo o mal levar!
 Chegou exu maré
 Para nos descarregar!

Exu maré é rei na quimbanda!
 Exu maré é rei, ele é!
 Nas suas demandas não nega fogo
 Trabalhando nas encruzadas
 Ele é exu maré!

Exú Zé Pulintra

Oh Zé quando vem lá da Lagoa
 Tome cuidado com o balanço da canoa
 Oh Zé faça tudo que eu quiser só
 não maltrata o coração dessa mulher...

(P. 152) SALVAÇÃO

Um abraço dado
 De bom coração,
 É sempre uma benção,
 Uma benção, uma benção.
 Oh! Deus lhe salve,
 Oh! Deus lhe ajude,
 Oh! Deus lhe dê
 Felicidade e saúde.
 /:Pra vocês que são filhos de pomba,
 pra vocês que são filhos de fé.:/
 /:Batam a cabeça e peça tudo
 o que quiser.:/

(P. 153) Homenagem a Ogum

Pra enxugar o meu pranto

E as dores do cativoiro

Eu trouxe rezas e cantos

Dos santos bantus e bentos

Lá no meu terreiro

Dentro do meu alforge

Quem me alforria e ilumina

Uma oração de São Jorge

Meu Pai...

Me dai vossa luz e coragem

Me faz a vossa imagem

Na luta contra os perigos...

Me protegi das injustiça da lei

E da sanha do Rei

E dos meus inimigos...

Que eu fique intocável

Que eu fique invisível

Insensível ao golpe fatal

Convosco,estou salvo

Sem vós eu sou alvo

Das flechas do mal

Pra enxugar...

(P. 154) PONTOS DE OXÓSSI

E o veado fugiu...

E Oxóssi chegou na Bahia!

Segura o ponto, Mamãe Sereia!

Oh,ganga!

Oxóssi não há tatá nuarou ô!

É baba é barebou!

Oxóssi, vossos filhos ele salvou!

É baba é barebou!

Oxóssi,Oxóssi,eleé o rei das matas!

Oxóssi mora na raiz da bananeira!

Oxóssi vem abençoar nossa terreira!

Eu já cansei de pedir senhor Oxóssi

Uma choupana para mim poder morar

Ele me disse com firmeza,

Precisa ordem de nosso Pai Oxalá.

Caboclo da mata virgem,

Da mata cerrada lá na Juremá

Quem manda na mata é Oxóssi

Quem manda no céu Oxalá

Okê caboclo, quero ver girar

Quero ver caboclo de Umbanda arriar.

Naquela estrada de areia,

aonde a lua clariou¹⁰⁶

onde os caboclos pararam

para ver a procissão de São

Sebastião

Okê, Okê caboclo

meu Pai Oxóssi é São Sebastião.

Oxóssi vem...

Vem chegando de Aruanda!

¹⁰⁶ Clareou

Oxóssi vem...
Vem salvar filhos de Umbanda!

Estava na minha praia
Vi a sereia cantando
As ondas do mar chorando...
Yemanjá, Yemanjá!
Sou Beira-Mar, Beira-Mar!
Deixa a sereia cantar...
Não deixa as ondas chorar!

Oxóssi assobiou
Lá no Humaitá
Ogum venceu demandas
Companheiro de Oxalá!
O vento na mata zuniu...
Folha seca balançou!
Saravá Oxóssi, nossa banda
saravá!
Ele vem com Deus Nosso Senhor!
Oxóssi assoviou na mata...
Ogum bradou no Humaitá!
Filhos de Umbanda louvaram:
Saravá, Oxóssi, saravá!
Fez barulho na cachoeira
Sobre a pedra ela rolou!
Com sua flecha certa
É Oxóssi que chegou!

Oxóssi quando vem lá de Aruanda
Trazendo forças pra seus de Umbanda
Ele é caboclo, ele é flecheiro atirador!
Na Aruanda

Oxóssi mora na Lua
Só vem ao mundo para clarear!
Queria ver um Oxóssi
Para com ele eu falar! todo Oxóssi
é caçador!

(P. 155) PONTOS DE OXÓSSI

Eu corri mar... eu corri terra...
Até que eu cheguei lá no meu país!
Salve Oxóssi das Matas
Que as folhas da mangueira ainda
não caiu!
Estava chovendo e relampejando
Mas mesmo assim o céu estava
azul!
Firma seu ponto na folha da
Jurema
Que Oxóssi é dono do Aracaju!

A mata estava escura...
Um anjo a iluminou!
No centro da mata virgem
Seu Oxóssi anunciou:
Mas ele é o Rei, ele é o Rei, ele é o
Rei!
Seu Oxóssi, na Aruanda, ele é o
Rei!
Oxóssi é Rei no Céu!
Oxóssi é Rei na Terra!
Ele não desce do Céu sem coroa
E sem a sua missão cá de Terra!
Oxóssi mora no tronco da
amendoeira!

Ogum mora na Lua
 E Xangô lá na pedreira!
 Viva Oxóssi ê!
 Meu São Sebastião!
 Oxóssi é caboclo morador lá do
 sertão!
 Viva Oxóssi,viva São Sebastião!
 Viva todos os caboclos morador lá do
 sertão!

Em forma, em forma!
 Em forma Oxóssi Sete Ondas!
 No recinto de Umbanda
 Ele é de Lei!
 Viva Oxóssi! Ele é de Lei!
 Sete ondas reluziu
 Quando Oxóssi surgiu!

O seu Oxóssi mora lá nas matas
 onde pia cobra!
 Lá no Juremá!
 Seu capacete é de penas de ema!
 Ele é Oxóssi, capangueiro da
 Jurema!

OkêBambocrim!
 Esse mundo é de Oxalá!
 Viva Oxóssi na Aruanda auá!
 Oxóssi é Cassuté de Umbanda!
 É na Aruanda!
 É na Aruanda auê!

Atira,atira,eu vai atirar!
 No rei bamba eu vi atirar!

Veado no mato é corredor!
 Oxóssi na mata é caçador!

Ó viva São Sebastião!
 Nos caminhos que passou
 Salvar filhos de Umbanda
 Jesus Cristo é quem mandou!
 Ó viva São Sebastião!
 Xangô na pedreira bradou!
 Ogum lá na Lua confirmou, ô
 Jurema!
 Oxóssi na mata é caçador!
 Oh, ele é Capitão na Marambaia!
 (3x)
 Oh, ele é seu Oxóssi na Urucaia!

(P. 156) **PONTO DE PRETO VELHO**

Pai João cadê vó Maria?
 Foi no mato apanhar guiné
 Pai José cadê vó Luzia?
 Foi no mato apanhar guiné
 Diga a ela quando vier
 Que suba as escadas
 E não bata o pé
 Diga a ela quando vier
 Que suba as escadas
 E não bata o pé

Nessa casa tem quatro cantos
 Cada canto tem um santo
 Pai e filho, Espirito Santo
 Nessa casa tem 4 cantos

Zum zumzum
 Olha só Jesus quem é
 Eu rezo para santas almas
 Inimigo cai
 Eu fico de pé

O preto por ser preto
 Não merece ingratidão
 O preto fica branco
 Na outra encarnação
 No tempo da escravidão
 Como o senhor me batia
 Eu chamava por Nossa Senhora, Meu
 Deus!
 Como as pancadas doíam

Vovó não quer
 Casca de coco no terreiro
 Vovó não quer
 Casca de coco no terreiro
 Pra não lembrar dos tempos do cativo
 Pra não lembrar dos tempos do cativo
 Carpiste Angola
 Eu tocarpinando¹⁰⁷ e tá crescendo
 Olha que
 Tôcarpinando¹⁰⁸ e tá crescendo
 Tôcarpinando¹⁰⁹ e tá crescendo

Cambinamamanhê
 Cambina Mamãe-nhã
 Oi segura a Cambina que eu quero ver
 Filhos de Umbanda não tem querer

¹⁰⁷ Capinando

¹⁰⁸ Capinando

Segura a Campina que eu quero ver
 Filhos de Umbanda não tem querer
 O Povo de Cambina
 oi quando vem pra trabalhar
 O Povo de Cambina
 oi quando vem pra trabalhar
 Todo o povo vem por terra
 Campinar vem pelo mar
 Todo o povo vem por terra
 Campinar vem pelo mar

Rei Congo,Rei Congo
 Cadê preto-velho?
 Foi trabalhar na linha de Congo
 É Congo, é Congo, é Congo
 é de Congo, é de Congo aruê
 É Congo,é Congo,é Congo
 Agora que eu quero ver...

Tira o cipó do caminho, oi criança
 Deixa a vovó atravessar
 Tira o cipó do caminho, oi criança
 Deixa a vovó atravessar
 Eles vem chegando
 São os preto velhos que vem trabalhar
 Eles vem chegando
 São os preto velhos que vem trabalhar

Olha meu camarada
 Camarada meu
 Olha meu camarada
 Camarada meu

¹⁰⁹ Capinando

Sou Severino que
 Chegou aqui agora
 Candomblé bato no keto
 Umbanda bato na angola

(P. 157) **Preto Velho**

Baiano é um povo bom
 Povo trabalhador
 Baiano é um povo bom
 Povo trabalhador
 Quem mexe com baiano
 Mexe com Nosso Senhor
 Quem mexe com baiano
 Mexe com Nosso Senhor

Baiana faz e não manda
 Não tem medo de demanda
 Baiana faz e não manda
 Não tem medo de demanda
 Baiana feiticeira
 Filha de Nagô
 Trabalha com pó de pomba
 Pra ajudar Babalaô
 Baiana sim
 Baiana vem
 Quebra a mandinga com dendê
 Baiana sim
 Baiana vem
 Quebra a mandinga com dendê

Quem tem baiano
 Agora que eu quero ver

Firma seu ponto
 Com azeite de dendê
 Eu quero ver a baianada de Aruanda
 Trabalhando na Umbanda
 Pra quimbanda não vencer
 Eu quero ver a baianada de Aruanda
 Trabalhando na Umbanda
 Pra quimbanda não vencer

Vovó Maria Conga
 Brilhou, uma estrala¹¹⁰ no céu
 Oxalá mandou
 Maria Conga na Terra
 Mas ela vem chorando, chorando
 Vem salvar seus filhos Vovó
 Que estão lhe esperando

Vó Catariana e uma velha tao linda
 Quando vem da aldeia ela vem sorrindo
 Saravá pomba
 Saravá Yemanjá
 Saravá Mamãe Oxum
 E Nosso Pai Oxalá

Preto, camgina
 Que fala Nago
 E preto das costas finas
 Filho de babalao
 /: É na macumba, êe
 É na macumba, a /:
 /: Preto Velho, batia zabumba
 Preto Velho, batia Tambor

¹¹⁰ Estrela

Preto Velho,riscava seu ponto,
batia a cabeça pra meu pai Xangô:/

EXÚ

/:A dona dessa gira,
é Pomba Gira.
Mas ela é,
Pomba Gira de fé.:/
/:É linda como a lua,
como a lua.
È bela como aurora,
Ai,como aurora.
Mas eu daria tudo,
Daria tudo,
Pra ver a Pomba Gira
Nesta hora.:/
/:Ganhei uma barraca velha;
foi a Cigana que me deu.:/
O que é meu é da Cigana,
O que é dela não é meu.

EXÚ

Bem que lhe avisei,
Pra você não jogar
Esta cartada comigo.
Você me jogou um valete,
Eu lhe joguei uma dama,
Mas olha
Você é meu amigo,
Pomba Gira Cigana é,
Pomba Gira de fama.
Eu ia caminhando pé,
Pra ver se encontrava,
A linda Cigana de fé.

Ela passou,
E leu minha mão,
E disse-me, disse-me toda a verdade.
/:Mas eu, só queria saber
onde andava,
a Pomba Gira Cigana.:/

EXÚ

De vermelho e negro,
Vestida a noite,
O mistério traz.
De colar de contas,
Brinco dourado a promessa faz.
Se é preciso ir,
Você pode ir,
Peça o que quiser,
/:Mas cuidado amigo,
ela é bonita,
ela é mulher.:/
No canto da rua
Zombando,zombando,
Zombando esta,
Ela é moça bonita,
oi girando,oi,girando,
oi girando, vai,
oi girando vai,o, lê, lê,
oi girando vai, o, lê, lê,
oi girando vai, o, lê, lê,
oi girando vai.

SALVAÇÃO

Um abraço dado

De bom coração,
É sempre uma benção,
Uma benção, uma benção.
Oh! Deus lhe salve,
Oh! Deus lhe ajude,
Oh! Deus lhe dê

Felicidade e saúde.
/:Pra vocês que são filhos de pemba,
pra vocês que são filhos de fé.:/
/:Batam a cabeça e peça tudo
o que quiser.:/

APÊNDICE B – LIVRO DE PONTOS LOCAL DE AUTORIA NÃO IDENTIFICADO

(1) HINO DA UMBANDA

Não mexas em coisas sagradas
 e não se intrometa no que não conheces
 entrando num templo de umbanda
 com todo respeito faça a sua prece
 concentre o seu pensamento
 nas colas divinas em frente ao gongá
 não mexas em coisas sagradas
 respeite a umbanda de pai oxalá
 quem quiser chegar à zambi
 tem que ser da nossa umbanda
 tratar sempre com respeito
 todo povo de aruanda
 a manjão de zambi é grande
 para todos tem lugar
 suas portas então abertas
 para quem quer entrar

HINO DA UMBANDA

Refletiu a luz divina
 com todo seu esplendor
 é no reino de oxalá
 aonde há paz e amor
 luz que refletiu na terra
 luz que refletiu no mar
 luz que veio de aruanda
 para tudo iluminar
 a umbanda é paz e amor
 é um mundo cheio de luz
 é força que nos dá vida
 à grandeza nos conduz

avante filhos de fé
 como'a nossa lei não há
 levamos ao mundo inteiro
 a bandeira de oxalá

(P. 2) ABERTURA

Pedimos licença a Zambi
 À Oxossi e à Mãe Oxum
 Para abrir nossos trabalhos
 Com bandeira de Oxalá
 Saravá Oxossi
 Saravá Mãe Oxum
 Saravá o seu Flecheiro
 Saravá o seu gongá
 Pedimos licença à Zambi
 À Oxossi e à Mãe Oxum
 Para abrir nossos trabalhos
 Com bandeira de Oxalá
 Saravá Oxossi
 Saravá Mãe Oxum
 Saravá vó Januária
 Salve as Almas
 Salve Exú

PONTOS DE MALEI

Se ela é filha de pemba
 Mamãe tem dó
 Na aruanda
 A mamãe tem dó
 Na aruanda

A mamãe tem dó

PONTOS DE MALEI

Agô,Agô,Agô, Agô,Agô

Meu pai

No terreiro de umbanda

Quem tem fé não cai

Só balança quem é filho de fé

Quem não tem fé

Não balança,cai

Por isso é que eu peço agô

Agô, agô, agô meu pai

(P. 3) BATISMO

No rio,no rio

No Rio de Jordão

João batizou Cristo

Cristo batizou João

Todos os dois são afilhados

Da Virgem, da Conceição

BATISMO

Levanta filho

Que tu não é mais judeu

Fostes batizado na Lei de Deus

BATISMO

Recebe esta guia ,ò meu filho

Esta guia sou eu quem te dou

Para te lembrares, ó meu filho

Na hora de alegria e da dor

(P. 4) DESCARREGO

Ó Lua,caboclo da Lua já chegou

Vai dizer á sua mãe

Que seus filhos ele curou

DESCARREGO

Quem pode mais é Deus no céu

Quem tem para dar só é Jesus

Quem tem para dar só é Jesus

Só é Jesus

Só é Jesus com a sua luz

Vamos, vamos todos pedir á Jesus

Vamos pedir á Ele sua benção e sua luz

Vamos, vamos todos pedir ao redentor

Vamos pedir á Ele sua luz e seu amor

DESCARREGO

Se queres a luz

Oxalá é quem dá

Zambi é poderoso

Vai te ajudar

DESCARREGO

Cerra,cerra,cerra a dor

Corta, corta, corta a dor

Corta todo o mal dos filhos

Viva a Deus nosso Senhor

(P. 4) SAUDAÇÃO AOS ORIXÁS

Auê babá

Galo cantou já é hora

Mas se é na fé de Oxalá

Eu vou abrir sua miçanga

Auê babá

Galo cantou já é hora

Eu vou abrir sua miçanga

A BABÁ

Auê babá agüena, agüena, é ore-me

Auê babá agüena, agüena, é ore-me

AO BABALORIXÁ

Oi saravá,saravá,saravá

Esse povo de umbanda

Que é filho de fé no gongá

Oi saravá, saravá, saravá

Ele é Pai de cabeça

Não deixa seus filhos cair

Ó Lua, ó Lua

ilumina o terreiro

Pai de cabeça chegou

Ó Lua,ó Lua

Já deu meia noite

O galo cinzento cantou

Com licença de Zambi

Vou abrir sua urucaia

Mas é na fé de Oxalá

Eu vou abrir sua urucaia

Yemanjá, Xangô, Nanã, Ogum

Yansã, Oxum, Oxóssi, Ibeijada

Obaluaê, Santas almas, Exú

Babá você veio nos visitar

E é na fé de Oxalá

Que nós vamos lhe saudar

Papai Oxóssi,Mamãe Oxum

Vieram para lhe dizer

Tenha fé em Oxalá (nome do orixá)

Que ele vai lhe proteger

Papai Oxóssi, Mamãe Oxum

Vieram para lhe avisar

Tenha fé nos Orixás

Que eles vão lhe ajudar

(P. 5) ENCERRAMENTO

Vamos encerrar a nossa gira

Com licença de Oxalá

Salve Nanã

Obaluaê

Salve Ibeijada

Xangô e Yemanjá

Salve Oxóssi e Oxum

Salve Ogum e Yansã

ENCERRAMENTO

Fechamos nossa gira de alegria

Sem essa gira ninguém pode

trabalhar

Se é na fé de Oxalá, meu pai

Sem ele ninguém pode trabalhar

A gira está fechada

E os aparelhos também

São os protetores que vão para o além

Fecha,fecha

Missão, missão de grande valia

Abrimos com Pai Nosso

Fechamos com Ave Maria

ENCERRAMENTO

Deus iluminaí os nossos guias
 Pelas graças deste dia
 Eu vou pedir ao meu Pai Oxalá
 A luz e a proteção deste gongá

ENCERRAMENTO

Cruzamento,
 Encruza, encruza
 Encruza com pomba, encruza
 Encruza com pomba, encruza
 Na fé de Oxalá, encruza

ENCERRAMENTO

Pra vocês que são filhos de pomba
 Pra vocês que são filhos de fé
 Bate a cabeça e peça à Zambi
 O que quiser

(P. 6) DEFUMAÇÃO

Nossa Senhora
 Incensou seu amado filho
 Para dele todo o mal retirar
 Dai-me licença minha aldeia de
 caboclo
 Para o mal sair e o bem entrar...

DEFUMAÇÃO

(Santo da casa) pediu,
 Licença à Oxalá
 Para defumar o terreiro com guiné..
 Com alecrim, e as ervas da Jurema
 Oxalá mandou defumar filho de fé..

DEFUMAÇÃO

A Umbanda cheirou arruda
 A Umbanda cheirou guiné
 A Umbanda cheirou alfazema
 Com as ervas da Jurema
 A Umbanda cheirou
 A Umbanda cheirou
 A defumador

DEFUMAÇÃO

Corre gira meu São Jorge
 Corre gira sem parar
 A Umbanda tem fundamento
 Os filhos querem defumar
 Com arruda e alecrim
 Benjoim e alfazema
 Defumar filhos de fé
 Com as ervas da Jurema

DEFUMAÇÃO

A Umbanda cheira guiné.
 Como cheirou
 A Umbanda cheira
 Na sua banda cheirou
 Ô bambêa cheirou guiné
 Como cheira
 Ô bambêa cheirou guiné
 Em sua banda

DEFUMAÇÃO

Seu Ogum de Ronda
 Pede licença para defumar
 Seu Ogum de Ronda
 Vai defumar

Seu Ogum de Ronda
 Pede licença Pai Oxalá

DEFUMAÇÃO

Nossa Senhora incensou à Jesus Cristo
 Jesus Cristo incensou os filhos seus
 Na fé 'de Oxóssi, lansã e Oxalá
 Estou incensando
 Estou defumando
 A casa de Bom Jesus da Lapa

DEFUMAÇÃO

Defuma com as ervas da Jurema
 Defuma com arruda e guiné
 Defuma com alecrim e alfazema
 Defuma para saldar filhos de fé
 Defuma....

DEFUMAÇÃO

Corre- corre Pai Tomé
 Sua banda como é?
 Defumar este terreiro
 Com Jesus de Nazaré!

DEFUMAÇÃO

Corre-corre vovó
 Vem a tenda defumar
 Defumar este terreiro
 De Jesus de Nazaré!

DEFUMAÇÃO

Defuma nossa banda
 Defuma nosso gongá
 Defuma nossa banda pequenina

Defuma Jesus Cristo no altar

DEFUMAÇÃO

Vamos defumar a Umbanda
 Com nove anjos no céu
 A Umbanda cheira rosa
 Rosa cheira guiné

(P. 7) DEFUMAÇÃO

A umbanda cheirou
 Cheirou Guiné
 A umbanda Cheirou
 Cheirou Guiné

DEFUMAÇÃO

Estou louvando, estou incensando
 com as graças do Bom Jesus da Lapa
 Nossa senhora incensou à Jesus Cristo
 Jesus Cristo incensou os filhos seus
 Ma eu defumo, eu defumo essa casa
 na fé de ogum e nosso Pai Oxalá

DEFUMAÇÃO

Defuma a Curaia de Lei
 Defuma a curaia de Lei
 Eu venho é de manachó ai aiai
 Eu venho é de manajó
 Defuma curaia de Lei

DEFUMAÇÃO

Mas que cheiro é esse o Umbanda
 que vem lá do Oriente
 É babalaô, meus irmãos, defumando a gente

DEFUMAÇÃO

Meu Pai Oxóssi
 me dá licença para defumar
 Eu defumo, eu defumo
 essa aldeia, aldeia

DEFUMAÇÃO

Olha o cheiro Iara
 Olha o cheiro Agoré
 Aí que cheiro Iara
 É de alecrim e de guiné

DEFUMAÇÃO

Força africana, força baiana
 força divina, força do bem
 Descarrega esses filhos
 leva pra ondas do mar

(P. 7) DEFUMAÇÃO

Dá licença casa santa
 Que eu vou te defumar
 Dá licença casa santa
 Que eu vou te preparar
 Defumando essa banda
 Em nome de Oxalá
 Defumando essa banda
 Para seus filhos trabalhar

DEFUMAÇÃO

Levanta a cortina lá do céu
 Levanta a cortina lá do mar
 Eu vim defumar esse terreiro
 Eu defumei
 Com sangue de Jesus Cristo

Eu me lavei
 Levanta a cortina lá do céu
 Levanta a cortina lá do mar
 Eu vim defumar essa corrente
 Eu defumei

Com sangue de Jesus Cristo

Eu me lavei

1º terreiro

2º corrente

3º babalaô

4ª assistência

DEFUMAÇÃO

Vou pedir licença à Zambi
 Para seus filhos defumar
 Meio sol, meia lua
 Meia estrela e meio mar
 Como cheirou guiné
 Como cheirou
 Como cheira na sua banda, cheirou

(P. 8) ANJO DA GUARDA

Eu fui à Bahia
 E implorei ao meu Senhor do Bonfim
 Que ele me ajudasse
 A seguir na Umbanda
 Meu caminho até o fim
 Meu Senhor do Bonfim
 Me ajude...
 Eu preciso de paz e saúde
 Eu fui à Bahia.....

ANJO DA GUARDA

Mas eu sempre te amei
 Sempre hei de te adorar
 Umbanda querida
 Dona da Terra e do Mar
 A Umbanda, Umbanda auê
 A Umbanda, Umbanda auá
 Num terreiro de Umbanda
 Que eu aprendi a amar
 Umbanda, Umbanda auê
 Umbanda, Umbanda auá
 Foi na Umbanda
 Que eu aprendi a amar

ANJO DA GUARDA

Òh! Zambi
 Com licença de Zambi
 Eu acredito e tenho fé
 No nosso Grande Orixalá
 Ele é Rei dos Terreiros.
 Vamos todos saravá.....
 Saravá todas as entidades
 Saravá todos os terreiros
 Saravá todo povo de Umbanda
 Saravá os curimbeiros.....
 Saravá os batuqueiros.....

ANJO DA GUARDA

Ô! Saravá, Saravá, Saravá
 Esse povo de Umbanda
 Que é filho de fé no gongá
 Ô! Saravá, Saravá Oxalá
 Ele é Pai de cabeça e
 Não deixa os seus filhos tombar

Ô! Lua, Ô! Lua
 ilumina o terreiro,
 Que o Pai de cabeça chegou....Anjo da
 Guarda
 Ô! Lua, Ô! Lua
 Já deu meia noite e
 O galo cinzento cantou.....

ANJO DA GUARDA

Rosa vermelha,
 Ofereço à Ogum
 Rosa amarela, lansã e Oxum
 E a rosa branca ofereço à Oxalá
 E ofereço também à mãe
 Yemanjá....

ANJO DA GUARDA

Vou pro Terreiro
 Vou bater minha cabeça
 Nos pés de Oxalá
 Eu vou saravá Ogum
 Vou pedir meu patuá
 Vou pedir a proteção
 Ao Mestre Pai Oxalá
 Levo doces pra Beijada
 Pra minha mãe, uma flor
 Vinho para o Preto Velho
 Cerveja pro meu Pai Xangô

ANJO DA GUARDA

Viva Aleluia,
 Ô! Viva Aleluia
 Uma mensagem de paz
 Vou saravá Paz e amor.....

Olorum abençoando...

(P. 9)

Todos os seus filhos na Terra

Deu meio dia (Ôh! Deu meio dia!)

Ouvi o galo que cantou

(Galo cantou)

Anunciando aos seus filhos

A ressurreição do Senhor

Chora...

Mamãe Oxum na cachoeira,

Rola...

Pedra na pedreira de Xangô

Ouvi no mar

A Sereia cantar...

Oxóssi mora na luz do Luar

Ogum...

Que vem vencer demanda

E salve o mestre Obaluaê!

Viva Aleluia!...

ANJO DA GUARDA

Quando nesta casa entrei

Eu louvei Maria

Quando nesta casa entrei

Eu encontrei a luz do dia.....

Quando nesta casa entrei

Eu louvei Maria

Quando nesta casa entrei

Eu louvei noite e louvei dia

ANJO DA GUARDA

Quem é que vem de tão longe, de tão longe

São nossos guias que vem

trabalhar

Oi dá licença pelo amor de Deus, meu pai

Oi dá licença pro trabalho meu

(P. 10) **LOUVAÇÃO À COROA DE BABÁ**

Babá..

Tudo isso é seu...

Prá salvar a coroa

Que Oxalá lhe deu...

Pra salvar a coroa

Que Oxalá lhe deu

BABÁ

Se uma estrela clareou o gongá..

Coroa Babá, coroa...

Coroa Babá, coroa...

Se uma estrela clareou o gongá..

BABÁ

Babá

Louvado seja..

Meu Senhor, meu Pai

amado..

É Babalaô..

Meu Senhor do Bonfim..

BABÁ

Ô! Babá..

Ô! Babá, Babalorixá..

Ô! Babá..

Ô! Babá, Pai Oxalá...

Saudei lá na pedreira

Meu Pai de cabeça Xangô

Caboclo seu Oxóssi

Que me abençoou
 Marcado na cabeça com
 arco e cobra coral
 Eu não tenho medo da morte
 Jamais me espantei com o mal
 É ô Babá!
 No mar de Yemanjá Seu Ogum Estrela me
 criou
 Corri com Cosme, Damião,
 Doum...
 Oxum já de saravou
 Sou Sete,sou cruzado
 Na encruzilhada do amor
 Com fogo eu já fui
 queimado...
 Sou filho de Nosso Senhor
 É ô Babá...

BABÁ

Obaluaê...
 Babalorixá...
 Sua coroa de Zambi
 Quem lhe deu foi Oxalá
 Saravá Babalaô
 Que ele é chefe do gongá

BABÁ

Òh! Que lindo poema
 Òh! Que lindo gongá
 Ôh! Babalaô
 Öhl Babá de Orixá..
 Aqui eu trago a minha Mãe Pequena
 E também trago a minha Babá
 Eu trago os meus Ogã coroados

Na fé de Ogum, na fé de Oxalá
 Banda com Banda se combinam
 E nós estamos aqui pra combinar
 Eu trago a minha Mãe Pequena
 E também trago a minha Babá

BABÁ

No céu uma estrela brilhou
 Brilhou, deixa ela brilhar
 (P.11)
 Oi brilha estrela tão linda
 Brilha na Umbanda
 Que ela é babá

BABÁ

Esta coroa foi enviada
 De mamãe Oxum
 Ela deitou no terreiro de
 Ogum
 Ai meu Deus
 Meu Bom Jesus de Nazaré
 Faça com que esta filha
 Receba a coroa de fé

(P. 11) **OXALÁ**

A estrela de Oxalá surgiu
 iluminando esse gonga
 iluminando a coroa de seus filhos
 Ele é nosso Pai
 Vem nos abençoar...

OXALÁ

Nos jardins das Oliveiras..

Eu encontrei um

jardineiro...

Era Jesus Cristo

Nosso Pai verdadeiro..

OXALÁ

Esta casa será abençoada Porque o senhor
derramou o seu amor

Derrama Senhor..

Derrama sobre nós o seu amor...

Os seus filhos serão abençoados

Pois o senhor derramou o seu amor

Derrama Senhor...

Derrama sobre nós o seu amor...

OXALÁ

Nanguê Nanguê

NanguêNanã

Olha seus filhos

Meu Pai Oxalá

Nanguê Nanguê

NanguêNanã

Olha seus filhos

Que estão a lhe implorar...

OXALÁ

Ai como gira

Uma estrela dentro do

gongá

Gira para filhos de fé

Gira para filhos de fé

Vamos saldar¹¹¹ a gira do

Nosso Pai Oxalá

OXALÁ

Senhor Deus do Universo

Óhl Meu Pai Oxalá

Nas horas mais difíceis

Meu Pai

Dai-me forças para trabalhar

OXALÁ

Jesus Cristo é Nosso Pai

É filho da Virgem Maria

Lá no alto do Calvário

És a estrela que nos guia...

OXALÁ

Abrimos a nossa gira

Pedimos a proteção

Ao Nosso Pai Oxalá

Para cumprir nessa missão

OXALÁ

Nanguê Nanguê

Nanguê Nangá

Nanguê Nanguê

Salve a Pemba de Oxalá

¹¹¹ Saudar

OXALÁ

Oxalá, Meu Pai

Tenha pena de seus filhos

Tenha dó

A volta do mundo é grande

E seus poderes são maior

(P. 12)

Com seu manto branco

E sua coroa de espinhos

É Oxalá

Quem abre os nossos caminhos...

OXALÁ

Se uma estrela lá no céu brilhar

Eu peço à Deus para iluminar

Òh! Meu glorioso São Miguel Arcanjo

Peço licença para trabalhar

OXALÁ

Uma estrela clareou lá no céu

Uma estrela clareou lá no mar

Uma estrela clareou o mundo inteiro

Uma estrela clareou o nosso gongá

OXALÁ

Abre a porta., Òh! Filhos

Que aí vem Jesus!·

Ele vem cansado

Com o peso da cruz

Vem de porta em porta

Vem de rua em rua

Vem salvar as almas

Sem culpar nenhuma

OXALÁ

Oxalá, Meu Pai

Asteia¹¹² a Bandeira Branca

Bem lá no alto da serra

Oxalá, Meu Pai

Abençoa e perdoa seus filhos

Aqui na terra

Tendo sua graça, Meu Pai

E a sua benção

E o seu perdão e o seu amor

Não permita que seus filhos

De Umbanda vá desistir

Meu Pai Redentor

OXALÁ

Lá no céu abriu uma porta

E um Pombo Branco

apareceu

Era Papai Oxalá

Que veio ver os filhos seus

OXALÁ

Óh! Deus

Vos salve esta casa santa

Òh! Santa, Oh! Santa

Aonde Deus fez sua

morada

Morada, morada

Aonde mora o cálice bento

E a hóstia consagrada

¹¹² Hasteia

OXALÁ

Ai quantas forças tem Meu Pai no céu

Quanta beleza tem meu

Pai no mar

Ai quantas forças, quantas

forças tem Meu Pai

Quanta beleza tem Meu

Pai Oxalá

OXALÁ

Sua gôndola estava cheia

Sua gôndola ia pro mar

(P.13)

Nós queremos

Nós queremos encontrar

As graças do Pai Oxalá

OXALÁ

Esta casa tem quatro cantos

Cada canto tem uma cruz

Cada cruz tem seu nome

O santo nome de Jesus

(P. 13) SANTAS ALMAS

Eu vi um clarão na mata

Eu pensava que era dia

Mas era as almas(3X)

No Rosário de Maria.

SANTAS ALMAS

Vou...

Vou subir a serra

Eu vou de joelhos implorar

Pedir à Deus, Meu Deus

Para me ajudar..

Eu vou...

Deus é meu Pai,

Deus é meu guia...

Louvai as Almas

E o Rosário de Maria

SANTAS ALMAS

As almas pedem..

É com grande alegria..

É um Pai Nosso

E uma Ave Maria...

Ave Maria cheia de

graças.....

SANTAS ALMAS

Quem caminha com as

Almas

Caminha devagarinho..

É devagar..

É devagarinho...

Quem caminha com as almas

Nunca se perde no caminho...

Minhas Almas Santas

Benditas

Ai-Ai!

Me abre as portas do céu

Ai-Ai!

O minhas Almas de Aruanda

Ai-Ai!

Elas que podem me valer

Segura o touro minhas Almas

Amarra no mourão ...

SANTAS ALMAS

Jesus nasceu, padeceu e morreu
 Com agonia Senhor
 Ressuscitou Salvador
 As Almas Santas Benditas
 Ele salvou..

SANTAS ALMAS

As Almas dá
 As Almas dá
 Para quem sabe aproveitar
 Vamos pedir,vamos
 implorar
 As Almas dá
 Para quem sabe aproveitar

SANTAS ALMAS

Lá no Cruzeiro das Almas
 Aonde as Almas vão rezar
 As Almas choram de
 alegria
 Quando os filhos se combinam
 Também choram de tristeza
 Quando não quer combinar

(P. 14) SANTAS ALMAS

Eu adorei as Almas
 Eu adorei as Almas
 E nõ dia de hoje
 Eu adorei as Almas

SANTAS ALMAS

Ô!Almas
 Minhas Almas Benditas
 Venham me valer nas
 horas de aflição
 Venham me valer nas
 horas de amarração

SANTAS ALMAS

Quem pede às Almas
 As Almas dá
 Eu vou pedir à Xangô
 Eu vou pedir à Nanã.
 Eu vou pedir às Santas
 Almas
 Para vir me ajudar

SANTAS ALMAS

As Almas que andam
 penando
 Dia e noite, noite e dia
 Foram presas,
 acorrentadas
 Jesus Cristo foi no Rosário
 de Maria...

SANTAS ALMAS

Vamos beber água
 Lá no tanque novo
 Que o Senhor do Bonfim
 É um santo milagroso

(P. 15) OXUM

Ora Aiêleul

A minha mãe é Oxum,
 Rainha da cachoeira..
 A deusa da beleza
 É minha mãe Oxum..
 É Orixá da natureza.
 Ai vem mãe Oxum passeando..
 Passeando no clarão da Lua..
 Mas como é linda..
 Mamãe Oxum passeando
 No clarão da Lua..

OXUM

Sob o clarão da Lua
 A água da cascata
 Parece de prata..
 É um lindo véu'..
 Que tem na frente
 Da Oxum que vem do céu..
 Aiêieu minha mãe..
 Dona do ouro
 Aiêieumãe Oxum
 É meu tesouro..

OXUM

As águas rolam dos rochedos
 Através das matas
 Onde os caboclos vão beber..
 Aonde Oxum chorou..
 Chorou,chorou...
 Pra seus filhos proteger...
 A água vem da cachoeira

E depois rola no mar

(Rola no mar)

Salve a Senhora das águas do rio
 Ô Irêlrê minha mãe Oxum
 Vamos saravá..
 Saravá ,êêê
 Vamos saravá..
 Salve Oxum Tenense,
 Oxum Torquense e Apará

OXUM

Eu sou nagô...
 Lá da Costa da Mina..
 Eu sou de lá
 Do lado de lá da maré..
 Carregando a minha sina
 Fui levando a minha fé
 Do açúcar para o ouro
 Do ouro para o café
 Levaram a minha alegria
 Mas nasceu outra raiz
 Depois arrancaram do meu peito
 E eu vivi da cicatriz
 Exeê Babá,exeê Babá...
 Olha eu trouxe milho branco
 Pro pilão de Oxalá..
 No candomblé do engenho velho
 Eu entrei pra me benzer
 Tinha palha pra descanso
 E água fria pra beber
 A água veio da fonte
 A fonte eu não sei responder
 Eu não sei responder, a menina da fonte
 É quem pode dizer...

Se o azul é de Oxossi
 O branco de Baba Okê
 Oxum bordou seu vestido, com a cor do
 amanhecer
 Oxum é uma criança, que esqueceu de
 envelhecer
 E toda vez que ela se banha
 A fonte pára de gerar...
 Oraeeô, Oraraeeô ...

OXUM

Gorgeia...
 A passarada do lindo céu azul
 Pra saudar...
 O reino encantado de Oxum Epándá
 Porquê?
 Porquê Meu Deus...
 No seu mundo eu não posso chegar?
 Para ver como é lindo o amanhecer..
 Natureza sorrindo...
 Primavera florindo...

(P.16)

O seu mundo é de amor
 O seu é de paz
 Guardado, pelo manto sagrado de
 Epandá
 Oxum que venha
 Este universo abençoar
 Acaba a guerra sem fim..
 Tire o ódio e bote o amor..
 Que o mundo possa ser..
 Sempre um jardim em flor...

OXUM

Erêrê, Erêa..
 Saravá mamãe Oxum..
 Que veio me ajudar..
 Vim pedir licença a Zambi
 Pra mãe Oxum vim louvar
 Proteção para os seus filhos
 E as bençãos de Oxalá
 Erêrê, Erêa..
 Saravá mamãe Oxum..
 Que veio me ajudar..

OXUM

Mamãe Oxum, Aiêieuô
 Mamãe Oxum...
 É sereia do mar..
 Na mão direita
 Traz a guia
 Vem na Umbanda
 Pra seus filhos abençoar..

OXUM

Caminhando pelas matas
 Refletida na cascata
 Eu vi uma flor se mirar
 Era de grande beleza
 Possuía tal pureza
 Perfumava todo o ar
 Foi neste exato momento
 Que como sonho, contemplo
 A Oxum a se banhar
 E foi então que eu percebi
 Que a linda flor que vi
 Era a Deusa dos Orixás

Aiêieu,Aiêieu
 Foi na água da cascata
 Que a Oxum apareceu

OXUM

Mamãe Oxum
 Traz proteção de Zambi
 Olhai seus filhos
 Com olhar sereno
 Ela é ternura, Ela é beleza
 Ela é quem traz a proteção de
 Nazareno

Eu vi a Deusa da Natureza
 A Rainha da beleza
 Com seu lindo manto azul
 Seu manto azul
 Parecia o céu todo estrelado
 Mas era o manto sagrado
 Da nossa Mamãe Oxum
 Eu juro
 Pensei que fosse miragem
 Ao olhar aquela imagem
 Eu chorei de emoção
 E era ela a minha estrela guia
 Me abençoava e sorria
 Eu beijava a sua mão
 Mas eu vi...

OXUM

Oxum Maré, Ô Mariô
 Mamãe sereia cantou
 Lá no fundo do mar
 Chamando os seus filhos de Umbanda

Para ela vim saravá
 Salve a minha Mãe Oxum
 Papai Ogum Beira Mar
 (P. 17)
 Salve o povo de Aruanda
 Rainha Yemanjá

OXUM

Oxum Maré, Oxum Maré
 Oxum Maré cadê você?
 Cadê você?
 Aonde estás que não te vejo
 Não ouço mais o seu cantar
 É triste a dor da saudade
 O seu pranto a rolar
 Fiz promessa pra Nanã
 Fiz prece pra Oxalá
 Eu vou pedir à Yansã
 Pra ouvir o seu cantar
 Oxum Maré...

OXUM

Aiêieu,Aiêieu Mamãe Oxum
 Aiêieu,Aiêieu Mamãe Oxum
 Aiêieu Mamãe Oxum
 Aiêieu Oxum Maré

Eu vi um brado de Oxum
 No alto da cachoeira
 Mas era ela Nossa Senhora
 Esperando Ogum para jurar bandeira

OXUM

Eu vi Mamãe Oxum chorando

E então eu perguntei porque ?

E ela me respondeu

Se estou chorando

É por causa de você!

Se estou chorando

É por causa de você!

Sem os meus filhos

Eu não poderei viver ..

OXUM

Oxum...

Oxum...

Olha ê...

Olha Oxum Mario

Olha Oxum Mariô

Arê, Arê, Arê, Arô

Oxum Mariô

OXUM

Ela é uma flor

Do Jardim do Senhor

Ela é uma rosa

Uma rosa em botão

Ela é toda ternura

Ela é toda beleza

Ela é todo amor

Ela é Senhora da Conceição

OXUM

Ô Flor de maio

A minha mãe

É uma flor de maio

Ora Aiêieu

Flor de maio

OXUM

MamãeOxum ,aiêieu

MamãeOxum , é sereia do mar

Na mão direita ela traz a guia

Vem na Umbanda

Pra seus filhos saravá

(P. 18) OXUM

Se minha mãe é Oxum

Na Umbanda e no Candomblé

Aiêieu, Aiêieu, Aiêieu

Aiêieu,minha mãe Oxum Maré

Mas ela vem beirando o rio

Colhendo lírio para nos ofertar

Ora Aiêieu,Aiêieu, Aiêieu

Aiêieu, minha mãe Oxum Maré

OXUM

Eu vi mamãe Oxum

Na cachoeira

Sentada na beira do rio

Colhendo lírio,lírio ê

Colhendo lírio,lírio á

Colhendo lírio

Pra enfeitar nosso gongá

OXUM

No céu

A estrela vem brilhando

Nas águas do amor, refletindo

Aiêieu Oxum

De alegria estou sorrindo...

Também na cachoeira

Tem a força da Oxum

Oxum é minha mãe

E o meu Pai é Ogum ..

Aiêieu....

OXUM

Meu Deus mas que luz

E aquela que vem lá do alto

Da pedreira?

E a estrela da Mamãe Oxum

iluminando toda a cachoeira

Ai Meu Deus...

OXUM

Mamãe olha a sua cachoeira

Que vem descendo lá do alto da Pedreira

Mas como é linda a cachoeira de Oxum

Que está guardada por soldados de

Ogum...

OXUM

Mamãe Oxum chegou

Na gira dos Orixás

Vem trazendo nas águas do rio

Sua mensagem de paz

Mamãe Oxum..

Valei-me Mamãe Oxum Olhai os seus

filhos na gira

Na fé de meu Pai Oxalá

Ô gira, gira , gira

O gira e torna a girar

Pra salvar filho de pemba

Na gira dos Orixás...

OXUM

Ela é Ondina

A rainha das águas

Ela é Ondina

Ela é nossa mãe

Yalodê na coroa de Ogum

Aiêieu, Aiêieu Oxum Orêua

Ora Aiêieu Ade Oni de Babá

OXUM

No alto da cachoeira

Tem um lindo jacutá

Tem um banquinho de ouro

Aonde Oxum vai se sentar

Aiêieu,mamãe Oxum

Aiêieu Oxum Maré

OXUM

Eu fui ao cantoá

Pagar promessa só

(P.19)

Levei ouro maior

Um adê pra aiêieu

Ora euá

Minha prece é verdadeira

Desce e vem me abençoar

Oh meu Deus como é lindo

O céu se abre Mamãe Oxum

Vem surgindo ô ô

OXUM

Salve conchinha de prata

Salve a areia do mar

Salve Mãe Oxum Mariô

Que vem saudar Oxalá

OXUM

Ai mamãe Oxum

Ai mamãe Oxum Maré

Mamãe olha nossa gira como está

No terreiro de Umbanda

Quem manda é o pai Oxalá

OXUM

Meu Deus que luz é aquela

Que vem do alto da pedreira

É a coroa de mamãe Oxum

iluminando a sua cachoeira

OXUM

Eu vi na mata virgem

Uma linda pedreira

Eu vi mamãe Oxum

Rainha da cachoeira

Ela é rainha do céu de aruanda

E de Oxalá

Na terra é mamãe Oxum

Oi vamos todos saravá

OXUM

Salve a minha mãe Oxum

Veio da cachoeira

Com seu corpo d'água

E veio saravá

E mamãe ê

mamãe a

OXUM

Ela é uma flor ô ô

No jardim do Senhor

Ela é uma rosa

Uma rosa em botão

Ela é toda a beleza

Ela é toda a ternura

Ela é toda amor

Mas ela é Senhora da Conceição

Em uma noite de lua cheia

Yemanjá cantou no mar

Yansa moça dos ventos

Espalhou seu canto no ar

No ar, no ar, no ar

Na pedra da cachoeira

O canto de Oxum a rolar

Ao ouvir seu canto triste

Nanã foi pra lhe consolar

Auê, auê, auê

I aiciciu minha mãe

Na fé de seu jacutá

I aiciciu minha mãe

Com o manto azul de Oxalá

OXUM

Já chegou, já chegou

Já chegou no meu gongá

Já chegou a mamãe Oxum

Rainha dos orixás

Mamãe Oxum é uma grande orixá

Rainha da cachoeira

Na coroa de Oxalá

OXUM

Eu sou da mina

Eu sou da mina de ouro

Onde mora mamãe Oxum

Guardiã do meu tesouro

Mamãe Oxum rainha cheia de luz

Cubra-nos com vosso manto

Rogai por nós Jesus

(P. 20) OXUM

Quem manda na cachoeira é Oxum

Quem tem tantos filhos

Pode Ter mais um

Firma ponto filhos de fé

Bate cabeça no gungá¹¹³

Saravá mamãe Oxum

E o nosso Orixalá

OXUM

Lá vem o barquinho da Cinda

Na virada das ondas do mar

Cinda é mamãe Oxum

Ora aiêiêu

Cinda é rainha do mar

Foi na beira do rio

Onde Oxum chorou

Chora e eu, olhai os filhos seus.

OXUM

¹¹³ gongá

¹¹⁴ candeeiro

Oxum é Apará

Oxum é um grande Orixá

Se minha mãe Oxum

Vem das águas, para esse gongá

Ele veio buscar seu lírio e na volta
deixa seu axê

OXUM

Mamãe Oxum

É nossa mãe lá no céu

Ela gira na terra

Ela é

Ela é rainha do mar

Mamãe Oxum

Acendei seus cadieiros¹¹⁴

Ilumina o terreiro

Pra seus filhos saravar¹¹⁵

OXUM

Que mamãe Oxum

Pra se contentar

Um pente de ouro

Um frasco de cheiro

Pra mãe Oxum

Pentear seus cabelos

OXUM

Que linda rosa

Que eu plantei

No seu reinado

Que linda rosa

Pra mamãe Oxum Maré

¹¹⁵ Saravá

Que linda rosa, aiêieu

Que linda rosa, aiêieu

Que linda rosa, aiêieu

Pra Oxum Maré

OXUM

Se um dia eu fui feliz

Foi Oxum, foi Oxum quem quiz¹¹⁶ (2x)

Na beira do mar cade¹¹⁷?

Água doce do meu amor

Água que me faz viver, vejo o mar

Quando você me tocou

Dominou meu ser (2x)

Levou meu amor

Não quiz¹¹⁸ devolver (2x)

Manda Chamar

// // ê, ê

// // ê, ê (4x)

Quem ama, se encanta

Bebe o amor como bebe o mel da cana

Dona Oxum, Apará¹¹⁹

É quem manda na beira do mar

Dona Oxum Apará¹²⁰

Água para de se encontrar.

(P. 21) PONTOS DE SUBIDA

Balá Oxum

Olha a banda da Senhora

Balá Oxum

Aiêieu já vai embora

Aiêieu já vai embora

¹¹⁶ quis

¹¹⁷ Cadê

¹¹⁸ quis

Que está na hora

OXUM

Abenção minha mãe

Olha e reza por nós na Aruanda

Lá vai Oxum na Aruanda

Lá vai Oxum saravando

OXUM

Lá vai Oxum na Umbanda

Lá vai Oxum saravando

Adeus minha mãe, reza por mim na aruanda.

(P. 22) YEMANJÁ

Ela vem de longe

lá do fim das águas...

Óh santa, sereia das águas do mar

Da maré alta e baixa, quem sabe?

Se você for com amor

E for buscar

Yemanjá vai na certa lhe ajudar

Ô!Ô!Ô!....

YEMANJÁ

Yemanjá é a rainha do mar

Yemanjá é a rainha do mar

Salve o povo de aruanda

Salve meu Pai Oxalá

Salve Oxossi

Salve os Guias

¹¹⁹ Opará

¹²⁰ Opará

Salve Ogum Beira Mar
 Yemanjá...
 Vai Ter festa na ribeira
 Vai Ter reza lá no Cantois
 Vai Ter gira a noite inteira
 E vai Ter muitas flores no mar
 Yemanjá..

YEMANJÁ

Yemanja,sai do mar
 Vem buscar sua Yaô
 O Santa de azul
 Vem ver seus filhos
 Yemanjá...
 Odô, Odô, Odô, Odôia

YEMANJÁ

Era noite de Lua Cheia
 Eu sentado na areia
 Quando vi Mamãe Sereia
 Ao seu lado eu vi Ogum
 Saravá Mamãe Oxum
 Montado em seu cavalo
 Ogum iê
 Meu Pai Ogum
 Eu saravei
 Mamãe Yemanjá
 Assaluba¹²¹NanãBuruque
 Odociaba é Rainha do Mar..

YEMANJÁ

Odoiá, Odoiá

Odoiá meu xodo de mãe
 Odoiá me protege mãe
 Vem do mar
 Que anima meu caminhar
 Que fascina o meu viver,
 Enfim...
 Que me inspira canções assim
 E que traz...
 Pro meu mundo uma alegria
 Um axé de amor sem fim...
 No calor de suas entranhas
 Mergulho e você me banha
 Que paz que você dá
 Você me dá
 E é por isso que em fevereiro
 Flores e água de cheiro
 Dou para Yemanjá
 Odoiá....

(P. 23)YEMANJÁ

Quando poesia encerra
 Toda a beleza da terra
 Criada por Oxalá
 As águas da cachoeira
 Rolando pela pedreira
 E o canto do sabiá...
 O solo umedecido
 Forma um caminho florido
 Perfumando todo o ar
 E as flores que vão lastrando¹²²
 Vão um tapete formando
 Pra Janaina passar...

¹²¹ Asalumba

¹²² Alastrando

O Janaina
 No mar ela mora
 Ela é a Lua
 Ela é o Sol
 É o despertar da Aurora
 Come Xangô, é justiceira
 Come Yansã, é guerreira
 É Mãe Oxum quando chora...

YEMANJÁ

Oxalá, meu pai
 Me dá licença
 Eu vou levar este presente á
 Yemanjá
 Ela adora ver o mar todo florido
 Ela é Mãe d'água
 Gosta muito de ajudar.
 É Janaína, é Janaína
 É nossa mãe Yemanjá
 Eu tinha muita fé em Boiadeiro
 Ele está comigo em todo lugar
 Oxossi, Oxossi é o rei da mata
 Ela é mãe d'água
 E gosta muito de ajudar
 Euê é Janaína
 E Janaína é nossa mãe Yemanjá
 Oxalá...

YEMANJÁ

Yemanjá
 Ela é rainha do mar
 E povo d'água
 E linha de força maior
 Firma ponto mamãe

Firma ponto mamãe
 Vem do fundo do mar
 É ouro só, é ouro só
 Eu vi mamãe sereia
 Estava na beira-mar
 Pedindo para seus filhos
 As bênçãos de Oxalá

YEMANJÁ

O mar tem segredos
 Que eu não posso revelar
 Tem peixinho, tem areia
 Tem Oxum e a Sereia
 Tem mamãe Yemanjá
 Que é rainha do mar ...
 Mas o maior tesouro
 Ainda não pude encontrar
 É um cordão de ouro
 Que eu vivo a procurar no mar

YEMANJÁ

Salve ela que é rainha das águas
 Flores brancas e grinaldas
 São para lhe ofertar
 À quem todos pedem proteção
 Homens de navegação
 Que viajam em alto mar
 A imensidão das águas é seu altar
 Oiê, Oiê Yemanjá
 É rainha das águas
 Que todos os seus filhos
 Vem homenagear
 É festa, é festa
 É festa de Yemanjá...

YEMANJÁ

É do mar

É do mar

É do mar a mamãe sereia

Mamãe firma ponto nas águas

Mamãe firma ponto na areia

(P.24)

Quando chega o ano novo

Em louvor à Yemanjá

Vamos todos na praia

Levar as flores no mar

YEMANJÁ

Botei meu barco na água

Para poder navegar

Eu peço licença primeiro

À nossa mãe Yemanjá

Ô Yemanjá, ô Yemanjá

Quem manda no fundo do mar

É Yemanjá

YEMANJÁ

Retire a jangada do mar

Mãe D'água mandou avisar

Que hoje não pode pescar

Que hoje tem festa no mar

Orêrerê, orêrerêa...

Ela é

Ela é a rainha do mar

Traz pente, traz espelho

ÔÔÔÔ....

Pra ela se enfeitar

ÔÔÔÔ

Traz flores, traz perfume

Pra enfeitar todo o mar

YEMANJÁ

Mamãe mandou

Que eu fosse na beira da praia rezar

Mamãe mandou

Que eu fosse na beira da praia rezar

Mamãe mandou, e eu faço o que

Mamãe mandar

A coroa é de areia

Mas é de areia de ouro..

Pedras de ouro,sereia

Coroa de areia, sereia do mar

Sereia....

Sereia.....

Dona da areia, coroa de ouro sereia...

A coroa de ouro , sereia ...

A reza é boa na beira do mar

A reza é boa na beira do mar

Mamãe mandou, e eu faço o que

Mamãe mandar..

YEMANJÁ

Na beira do mar

Chamarei Yemanjá

No azul do mar

Eu chamarei...

Ô Yemanjá

Olhai mãe santa

Meu canto de dor

Feito em teu louvor

Yemanjá,Yemanjáiê

Yemanjá escutai meu clamor

Yemanjá aliviei minha dor

ÔÔÔÔ...

Ó meu pai Xangô

ÔÔÔÔ

YEMANJÁ

O pescador

Pegou veleiro e foi

Foi pescar no reino de Yemanjá

Veleiro, voltou sozinho

Sereia do mar levou

Mas como é belo viver no mar

No reino de Yemanjá

YEMANJÁ

Eu vou jogar

Eu vou jogar

Flores no mar para Yemanjá

Foi uma promessa que eu fiz

Para a Deusa do mar

Que meu pedido atendeu

O que eu prometi, vou pagar

YEMANJÁ

Foi na areia

(P. 24)

Foi na areia

Eu fiz um pedido à Mamãe Sereia

À Yemanjá

Para nunca mais penar

Foi na areia

Foi numa noite

Na areia branca do mar

A lua branca no céu

Iluminou o seu divino mar

Sereia, é rainha do mar

Sereia...

YEMANJÁ

Yemanjá Ö...

Ô linda Sindá

Sindá, Sindá orerê

Sindá sereia

És a rainha do mar

A minha mãe é sereia

Ela é a rainha do mar

Yemanjá coroou....

YEMANJÁ

Fui na beira da praia

Pra ver o balanço do mar

Eu vi...

Um retrato na areia

YEMANJÁ

Salve Oxum, Yansã e Nanã

Mamãe sereia viemos saudar

Oi me leva para as ondas grandes

Eu quero ver a sereia nadar

Eu quero ver os caboclinhos na areia

Oi como brincam com Yemanjá

Aurê, e,e,e

Quê mamãe é dona do mar

YEMANJÁ

Leva flores no mar

Leva flores no mar
 Bate com o pé
 E pede o que quer
 À mamãe Yemanjá
 Leva flores no mar
 Leva flores no mar
 Quem tem fé não padece
 Quem sofre merece
 Precisa levar
 Okê, okê, okê, odà
 Okê, okê salve a rainha do mar
 Nossa mãe Yemanjá

YEMANJÁ

Fui na beira da praia
 Pra ver o balanço do mar
 Eu vi...
 Me lembrei da sereia
 Comecei a chamar
 Ê Janaína, vem ver
 Vem janaína, vem cá
 Receber suas flores
 Que eu vim lhe ofertar

YEMANJÁ

A onda do mar rolou
 Saravá a rainha do mar
 Saravá a rainha do mar
 Saravá nossa mãe Yemanjá
 Mamãe Yemanjá....

YEMANJÁ

Sonhei...

Que eu estava na beira da praia
 Olhando as ondas do mar
 No céu tinha muitas estrelas
 E a Lua estava à brilhar
 Perdido no mundo, eu estava
 Sem ter aonde ficar
 De repente uma voz
 Me falou baixinho...
 “Tenha fé em Oxalá”
 Era ela ... nas ondas do mar
 Que coisa mais linda
 Mamãe Yemanjá....
 Mas era ela, nas ondas do mar
 Estendendo sua mão
 Para me abençoar...

YEMANJÁ

A noite é linda e tem luar
 E sobre as ondas a sereia a cantar
 (P. 25)
 Quando o canto da sereia nos invade
 O coração é sina
 Que a mãe d'água vem nos dar sua
 bênção
 A noite é linda e tem luar
 E sobre as ondas a sereia a cantar
 Salve a luz da natureza
 Salve as forças de Yemanjá
 Salve o canto da sereia
 E as canções que vem do mar

YEMANJÁ

Eu vi, eu vi

Eu vi a estrela brilhar
 Eu vi o clarão da lua
 Eu vi a sereia nadar
 Eu vi Nanã Buruquê
 Eu vi mamãe Oxum
 Eu vi capacete dourado
 É a coroa de Seu Ogum

YEMANJÁ

Yemanjá está lavando,tá, tá
 Está num barco de areia, tá, tá
 Salve a sereia
 Salve a Yemanjá
 Salve os caboclos na beira do mar

YEMANJÁ

A marola do mar
 Já vai rolando
 Olha o povo de Umbanda
 Que ai vem chegando

YEMANJÁ

Mãe d'água, rainha das ondas
 Sereia do mar
 Mãe d'água, seu canto é bonito
 Quando tem luar
 Auê, auê Yemanjá
 Auê, auê Yemanjá
 Rainha das ondas , sereia do mar
 Rainha das ondas , sereia do mar
 Mas como é lindo o canto de
 Yemanjá
 Que faz até o pescador chorar
 Vai com ela pro fundo do mar

Eu sou filho de labá
 labá é minha mãe
 É a rainha do tesouro
 Odociaba é a rainha do mar
 Odociaba é a rainha do mar
 Odociaba é a rainha do mar

YEMANJÁ

Yemanjá Sobá
 Samba mi iêieu
 Samba mi iêieu, Yemanjá
 Samba mi iêieu

YEMANJÁ

Vimos aqui saudar Yemanjá
 E toda gloriosa falange do mar
 Gloriosa falange viemos saudar
 Levai todos os males pro fundo do
 mar

YEMANJÁ

Foi lá no alto mar
 Que eu vi Yemanjá trabalhar
 Trabalhar, trabalhar, trabalhar
 Com a fúria do vento
 A força do tempo.
 E das ondas do mar
 Erê, erê, erêra é Odociaba
 É a rainha do mar

YEMANJÁ

Zum,zum,zum

É lá do meio do mar
 É o canto da sereia
 Faz a gente entristecer
 Parece que ela adivinha
 O que vai acontecer
 Ajudai-me rainha do mar
 Ajudai-me rainha do mar
 Quem manda na terra
 Quem manda no mar

(P. 26) **YEMANJÁ**

Sai do mar linda sereia
 Saia do mar venha brincar na areia
 Sai do mar sereia bela
 Saia do mar venha brincar com ela

YEMANJÁ

Vou tomar banho de mar
 Lá na praia da Jurema
 Vou pedir à Yemanjá
 Para me livrar desse dilema
 Saravá Yemanjá
 E a falange do mar

YEMANJÁ

Corre gira, corre gira
 Corre gira sem parar
 .Corre gira, corre gira
 Pra saudar Yemanjá
 Cumprimenta os orixás
 Peça malei à Oxalá
 Vai na praia levar flores

Entrega para Yemanjá

YEMANJÁ

Yemanjá, é a rainha do mar
 Vai ter festa na aruanda
 Vai ter festa no cantoá¹²³
 Vai ter festa a noite inteira
 E vai ter muitas flores no mar

LENDA DAS SEREIAS

Oguntê, Marabô
 Caiala e Sobá
 Oloxum, Yaniê
 Janaína e Yemanjá
 São rainhas do mar⁷
 O mar, misterioso mar
 Que vem do horizonte
 É o berço das sereias
 Lendário e fascinante
 Olha o canto das sereias
 lalaô, oquê, ialoá
 Em noite de lua cheia
 Ouço a sereia cantar
 E o luar
 E o luar sorrindo
 Então se encanta
 Com a doce melodia
 Os madrigais vão despertar
 Ela mora no mar
 Ela brinca na areia
 No balanço das ondas
 A paz ela semeia

¹²³ Cantua

E toda a corte...
 Toda a corte engalanada
 Transformando o mar em flor
 Vê seu filho enamorado
 Chegara morada do amor
 Oguntê, Marabô
 Caiala e Sobá
 Oloxum, Yaniê
 Janaína e Yemanjá
 São rainhas do mar

YEMANJÁ

Minha Nossa Senhora da Glória
 Nossa mãe Yemanjá de aruanda
 Nós lhe pedimos, senhora
 As suas vibrações
 Vibrações de paz e amor, senhora
 Para todos nós

(P. 27) YEMANJÁ

lemanjá, esplendor da natureza
 Ela é quem comanda o mar
 Com sua graça e beleza (bis)
 Quem ouvir, em noite de lua cheia
 O canto de uma sereia, vai com ela
 Pro fundo do mar, do mar, do mar
 Conhecer sua morada de amor
 E nunca mais voltar.
 Vê surgir nesta paisagem,
 Num festival de miragens
 Vem minha Mãe girar
 Sete mares navegando ,uma lenda
 Exaltando, a sereia rainha do mar
 É Beira mar, maré alta lua cheia

Espuma é prata na areia
 E a brisa é perfume no mar
 Vou velejar, velejar num mundo
 estranho
 Viajar dourados sonhos
 Ouvir Sereia cantar

PONTOS DE SUBIDA

Só corre gira
 Quem sabe girar
 Ela vai correndo gira
 Nas ondas do mar...

YEMANJÁ

Maria Madalena
 Não deixai ninguém chorar
 Vai passando
 Vai levando
 Tudo pra as ondas do mar...

YEMANJÁ

Olha a saia dela, olelê
 Como o vento leva pro mar
 Olha o vento, olelê
 Como o vento leva pro mar...

YEMANJÁ

O vento que te trouxe
 É que te leva
 O vento que te trouxe
 É que te leva para o mar
 Auê, auê, auê, auê Yemanjá
 O vento que te trouxe
 É que te leva para o mar

YEMANJÁ

Odoiá, quem te trouxe foi o mar

Mar

Mas ele vai, vai remando um barco lindo

Lhe conduzindo ao seu reino que é o mar

(P. 28)YANSÃ

Vem rompendo ventos

E dominando o trovão

A Deusa dos raios

Vem trazendo proteção

Eparrei! Com sua espada na mão

Yansã

Arerê,Arerê minha mãe Yansã

Ventou na aldeia

Giraram as ondas do mar

Pedras rolaram dos montes

Arerê Yansã...

Orixá de Xangô

De Oxumaré

E de Yemanjá

Ela é deusa dos ventos

É orixá de Obá..

Eparrei..

Com sua espada na mão

Yansã

Arerê,Arerê..

Minha mãe Yansã..

YANSÃ

Eparrei, Oiá!

Deusa dos ventos

Mensageira de Oxalá

Eparrei bela Oiá!

Saravá grande guerreira

Deusa do céu e da luz

Minha Santa Padroeira

Que meu destino conduz

Proteção para os seus filhos

Eparrei ó bela Oiá

Moça linda da Umbanda

Venha nos abençoar

Eparrei bela Oiá!

YANSÃ

Tá ventando no mar, Axé Yadorê

Tá ventando no mar, Axé Yadorê

Amalá,éso

Axé, ó meu irmão

Está ventando no mar

É reza, é proteção

Tá ventando no mar...

É canto de Ossanhê

É canto de Oiá

Oiá é Yansã

Que é filha de Yemanjá

Tá ventando no mar...

YANSÃ

Yansã, Orixá de Umbanda

Rainha do nosso gongá

Saravá Yansã vem de aruanda

Eparrei,Eparrei!

Yansã venceu demanda

A Yansã, saravá com Xangô

YANSÃ

Santa guerreira
 Que ao meu lado caminha
 Com sua lança de ouro
 E sua espada na mão
 Ela é para mim, toda a riqueza
 Trago-a em meu coração
 A sua saia
 Quando roda irradia
 É deusa da ventania
 É a rainha do trovão
 Com Pai Xangô
 Yansã fez a morada

(Pá. 29) YANSÃ

Ô Yansã
 O seu manto está tão lindo
 Ô Yansã
 A senhora está sorrindo
 Ô Yansã
 Seu gongá é uma beleza
 Ô Yansã
 A deusa da natureza
 Eu vou levar rosa amarela
 Entre as rosas és a mais bela

YANSÃ

Sinda Popô
 Santa Bárbara, eá
 Olha Sindamamãe
 SindaQuilombô
 Santa Bárbara no seu Jacutá

YANSÃ

O Sinhá Sinda
 Olha a sua banda
 O Sinhá Sinda
 Olha o seu gongá
 Ela é filha da cobra coral
 Ela é filha da cobra coral
 Eparrei
 No céu a estrela brilha
 Brilhou, brilhou tão linda
 Saravá, saravá Yansã
 Saravá Xangô e Oxalá

YANSÃ

Ela é matamba
 Ela é Oiá
 Ela é Yansã deste Jacutá
 Ela é matamba
 Dos cabelos loiros
 Senhora dos ventos
 E da espada de ouro

YANSÃ

Ererê, Ererê...
 Na Aruanda, auê
 Xarokê na Aruanda, auê
 Dabalê na Aruanda, auê
 Oiá na Aruanda, auê
 Obá na Aruanda, auê

YANSÃ

YansãBerê..

Yansã Berê...
 Gira no templo
 Rainha dos ventos
 Que eu quero ver
 É de Areá, oiê
 É de Orerê
 Gira na fé de Zambê

YANSÃ

Ela é senhora dos ventos
 Ela é a mais linda orixá
 Ela veio acalmar a tormenta
 Quem mandou foi meu pai Oxalá
 Ô Yansã..
 Minha mãe Yansã
 A sua espada de ouro no céu brilhou
 Ô Yansã...
 Minha mãe Yansã
 Obrigado Senhora
 Porque a bonanza¹²⁴ chegou..

YANSÃ

Ela é uma moça bonita
 Que se veste de seda
 E se cobre de ouro
 Ela é rainha do rio
 Oiá
 (P.30)
 E Oiá é seu nome
 Ela guarda o tesouro
 Ela é Yansã de Balê
 É a dama da noite

Dama do candomblé
 Toca no tempo
 Toca na tempestade
 Relampeia, relampeia
 Elà é nossa majestade
 Pegou a espada
 E com Ogum foi guerrear
 Dos seus encantos
 Ninguém pode duvidar
 Ogum chorou
 Chorou Obá
 Meu Deus do céu
 Quem é que pode
 Com Oiá?

YANSÃ

Ô eparrei!
 Minha mãe de aruanda
 Mas é dona do seu jacutá
 Erê, rê, rê
 Erê, rê, rê
 Minha mãe de aruanda tem
 Mironga lá no ar

YANSÃ

Saravá Yansã
 Dos cabelos loiros
 No mar tem água
 Na sua terra tem ouro
 Tem ouro erê, erê
 Tem ouro erê, erê
 Saravá Yansã é a rainha do mar

¹²⁴ bonança

YANSÃ

Yansã tem um leque que venta
 Para abanar suas yaôs
 Yansã mora na pedreira
 Eu quero ver meu pai Xangô

YANSÃ

Oiá, Oiá olha eu
 Olha a matamba de Itacurucaia
 Oiá....

YANSÃ

Se meu pai é rei de Umbanda
 A minha mãe é Yansã
 Oi gira deixa a gira girar
 Oi gira deixa a gira girar
 Deixa a gira girar
 Saravá Yansã
 Pai Xangô e Yemanjá,oi
 Oi gira deixa a gira girar

YANSÃ

Yansã guerreira, oiê
 Yansa guerreira, oiê
 Gira no tempo rainha do vento
 Que eu quero ver
 Gira no tempo rainha do vento
 Que eu quero ver
 Que eu quero ver, ê ê
 Que eu quero ver
 Gira no tempo rainha do vento

(P. 31)PONTOS DE SUBIDA

É quem te leva para o ar
 Auê,Auê
 Auê seu Tarimá
 O vento que te trouxe
 É quem te leva para o ar

YANSÃ

Que eu quero
 É de Oriá, oiê
 É de Oirê
 Gira na Gira
 E na fé de Missambê

YANSÃ

Yansã é minha mãe
 Ela é dona do seu gongá
 Eparrei, eparrei, eparrei
 Ô Yansã vem nos ajudar
 Ela vence demanda
 E lá no firmamento
 Com sua espada
 Ela é dona dos ventos

YANSÃ

Yansã cadê Ogum?
 Foi pro mar...
 Yansã penteia os seus cabelos macios
 Quando a luz da lua cheia
 Clareia as águas do rio
 Ogum sonhava com a filha de Nanã
 E pensava que as estrelas
 Eram os olhos de Yansã
 Mas Yansã cadê Ogum ?
 Foi pro mar...

Na terra dos orixás
 O amor se dividia
 Por um deus que era de paz
 E outro deus que combatia
 Como a luta só termina
 Quando existe um vencedor
 Yansã virou rainha
 Na coroa de Xangô

YANSÃ

Ô Yansã
 Senhora dos ventos
 Ô Yansã
 Vem nos valer
 Dá proteção pro seus filhos
 Com sua espada vem nos socorrer
 A sua coroa é de ouro, Yansã
 E azul da cor do mar
 Vem saravá filhos de pemba
 E viva nosso pai Oxalá, Oiá

YANSÃ

A sua espada risca o espaço
 Venha no mundo Yansãlatopé
 Eu louvo a sua coroa
 Ô minha mãe
 E viva o seu aixé

(P. 32)NANÃ

Senhora Santana
 Quando andou no mundo
 Ela cruzou a terra
 E abençoou o mundo

NANÃ

Nanã é orixá de Umbanda
 Nanã é mãe de Nossa Senhora
 Vamos saravá Nanã
 Ela nos dá
 Malei agora

NANÃ

Na mesa de Umbanda
 Eu vi Nanã
 Eu vi Nanã
 Auê, auê
 Eu vi Nanã
 Auê, auê
 Eu vi Nanã

NANÃ

Atraca, atraca que ai vem Nanã (êa)
 Atraca, atraca que aí vem Nanã (êa)
 É Nanã, é Oxum
 É Oxum, é Nanã (êa)
 É Nanã, é Oxum
 É Oxum, é Nanã
 É sereia do mar

NANÃ

Oi dizem que Nanã balança o céu
 Oi dizem que Nanã balança o mar
 Oi dizem que Nanã balança a terra
 Oi dizem que Nana balança a
 Umbanda, auê

NANÃ

Eu vi, eu vi Nanã

Eu vi Nanã na beira do rio
 Oi brilha o sol
 Se é Nanã que já vai chegar agora

NANÃ

Nanã é velha
 Como táta de mina
 É no fundo do mar, que Nanã é menina

NANÃ

Na cachoeira de Nanã Buruquê
 Só se lava a cabeça
 De filho de Umbanda
 Quando é pra valer
 Se você não é
 Então não vai lá
 Que NanãBuruquê, ó meu filho
 Pode não gostar

NANÃ

São flores, Nanã
 São flores
 São flores, Nanã Buruquê
 São flores, Nanã
 São flores
 Do seu filho Obaluaê.
 Ela é Senhora Santana
 Ela é NanãBuruquê
 Ela é um orixá
 Seu filho Obaluaê
 São flores

NANÃ

Salve Nanã

Salve Senhora Santana
 Salve Nanã
 Que já chegou na aruanda
 Salve Nanã
 Com sua força e bondade
 Salve Nanã
 Caracucaia de Umbanda

NANÃ

Ô Senhora Santana
 Ela é quem vem nos valer
 Ela é mamãe dos orixás
 São Roque é Obaluaê

NANÃ

Nanã minha vovózinha
 Minha vó. minha vó
 (P.33)
 Nanã que Deus me deu
 Minha vó, minha vó

NANÃ

Nanã é Nanã Buruquê
 É orixá mais velha do céu
 Nanã é Nanã Buruquê
 Olha seus filhos agora que eu quero
 ver

NANÃ

Sou de Nanã, euá
 Euá, euá,ê...(bis)
 Fui chamado de cordeiro
 Mas não sou cordeiro não
 Preferi ficar calado

Que falar sem ter razão
 O meu lamento é uma singela oração
 Minha Santa de fé
 Meu cantar....
 Me deu forças que sustentam meu
 viver
 Meu cantar
 É um apêlo que eu faço à Nanãê
 Sou de Nanã, euá
 Euá, euá, ê
 O que peço no momento
 É silêncio e atenção
 Quero contar o meu sofrimento
 Que eu passo e a razão
 O meu lamento se criou na escravidão
 E cansado eu falei
 Eu chorei
 Sofri as duras dores da humilhação
 Mas ganhei
 Pois eu trazia Nanãê no coração....

NANÃ

É Nanã
 È Nanã Buruquê
 A sua saia é roxa
 A sua casa é de sapê

(P. 34)**OBALUAÊ**

Meu São Miguel
 Reflexo de Oxalá
 Seus filhos fiéis
 Veio saravá
 Chefe da calunga
 Onde o mocho pia

Proteção de Atotô

A todos envia

OBALUAÊ

Seu Obaluaê, seu Obaluaê
 Sou seu filho de cabeça
 Me dê sua força e proteção
 Seu Obaluaê

OBALUAÊ

Omulú é táta na sua banda
 Omulú é táta na sua banda
 Com sua muleta
 E sua bengala
 Ele também dança

OBALUAÊ

Seu Obaluaê
 Ele vem na lei de Umbanda
 Seu Obaluaê
 Vem saudar a nossa banda
 Seu Obaluaê
 É nosso pai é nosso guia
 Dentro dessa banda
 A sua luz se irradiá
 É orixá maior
 Sua coroa é de lei
 Saravá seu Atotô
 Atotô Obaluaê

OBALUAÊ

Casinha branca

Casinha branca que eu mandei fazer
 Pra oferecer ao meu pai Omulú
 Meu pai Omulú
 Seu Atotô Obaluaê...
 Salve minha mãe Oxum
 Salve NanãBuruquê
 Seu Atotô Obaluaê

OBALUAÊ

Ó meu pai Oxalá
 Ó minha mãe divina
 Seu Obaluaê na sua banda
 E bem vindo
 Ooooo seu Obaluaê
 Ooooo seu Obaluaê

(P. 34)OBALUAÊ

Ó como é lindo esse jardim
 De lindas flores enfeitadas
 Tem porque
 São ofertadas de todo o coração
 Ao velho Obaluaê
 As flores do meu velho, Atotô meu pai
 São lindas e cheirosas, Atotô meu pai
 As flores do meu velho, Atotô meu pai
 Também são milagrosas, Atotô meu
 pai

OBALUAÊ

Que orixá é esse
 Todo coberto de palha
 É o rei do sol, é o rei da lua
 É o seu Omulú, meu senhor
 O rei da magia··

Seu Omulú...
 Eu sou seu filho de fé
 Vou levar flores brancas ao senhor
 Pra receber seu axé

OBALUAÊ

Quem não conhece venha ver
 Seu Atotô Obaluaê
 Com seu amuleto e sua bengala
 A cruzar os quatro cantos
 Da nossa casa sagrada

OBALUAÊ

Obaluaê, babalorixá
 A sua coroa de ganga
 Quem lhe deu foi Oxalá
 Saravá babalô
 Ele é chefe do gongá

(P. 35) XANGÔ

Eu bati a cabeça para o meu pai Xangô
 E lá da aruanda ele me abençoou
 Eu bati a cabeça para o meu pai Xangô
 E lá da aruanda ele me abençoou
 Meu pai Xangô, é o chefe é o rei das
 pedreiras
 Filhos de fé na umbanda
 Ele abençoou com sua luz e sua
 missão justiceira
 Filhos de fé, saravá pai Xangô
 Saravá...

XANGÔ

Se um dia, se quebrares a fé

Que Deus me deu
 Que role essa pedra sobre mim
 O meu pai Xangô está no reino
 O meu pai Xangô é um orixá
 Ora teus filhos te pedem meu pai
 Justiça e paz para esse gongá

XANGÔ

Meu pai Xangô é o chefe
 É o rei das pedreiras
 Filhos de fé, na Umbanda ele abençoou
 Com sua luz e sua missão justiceira
 Filhos de fé, saravá pai Xangô
 Saravá...

XANGÔ

Ai que estrela tão linda
 Que brilha do firmamento
 Xangô na pedra sentado
 Vai escrevendo e vai lendo
 Oi kaô cabecile,kaô,kaô
 Para os seus filhos ensina
 Com muito amor e bondade
 Que a vida não vale nada
 Se não faz caridade
 Oi kaô cabecile,kaô,kaô...

XANGÔ

Xangô sua pedra rolou
 Onde foi parar, nas ondas do mar
 Saravá Xangô,o, o,ô.....
 Xango mora na pedreira, debaixo de um
 jacutá
 Kaô cabecile,Obá Xangô, o, o, ô...

XANGÔ

Xangô,olha a sua banda
 Xangô,olha o seu gongá
 Oi lá nas matas, aonde a juriti cantava
 Foi na pedreira, onde pai Xangô fez a
 morada
 Olha a sua banda,Xangô
 Olhe o seu gongá...

XANGÔ

O Gino, olha a sua banda
 O Gino, olha o seu gongá
 Aonde o rouxinol cantava
 Aonde, pai Xangô morava
 Ele é gino da Cobra Coral
 Ele é gino da Cobra Coral
 Ele é gino da Cobra Coral Kaô....

(P. 36) OGUM

Pra enxugar o meu pranto
 E as dores do cativo
 Eu trouxe rezas e cantos
 Dos santos bantos e bantus
 Lá do meu terreiro
 Dentro do meu alforge
 Quem me alforria e ilumina
 É uma oração de São Jorge
 Guerreiro lá da Costa da Mina
 Meu Pai...
 Me dai vossa luz e coragem
 Me faz a vossa imagem
 Na luta contra os perigos..
 Me protegi das injustiças da lei

E da sanha do Rei
 E dos meus inimigos...
 Que eu fique intocável
 Que eu fique invisível
 Insensível ao golpe fatal
 Convosco,estou salvo
 Sem vós eu sou alvo
 Das flechas do mal
 Pra enxugar...

OGUM

Ogum me disse
 Que dançar nagô é bom...
 Dançar nagô é bom
 Dançar nagô é bom ...

OGUM

Ogum...
 Meu guerreiro de Umbanda...
 Cavaleiro supremo...
 É sentinela de Pai Oxalá
 É remador de Yemanjá
 Senhor da lua
 Ilumina meus caminhos
 Toma conta da minha vida
 E me livre dos perigos..
 Senhor da lua..

OGUM

O cavaleiro que bateu
 Na minha porta
 Passarei a rãõ na pamba
 Para ver quem é
 Mas ele é São Jorge Guerreiro viajante

Cavaleiro da força e da fé...

OGUM

Pisa na linha de Umbanda
 Que eu quero ver
 Ogum Sete Ondas
 Pisa na linha de Umbanda
 Que eu quero ver
 Ogum Beira Mar
 Pisa na linha de Umbanda
 Que eu quero ver
 Ogum lara
 Ogum Megê..
 Olha a banda aruê..

OGUM

A espada que Seu Ogum guerreou
 A espada que Seu Ogum já lutou
 Que ele guerreou e torna a guerrear
 Salve Ogum Megê
 Salve Ogum Beira Mar...

OGUM

São Jorge é o maior da espada
 Está de ronda com sua cavalaria
 São Jorge é o maior
 A estrela Dalva é a sua guia

(P. 37)OGUM

Ogum é Pai de todos
 É Pai de todos
 É rei na Umbanda
 Quem quer Ogum
 É,Sereia

Ele dá, ele dá, ele dá ...
 Ogum guerreou¹²⁵,
 Ogum saravou,
 Quem quer Ogum
 Até me implorou
 Seu Beira Mar...
 É sentinela da Oxum
 É remador de Yemanjá
 Ele é cavaleiro
 Ele é guerreiro
 Ordenança de Oxalá
 Ogum Dé Kodelodé
 Ogum Beira Mar...

OGUM

Bate o gongo
 Bate o gonguê ..
 Salve o terreiro de acarajé
 Bate o gongo
 Bate o gonguê....
 Ogum Dilê é rei.
 Ogum Dilê é orixá..
 Tá no terreiro
 Vamos saravá...
 Aruanda, Aruanda..
 Saravá, saravá....
 Bate o gongo ...

OGUM

Quando os clarins tocaram
 Na alvorada de um novo dia

Pescador velho contava
 Que um soldado do céu descia
 Que remava pelo mar
 Que marchava sobre a areia
 Que remava um barco lindo
 Conduzindo uma sereia
 E em toda praia corria
 Prestando serviço com sua magia
 O Inimigo ele derrotava
 E a demanda ele vencia
 Ele era seu Ogum
 Guerreiro de Humaitá
 Sentinela da Oxum
 Remador de Yemanjá
 E a lua lá no mar
 O seu corpo refletia
 Sua capa esvoaçava
 Sua espada reluzia
 Beira Mar, Beira Mar
 Seu Beira Mar.
 Quem está de ronda
 É militar

OGUM

Numa alvorada
 Um cavaleiro surgiu
 Com seu escudo e sua lança à brilhar
 Seu capacete reluzia em pleno céu
 Ele é Ogum
 Ele é Seu Beira Mar (Ogum)
 Salve meu pai Ogum
 Ele vem trabalhar

¹²⁵ guerreou

Ele vence demanda
Salve Ogum Beira-Mar

OGUM

Bandeira linda é de Ogum
Está içada lá no Humaitá
Representando General de Umbanda
Seu Ogum venceu demanda
Nos campos de Humaitá

OGUM

A sua espada é de ouro
Sua coroa é de lei
(P. 38)
Ogum é táta na Umbanda
Seu canjira mugango
Ogum iê

OGUM

Ele jurou bandeira
Ele tocou clarim
Com seu exército branco
Ele lutou por mim
Na beira da praia Ogum Sete Ondas
Ogum Beira Mar

OGUM

Quem me de Ogum
Para ser meu guia
Mas ele é praça de cavalaria
E ordenança da Virgem Maria

OGUM

Quem é,quem é o cavaleiro

Do alto da serra
Quem é, quem é que protege
Os seus filhos na terra
Na mão direita ele traz uma bandeira
Abençoando nossa devoção
Na mão esquerda a lança certa
Que matou o dragão
Ele é seu Ogum de aruanda
A sua espada é nossa proteção
Vem cavalgando, vencendo demanda
No seu terreiro ele é capitão.

OGUM

Ogum guerreiro de Umbanda
Seu ponto veio firmar
Ele pede ao sol e a lua
Oi paranga
Pra lhe ajudar

OGUM

Na vila nova
Eu navieli Ogum
Navilei, navileiOgum..

OGUM

Eu venho da alta cidade
Para salvar a aldeia de Umbanda
Estou salvando São Jorge guerreiro
E a aldeia de Ogum de Ronda

OGUM

Ogum de Lei,meu pai
Estou lhe chamando

Ogum de Lei, meu pai
 Estou lhe esperando
 Com seu escudo e sua lança na mão
 Ogum de Lei é vencedor de demanda

OGUM

Nos-campos de Humaitá
 Ogum guerreou e venceu
 Sua divisa de general
 Foi São José e Maria quem lhe deu

OGUM

Olha a ronda meu pai, olha a ronda
 Olha a ronda Ogum general de
 Umbanda
 Segura esta ronda, Seu Ogum
 Que já começou balançar
 Bote o inimigo pra fora
 Segura esta ronda
 General de Umbanda
 Ogum iê

OGUM

Ogum em seu cavalo corre
 E a sua espada reluz
 Ogum, Ogum Megê
 Sua bandeira cobre os filhos de Jesus
 Ogum iê

OGUM

Na frente da romaria
 Eu vi um cavaleiro de ronda

(P. 39)
 Com seu escudo de aço
 E uma lança na mão
 Ogum guerreou e venceu
 E matou o dragão

OGUM

Eu vi São Jorge na lua
 Eu vi a lua clarear
 Eu vi o povo de Umbanda
 Dando vivas a um militar
 Ê eeeeea...
 Pisa na Umbanda, canjira
 Pisa no gongá

OGUM

Ogum a sua bandeira
 É branca, verde encarnada
 Ogum nos campos de batalha
 Ele venceu a guerra e não perdeu
 soldados
 Ogum meu pai

OGUM

Saravá Ogum e a coroa de Lei
 Saravá Ogum e a coroa de Lei
 Ogum, Ogum e a coroa de Lei
 Ogum, Ogum e a coroa de Lei
 Ouvi um toque no clarão da lua
 Ogum é praça de cavalaria
 E ordenança da Virgem Maria
 Venceu demanda ao romper do dia
 Lá, lá, lá, lá

OGUM

Quem está de ronda é São Jorge
 Deixa São Jorge rondar
 É São Jorge guerreiro
 Quem manda na terra
 Quem manda no ar
 Saravá meu pai
 Saravá meu pai
 Oi gira é bom
 Gira é bom
 Gira é bom
 É bom girar
 Ogum estava em seu campo de batalha
 Ogum estava com sua bandeira
 encarnada
 Ogum jurou
 Exú também jurava
 Ele era capitão de Umbanda
 Mais uma batalha ganhava

OGUM

Ogum de Lei
 Não me deixe sofrer tanto assim
 Quando eu morrer
 Vou passar pela aruanda
 Saravá Ogum
 Saravá Seu Sete Ondas

OGUM

Seu Ogum Beira Mar
 O que trouxe do mar
 Ele vem do mar
 Trazendo areia
 Na mão direita ele traz

Uma guia de mamãe sereia

OGUM

General, general, meu general
 General, general do mar
 Auê, auê, auê
 Capitão Marambaia, auê

OGUM

Quando os clarins tocavam
 Lá, lá, lá, lá, lá
 Em sua banda chegou
 Ele é Ogum de Lei
 Ele venceu a guerra
 Nos campos de Humaitá
 Lá, lá, lá, lá, lá

OGUM

Deus salve Ogum Megê
 Ogum Rompe Mato
 Ogum Beira Mar
 Ele trabalha na areia, meu pai
 (P. 40)
 Ele trabalha no mar, auê
 Ele trabalha na areia, meu pai
 Ele trabalha no mar

OGUM

Querem destruir o meu reinado
 Mas Ogum está de frente
 Mas Ogum está de frente
 Eu sou filho de Ogum
 O meu corpo é fechado
 Eu sou filho de Ogum

Feitiço nenhum vai pegar pro meu lado

OGUM

Vamos saravá Ogum

Nas horas de Deus, meu pai

Ogum, Ogum, Ogum

Ogum é de malei

OGUM

Ogum que corre sete ondas

Sua bandeira cobre o Humaitá

Ogum, Ogum Iara

A sua banda é de Ogum Beira Mar

OGUM

Se papai está no céu

Ogum está de ronda

Eee olha a ronda...

OGUM

A sua espada brilha no raiar do dia

Seu Beira Mar é filho da Virgem Maria

Seu Beira Mar beirando areia

Seu Beira Mar é filho da Virgem Maria

OGUM

Ogum, Ogum, Ogum

O senhor mesmo é quem diz

Que filho de pemba não cai

Ogum, Ogum, Ogum

Ogum vem de aruanda

Saravá filhos de fé

Seu Ogum venceu demanda

Ogum já jurou bandeira

Ogum ele vai jurar

Ogum já jurou bandeira

Nos campos de Humaitá

Auê Capitão Marambaia

Auê General Guanabara

Ogum, meu senhor São Jorge

Vamos fazer aliança

Meu pai venha me valer

Com sua espada e sua lança

Auê Capitão Marambaia

Auê General Guanabara

Auê..

OGUM

Ogum não devia beber

Ogum não devia fumar

Mas a fumaça representa as nuvens

E a cerveja as ondas do mar

OGUM

Bendito louvado seja

Bem vindo na banda

Saravá Ogum

Que já venceu demanda

Seu Ogum tocou clarim

Já venceu demanda

Já tocou clarim

Já venceu demanda

Seu Ogum tocou clarim

OGUM

A beira mar nasceu um lírio, lírio é

A beira mar nasceu um lírio, lírio a

Era de madrugada
 Os caboclos íam chegando
 Meu pai Ogum
 Seus filhos abençoando
 Ogum de Lei, Ogum de Lei
 Ogum de Lei, Ogum de lá
 Ele é meu pai
 Vamos todos saravá

OGUM

Seu General Ogum
 Ele foi chefe de cavalaria
 (P. 41)
 É com sete espadas que nos defendia
 Eu quero Ogum em nossa companhia

OGUM

Bandeira -içada é sinal de uma vitória
 Nos campos de Humaitá
 E na Umbanda , vamos todos saravá
 Linda falange, que sabe guerrear
 Seu Beira Mar, Ogum Nagô
 Seu Rompe Mato e Ogum de Lei
 Ogum Iara, Seu Naruê
 E aí vem seu Ogum Megê

OGUM

Seu Rompe Mato é cavaleiro de Oxalá
 E ordenança da Virgem Maria
 Mas ele vem a beira mar
 Vem no clarear da lua
 Vem no romper do dia
 Eu vi seu Rompe Mato
 Eu vi estrela brilhar

Eu vi seu Rompe Mato
 Ogum das Matas-
 Passear à beira mar
 Seu general Ogum
 Ele foi chefe de cavalaria
 É com sete espadas que nos defendia
 Eu quero Ogum em nossa companhia

OGUM

É cavaleiro do espaço, do céu e da lua
 Do mar e da terra
 E vigilante seguro
 Fiel sentinela na paz e na guerra
 Quando me vi em perigo
 Eu chamei por ele
 Ele me atendeu
 Ele empunhou sua espada
 Foi ele quem me valeu
 Foi ele quem me valeu

OGUM

Ogum me fecha os caminhos
 Dos filhos inimigos da Umbanda
 Santo Antônio me fecha as porteiras
 São Benedito me abre o terreiro

OGUM

Seu Ogum está no terreiro
 Vamos saravá
 Ora vamos bater palma
 Na coroa de Ogum

OGUM

Ogum Megê, general de Umbanda

Venceu demanda
 Seu Ogum foi à Oxalá
 Com sua espada e sua lança
 Venceu demanda
 Nos campos de Humaitá
 Ogum Megê

OGUM

No céu nasceu uma estrela
 Que clareia a terra e o mar
 Salve Ogum sete Ondas
 Salve Ogum Beira Mar

OGUM

Oi saravá, saravá Ogum Beira Mar
 Saravá,saravá Ogum Beira Mar
 Ele traz lá do fundo do mar
 As bênçãos da Mãe Yemanjá
 Ogum,seu Ogum Beira Mar
 No terreiro de Umbanda
 Ele vem saravá

OGUM

Brilhou no céu,brilhou no mar
 A lança de São Jorge
 Refletindo no luar
 Ogum é São Jorge
 Meu santo protetor
 (P. 42)
 Daí forças aos meus irmãos
 Saúde,paz e amor

OGUM

Ogum,meu pai

Quem é da linha de Umbanda não cai
 Firma ponto no terreiro
 Firma ponto meu irmão
 Quem é da linha de Umbanda
 Traz sempre a pemba na mão
 Ogum

OGUM

Se meu pai é Ogum
 Ogum
 Vencedor de demanda
 Veio de aruanda
 Pra salvar filho de Umbanda
 Ogum,Ogum Iara
 Ogum,Ogum Iara
 Salve a coroa dele
 Salve a sereia do mar
 Ogum,Ogum Iara

OGUM

Quando Ogum partiu para a guerra
 Oxalá lhe deu carta branca
 Para Ogum vencer a guerra
 E seus filhos vencer demanda

OGUM

Ogum de Lei
 Pede o amor à Sinda
 É o tatá lá no congá, auê
 Ele é o santo lá, auê
 Ah! Ogum iê
 Ogum é táta no arêre
 Ahl Ogum iê
 Ogum é táta no arêre

Ogum iê

OGUM

Ogum de Ronda

Salve Ogum de Ronda

Salve Ogum de Ronda

Que acaba de chegar

Ogum de Ronda

Ele é guerreiro

Chegou nesse terreiro

Pra seus filhos ajudar

Ogum de Ronda com seu cavalo

branco

Ele corre nas campinas

De nosso pai Oxalá

Quando ele vem, vem disposto

A ajudar os seus filhos

De Umbanda que estão a lhe esperar

OGUM

Na lua nova ele firmou seu ponto

Na lua cheia ele confirmou

Nas sete estrelas

Nas sete luas

Saravá Ogum

Saravá Xangô

OGUM

Cavaleiro supremo

Mora dentro da lua

Cavaleiro supremo

Mora dentro da lua

Sua bandeira é divina

É um mar de ventura

OGUM

Eu caminhava na linda floresta

Eu passeava por aquela rua

Ô que beleza

Ogum de Lei no clarão da lua

Firma caboclo nesse gongá

Segura a corrente para não tombar

Ogum de Lei, meu orixá

Sou filho de pemba

Filho desse gongá

Ogum de Lei, meu orixá

Sou filho de pemba

Filho desse gongá

(P. 43) **OGUM**

Ogum partiu pra guerra

Ogum tocou clarim

E o exército todo, foi comandado
assim

São dois irmãos na madrugada

Seu Ogum Iara, seu Ogum Matinata¹²⁶

Ogum olha as folhas da Jurema

Ogum olha as folhas da Jurema

Ô pega a pemba

Risca o ponto, deixa a pemba

Deixa a folha, na folha da Jurema

¹²⁶ Matinata

OGUM

Ele é Oxóssi nascido à beira mar
 Ele é guerreiro na tábua de Ogum
 Ele é o grande guerreiro de Oxum
 Ele é meu pai e vai me abençoar

OGUM

Quando é madrugada
 A lua amiga vai buscar
 O sol atrás da serra
 Para o dia clarear os guaranis
 Os guaranis, Tupi, Tupinambá
 É bom ver as crianças
 Trazer paz e esperança
 Para os filhos de Oxalá
 Sobre a aldeia guarani
 Multi colorida manhã
 Tupinambá e Tupi
 Rezando pra Deus Tupã
 Quando é madrugada ...

OGUM

São Jorge é um santo guerreiro
 Portanto ele está em todo terreiro
 Oi quem manda na lua
 Oi quem manda no sol
 São Jorge é um santo guerreiro
 Oi quem manda na terra
 Oi quem manda no mar
 São Jorge é um santo guerreiro

(P. 44) PONTOS DE SUBIDA

Ogum ele já chegou
 Ogum já me saravou

Filhos de pemba
 Porque tanto choras
 É seu Ogum e sua falange
 Ele já vai embora

OGUM

Ô Bambiá
 Sela o seu cavalo
 Bambiá
 Seu Ogum vai embora, vai girar

OGUM

Selei, selei seu cavalo selei
 Seu Ogum já vai embora
 Seu cavalo selei
 Seu ordenança mandou avisar
 Que seu cavalo está pronto
 Para viajar
 Mas como é lindo no clarão da lua
 O seu cavalo branco
 Som a imagem sua

OGUM

Cambone, cambone meu
 Meus cambones
 Olha que Ogum vai ao ló
 Sua terra fica aí
 Ele vai numa gira só

OGUM

Mandei selar seu cavalo
 Para Ogum viajar

Vai pra terra de Nossa Senhora da
Glória
Ele vai mas torna a voltar

OGUM

Sua espada e seu capacete
Seu cambone já levou
Saravá todos Ogum
E Nazaré vento levou

OGUM

Seu Ogum vai,vai
Vai deixar saudades
Seu Ogum vai, vai
Vai pra sua cidade
Seu Ogum vai que a sua banda lhe chama
Seu Ogum vai descobrir se tem
mironga

OGUM

É madrugada
Pra qualquer um toca alvorada
Que aí vai Ogum
Abênção meu pai
Quem é filho de Ogum
Roda,balança e não cai

(P. 45) OXÓSSI

Para quem não conhece
Eu vou dizer
Oxossi Rei
É São Sebastião
Ele reina lá nas matas
E nos campos

Ele é o dono da lavoura
Ele é Tupã...
Orirê, Orirê, ô
O Senhor Orirê...
Para sua vida melhorar
E nunca lhe faltar o quê comer
Acenda uma vela
Lá na mata para Oxossi
E peça pra ele vim lhe socorrer...
Orirê, Orirê, ôh
O Senhor Orirê... (repetir 3x)

OXÓSSI

Oxalá menino..
Oxalá é Daodé..
Oxalá me iluminai
Oxalá é da Umbanda..
Vai sair o sol...
Vai entrar na mata
Oxalá é da Oxossi...
Jurema é da Oxossi...
É caçador...
Oxalá menino...

OXÓSSI

Eu estava caçando
E na mata eu me perdi
Um caboclo encontrei
Mas eu não reconheci
Das feras me defendeu
Seu brado forte ele deu
Voltei de novo ao caminho
Nunca mais andei sozinho
Se meu Pai é Oxóssi

Ele da mata é o Rei
 É um caboclo valente
 Que um dia na mata eu encontrei.

OXÓSSI

Se eu vi chover, eu vi relampear
 Mais mesmo assim o céu estava azul
 Tampor¹²⁷ é pamba folhas de jurema
 Oxossí reina de norte a sul
 Sou brasileira faceira mestiça mulata
 Não tem ouro nem prata
 O samba que sangra no meu ori
 Tua menina de cor
 Pedaco de bom caminho
 Entre no teu passo
 Malandro não sou como a tal (ilegível)
 Rea de tanto exaltar, essa tal de (ilegível)
 Meu caboclo moreno, mulato amarelo
 do nosso Brasil
 Olha meu preto bonito, te quero (ilegível)
 Te gosto pra sempre, ao samba (ilegível)
 no primeiro apito do ano 2000.

(P. 46) **OXÓSSI**

Jararaca é sua cinto
 A Jibóia é sua laço..
 Zôa, que zôa,quezôa ê
 Caboclo mora no mato..

OXÓSSI

Se o seu saiote é carijó
 E a sua flecha é de indaiá

Todos os caboclos vem serenos
 Como o sereno é
 Oxóssi é Rei na macaia
 Oxóssi é Rei na Guiné
 Ele atirou...
 Ele atirou e ninguém viu
 O seu Oxóssi é que sabe
 Aonde a flecha caiu..

OXÓSSI

Seu Rei das Penas
 É um Deus, é um Tatá
 É um Tatá, é um Deus
 Ele é caboclo bom...
 Auê...
 Ele é caboclo bom...

OXÓSSI

O seu Cajá
 E um caboclo valente
 E traz a bandeira da paz
 Para quem quer união...
 O seu Cajá ajuda pra vencer
 E com irmão Arerê
 Ele atira a sua flecha
 Okê caboclo
 Ele atira é pra vencer...

OXÓSSI

Auê, Ele veio do além mar
 Auê, Caçador de Orubá.

¹²⁷ Samborê

A mata é linda
 Quando clareia
 Ele é caboclo
 Ele não bambeia...

OXÓSSI

Quando ele grita na Terra...
 E a sereia no Mar...
 Ele se chama Sete Flechas
 Caboclo de Orubá¹²⁸
 Sua jibóia está no rio

OXÓSSI

Eu, eu vim de Aruanda
 Vim saravá seu gongá
 Salve Seu Banda Aruanda...
 Salve o Seu Tupinambá
 Ele é caboclo guerreiro /
 Ele é cabloco¹²⁹ guerreiro
 Ele vem saravá sua banda na
 Aruanda
 Salve Seu Tupinambá...

(P. 47) XANGÔ

Quequelê, quequelê Xangô
 Ele é filho da Cobra Coral
 Olha preto tá trabalhando
 Olha branco não tá
 Tá olhando

XANGÔ

Já se ouve o tambor

Na ilha de Marajó
 Hoje é noite de Luanda
 No terreiro de Timbó
 Ô Luanda
 Sua terra, seu amor
 No batuquejê, o seu canto pra Xangô
 Kaô, Kaô, Kaô Saravá seu Alafim
 Saravá seu Agodô

XANGÔ

É Xangô
 O rei de lá da pedreira
 É Oxum
 Rainha da cachoeira
 Xangô é rei
 Xangô é rei, é orixá
 Escreve lei aos filhos de Oxalá

XANGÔ

Escureceu, a noite chegou
 Firma ponto na pedreira
 Saravá Xangô
 Saravá Xangô
 Saravá Xangô

XANGÔ

Lê, lê, I,ô kaô
 Lê, lê, lè,ôkao
 Lê, lê, lê, que banda ole
 Lê, lê, lê, ô kaô
 Valei-me Xangô kaô
 Valei-me é orixá

¹²⁸ Iorubá

¹²⁹ Caboclo

Kaô,kaôcabecile
 Agô, ag é orixá
 Se meu pai é Xangô
 Minha mãe é Oxum
 Meu padrinho é Ogum
 Lê, lê, lê, ô kaô
 Com licença de Zambi
 Saravá pai Xangô

XANGÔ

Por detrás daquela serra
 Tem uma linda cachoeira
 É de meu pai Xangô
 Que arrebentou sete pedreiras
 Foi água nascendo na fonte
 Espinhos na flor
 Do seu medo escondido
 Nasceu a coragem de ser vencedor
 Punhal na mão, e
 No peito um escudo, mas fiel
 De quem na terra
 Concebeu o céu
 São sete pedreiras
 Que ele aprendeu a quebrar
 Na fâisca da fúria
 No raio, da chuva
 À luz do luar
 Lavou o corpo, com o vinho amargo do
 suor
 fez do próprio bem
 De todos os males
 (P. 48)
 Talvez o menor

XANGÔ

Eram seis horas quando o sino tocou
 Na Marambaia cidade da Jurema
 Eram seis horas quando o sino tocou

XANGÔ

Se Xangô é seu pai
 Vai lhe dar proteção
 Em sua defesa
 Ele tem a pedreira
 E-para lhe guardar
 Ele tem o leão
 Se seu filho lhe chama
 Xangô,sob o sol, sob a lua
 Pode Ter a certeza
 A vitória é sua,kaô
 Salve as almas Xangô
 Ele entrou no terreiro
 Ele é pai justiceiro

XANGÔ

Xangô,seu Agodô,seu Trovoada
 Seu Sete Fâisca
 Lá na pedreira onde Xangô morava
 O meu pai
 Aonde o rouxinol cantava

XANGÔ

Nas águas sagradas do rio Jordão
 Foi batizado Jesus
 Pelo grande São João
 É São João Batista
 É Xangô kaô, na lei umbandista

Saravá Xangô kaô
 Saravá Xangô de Agodô
 Saravá Xangô de Alafim
 Saravá Xangô de Abomi
 Saravá Xangô Zambara
 NanãBuruquê e o senhor do Bonfim

XANGÔ

Ele é Xangô das Almas
 Ele é feito nas almas
 Ô almas
 Ô minhas almas
 Seu Agodô, que venha me valer

XANGÔ

Foi na beira do Cariri
 Que eu vi Xangô sentado
 Com Yemanjá e Oxum
 E Santa Bárbara ao seu lado

XANGÔ

Saravá velho São Pedro
 Quizoa, quizoa, quizoazoa
 Com sua chave na mão
 Oiquizoa, quizoa, quizoa zoa
 Velho São Pedro
 É quem manda na aruanda
 Quem tem a chave na mão
 É ele que vence demanda

XANGÔ

Sentado na pedreira de Xangô

Cumpri meu juramento até o fim
 Se um dia se quebrar a fé no meu Senhor
 Que role a pedreira sobre mim

XANGÔ

Meu pai Xangô olhai seus filhos.
 Que eu também sou filho seu
 Seu agodô
 Yemanjá Sobá

XANGÔ

Trovejou lá no céu
 A umbanda balanceou
 Ó Deus a umbanda balanceou
 Auê, auê, aôô
 Olha salve o de pai Xangô

XANGÔ

Relampeou, tremeu a terra
 Meu pai Xangô, no alto da serra
 Meu pai Xangô ô
 Meu pai Xangô ô
 Venha saudar seus filhos
 Aqui na terra

XANGÔ

Xangô é curisco
 Nasceu da trovoada
 Xango mora na pedreira
 (P. 49)
 Levanta de madrugada

XANGÔ

No alto daquela pedreira

Há um livro que é de Xangô.

Kaô,kao

Kaô cabecile

XANGÔ

Bati a cabeça pro meu pai Xangô

E lá de aruanda ele me abençoou

Meu pai Xangô é o chefe

É o rei da pedreira

Filhos de fé de aruanda veio abençoar

Com sua luz e sua missão justiceira

Filhos de fé

Saravá pai Xangô,saravá

Saravá

XANGÔ

Cachoeira da mata virgem

Onde mora meu pai Xangô

Pedra rolou Nanã Buruquê

Pedra rolou saravá pai Xangô

XANGÔ

Xangô mora na pedreira

Mas não é lá sua morada verdadeira

Ele veio de tão longe

Veio num clarão. de luz

Sua morada é lá na aruanda.

Com pai Oxalá

E nosso Bom Jesus

XANGÔ

Xangô sua pedra rolou

Xangô sua pedra rolou

Onde foi parar

Nas ondas do mar

XANGÔ

Eu vi meu pai Xangô

Descendo a serra

Mas ele vem beirando o mar

Kaô cabecile

XANGÔ

Kaô Xangô deixa essa pedreira aí

A Umbanda está lhe chamando

Deixa essa pedreira aí

XANGÔ

Pedra rolou, pai Xangô

Lá na pedreira

Segura pedra, meu pai na cachoeira

Tenho meu corpo fechado

Xangô é meu protetor

Segura ponto meus filhos

Pai de cabeça chegou

XANGÔ

As lendas falam em africano

De uma cidade iorubá

Aonde Xangô morava e seu reino

imperava

E era rei de todos os orixás

Sob raios e trovões

Nada temia o grande orixá

E no seu reino abençoado

Era lindo o seu reinado

Na cidade de iorubá

Kaô, kaô Xangô

Kaô cabecile Xangô

XANGÔ

Que pedreira tão alta

Quanto limo criou

Mas não quebre a pedra

Que a morada é de Xangô

XANGÔ

Meu pai Xangô está no reino

Meu pai Xangô é um orixá

Olha seus filhos lhe pedem, meu pai

Justiça e paz nesse gongá

XANGÔ

Iluminou, iluminou

Iluminou, iluminou

A aruanda iluminou

(P. 50)

Toda florida, são flores coloridas

Todos cantam a chegada de Xangô

Iluminou

XANGÔ

Kaô,kaô,kaô meu pai

O lê, lê, lê, meu pai é rei

Na umbanda e no candomblé

Salve Xangô na pedreira

Salve o corisco e o trovão

Salve a pena dourada

Salve a força do leão

Salve o céu, salve a terra

Salve Papai Oxalá

Salve a força do machado

De meu Pai Xangô Airá

Kaô,kaô,kaô meu pai

O lê, lê, lê, meu pai é rei

Na umbanda e no candomblé

Salve seu Sete Pedreira

Saravá meu pai Xangô

Ele é o dono da justica

Abênção meu pai, agô

Kaô,kaô,kaô meu pai...

XANGÔ

Quem rola pedra na pedreira

E Xangô

Pedra rolou na cachoeira

E Xangô

Vibrou na coroa de Zambi

Vibrou na coroa de Zambi, vivo

.Mas o rei da pedreira é Xangô

Vibrou para saravá nosso pai Xangô

Quem é o rei da Umbanda

Quem é que vence demanda

Quem é o dono da pedra

É Xangô

XANGÔ

Estava olhando a pedreira

Uma pedra rolou

Ela veio rolando e bateu nos meus pés

E se fez uma flor

Quem foi que disse que eu não sou filho de xangô

Ele mostra a verdade,

Atira uma pedra e ela vira uma flor
 Toda verdade de justiça e proteção
 Filhos de pai Xangô, ninguém joga no chão
 Quantos lírios já plantei no meu jardim Uma
 pedra atirada é um lírio para mim

XANGÔ

Quando uma estrela cadente caiu lá do
 céu
 Algo em minha mente despertava
 A lua nova brilhou atrás dos montes
 Prateando as águas da fonte
 E bela cachoeira murmurava
 Sob os murmúrios de suas águas
 Preciosas me banhei
 Pedindo proteção ao rei
 Para Xangô
 Xangô na cachoeira é rei, é rei
 Xangô na pedreira, é rei
 Rezei forte e pedi em minhas orações
 Entre os homens mais compreensão
 Para o enfermo, a saúde
 Para o campo, o aroma da flor
 Para o prisioneiro, a liberdade
 Para o povo, minha paz e amor
 Eu pedi pra Xangô

XANGÔ

Xangô é justiceiro, que vem lá de aruanda
 Baixou neste terreiro, nos filhos de
 umbanda
 Salve seus filhos de fé
 Com seu babalaô
 Que já sabem como é a justiça de Xangô

Ele mora na pedreira
 Mas vem no seu gongá, toda
 Segunda-feira
 Mandado por Oxalá

(P. 51) CABOCLO

Meu Pai Xango
 É rei lá na pedreira
 Também é rei
 Caboclo na Cachoeira...
 Na sua aldeia tem
 O seu Caboclo
 Na sua mata tem
 A cachoeira
 O-seu saiote tem
 Pena dourada
 Seu capacete brilha
 Na alvorada..

CABOCLO

Na minha aldeia tem Caboclo Pemba
 Na minha aldeia tem Cobra Coral
 Na minha aldeia tem Arranca Toco,
 Tem Ubirajara, tem Tupinambá...
 Na minha aldeia tem Caboclo Roxo
 Na minha aldeia tem Humaitá
 Na minha aldeia tem Maracanã,
 Tem Muiráquitã,
 Seu Sete Flechas e
 O Caboclo Cajá
 Na minha aldeia também tem
 Pena Dourada,
 Seu Pena Branca, Pena Verde e
 Pena Azul

Seu Rei das Penas
 Ventania e Matinada
 Salve os caboclos...
 Da nossa Umbanda sagrada.

CABOCLO

Sereno que cai
 São horas é madrugada
 Sereno que cai
 Nas matas do Uruguai ...
 Como caminha...
 Como caminhou..
 Caboclo Rei seu Oxóssi..
 Na hora ele sempre chegou
 Ele é caboclo da banda de lá
 Ele é caboclo da banda de cá
 Quando vê a cobra
 Corre pra matar..
 Ele atirou..
 A sua flecha mas errou
 Sentou-se na areia e pôs-se a
 chorar...
 Quando vê a cobra corre pra matar...

CABOCLO

Como é bonito
 Assistir festa na mata
 Ouvir o som da cascata
 E o lindo canto do sabiá
 Que noite linda...
 Que bela noite de luar...
 Foi no clarão da lua
 Que eu vi Seu Sete Flechas passar..
 A mata estava em festa

Toda coberta de flores
 Até os passarinhos cantam
 Meu caboclo
 Eles cantam em teu louvor...
 O Ô ÔÔ, Quanta beleza
 Ô Ô Ô Ô, Quanto esplendor..
 Como é bom Ter a certeza
 Que o seu Oxossi é nosso protetor..

CABOCLO

Quem manda a gira girar..
 Ôl, manda a gira girar...
 É filho da Jurema
 Neto de Oruca..
 Ele entra na linha
 Quem manda a gira girar...
 Apanha Maracanã
 Tatámirô.
 Apanha folha com folha
 Tatámirô...
 Ele é filho da Jurema..
 Tatámirô..
 Criado no Juremá
 Tatámiro..

(P. 52) CABOCLO

Caboclo das matas
 De longe, do sol
 Aonde o galo cantou
 Aonde a folha da Jurema,
 balanceou...

CABOCLO

Guiné,guiné...

Não me troque o nome
 Não me perca a fé
 Segure o terreiro de seu Oxóssi
 Caboclo do mato
 É pra quem tem fé
 Eparrê bambu,
 Eparrê guiné...

CABOCLO

Cobra Coral na aldeia..
 Na aldeia ele vai chegar..
 Ele venceu a demanda,
 Venceu o inimigo e vai festejar
 Foi por isso que Oxóssi
 Que da mata é o maioral
 Reuniu todos os caboclos
 Pra saudar Cobra Coral
 Que trazia da vitória
 Sua flecha e seu cocar
 Pra entregar ao Rei das matas
 Que ele foi representar..
 Na aldeia...

CABOCLO

Em uma noite eu saí
 Eu fui lá na mata passear
 Eu encontrei um caboclo
 Ele estava a bradar
 E no seu brado falou
 Respondo por um babalaô
 Que lindo saiote de pena
 Que o cacique fez pra usar
 Saudando Oxalá maior
 Saudando Cacique Tauí

Nas matas da Juremá

CABOCLO

Foi numa tarde serena
 Lá na mata da Jurema
 Que eu vi o caboclo bradar
 Quiô, quiô, quiô, quiô, quiera
 Hoje a mata está em festa
 Saravá seu Sete Flechas
 Que ele é rei da floresta

CABOCLO

Estava pescando na beira da praia
 Eu vi meu pai Capitão Marambaia
 Ele cantava na sua macaia
 Maia dendê caboclo maia dendê
 Maia dendê caboclo maia
 Caboclo apanha dendê
 Dentro da sua macaia
 Maia dendê caboclo maia dendê
 Maia dendê caboclo maia

CABOCLO

Tempo disse
 Tempo dirá
 Ora o tempo disse
 Tempo dirá
 Que é funda, a raiz da Jurema
 Que é funda, a raiz de Orucá
 No centro da mata virgem
 Eu plantei raiz , nasceu flores

CABOCLO

Bendito louvado seja

Ele é o rei do Panaiá
 Oi bate o bumbo lá na aldeia êêê
 Bate o bumbo lá na aldeia êêa

(P. 53)CABOCLO

Óh,óh saravá seu Oxossi
 Lá no Juremá
 Ele é quem manda
 Ele é o dono das matas
 Poderoso orixá da lei da umbanda
 Seu Oxossi lá na mata da Jurema
 Confirmou o diadema
 Que Oxalá lhe ofertou
 Flecha de ouro e coroa que é de rei
 É cacique de Juremá
 Pra fazer cumprir a lei

CABOCLO

Estava sentado na pedra fina
 O rei dos Índios mandou-me avisar
 Tome um banho de rosas
 Que aí vem gente pra lhe derrubar
 Levei quatro velas brancas
 Pra fazer meu canjerê
 Saravel meu orixá para ele me ajudar
 Falei com Tupinambá
 Que é guia verdadeiro
 Ele gira na mata e no terreiro
 Saravá, meu saravá
 Saravá Tupinambá

CABOCLO

A sua terra é longe e uma estrela
 brilhou

E os seus filhos de Umbanda
 Já lhe procurou
 Oi já lhe procurou
 Oi já lhe procurou
 Que até agora ainda não chegou
 Ainda não chegou

CABOCLO

Oxalá chamou
 Oi já mandou buscar
 Os caboclos da Jurema
 Oi lá no Juremá
 Pai Oxalá é o rei do mundo inteiro
 Já deu ordem pra Jurema
 Mandar seus capangueiros
 Mandai, mandai minha cabocla
 Jurema
 Os seus guerreiros
 Esta é a ordem suprema
 Oxalá mandou

CABOCLO

Orêrê que ele é caboclo
 De Ganga Zumba
 Se ele é filho de Pemba
 Não pode negar
 Erê rêrêrêrê rá
 Se meu pai á Ganga
 É Ganga eu quero ver
 Erê rêrêrêrê rá
 Se meu pai é Ganga
 De Ganga Zumba

CABOCLO

Na mata que caboclo entra
 ambú¹³⁰ não pia
 Ele é caboclo
 Ele é flecheiro atirador
 Nas matas lambú não pia

CABOCLO

Um grito na mata ecoou
 Foi Ubirajara quem chegou
 Com sua flecha
 Com seu cocar
 Seu Ubirajara veio nos salvar

CABOCLO

Estrela matutina
 Clareia a Umbanda sem parar
 (P. 54)
 Oi dizem que meu pai é um caboclo
 Auê,auêauá
 Oi dizem que meu pai é um caboclo
 Auê,auêauá
 Estrela da guia

CABOCLO

Erê erêerêerêerê
 Saravá seu Sete Flechas
 Pois ele é o rei das matas
 Onde o seu bodoque atira
 A sua flecha mata

CABOCLO

Caboclo Roxo da pele morena

Ele é Oxossi é caçador lá da Jurema
 Ele jurou e torna a jurar
 Vai tomar os conselhos
 Que a Jurema vai lhe dar

CABOCLO

Caboclo.lá na mata sucuri dendê
 Cadê esse caboclo que não quer descer
 Mas ele desce, sim senhor
 Mas ele desce,sim senhor

CABOCLO

Seu Pena Branca vem descendo de
 aruanda
 Trazendo pembapra salvar filhos de
 Umbanda
 Na aruanda seu Pena Branca é vencedor

CABOCLO

Eu já cansei de pedir
 Senhor Oxóssi
 Uma choupana que é para eu morar
 Precisa ordem de nosso Pai Oxalá

CABOCLO

Naquela estrada de areia
 Lá onde a lua clareou
 Todos os caboclos pararam
 Para ver a procissão
 De São Sebastião
 Okêokê caboclo
 Na procissão de São Sebastião

¹³⁰ inhambu

CABOCLO

No centro da mata eu vi
 Dois nomes cravados num cepo de
 pau
 Um era seu Arranca Toco
 O outro era seu Cobra Coral
 Eu juro no centro da mata virgem
 Eu vi seu Arranca Toco
 Falando a língua dos guaranis
 O índio, o índio, o índio
 Ele é um índio de sangue tupí
 Já foi cacique
 Já foi pajé
 Hoje é guerreiro da tribo Aimoré

CABOCLO

O lírio ô, lírio ê
 O lírio é uma flor tão linda
 Que clareia a Juremá
 Seu Serra Negra apanhou o seu
 bodoque¹³¹
 A sua flecha sua ema foi caçar
 Atravessou toda a floresta
 Numa noite de luar
 O lírio ô, lírio ê

CABOCLO

Na mata que caboclo pia
 Cobra não deve piar

Veado no mato é carregador
 Oxóssi na mata é caçador
 (P.55)
 E salve Oxalá que nos ilumina
 Seu Flecha Dourada é nosso guia

CABOCLO

Caboclo bom,caboclo bom
 É caboclo de pena
 Caboclo bom,caboclo bom
 Ele vem da Jurema
 Eu tenho fé na Virgem Maria
 No Anjo da Guarda que é nosso guia.

CABOCLO

Seu Cobra Coral na aldeia
 Na aldeia ele vai chegar
 Ele venceu a demanda
 Venceu o inimigo e vai festejar
 Foi por isso que Oxóssi
 Que na mata é maioral
 Reuniu todos os caboclos
 Para saldar Cobra Coral
 Que trazia da vitória
 Sua flecha e seu cocar
 Pra mostrar ao rei da mata
 A quem foi se apresentar
 Na Aldeia

CABOCLO

Ogã chama todos os caboclos
 Chama todos os caboclos

¹³¹ bodoque

No batuque do tambor
 Diga para eles que já é hora
 Diga para eles que a Umbanda
 Está chamando

CABOCLO

Oxóssi maior, olha a sua banda Okibambi é
 o clima
 Oxóssi maior, olha a sua banda Okibambi é
 o clima

CABOCLO

Caçador da beira do caminho
 Ai não me mate esta coral da estrada
 Ela abandonou sua choupana
 Caçador
 Ai no romper da madrugada
 Caçador

CABOCLO

É hora, é hora
 É hora do calendário
 É hora.
 É hora do calendário
 É hora que Deus amém
 Seu Pena Vermelha veio agora
 Seu mano veio também
 É hora

CABOCLO

Cobra Coral é caboclo
 Cobra Coral é caboclo

Ele mora na Jurema
 Junto com Arranca Toco
 Umbanda,Quimbanda
 Somos filhos de Umbanda
 Umbanda, Quimbanda
 Vamos entrar nessa banda
 Umbanda,Quimbanda
 Umbanda tem alegria
 Umbanda,Quimbanda
 Umbanda tem fundamento.
 Umbanda,Quimbanda
 O meu Pai é quimbandeiro

CABOCLO

No alto da serra
 Capitão da serra, na serra negra
 Onde o caboclo mora
 No alto da serra
 Capitão da serra
 A sua seta é uma jibóia
 Estava no alto da serra
 Grande jibóia que por mim passou
 Trazia um grande diadema
 Dizendo que era o rei dos caçadores
 lóqui,ióqui, ióqui
 (P. 56)
 Que bambi é o clima
 Respondi ago
 Trazia um grande diadema
 Dizendo que era o rei dos caçadores

CABOCLO

Entra na roda da macumbê
 Da macumbê,damacumbaba

Folha por folha
 Lá no mato tem gangá
 Guia com guia
 Lá no mato tem gangá
 Sustenta gangá com gangá no elê
 Lá no mato tem gangá, o

CABOCLO

Foi Zambi quem criou o mundo
 É Zambi quem vai governar
 Foi Zambi quem criou as estrelas
 Que ilumina Oxossi lá no Juremá
 Okê, okê, okê
 Okê os caboclos, okê

CABOCLO

No alto daquela serra
 Ouvi piada de arrepiar
 Mas era uma enorme jibóia
 Estava presa no bodoque
 De Tupinambá

CABOCLO

Se você tem caboclo
 Quero ver balancear
 Auê, auê caboclinho
 Da Jurema e Juremá

CABOCLO

Oxossi é caçador
 Eu gosto de ver caçar
 De dia ele caça na mata
 A noite ele caça no mar

CABOCLO

É ele Demoragi, que vem do Uruguai
 A sua aldeia
 É ele Demoragi, o Ubirajara da
 Jurema
 Ele é caboclo guerreiro
 Que veste pena
 O seu cocar quem lhe deu foi Oxalá
 Ele caminha debaixo da folha seca
 É o Ubirajara dentro do seu Juremá

CABOCLO

Eu vi nas margens do rio
 Em linda manhã serena
 Caboclo seu Pena Verde
 Firmando ponto na areia
 Galo cantou na serra
 A mata escureceu
 Caboclo seu Pena Verde
 Na cachoeira apareceu
 Ele é caboclo no rochedo
 Que mora no rochedo
 Somente cobra coral
 Conhece dele o segredo

CABOCLO

Mas que penacho é aquele
 É um penacho de arara
 Ai quando vem na mata virgem
 Ai quando vem na mata virgem
 É o caboclo Ubirajara
 Caboclo no mato trabalha
 Com São Cipriano e Jacó
 Trabalha com a chuva

Trabalha com o vento

Trabalha com a luz

Trabalha com o sol

CABOCLO

A minha viola

É de casco de tatu

Penacho do meu caboclo

(P.57)

É de pena de urubu

Êee o caboclo, eu também sou tu

Na virada da montanha

Que eu matei esse tatu

CABOCLO

Vestimenta de caboclo é samambaia

É samambaia, é samambaia

Pisa caboclo não se atrapalha

Saia do meio da samambaia

CABOCLO

O seu Oxóssi coroou

Todos os caboclos da floresta

E nesse dia toda a mata

Era uma cidade em festa

E os caboclos se enfeitaram

Com a folha de guiné

E os caboclos curiaram

Pra salvar que banda é

Oi que banda é

Oi que banda é

CABOCLO

São Jorge mora na lua

Xangô mora na pedreira

Oxóssi mora nas matas

Mamãe Oxum lá na cachoeira

Vamos saravá

Vamos saravá

No terreiro de Umbanda

Todos os caboclos vão trabalhar

CABOCLO

Seu Zungo Verde é caboclo formoso

Que veio lá da mata saravá vem cá

Aurê, aurê

Aurê, aurê

CABOCLO

Caboclo de pena, escreve na areia

Caboclo de pena, escreve na areia

Ele não bambeia

Ele não bambeia

CABOCLO

Seu Guaraci é bamba na macaia

Ele é caboclo em qualquer lugar

Só não apanha a folha da Jurema

Sem ordem suprema do pai Oxalá

CABOCLO

Eu corri terra, corri mar

Até que cheguei na minha Bahia

Ora viva Oxóssi na mata

E a folha da Jurema

Ainda não caía

CABOCLO

Olha a mata quebrando

Os caboclos arriando

Os caboclos arriando

Olha a mata quebrando

CABOCLO

Seu Pena Vermelha

Quando vem na aldeia

Ele traz na cinta uma cobra coral

Mas era uma cobra coral

Mas era uma cobra coral

CABOCLO

Solta os caboclos na mata

Deixa os caboclos gira

Se ele é filho da Jurema

Meu pai

Não é pra ninguém maltratar

(P. 58) CABOCLO

Caboclo a sua mata é verde

E verde é a cor do mar

Saravá os caboclos da Jurema

Saravá os caboclos da Jurema

Jurema

CABOCLO

Ai não me mexa na espada de Ogum

Ai não me mexa na machada de

Xangô

Ai não me mexa no bodoque de

Oxóssi

Lá na mata tem um velho caçador

CABOCLO

Ele vem de tão longe

Cansado de caminhar

Salve o Caboclo Flecheiro

Que vem saravá seu gongá

Pra chegar nesse terreiro

Ele cortou muito cipó

Atravessou a mata virgem

Veio na fé do pai maior

CABOCLO

Que caboclo lindo

Que vem lá da Bahia

E traz na mão três Ave Maria

Uma é a lua, outra é o sol

A outra é guia do Caboclo Girassol

CABOCLO

Eu estava caçando e na mata me perdi

Um caboclo encontrei mas eu não reconheci

Das feras me defendeu

Seu brado forte ele deu

Voltei de novo ao caminho

Nunca mais andei sozinho

Se meu pai é Oxóssi

Ele da mata é o rei

É um caboclo valente,

Que um dia na mata eu encontrei

CABOCLO

Oxóssi nas matas é rei

Oxóssi na mata é

Quem passa pelos caminhos
 Sem deixar marcas no pé
 Caboclo não desacata
 Caboclo sabe que é
 Anda dentro das matas
 Sem deixar a marca do pé
 Oxóssi na mata é rei
 Oxóssi na mata é
 Quem passa pelos caminhos
 Sem deixar marca do pé
 Ele tem flecha e bodoque
 Ele tem lança e cocar
 Na mata está o seu reino
 E na mata reunirá

CABOCLO

Ele é o chefe das matas
 E tem coroa de rei
 É,é,é,é,é, tem coroa de rei.
 Ele é Oxóssi é caçador
 Ele é meu guia é meu protetor.

CABOCLO

Balanceia,balanceia
 Quero ver balancear
 Auê a força das matas
 Deixa os caboclos arrearem

CABOCLO

Caçador que matou meu sabiá
 Ele cantava baixinho no alto da serra
 Lá em Juremá

(P. 59) **CABOCLO**

Meu pai Oxossi
 Abre a gira e fecha a ronda
 Abre essa gira
 Como abre na Aruanda
 Rondei,ronda
 Abre essa gira
 Com licença de Oxalá

CABOCLO

Salve Jesus de Nazaré
 Salve a Umbanda
 Salve quem tem fê
 Salve o caboclo Vira Mundo
 Que nesse momento
 Vem nos ajudar

CABOCLO

Ele é um caboclo de Oxossi
 Na umbanda de pai Oxalá
 Vira Mundo está no terreiro
 Ao chegar saravou seu gongá

CABOCLO

Seu Cachoeira é pai
 E chefe do gongá
 Seus filhos estão aqui
 Na fé de Oxalá-
 Vamos pedir
 Vamos implorar
 Abenção meu pai
 Queira me abençoar

CABOCLO

Oxossi mora na raiz da gameleira

Pai Xangô lá na pedreira
Eu também quero piar
Seu machado é de rocha

CABOCLO

Luar Ôh...
Segue o seu altar
Oh luar..
Sou caboclo destemido
Morador deste lugar
A viola me acompanha
Faz a gente serenar
No alto daquela serra
Onde canta o sabiá

CABOCLO

Estava na beira do rio
Sem poder atravessar
Chamei pelo Caboclo
Caboclo Tupinambá (bis)
Tupinambá, chamei...
Chamei Tupinambá, êa (bis)

CABOCLO

Ele veio de tão longe
Sem conhecer ninguém
A procura de uma rosa
Que na roseira tem...

CABOCLO

Que penacho é aquele
É o penacho de arara

Ô Quando ronca a mata virgem
Quando ronca a mata virgem
É o Caboclo Ubirajara

(P. 60) CABOCLA

A Jurema é muito linda
Com seu capacete de pena
Chama a Jurêma, chama a Jurema
Chama a Jurema
Para salvar seus filhos de pempa

CABOCLA

Estava sentada na cadeira de Jurema
Porque mandaram me chamar
Ô Juremê, ô Juremá
Porque mandaram me chamar

CABOCLA

Indaia, ô Indaia
Como vai areia
Como vai areia
Como vai o mar
Quando eu quero navegar
Eu consulto Indaia
Que é a mãe das caboclinhas
Nos domínios de Yemanjá
Ela vem com a magia
Da família encantada.
É a estrela que se vê
Ao romper da madrugada

CABOCLA

Entrei na mata pra caçar
Encontrei bela morena

No riacho a se banhar
 Pedi licença pra chegar
 Foi então que conheci
 Jurema no Juremá
 No assobio foi buscar
 Sua gente no batuque
 Com Jurema pra dançar
 Seu corpo bronzeava a cascata
 Jurema, ô Juremá
 Linda cabocla de saio de pena

CABOCLA

Eu estava na mata
 Quando eu vi passar
 Uma cabocla de pena
 O seu cocar é assim Juremá
 Foi Oxalá quem lhe deu , ô Juremá
 O seu manto é de estrelas, ô Juremá
 Sete estrelas que iluminam o Juremá

CABOCLA

Jandira a sua flecha caiu
 E ninguém sabe
 E ninguém viu
 Ela atirou a sua flecha
 Só ela sabe aonde a flecha caiu

CABOCLA

Onde está a Jurema
 A Jurema onde.está
 Está procurando os capangueiros
 Que deixou no Juremá
 Quem mandou chamar
 Em nome do pai Oxalá

Foi seu Oxossi caçador
 Que já baixou no seu gongá
 Salve todo povo da Jurema
 Levai todos os males desses filhos
 Deixando paz e amor
 Na fé de Oxalá

CABOCLA

Que lindo capacete de pena
 Que tem a cabocla Jurema
 Seu rosto iluminava a cascata É lindo quem
 lhe deu foi Oxalá
 Jurema filha de Tupinambá
 Jurema é a rainha das matas
 Erê,erêrêra

(P. 61) CABOCLA

Oi lelele
 Os caboclinhos atirou
 Ele atirou a-sua flecha certa
 Ele atirou,atirou,atirou
 Atira caboclo lá na mata de Iracema

CABOCLA

Sob a lua de prata
 Brincava na mata
 Uma formosa ema
 E ao seu lado corria
 E como sorria a cabocla Jurema
 Jurema eee
 Jurema eea
 E ela estava em festa
 Porque a floresta era seu abacá

CABOCLA

No alto daquela serra
 Debaixo de um pé de angá
 Eu.vi a cabocla lara
 Atirar sua flecha e não errar
 Voou,voou a sua flecha voou

CABOCLA

Eu vi uma cabocla linda
 Penetrava a mata adentro
 Também vi ela bradar
 Chamando os seus guerreiros
 Pra lhe acompanhar

CABOCLA

Na sua aldeia ela é Jurema
 É a mais linda cabocla de pena
 Na sua aldeia, lá na Jurema
 Não se faz nada sem ordem suprema
 Quando tem festa lá na sua aldeia
 Até a lua vem iluminar
 E os seus filhos com amor
 Para a Jurema eles vão cantar

CABOCLA

Ilumina o mundo, Jurema
 Enquanto a lua não vem
 Ela vem caminhando,Jurema
 Vem no passo da ema, Jurema

CABOCLA

Ela vem de longe
 De longe, sem imaginar

No capacete três penas
 No braço, uma cobra coral
 Ela é a Jurema do seu Juremá
 Cabocla primeira
 Rainha do seu jacutá

CABOCLA

Ô Juremê
 Ô Juremá
 Sua folha caiu serena, ô Jurema
 Dentro desse gongá
 Salve São Jorge guerreiro
 Salve São Sebastião
 Saravá todos os caboclos
 Que nos dão a proteção
 Ô Juremá

CABOCLA

No alto daquela serra
 Uma linda cabocla eu vi
 Com seu saiote cheio de pena
 Ela é a Jurema, filha de Tupi
 Jurema, Jurema, Jurema
 Linda cabocla,filha de Tupi
 Ela vem lá do Juremá
 Vem firmar seu ponto nesse gongá

CABOCLA

Jurema,quando vem traz uma rosa
 Iara,quando vem traz um jasmim
 (P. 62)
 Se as duas são irmãs na Umbanda
 Cabocla tem pena de mim

CABOCLA

O vento está soprando na mata
 Jogando asfolhas da Jurema no chão
 O vento vai soprando
 As folhas vão caindo
 Caboclos apanhando elas do chão

CABOCLA

No centro da mata virgem
 Uma linda cabocla eu vi
 Com seu saiote feito de pena
 Ela é Jurema, filha de Tupi
 Jurema, Jurema, Jurema, linda cabocla

CABOCLA

Iara onde está Jurema
 Iara onde está Jurema
 Iabá, Jurema onde está
 Há horas estou procurando
 Aqui, ali, acolá
 As aves estão dizendo
 Que a Jurema e seu povaréu
 Foi pro Paraguaçu
 Numa nuvem lá no céu
 Desce formosa cabocla
 Desce formosa Jurema
 Vem defumar o terreiro
 Com seu cheiro de alfazema
 Desce formosa cabocla
 Traz consigo teu arco e,
 Vem curimbar no terreiro
 Que o seu lugar é aqui

(P. 63) **BOIADEIRO**

Coro-cocó faz o galo, auê
 No alto daquela serra
 Para salvar os filhos, auê
 Seu Boiadeiro veio à terra

BOIADEIRO

Estava na mata, estava trabalhando
 Caboclo Boiadeiro, passou me chamando
 Chegou, chegou
 Onde é que mora
 Ele mora nas matas
 Da Nossa Senhora
 Ele vem, ele vem trabalhar
 Ele é Boiadeiro, do Belém do Pará

BOIADEIRO

Seu Boiadeiro, cadê sua boiada
 Sua boiada ficou em Belém
 Chapéu de couro ficou lá também
 Sem sua boiada
 Eu não sou ninguém

BOIADEIRO

Azulão na mata piou, piou
 No terreiro Boiadeiro chegou
 Esse terreiro só tem paz e, muito amor

BOIADEIRO

A estrela guia
 Clareia a Umbanda
 Cadê a morubixaba
 Que vem de aruanda
 Erê rerê mandou chamar
 Saravá seu Boiadeiro

Na falange de Oxalá

BOIADEIRO

A minha boiada é de 31

Eu só tenho 30

Está faltando 1

BOIADEIRO

Quanto tempo que eu não bambeio

Hoje eu vim pra saravá

Sou caboclo Boiadeiro

Vim aqui pra trabalhar

BOIADEIRO

Jetuê, jetuê

Laço de lascar meu boi

Jetuê,jetuá

O meu boi eu vou laçar

BOIADEIRO

Vem seu Boiadeiro

Vem salvar seus filhos

Vem seu Boiadeiro

Vem saravá o seu gongá

Maracatú vem de aruanda

Vem de aruanda,meu pai

Maracatú é um caboclo

Que há muito tempo não cai

BOIADEIRO

Está iluminada a nossa banda

Está iluminado o seu gongá

Seu Boiadeiro olha tudo que eu faço

Seu Boiadeiro ilumina os caminhos

(P.64)

Por onde eu passo

Está iluminada

BOIADEIRO

Caboclo Boiadeiro

É nossa luz , é nosso guia

Meu pai Oxossi é filho da Virgem Maria

A sua luz ilumina o escuro

Filho de pemba no terreiro está seguro

BOIADEIRO

Olha mineiro ê

Olha mineiro a

Macumba boa só seu Zé

Que sabe dá

Eu sou mineiro

Venho do sertão de Minas

Venho cá arriá meu boi

No arraiá da Leopoldina

Olha mineiro ê

BOIADEIRO

Cadê aquele laço

Laço de laçar meu boi

Cadê aquele laço

Que eu não sei pra onde foi

Sou Boiadeiro, sim senhor

O Boiadeiro sou eu

Sim senhor

É Boiadeiro,sim senhor

O Boiadeiro sou eu

Sim senhor

(P. 65) CABOCLO-SUBIDA

Olha a folha do coqueiro
 Olha lá se meu caboclo for embora
 Eu vou buscar
 Olha ê êê-a
 Se meu caboclo for embora
 Eu vou buscar

CABOCLO

Caboclo vai embora
 Pra cidade da Jurema
 Bom Jesus está lhe chamando
 Na cidade da Jurema
 Ele vai ser coroadado
 Na cidade da Jurema

CABOCLO

Eu sou caboclo
 Na aldeia sou Boiadeiro
 Eu vim aqui pra vadiar
 Eu moro na terra de ouro
 Papai me chama
 No seu cansuà

CABOCLO

Caboclinha da Jurema
 Onde é que você vai
 Vou à casa de Odê
 No terreiro de meu pai
 Na aruanda, na aruanda ê
 Na aruanda, na aruanda ê
 Caboclinha de pena

Na aruanda ê

CABOCLO

Adeus meus cambonos, adeus
 Olha canjira e o jacutá
 Adeus seu Boiadeiro vai embora
 Ele vai tornar a voltar

CABOCLO

Caboclo pega a sua flecha
 Pega o seu bodoque
 O galo já cantou
 O galo já cantou na aruanda
 Oxalá lhe chama para a sua banda

CABOCLO

Estrela, sol e lua
 Olha a curimba de todos os caboclos
 Flecha e bodoque eles já vão embora

CABOCLO

É madrugada, a sucuri piou
 Quando vem romper da aurora
 Os caboclos dessa banda
 Dizem adeus e vão embora
 Orêê, orêê
 Os caboclos vão embora
 Orêê, orêê
 Ele vão tomar a voltar

CABOCLO

Adeus terreiro de Umbanda
 Eu peço a proteção de Oxalá

Seu Gira Mundo vai embora
 Seu Gira Mundo vai embora
 Ele vai tornar a voltar
 Adeus,adeus

CABOCLO

Adeus terreiro
 Terreiro de alegria
 Fica com Deus e a Virgem Maria
 E até outro dia

(P. 66) PRETO VELHO

Quem é aquele velhinho
 Que vem no caminho
 Andando devagar
 Com seu cachimbo na boca
 Puxando a fumaça e
 Jogando para o ar
 Ele é do cativeiro
 Ele é Preto Velho
 Ele é milongueiro...

PRETO VELHO

Filhos de Ghandi Dando um sabor natural
 Badauê....
 Ile Aiê
 Malê Báli, Ogum, Obá
 Tem um mistério
 Que nasce no coração
 Força de uma canção
 Que tem um dom de encantar
 Seu brilho parece um Sol
 derramado.....
 Um céu prateado

Um mar de estrelas
 Revela a certeza de um povo sofrido
 De rara beleza que vive cantando
 Profunda grandeza
 A sua riqueza
 Vem lá do passado
 Vem lá do Congado
 Eu tenho certeza
 Filhos de Ghandi
 Povo de Zambi
 Ojuladê, Catendê, Babá, Obá
 Netos de Ghandi
 Povo de Zâmbi
 Traz para você
 O novo som Ijexá

PRETO VELHO

Vovó foi pro cerrado
 Apanhar graveto
 Eu não me meto
 Ela entende do feijão
 Vovó conhece o sabor
 De um bom tempero
 Aprendeu no cativeiro
 E não quer opinião
 E só ensina menina Maria da Penha
 Que está no fogão de lenha
 Vovó só quer cozinhar
 Com sua colher de pau.....
 Enquanto a comida apronta
 Ela senta e nos conta
 Histórias de sua vida
 No tempo da escravidão...
 Os seus olhos vertem lágrimas...

Ela lembra da senzala
 O seu corpo arrepia
 Sua voz até se cala
 Mas ela se diz contente
 Com essa gente atual
 Só não afastou da mente..
 O que é tradicional
 Os adornos de cabeça
 Pra mesma é fundamental
 Ela só quer cozinhar
 Com sua colher de pau
 Vovó só quer cozinhar
 Com sua colher de pau
 As nuances africanas
 É que mantêm Vovó de pé
 Ela traz como herança
 Orixás do Candomblé
 O seu santo de cabeça
 Faz o bem
 Sem ver à quem

(P.67)

Ajudando a quem mereça
 Ajuda vovó também
 Ela só não está contente
 É com o preconceito racial
 Ela só quer cozinhar
 Com sua colher de pau....
 Vovó só que cozinhar
 Com sua colher de pau ...

PRETO VELHO

O negro está molhado de suor
 Feliz, feliz porque se libertou

Ô! Sinhá, Ô! Sinhá
 Segure o chicote
 Não deixa bater
 Reza uma prece
 Para o nêgo morrer
 Que nêgo não quer mais sofrer...

PRETO VELHO

A preta Sinhá Chica
 A preta Sinhá Chica
 Ela custou pra chegar
 Mas chegou
 Ela penou pra entender
 Mas entendeu
 Pai Oxalá quem guiou
 Pelos caminhos de luz
 Hoje ela faz só o bem
 Sem olhar a quem
 Ma a preta

PRETO VELHO

O galo cantou
 Quando Jesus nasceu
 Mas também cantou
 Quando a Sinhá (nome)
 Aui chegou
 Viva aleluia
 Viva aleluia
 Viva aleluia e a Sinhá (nome)

Vovó éé bamba no arô
 Vovó éé bamba no arô
 Mas a vovò Rosa diz que é
 Mas ela é bamba no arô

PRETO VELHO

Lá no cruzeiro das almas
 Eu vi preto velho rezar
 Mas era preto velho de Umbanda
 Que vem de longe pra rezar sem patuá

PRETO VELHO

O navio apitou no mar
 A costa balanceou
 Da licença preto velho
 Que eu quero falar nagô

PRETO VELHO

Quando eu fui na praia
 Fui buscar minha guiné
 Encontrei um conga
 Que conga é
 Mas era a preta
 Preta Maria Conga

PRETO VELHO

Bahia ou África
 Vem cá, vem nos ajudar
 Força balana
 Força africana
 Força divina
 Vem nos ajudar

PRETO VELHO

Ora viva a estrela
 Ora viva a glória

Viva o rosário de Nossa Senhora

PRETO VELHO

Na Bahia tem
 Vou mandar buscar
 Lampião de vidro, sinhá dona
 Para clarear

PRETO VELHO

Vovó Catarina sentada no tronco
 (P. 68)
 Pra nós é alegria
 Vovó Catarina sentada no tronco
 Vovó Catarina sentada no tronco
 Ele vem pra trabalhar
 Descarrega os seus filhos
 Para todo o mal levar

PRETO VELHO

A bengala do Pai Antero
 Bate devagar mas pode doer
 O rosário do Pai Antero
 Tem mironga pra benzer
 Tem dendê misi fio
 Tem dendê
 O rosário de Pai Antero tem
 Mironga para benzer

PRETO VELHO

Quando de mim precisar
 E só você me chamar
 Eu sou a Tia Maria
 Que aqui venho pra te ajudar

PRETO VELHO

Preto velho e preto, ô cambina..
 Mora num rochedo, ô cambina
 Ele é chefe de mesa,ôcambina
 Neto de Oxalá, ô cambina

PRETO VELHO

A pomba de Angola é de Ninangolê
 É de Ninangolê
 Preto velho vem na Umbanda
 E o Pai jobim
 Que vem saravá
 É o Pai José
 Que vem saravá

PRETO VELHO

A meu São benedito
 Na linha de Umbanda
 Também sabe ler eeee
 A Umbanda é boa
 Pra quem sabe ler

A quem Zambi promete

Tudo dá

É só ter paciência de esperar

Oi curimba como eu, curimbá

Oi curimba como eu,curimbá

Todo dia era dia de choro e muita dor
 Mesmo assim uma negra chegava de bom
 humor

Quem chorava passava a sorrir

Quem caía ficava de pé

Ela era a esperança, o amor e a fé

Na passagem de um mundo pro outro

Seu povo sentiu

E aquela alegria tão suã não mais existiu

Ela disse que ia voltar

Precisando era só lhe chamar

Pra.Luanda atabaque pode tocar

Conga Vó Maria Conga

Estão chamando por você, Conga

Vó Maria Conga

Que saudade de você

Preta velha da Bahia

Rainha do cateretê

PRETO VELHO

Pelo dia de hoje

Eu quero alegria nesse terreiro

Pelo dia de hoje

Eu quero alegria nesse terreiro

Foi a treze de maio que acabou o
 cativoiro

PRETO VELHO

Congo velho

Congo novo

Linha de Congo está pra chegar

Congo na areia,Congo no mar

Linha de Congo está pra chegar

Eu já plantei café de meia

Eu já plantei canavial

(P. 69)

Café de meia não dá lucro

Sinhá Dona

Canavial marafa dá

Amarra o boi, preto velho
Na porteira do gongá

PRETO VELHO

Congo rei Congo
Maravilha Congo
Congo arue
Saravá olha o Congo
Está chegando
Olha o Congo
Aruê saravá

PRETO VELHO

Tem preto cambina que fala nagô
Preto da Costa Mina, filho de babalaô
Na macumba auê
Na macumba auá
Nêgo pula, nêgo dança na batida do tambor
Nêgo bebe o seu marafo deixa o seu santo
baixar
Firma ponto para Ogum
E Também para Yemanjá

PRETO VELHO

Preto.Velho está cansado de tanto trabalhar
Preto Velho está cansado de tanto curimbar
Firma ponto risca pamba
Que é longa a caminhada

PRETO VELHO

Na sua orucaia tem que ir vovó
Na sua orucaia
Na sua orucaia tem muitos olhos
Na sua orucaia

Vovó na Bahia com seu patuá
Tem sua orucaia
Meu Senhor do Bonfim
Saravou na sua orucaia

Cadê a sua pamba cadê
Cadê a sua guía cadê
Saravá para a vovó (nome)
Chegou na canjira do meu terreiro
Saravá pra vovó (nome)
É para todas as almas do cativoiro
A vovó (nome) do Congo é
A vovó (nome) dos orixás
A vovó (nome) é dos filhos de
Umbanda
Vamos saravá

PRETO VELHO

Vovó tem sete saias
Na última saia tem mironga
Vovó veio de Angola
Pra salvar filhos de Umbanda
Com seu patuá e a figa de guiné
Vovó veio de Angola
Pra salvar filhos de fé
Eu quero ver vovó
Eu quero ver vovó
Eu quero ver se esse filho de pamba
Tem querer

PRETO VELHO

Meu pito está apagado
Minha marafa acabou

Vou trabalhar pra você porque sou
trabalhador
Eu vou trabalhar, você vai ganhar
Muito logo meu filho
E depois vem me pegar

PRETO VELHO

No terreiro de Ogum
Vó Tomásia chegou
No terreiro de Ogum
O seu ponto firmou
Lá na aruanda vencendo demanda
A Vó Tomásia o seu ponto firmou

PRETO VELHO

Quando a luz lá no céu surgir
É a hora grande no relógio bater
Caldeirão de barro vai ferver
(P. 70)
Cheio de mironga e de dendê
Chama preto velho pra olhar,oiê
Chama preto velho pra mexer
Ele é de Umbanda e também da Quimbanda
Ele vem trançado na linha nagô
Ele é do Congo terra quente
Salve todo povo do Oriente
Lá no Congo quando o galo cantar
Todo povo se levanta para trabalhar
Ele só pára pra descansar quando
O seu trabalho todo terminar

PRETO VELHO

Ai patrão mas eu também sei carrear
Com a ajuda de você
Com a ajuda de boi tata¹³²
Bota canga no boi, preto
E vai puxar canavial

PRETO VELHO

Ó.Luanda, ó Luanda
Terra da macumba do batuque
E do canjerê
Eu vou bater tambor
Fazer meu batuque
Pra chamar meu protetor

PRETO VELHO

Numa noite linda que tinha luar
Preto Velho orou a Zambi
Pra cativoiro acabar
Trabalha preto, trabalhador
Trabalha preto, trabalhador
Trabalha preto, cativoiro acabou

PRETO VELHO

Meu Pai Guiné que linha de Umbanda
Que banda é
Meu Pai Guiné
Desmancha a mandinga
Segura no pé
E ee e eeeee
Meu Pai Guiné vamos saravá

Meu sinhô, minha sinhá

¹³² boitadá

Uma negra teve um filho
 Vamos deixar comemorar
 Tem canela fina
 Não custou dinheiro
 É mais um que vai pro cativoiro
 E o sinhô interesseiro oo
 Deixava a senzala festejar
 Eram três dias de folia
 Eram três noites de alegria
 Pro nego aproveitar
 Tinha milho, tinha cana pelo chão
 Tinha côco, came seca com pirão
 Pra quem não bebia
 Era servido café
 E nego caía no arrastão

PRETO VELHO

Foi no carreiro da boiada
 Foi lá que Oxalá me abençoou
 Foi lá que eu cresci
 Foi lá que sofri
 Foi lá que Oxalá me abençoou

PRETO VELHO

Preto velho que nasceu no cativoiro
 Hoje baixa no terreiro
 De cachimbo e pé no chão
 Pega na pamba risca ponto
 E faz mironga
 Saravá Maria Conga
 Saravá o Pai João

PRETO VELHO

Vovó não quer casca de coco no

terreiro
 Por que faz lembrar
 Do tempo do cativoiro

 Quando o filho chora
 Vovô Bento canta
 Quando um filho canta
 Vovô Bento ri
 Vovô Bento vem
 Vovô Bento vem
 Vem ver cambuquinha de
 (P. 71)
 Meu vô
 O que é que tem

PRETO VELHO

Tudo que eu peço a vovô, ela faz
 Ele faz
 O que eu quero mais
 O que eu quero mais
 O que eu quero mais
 Se ele é rei de aruanda
 Mas vovó também manda
 Quando os dois pedem juntos
 Ninguém lhe passa pra trás
 O que eu quero mais ...

PRETO VELHO

Preto velho chegou da Bahia
 Batuque não pode parar
 Ele tem um colar de miçanga
 E a guia do Pai Oxalá
 Ee o batuque não pode parar
 Ee na fé do meu Pai Oxalá

PRETO VELHO

Baiana de saia rendada
 Seu tabuleiro tem axé
 A baiana está requebrando
 Oi como dança no candomblé
 Bahia
 Peça a Oxalá por mim

PRETO VELHO

O cachimbo da vovó
 Vovó tatarae
 Não tem fumo só tem pó
 Vovó tatarae

Cadê minha bancada que eu quero sentar
 Cadê minha marafa que eu quero puxar
 Cadê meu pito que eu quero pitá
 Cadê a preta velha que não vem
 trabalhar

PRETO VELHO

Chegou Angola
 Chegou preto velho que vem trabalhar
 Chegou Angola
 E já saravou o gongá
 A caridade preto velho tem pra lhe dar
 Ele vem de tão longe
 Ordem do Pai Oxalá

PRETO VELHO

Preto velho quando senta no tronco
 Faz o sinal da cruz

Pede proteção a Zambi
 Para os filhos de Jesus
 Cada conta do seu rosário
 Os filhos querem rezar
 Se não fossem os pretos velhos

PRETO VELHO

O sol clareou o dia
 A lua clareou o gongá
 O Pai Joaquim , ilumina os meus
 passos
 E os pretos velhos ilumina os
 caminhos
 Por onde eu passo

PRETO VELHO

Deu meia-noite
 Fui fazer uma obrigação
 No portão do cemitério
 Fazer uma louvação
 Eu nunca vi preto velho fazer
 macumba
 Eu vi o (nome) em cima de uma catacumba

(P. 72)PRETO VELHO

Preta velha chegou da Bahia
 Todo mundo comeu vatapá
 Com dendê, fubá e acarajé
 Comida de santo, quem é que não
 quer
 Pra fazer canjerê
 Só a baiana que sabe fazer
 Tem,tem pamba
 Tem, tem guia

Tem o seu gongá
 Tem, tem, tem preta velha
 feitiço no olhar

PRETO VELHO

Pai João, caminha devagarinho
 Ensinando a seus filhos o verdadeiro
 caminho
 Pai João vem nos ajudar
 Ilumina sua banda
 Na fé de oxalá

PRETO VELHO

Chegou Pai (nome)
 Ele veio de Angola
 Trazendo conforto, esperança, alegria em
 sua sacola
 Ele é filho de Angola
 Viveu sempre a trabalhar
 Tratando sua gente com a missão de curar
 Onde ele era chamado, rezava e curava
 Sem cobrar vintém, assim viveu na
 terra
 Sempre praticando o bem
 Chegou Pai (nome)
 Ele veio de Angola
 Trazendo conforto, esperança, alegria
 em sua sacola
 Hoje vive em outra vida
 Está no mundo da verdade
 Sua missão continua
 Prestando a caridade
 Pai (nome) de Angola
 Vem aqui para ajudar

Qualquer filho que precisa
 Com licença de Oxalá

PRETO VELHO

Quando a lua lá no céu surgiu
 Clareou os caminhos da umbanda
 E na terra filhos de fé já pediu
 Preto Velho ouviu
 Como é linda a nossa Umbanda

PRETO VELHO

Com seu cachimbo
 E sua pomba na mão
 Salve esse Preto Velho africano
 De bom coração
 Sentado em seu toco
 Ninguém sabe a força que ele tem
 Mas ele é Pai Joaquim de Angola
 E na Umbanda nunca fez mal a
 ninguém

PRETO VELHO

Vovó Luiza, auê, auê
 Cacurucaia, auê, auê
 Vovó Luiza vem lá de aruanda
 Trazendo pomba para salvar os filhos
 de Umbanda
 Com sua saia carijó e de babado
 Trazendo o rosário sagrado

Preto Velho quando fuma o cachimbo,
 ô sinhá
 (P. 73)
 Fumaça vai longe, sinhá

Pra descarregar, ô sinhá
 Orai pelas almas no Rosário de Maria
 Orai pelas almas ao meio-dia
 Orai pelas almas no Rosário de Maria
 O almas na escuridão
 O almas de prisioneiros
 O almas ela salvação
 O almas de feitiços
 Orai pelas almas
 O almas de São Miguel
 O almas tão inocentes

PRETO VELHO

E tia Maria, preta velha da Bahia
 Segura na barra da saia, dança na
 ponta do pé
 Quando pega o rosário
 Traz Umbanda e Candomblé, tia Maria
 E tia Maria, preta velha da Bahia
 Rezadeira de quebranto, tocadora de
 jaqueira
 E tia Maria, preta velha da Bahia
 Vem segurar o seu ponto, sua pomba muita
 fé
 Quem quiser falar com ela
 Ganha figa de guiné, tia Maria
 E tia Maria, preta velha da Bahia

Preto velho quando fuma cachimbo, ô sinhá
 Fumaça vai longe, sinhá
 Pra descarregar, ô sinhá
 Orai pelas almas, no Rosário de Maria Orai
 pelas almas ao meio dia
 Orai pelas almas no Rosário de Maria

O almas na escuridão
 O almas de prisioneiros
 O almas pela salvação
 O almas de feitiços
 Orai pelas almas
 O almas de São Miguel
 O almas tão inocentes

No arerê de Yansã
 O rei congo chegou
 No arerê de Yansã
 O seu ponto afirmou
 Lá na Aruanda
 O rei congo chegou
 Vencendo demanda
 E o seu ponto afirmou....

PRETO VELHO

Eu.vi Santa Bárbara no céu
 A trovoada roncou lá no ar
 Linha de congo ererê
 Linha de congo erêa

(P. 74) PONTOS DE SUBIDA

Defumei a minha banda
 E firmei meu jacutá
 Da Bahia eu vim,eu vim
 Pra-Bahia eu vou voltar

PRETO VELHO

Pelo caminho das Oliveiras
 Aonde os pretos velhos vão passar

Adeus,adeus vovô
Até Segunda-feira
Quando o senhor voltar

PRETO VELHO

Preto Velho vai embora
Mas vai benzendo os filhos com guiné
E na Aruanda ele firma o seu ponto
E na umbanda ele deixa a sua Fé

PRETO VELHO

Preto Velho vai subir
Vai pro cativoiro
Vai olhar
esse povo
Pra que não faça erro
Ele roda, ele roda
Ele vai girar
Ele Roda, ele roda
Ele vai embora

PRETO VELHO

Lá vai Preto Velho subindo pro céu
E Nossa Senhora cobrindo com seu véu
É devagar, devagarinho
Ele já vai girar

Sabiá cantou
Sinhá Chica ouviu
O tambor tocou
Preta Velha subiu
Subiu,subiu foi além do mar
Quando o tambor tocar
Ela vai voltar

PRETO VELHO

Oiskindin
Oiskindin
Oiskindin
O majumbo, olha lá no mar
Olha lá no mar, ô majumbo
Bota majumbo no mar
Sua terra é muito longe, ô majumbo
Ninguém pode ir lá
Oi ninguém pode ir lá, ô majumbo
Bota majumbô no mar

PRETO VELHO

O cochila preto
O cachimbo
Na fumaça do pito
É que o negro vai
Olha, que o negro vai
Olha, que o negro vai

(P. 74) IBEIJADA

Cosme Damião a sua casa cheira
Cheira cravo, cheira rosa
Cheira flor de laranjeira

IBEIJADA

Eu vi Doum na beira d'água
comendo arroz, bebendo água

IBEIJADA

Bahia é terra de dois
É terra de dois irmãos

Governador da Bahia
É Cosme e São Damião

IBEIJADA

Se você pedir eu dou
Doce e cocada
Se você pedir eu dou
E dou de coração
27 de setembro
doce para Cosme e Damião

IBEIJADA

Cosme Damião.
Damião cadê Doum
Doum está passeando
No cavalo de Ogum

IBEIJADA

São Cosme São Damião
Cheira flor de manjeriço
Oi dois, dois é a sereia do mar
Dois, dois a sereia do mar

IBEIJADA

Papai mandou as criancinhas
Para colher as flores do jardim
Para Cosme e Damião eu tenho
rosas
Para Crispim Crispiniano tem jasmirg Hoje
tem alegria no céu
As flores do jardim vamos todos
saravá

IBEIJADA

Oi papai, mamãe já vem trazendo
As crianças para fazer o bem

IBEIJADA

O bem é pra quem?
Para quem precisar
Abenção, meu pai vamos saravá

IBEIJADA

Ogã de luz deu ordem no terreiro
Ogã de luz pra tocar atabaques
Ogã de luz Ibeijada vai chegar
Ogã de luz no terreiro de Umbanda
Hoje é dia 27 de Setembro
Festejamos São Cosme e Damião
Com muito doce, cocada e guaraná
E as crianças todas a gritar
Hoje é dia de São Cosme e Damião
Queremos doce, cocada e guaraná

IBEIJADA

Antes do sol-nascer
A lua se esconder
Madrugada findar
A lua clareia as matas, ela é prateada
E também clareia o Juremá
Eu vi as crianças sentadas, brincando na
areia
Eram os sete filhos de Yemanjá
Oni de Ibeijada

IBEIJADA

Papai mandou balão
Para todas as crianças

Que vem lá do céu
 Tem doce mamãe
 Tem doce mamãe
 Tem doce nesse jardim

IBEIJADA

Abenção titia
 Eu vou beijar sua mão
 Abênção titia
 Quero a sua benção
 Eu vim de tão longe
 Cumprir a minha missão
 Quem chegou no terreiro
 É Cosme e Damião

(P. 75)

Crianças quando chegam de aruanda
 Yansã quem manda
 Elas vem brincando auê, auê
 Ao romper da aurora
 Oiskindin, oi skindin
 As crianças chegam assim

IBEIJADA

Pula criança vem cá
 Saravá esse gongá
 Salve Oni de Ibeijada
 Salve todos os orixás
 Salve todas as crianças
 Que vem saravá este gongá

IBEIJADA

É festa na rua e no coração
 Crianças correndo com bala na mão

É risco, é graça, é devoção
 É festa de Cosme e São Damião

IBEIJADA

Salve a linha de santo
 Salve Pai Oxalá
 Salve Cosme e Damião
 Santo do meu gongá
 Salve santa Ibeijada
 Vamos comemorar
 São Cosme e Damião
 Venham nos ajudar
 Salve os Erês
 Na Inha de Umbanda, os Eres
 Que vem de aruanda, os Erês
 Com a minha mãe Yemanjá
 Salve os Erês
 Mensageiros da paz e do amor
 Portadores da luz do Senhor -
 Nosso Pai Oxalá

IBEIJADA

Neguinho pulou a cerca para se esconder
 Cosme e Damião te procurou e te achou
 Fesse te esconder lá na floresta
 A floresta clareou e Damião te achou

Doum, hoje é o seu dia
 Hoje tem alegria em todos os terreiros
 Doum, ô, ô, Doum
 Saravá à Zambi na linha de Umbanda
 Em todo terreiro
 Mas cadê seu irmão
 Mas cadê seu irmão

É Cosme e Damião

É Cosme e Damião

IBEIJADA

Beji, beji, mas como vem

Beirando o mar

Beji, beji,mas como vem

Beirando o mar

Mas como vem beirando o mar

Mas como vem beirando o mar

Beji,beji, mas como vem

Beirando o mar

IBEIJADA

Cosme cadê Doum

Doum foi anunciar

Que a festa das crianças

Agora vai começar

A mesa está enfeitada

Tem bolo, pudim, tem manjar

Tem balas e tem cocadas

E tem muito guaraná

IBEIJADA

Que lindo cavalo branco

Que aquele menino vem montado

Descendo aquela serra

Dizendo que é filho de um soldado

É Damião

É Damião

É Damião que vem no cavalo de

Ogum

IBEIJADA

Ele foi doutor

Ele me curou

Ele foi doutor

Numa brincadeira que ele brincou

Ele me curou

(P. 76)

Eram três crianças

Eu me lembro bem

Vinheram de um a um

Era Cosme, Damião e Doum

IBEIJADA

Cai, cai sereno, o meu divino

Vai chamar as criancinhas

Para brincar com esse menino

Vou abrir meu catecismo

Vou fazer minha oração

Vou pedir minha saúde

Para São Cosme e São Damião

IBEIJADA

Lá no céu tem três estrelas

Todas três em carreirinhas

Duas são Cosme e Damião

Ea outra é Mariazinha

Lá no céu tem três estrelas

Todas três em carreirinhas

Duas são Cosme e Damião

Ea outra é Mariazinha

Eu estava lá na Bahia

Quando foram me chamar

Ouvi o som do tambor

Lá em cima do Pará
Bahia a terra de dois irmãos
Governador da Bahia
É São Cosme e São Damião

IBEIJADA

Pedrinho nasceu na beira do rio
Na beira do rei lá de Juremá
Aonde a lua clareia as campinas
Clareia as matas pro Pedrinho brincar

IBEIJADA

Eu era criança
E tinha esperança
De um dia ser feliz
Fiz uma promessa
Para os anjinhos guris
Mamãe que fazia os doces
E dizia que lhe fizesse um favor
Que meu papaizinho
Desse a ela o seu grande amor

Cosme, Damião, Doum
Crispim, Crispiniano
Caboclinho da Mata
Doces pra vocês eu dei
E a promessa que eu fiz
Já paguei
Festas, e mais festas eu fiz
Mas da data feliz eu me lembro
Cosme, Damião, Doum
27 de setembro

IBEIJADA

Mulher, mulher, mulher
Você não terá o meu amor
Pode inventar o que quiser
Já botou o meu nome na macumba
Pra me derrubar
E tentou diversas vezes me
prejudicar
Mas minha cabeça é sã
Porque Cosme é meu amigo
E pediu ao seu irmão, Damião
Pra reunir a garotada e proteger meu
amanhã (bis)

Na verdade você nunca me
pertenceu
Quando soube dos meus-passos
Foi dizendo que era eu
Você não passou de um caso
Que nasceu por um acaso
Seu amor não era eu
Seu amor não era eu
Quando teve a conclusão
Que o meu pobre coração
Não abrigaria você
Passou me caluniar
Mas a patota de Cosme
Não deixou me derrubar...(bis)

(P. 77) PONTOS DE SUBIDA

Andorinha que voa, voa andorinha
Leva as crianças pro céu, andorinha
Voa, voa, voa andorinha
Leva as crianças pro céu, andorinha

IBEIJADA

Andorinha voou, voou, voou
 Foi para perto de Nosso Senhor
 Quando chegar lá no céu, andorinha
 Lembra de mm ao Senhor

IBEIJADA

Fui no jardim colher a rosa
 A vovózinha deu-me as rosas
 Cosme, Damião e Doum
 Crispim, Crispimiano
 São os filhos de Ogum

(P. 78) POMBO-GIRA

Descendo o morro para trabalhar
 Pois me levaram pra outros caminhos...
 Dizendo moça,
 Você vale ouro..
 Você cheira a rosa..
 Você cheira a rosa..
 Você é meu tesouro...
 Aí ela caiu na perdição....
 E hoje é pombo-gira
 Que vive na rua da amargura.
 Descendo o morro...

POMBO-GIRA

Deu meia noite
 A lua se escondeu..
 Lá na encruzilhada
 Dando a sua gargalhada
 Pombo-gira apareceu..
 Alaroiê, Alaroiê, Alaroiê
 É mogibá, é mogibá, é mogibá

Se ela é Odara
 Quem tem fé na Pombo-gira
 Só pedir que ela lhe dá
 Deu meia noite...

POMBO-GIRA

A dona dessa gira
 É pombo-gira
 Mas ela é (nome) de fé...
 É linda como a lua...
 É bela como aurora
 Mas eu daria tudo
 (Eu daria tudo)
 pra ver a pombo-gira
 nessa hora...

POMBO-GIRA

Pombo-gira foi à capela
 Levar marafa para o padre benzer
 Sacristão olhou pra ela
 Na batina do padre tem dendê
 Tem dendê, tem dendê
 Na batina do padre tem dendê

POMBO-GIRA

Vinha caminhando a pé
 Para ver se encontrava
 A linda cigana de fé
 Ela passou e leu a minha mão
 E leu a minha mão
 E disse-me toda a verdade
 E eu só queria saber por onde andava
 A linda cigana de fé
 Ia passando na encruza

E encontrei uma armadilha

Era da pombo-gira

Maria Padilha

(P. 78) **POMBO-GIRA**

Noite linda

Noite de lua cheia

As estrelas le guião moça (bis)

Da juremeira

Ela é bonita

Protetora das mulheres

Trabalho no caz¹³³

No pesado sim senhor

Eu pedi uma flor

Ela me deu um jardim

Jogo fagulha de luz

Nos meus caminhos

Até agora

Esqueci de perguntar

Nas estrada das vida

Como posso te chamar

Hooo moça qual é o seu nome

Na beira do caz¹³⁴ sou Maria homem

(P. 79)

Bem que eu lhe avisei

Pra voce não jogar

Esta cartada comigo

Você descartou seu valete

E eu descartei minha dama

Olha você é meu amigo

pombo-gira Cigana

É pombo-gira de fama

POMBO-GIRA

Pomba-girê

pombo-gira é de Maceió

Ela veio da encruza

pombo-gira de calunga

pombo-gira é de Maceió

POMBO-GIRA

Auê, olha a Pombo-girê

Olha a Pombo-gira

No reino de seu Exú

O que será? O que será ?

POMBO-GIRA

Boa noite pra quem vem de longe

Boa noite pra quem vem chegando

Boa noite pra moça bonita

É pra ela que estamos cantando

Levei sete rosas vermelhas

Lá na encruzilhada

É lá que moça bonita.

Deu sua risada

POMBO-GIRA

Ela é mulher de sete maridos

Ela é mulher de sete maridos

Cuidado com ela moço

Ela é um perigo

POMBO-GIRA

¹³³ Cais

¹³⁴ Cais

pombo-gira soberana da estrada
 Rainha da encruzilhada
 E mulher de Lúcifer
 Suprema. É mulher de negro
 Alegria do terreiro
 Seu feitiço tem axé
 Mas ela é, ela é, ela é
 A rainha da encruza
 A mulher de Lúcifer

POMBO-GIRA

Ganhei uma barraca velha
 Foi a Cigana quem me deu
 O que é meu é da Cigana
 O que é dela não é meu

POMBO-GIRA

Eu caminhava pela alta madrugada
 Sob o clarão da lua
 Ouvi uma gargalhada
 Linda morena formosa
 Me diga quem você é
 Eu sou a dona da rosa
 Sou pombo-gira de fé
 Posso abrir qualquer gira
 Sou pombo-gira da encruza
 Não me conhece quem não quer

POMBO-GIRA

Ai que moça bonita
 Que rosa tão encarnada
 Ela é pombo-gira
 Rainha da encruzilhada
 Eu quero ver pombo-gira

Eu quero ver
 Eu quero ver a Senhora remexer

POMBO-GIRA

Meu gongânão engana
 Meu gongá me falou
 Essa moça cigana
 Atotô quem mandou

POMBO-GIRA

Pombo-gira frangalho de saia
 Queima pólvora na palma da mão
 "Está na banda, vence demanda
 E levanta poeira do chão

(P. 80) POMBO-GIRA

Olha a Pomba Gira
 Olha a Pomba Gira
 Olha a Pomba Gira
 pomba Gira tem sete maridos
 Olha a Pomba Gira
 Olha a Pomba Gira
 Pomba Gira de saia rodada
 Que bebe e que fuma
 Na encruza que é dela
 Pomba Gira Maria Mulambo
 Maria Padilha, Rainha das Almas
 Rainha do Lodo, Cigana formosa
 Olha a Pomba Gira

POMBO-GIRA

Soprou uma ventania , ó ganga
 No alto da serra

Mas era a Pomba Gira, ó ganga
Que vem descendo a serra

POMBO-GIRA

A porta do inferno estremeceu
Todos correram para ver quem é
Deu uma gargalhada na encruza
Era a Pomba Gira Rainha de Lúcifer

Foi uma rosa que eu plantei na encruzilhada
Foi uma rosa que eu plantei no meu jardim
Maria Mulambo, Maria mulher
Maria Padilha, Rainha de Lúcifer

POMBO-GIRA

Hoje é Sexta -feira
Você está na mira
Acendi sete velas vermelhas
Pra Pomba Gira
Vou levar uma rosa vermelha na
Encruzilhada
Prometi à ela
Champanhe e saia rodada

Minha tristeza vai acabar
Pomba Gira Cigana vai fazer você
voltar
Pomba Gira ê ê
Pomba Gira ê a
Pomba Gira Cigana vai fazer você
voltar

POMBO-GIRA

Aquela casa de pombo

É da Pomba Gira

Auê, auê

Auê, auá

Aquela casa de pombo

POMBO-GIRA

Arreda homem, que aí vem mulher
Arreda homem, que aí vem mulher
Mas ela é a Pomba Gira
Rainha de Lúcifer
Seu Exú Sete Capa vem na frente
Pra dizer quem ela é

POMBO-GIRA

Uma rosa cor de sangue
Senti-la em suas mãos
Um sorriso que nas sombras
Não diz nem sim, nem não
Põe na boca a cigarrilha
Num instante acende o olhar
Que conhece o bem e o mal
De quem quiser amar
De vermelho e negro
Vestido a noite, o mistério traz
De colar de contas, brinco dourado
A promessa faz
Se é preciso ir, você pode ir.
Faça o que quiser
Mas cuidado amigo, ela é bonita
Ela é mulher
E no canto da rua
Zombando, zombando, zombando
está
Ela é moça bonita

(P. 81)

Girando, girando, girando lá

Ô girando lá, ô lêlê

Ô girando lá, ô lêlê

POMBO-GIRA

Le, le, le, le, le, le, le, le, lá

Quem quer ver taí

Quem não crer vai lá

Pomba Gira trabalha

É nas ondas do mar

POMBO-GIRA

Eu cheguei no terreiro

Levantei poeira

Na linha de ganga

Levantei poeira

Pomba Gira trabalha na encruzilhada

Toma conta, presta conta

Ao romper da madrugada

Pomba Gira minha comadre

Me, protege noite e dia

Por isso que eu gosto da sua

Feitiçaria

POMBO-GIRA

Pomba Gira que dança é essa

Que o corpo fica todo mole

uma dança nova

Que bole, bole, bole, bole

Bole, bole, bole, bole Pomba Gira

Bole, bole, bole, bole Pomba Gira

Bole, bole, bole, bole...

POMBO-GIRA

Ô Pomba Gira eu preciso de você

vamos fazer o jogo da amarelinha

Se eu perder sou todo seu

Se eu ganhar você é minha

POMBO-GIRA

Você passa e não me olha, Menina

Eu olho você. ·

Menina, minha Menina

meu bem querer

Por causa de você, Menina

eu vou morrer

Lá, lá

POMBO-GIRA

Queria voar no céu

Pousar em ti feito abelha

Só pra provar do teu mel

Oh! Rosa Vermelha

Cigana do acampamento

Que flor é esta na orelha

Parece a Rosa dos Ventos

Oh! Rosa Vermelha

Rosa Vermelha Iaô

Flor encantada

Toda mulher é uma flor

Enfeitiçada(bis)

A minha casa me encanta

Tem flor caindo na telha

É passarinho que canta

Oh! Rosa Vermelha

Minha viola de fita

Também tem flor na cavilha

Pra dar pra moça bonita
 Oh! Rosa Vermelha
 Rosa Vermelha Iaô...(bis)
 A Rosa olhada distante
 Com um coração se assemelha
 Pois é a flor dos amantes
 Oh! Rosa Vermelha
 Sinal de regime novo
 Pregada ao peito ela espelha
 Pois é a Rosa do povo
 Oh! Rosa Vermelha
 Rosa Vermelha Iaô...(bis)
 Pombo-Gira

POMBO-GIRA

Eu vou botar...
 Eu vou botar teu nome na macumba
 Vou procurar uma Pombo-gira
 (P. 82)
 Fazer uma quizumba pra te derrubar
 Ó laiá...
 Você me jogou um feitiço
 Quase que eu morri
 Só eu sei o que sofri
 Que Deus me perdoe
 Mas vou me vingar...(bis)
 Eu vou botar o teu retrato
 Num prato com pimenta
 Quero ver se você agüenta
 A mandinga que eu vou te jogar
 Raspa de chifre de bode
 Pedaco de rabo de jumenta
 Tu vais botar fogo pelas ventas
 E comigo não vai mais brincar

Eu vou botar...
 Asa de morcego
 Corcova de camelo, pra te derrubar
 Uma cabeça de burro
 Pra quebrar o encanto do teu patuá
 Olha tu podes ser forte
 Mas tens que Ter sorte
 Para te salvar
 Toma cuidado comadre
 Com a mandinga que eu vou te jogar
 Eu vou botar....

POMBO-GIRA

Exú mandou buscar
 Sete folhas de guiné (bis)
 Como é que eu vim de longe
 Pra gostar dessa mulher (bis)
 Saravá coroa
 Saravá coroa
 Salve o cemitério
 Salve a nega boa
 Saravá penacho
 Saravá penacho
 E o nego por cima
 E a nega por baixo

POMBO-GIRA

A mata
 Está cheirando alho (bis)
 Vou chamar a Pombo-gira
 Rainha de Quebra Galho (bis)

(P. 83) PONTOS DE SUBIDA

É de manhã, eu vou buscar minha flor

A rosa que tu me destes
o sereno já molhou
É de manhã

POMBO-GIRA

Auê, meu Santo Antônio
Venha me ajudar a trabalhar
Auê, Pomba Gira vai embora
Toda demanda ela vai levar
Pra encruzilhada

POMBO-GIRA

A Umbanda gira, ela vai girar
A Umbanda gira, ela vai girar
Malele, malelê, malelele
A Umbanda gira, ela vai girar

POMBO-GIRA

A sua banda está lhe chamando
Ela vai se retirar
Vai pra linha das Almas
Ela é de lá

POMBO-GIRA

A Pomba Gira vai embora
A Pomba Gira vai embora
Ela vai pro campo santo
Para visitar as Almas
Que estão dormindo agora
A Pomba Gira vai embora

POMBO-GIRA

São Miguel,
Ehora, é hora

Exú faz a limpeza
Pomba Gira vai embora

POMBO-GIRA

Escrevi seu nome na areia
Ai que saudades da minha aldeia
O pombo branco bateu asas e voou
Mas seu coração ficou

(P. 84) **EXÚ**

Agora sim, a minha banda está fechada
Com uma vela na calunga
A outra na encruzilhada

EXÚ

Salvei seu Lucifer,
Salvei..
Mas eu salvei seu Tiriri Senhor..
Mas ele veio saravá
A umbanda,
Saravá quimbanda
E babalaô...

EXÚ

Seu Exú (nome)
Quando chega no terreiro
Segura a gira primeiro

EXÚ

Boa noite banda como vai, como passou
Vai tudo bem banda, vai tudo bem banda..

EXÚ

Hoje é dia de festa

Em todos os terreiros, ouviu Mariá
 Hoje é dia de todos os santos.
 Bom dia pra se curiá
 O coro está comendo, essa hora
 Também na casa de sinhá
 Até cobra deve está fumando
 Minha gente, por lá
 Auê, auê, auê, auê, auê, auê, auá minha banda no
 pé do gongá (bis)
 Do que praga de mãe e madrinha
 Hoje eu quero saber como está
 minha banda no pé do gongá (bis)

EXÚ

Eco, ecô, ecô..
 Meu Senhor..
 Galo já cantou...
 É no romper da aurora
 Seu Sete Tranca (ou outro exú)
 É quem manda agora

EXÚ

O mar roncou
 E a terra tremeu..
 Maior que Exú (nome)
 É Deus, é Deus...

EXÚ

A estrela vai, e o sol clareia
 A lua volta e Exú já está na aldeia
 Seu (nome) já chegou
 Veio do alto da serra
 Exú foi coroado com seu ponteiro de
 guerra

ilumina o mundo, ilumina o mar
 ilumina a terra, cidade de Satanás

(P. 85) EXÚ

Cemitério novo
 A catacumba está batendo..
 Tá, tá, tá a catatumba
 Está batendo

EXÚ

Quantas vezes eu já disse que não
 Na minha cabeça ninguém põe a mão
 Você vem de lá falando besteira
 Jogando poeira no meu gongá
 Olha a Quimbanda que o gongá não está
 Mas acontece que por sinal, eu sou de
 demanda
 Eu também sou de lá
 Dim, dim, dim, eu também sou de lá
 Dim, dim, dim, eu também sou de lá
 Ô luar, ô luar
 Olha o meu luar
 Todos são filhos da lua
 Olha meu luar
 Com licença de quem manda mais
 Vamos saravá
 Exú (nome) e Pombo-gira

EXÚ

Oi salve as almas
 Salve a coroa e a fê
 Vamos saravá seu Exú das Almas
 Ele é (nome do Exú) de fê
 salve as almas

EXÚ

Quem quiser me ver

Sobe em cima do barranco, odé

Que o homem é

Tranca Rua de Embaê

ão dois fiéis companheiros

Tranca Rua na encruza

Exú(nome)no terreiro

Que o homem é Tranca Rua de

Embaê

EXÚ

Com seu terno branco e sua bengala

Seu Sete Capa da Encruzilhada

Exú dá risada

EXÚ

Era meia noite

Exú chegou na canjira

Vejam meus,filhos, vejam

É seu (nome) veio segurar a gira)

EXÚ

Rodeia, rodeia

Rodeia meu Santo Antônio, rodeia

Santo Antônio é pequenino

Amansador de burro bravo

Quem mexer com Exú (nome)

Está mexendo com o diabo

EXÚ

Ganga está bebo como o que

Mas quem manda Ganga beber

Cuidado que a cuia está furada

Se não Ganga não bebe nada

EXÚ

Exú Tiriri trabalhador da encruzilhada

Fecha porta, toma conta

Ao romper da madrugada

Pomba-gira,pomba-gira

Sem esse Exú não se pode trabalhar

EXÚ

Sete ri, Sete ri

Sete ri pra não chorar

Mas que linda risada que seu Sete vai dar

Sete quá, quá, quá

EXÚ

Estava sentado na praça

Quando a polícia chegou

Senti um sentimento profundo

Eu fui preso como um vagabundo

EXÚ

Batuque bom é do Exú Rei

Pra quem é do batuque só eu que sei

(P. 86)

É pro Seu Tranca Rua

É pro Exú Capoeira

É pra Maria Padilha

E a Pombo-gira Cruzeiro

Cavalo branco é de Ogum

Cavalo preto é de Exú

Foi nesse cavalo que Exú (nome) chegou ô
ô

Foi nesse cavalo que Exú (nome) chegou ô ô

Santo Antônio da batalha

Faz de mim batalhador

Mas segura Santo Antônio Exú (nome) e

Pombo-gira

EXÚ

Olha a catira de Umbanda

Espia, espia quem é que vem lá

É o chefe e o rei da Quimbanda

Chefe dos chefes, é o maioral

Todo povo está lhe saravando

Papai de Umbanda mandou lhe chamar

EXÚ

Exú é protetor, é mensageiro do amor

Exú é protetor, é mensageiro ao amor

Está no alto, seu Exú está lá no alto

E lá do alto, ele olha por nós

Levanta os braços, firma o seu

pensamento

Nesse momento, ele vai lhe ajudar

Exú reina sobre a terra

Exú reina sobre o mar

Exú reina sobre a terra

O seu poema é amar

Era meia noite, quando o malvado chegou

Corre gira, corre gira

Vai chegar madrugada

Salve Exú, salve Exú

Das Sete Encruzilhadas

EXÚ

Quando ele vem

Vem no clarear da lua

Quando ele vai

Vai no raiar do sol

Deu gargalhada quá, quá, quá

Seu Exú (nome) vem no clarear da
lua

EXÚ

Quem é que chegou no reino quem é Quem
é que chegou no reino quem é

Ele é Tranca Rua das Almas ele é

Ele é Tranca Rua das Almas ele é

EXÚ

Esse boi vermelho. Ó calunga

Amarra na manguieira, ó calunga

Para tirar o couro, ó calunga

Para fazer pandeiro, ó calunga

EXÚ

Debaixo de um abacateiro

Tem o Seu(nome)

Ele é Exú guerreiro

Na ordem dos orixás ele é o rei do mundo

Ele é bará, bará

Bará, bará, bará, bará

EXÚ

Quem tirou, quem tirou o que eu deixei lá

Eu guardei, eu guardei lá em cima do
gongá,olha ai

Você abusou e eu falo sério

Você se meteu com diabo velho

Ah moleque sem vergonha,você apanha

Pegou meu cachimbo e depois.

fumou,fumou

Comeu minha farofa,bebeu minha maráfa

Você mexeu comigo, vou lhe dar uma coça

(P. 87)

Seu Sete Montanha na calunga é de
compensuê ê êê

É de compensuê ê êê

EXÚ

Bambeia preto

Se não tu vais parar lá na calunga

Canela come vela primeiro no fundo.da
calunga

Caveira faz milagre

Tiriri fala e resmunga

EXÚ

Exú babalaô, babalaô é mogibá

Seu Tranca Rua é de querê, querê

Seu Tranca Rua é de querê, quera

EXÚ

Ogum é patrão

Exu é empregado

Ai segura essa gira

Que eu quero ver auê

EXÚ

Eu fui no mato

Fui tirar cipó

Eu vi um bicho de um olho só

Não era bicho, não era nada

Era seu Vela Preta na encruzilhada

EXÚ

Foi nas almas

Foi nas almas que eu conheci Exú

Foi nas almas que eu conheci Seu (nome)

Foi nas almas que eu conheci Exú

EXÚ

Seu Tranca Rua é uma beleza

Eu nunca vi um Exú assim

Seu Tranca Rua é uma beleza

Ele é madeira que não dá cupim

EXÚ

Quem é que chegou no reino

Quem é

Ele é o Exú das Almas

EXÚ

Exú é mal

Exú é mal de profissão

Exú é mal

Exú é mal de profissão

Ele matou seu pai e mãe

Para Ter sua salvação

Seu Exú fez uma casa

Sem porteira e sem janelas

Ainda não achou morador

Pra morar nela

EXÚ

Quando a lua sair

A Umbanda vai clarear.

Clareia o sol

Clareia a lua

Clareia a nossa própria gira

Salve as Sete Encruzilhadas

EXÚ

Seu Exú fez uma casa

Com sete portas e sete janelas

Seu Exú não precisa de casa

Pombo-gira é que vai morar nela

EXÚ

Exú tem duas cabeças

Trabalha na encruzilhada

Uma é de Jesus Nazaré

A outra é de Exú Lúcifer

EXÚ

Seu (nome) que veio da encruza

Não se sabe que encruza é

Também trouxe a Pombo-gira Cigana de cabaré

Também trouxe a Pombo-gira

Pra segurar essa mulher

(P. 88) **EXÚ**

Seu Zé Pulintra

Numa noite dessas

Fez uma festa dentro da calunga

Convidou os seus companheiros

E os calungueiros fizeram a quizumba

Chegando lá, alta madrugada

A rapaziada quiseram aprontar

Seu Zé Pulintra, que pulou de lado

Disse: nesta festa pisa devagar

Pisa devagar, devagarinho

Pisa devagar, devagarinho

É devagar, é devagar, devagarinho

Na calunga, lá que é bom

Na calunga, lá que é bom

Seu Zé Pulintra é Rei da Calunga

EXÚ

Minha cobra

Minha bicho

Minha urutú

Minha cobra

Minha bicho

Minha surucucú

EXÚ

Eu matei pai, matei mãe, matei filha

Matei toda a família

Só não pude matar, o poder da

macumbinha

Mas pau já quebrei

Ai só falta um pra quebrar

Botaram fogo na sogra

Oi para ver a sogra queimar

EXÚ

ExúMarabô é homem
 Promete pra não faltar
 Quatorze carros de lenha
 para cozinhar o gambá
 A lenha já se queimou
 Gambá está pra cozinhar
 Seu Zé Pilintra é Rei da Calunga

EXÚ

Quem pensa que o céu é perto
 Nas nuvens não vai chegar
 Os anjos do céu estão rindo
 Do tombo que vai levar

EXÚ

Cavuca, cavucá, quem me deve me paga
 Cavuca, cavucá, quem me deve me paga
 Cavuca, cavucá, no portão do cemitério

EXÚ

De dia quem manda é o sol
 A noite quem manda é a lua
 Na praia Exú Maré
 Na rua seu Tranca Rua

EXÚ

Oi me fecha a porteira Senhor Tranca Ruas
 O senhor já fechou
 Olha que o anjo da guarda
 Toma conta da romaria
 Toma conta da romaria
 De Nosso Senhor

EXÚ

Seu Exú Toco Preto
 Na Encruza a meia noite
 Ele plantou raíz
 É com Ave Maria
 É com Ave Maria
 É com Ave Maria
 Exù das Almas
 É com Ave Maria
 É com Ave Maria

EXÚ

Na encruza eu vi um homem
 Ele estava caminhando
 la beirando o sol
 Mas estava procurando a lua
 (P. 89)
 Oi saravá Umbanda
 Oi saravá seu Tranca Rua

EXÚ

Exú tem chifre
 Exú tem rabo
 Seu Marabô
 É um diabo

EXÚ

Seu Tiriri que tanta garoa
 Está caindo lá no cemitério
 Cai chuva grossa
 Cai chuva miúda
 Que está molhando
 A sua catacumba

EXÚ

O sino da igreja faz delém dem dom
 Deu meia noite o galo já cantou
 Seu Sete Capa que é dono da gira
 Vai correr gira seu Ogum mandou

EXÚ

Pisa no toco, pisa no galho
 O galho quebra, Exú não cai
 Ô ganga
 E exú pisa no toco de um galho só
 E exú pisa no toco de um galho só

EXÚ

Exú correu sete porteiras
 Correu sete porteiras
 Correu sete encruzilhadas
 O galo já cantou, cocoricó
 O galo já cantou, cocoricó

EXÚ

Passei no cemitério as 11 horas do dia
 Exú se levantou e a catacumba gemia
 Zum, Zum, Zum, o sino de lá batia
 Zum, zum, zum, e a catacumba gemia

EXÚ

Meia noite, auê meia noite
 Meia noite, auê meia noite
 Meia noite o galo canta
 Meia noite o cabritos berram
 Meia noite as crianças choram
 No portão do cemitério

EXÚ

Oi dizem que Exú só babe e dá risada
 Mas 'ele o Exú
 O Rei das Sete Encruzilhadas
 Seu Sete queima a tuia
 E não tem mistérios
 Depois da hora grande
 Vai girar no cemitério

EXÚ

Oi corre, corre encruzilhada
 Se Sete Encruza já chegou
 É na porteira da calunga só
 É no ponto de Marabô, exú Rei

EXÚ

Ele é capitão da encruzilhada
 Ele é
 Ele ordenança de Ogum
 Sua divisa quem lhe deu foi Omulú
 Sua coroa quem lhe deu foi Oxalá
 Oi, Salve o Sol,
 Estrela
 Salve a Lua
 Saravá Seu Marabô
 Que é dono da gira no meio da rua
 Ele é amor e Paz
 Saravá Seu Marabô
 Que é dono da gira no meio da rua

EXÚ

Eu vou botar seu nome na encruzilhada
 Uma dúzia de vela, marafa e dendê
 Eu vou botar seu nome na encruzilhada
 (P. 90)

E uma galinha preta eu vou dar pra você
 Le, le, le, le, le, lá
 O feitiço que você fez para mim
 Eu mando de volta para você
 Meu santo é forte, sou filho de Pai
 Xangô
 E na minha aruanda, só tem paz e muito
 amor.

EXÚ

Mataram meu boi barroso Para servir a
 freguesia Quando foi de madrugada Boi
 barroso não havia Não mexa comigo não
 Que eu sou ponta de agulha Se mexer
 comigo eu choro, meu povo E chorando eu
 te derrubo Eu te derrubo.

EXÚ

Exú Capoeira diz, que a sua banda é maior
 E nós dissemos, que é maior, mas é de fé
 Exú Capoeira a sua banda girou Gira no
 ponto auê
 E salve a luz da guiné
 lorêrê
 lorara
 Seu pai é ganga ele é Exú Capoeira.

EXÚ

Salve ele que ilumina nossa banda
 Salve ele que nos traz a proteção
 Mas ele é ordenança de Ogum

Ele nos traz uma mensagem de amor Salve
 o seu Exú Capoeira
 Que é nosso amigo e protetor, ô o Com
 licença de Oxalá
 Ele ainda é mogibá¹³⁵
 É mogibá¹³⁶
 Salve seu Exú Capoeira
 Exú Capoeira
 Ele ainda é mogibá¹³⁷
 Com licença de Oxalá

EXÚ

A capa é um manto de caridade
 A sua capa cobre tudo
 Só não cobre a falsidade

EXÚ

Quando o galo canta
 As almas se levantam e o mar ecoa Os anjos
 no céu dizem amém E o pobre lavrador diz
 aleluia Diz aleluia
 Seu Exú Capoeira, diz aleluia.

EXÚ

Exú era homem pequenino
 Além de pequeno aleijadinho
 Vai levando todo mal Exú
 Que encontra pelo caminho.

EXÚ

É sete, é sete
 Todo exú só canta sete

¹³⁵ Mojubá

¹³⁶ Mojubá

¹³⁷ Mojubá

Todo exú só canta sete
Pomba gira só cante sete

EXÚ

Exú Capoeira quem lhe chama sou eu
E estou desesperado
Na hora do meu desespero
Você é o meu advogado

EXÚ

Eu entrei num forro de Exú (nome)Tinha
marafo, farofa espalhada Sete velas acesas
ao seu lado Oi tem, tem,tem,tem,Na capa de
Exú (nome), tem, tem

(P. 91) PONTOS DE SUBIDA

O sino tocou lá na capela
O galo cantou na encruzilhada
Arruma sua capa e seu garfo
Seu Exú, que pai Ogum
Lhe chamou na encruzilhada

EXÚ

Eu não vim de pé
De pé não vou voltar
Vai dar um jeito moleque
Num burro pra eu montar

EXÚ

Exú chegou
Exú saravou
Exú vai embora
Que Zambi chamou

EXÚ

Exú vai embora pra Angola
Exú vai embora pra Angola
A sua banda lhe chama
Exú vai embora
Ena, ena, ena, ena
Quem despede da Umbanda
É seu Exú

EXÚ

Oi pé no pé
pé no pé
Lá vai o homem teimoso
Oi pé no pé
pé no pé
Oi vai pra sua morada!

EXÚ

Arreia a sua capa e seu garfo Seu exú
Papai Ogum lhe chamou na encruzilhada

APÊNDICE C – LIVRO DE PONTOS TENDA DE UMBANDA CABOCLO

TUPINIQUIM

(P.1)

ABRIMOS A NOSSA GIRA
 PEDIMOS A PROTEÇÃO (BIS)
 AO NOSSO PAI OXALÁ
 PARA CUMPRIR
 NOSSA MISSÃO (BIS)

NANGUÊ NANGUÊ
 NANGUÊ NANGÁ
 NANGUÊ NANGUÊ
 SALVE A PEMBA DE OXALÁ

OXALÁ MEU PAI
 TENHA PENA DOS FILHOS
 TENHA DÓ
 A VOLTA DO MUNDO É GRANDE
 E SEUS PODERES SÃO MAIOR (BIS)

COM SEU MANTO BRANCO
 E SUA COROA DE ESPINHOS
 É OXALÁ ELE ABRE OS NOSSOS
 CAMINHOS

UMA ESTRELA LÁ O CÉU BRILHOU
 EU PEÇO À DEUS PARA ILUMINAR
 (BIS)

Ò MEU GLORIOSO SÃO MIGUEL
 ARCANJO
 PEÇO LICENSA¹³⁸ PARA NÓS
 TRABALHAR

(P.2) UMA ESTRELA CLAREOU LÁ NO
 CÉU

UMA ESTRELA CLAREOU LÁ NO
 MAR

UMA ESTRELA CLAREOU O MUNDO
 INTEIRO

UMA ESTRELA CLAREOU O NOSSO
 GONGÁ

UMA ESTRELA LÁ NO CÉU SURGIU
 ILUMINANDO NOSSO GONGÁ

ILUMINANDO A CORÔA DE SEUS
 FILHOS

ELE É NOSSO PAI E VÊM NOS
 ABENÇOAR

ABRE A PORTA Ó FILHOS

QUE AI VEM JESUS

ALE VEM CANSADO

COM O PESO DA CRUZ (BIS)

VEM DE PORTA E PORTA

VEM DE RUA E RUA

VEM SALVAR AS ALMAS

SEM CULPAR NENHUMA (BIS)

OXALÁ MEU PAI

ASTEIA¹³⁹ A BANDEIRA BRANCA

BEM LÁ NO ALTO DA SERRA

OXALÁ MEU PAI

¹³⁸ licença

¹³⁹ Hastei

ABENÇO A E PERDO A SEUS FILHOS
 AQUI NA TERRA
 TENDO SUA GRAÇA MEU PAI
 E A SUA BENÇÃO
 E O SEU PERDÃO E O SEU AMOR
 E NÃO PERMITA QUE SEUS FILHOS
 DE UMBANDA VÁ, DESISTIR,
 MEU PAI REDENTOR (BIS)

(P. 3) **OXALÁ**

NANGUÊ NANGUÊ
 NANGUÊ NANÃ
 OLHA SEUS FILHOS
 MEU PAI OXALÁ
 NANGUÊ NANGUÊ
 NANGUÊ NANÃ
 OLHA SEUS FILHOS,
 QUE ESTÃO A LHE IMPLORAR

AI COMO GIRA UMA
 ESTRELA DENTRO DE UM GONGÁ
 OI GIRA PRA FILHOS DE FÉ (BIS)
 VAMOS SALVAR¹⁴⁰ A GIRA DO
 NOSSO PAI OXALÁ (BIS)

SENHOR DEUS DO UNIVERSO
 Ó MEU PAI OXALÁ (BIS)
 NAS HORAS MAIS DIFÍCEIS MEU PAI
 DAI-FORÇAS PARA NÓS TRABALHAR
 (BIS)

¹⁴⁰ Salvar

¹⁴¹ Ressuscitou

¹⁴² dá

NO JARDIM DA OLIVEIRAS
 EU ENCONTREI UM JARDINEIRO (BISS)
 RRA JESUS CRISTO NOSSO PAI
 VERDADEIRO (BIS)
 JESUS CRISTO É NOSSO PAI
 É FILHO DA VIRGEM MARIA
 LÁ NO ALTO DO CALVÁRIO
 ÉS A ESTRELA QUE NOS GUIA

(P.4) **PONTOS CANTADOS À ALMAS**

MINHAS ALMAS SANTAS BENDITAS
 AI-AI
 ME ABRE AS PORTAS DO CÉU AI-AI
 Ô MINHAS ALMAS DE ARUANDA AI-AI
 AI
 VÓS SOIS QUEM PODE ME VALER
 SEGURA O TOURO MINHAS ALMAS
 AMARRA O MOURÃO

JESUS NASCEU PADECEU E MORREU
 COM AGONIA SENHOR
 RESSUCITOU¹⁴¹ SALVADOR
 AS ALMAS SANTAS BENDITAS
 ELE SALVOU

AS ALMAS DA¹⁴² AS ALMAS DA¹⁴³
 PRA QUEM SABE APROVEITAR
 VAMOS PEDI, VAMOS EMPHORAR¹⁴⁴

¹⁴³ dá

¹⁴⁴ Implorar

AS ALMAS DA¹⁴⁵ PARA QUEM SABE
APROVEITAR

LÁ NO CRUZEIRO DAS ALMAS
AONDE AS ALMAS VÃO REZAR
AS ALMAS CHORAM DE ALEGRIA
QUANDO OS FILHOS SE COMBINAM
TAMBÉM CHORAM DE TRISTEZA
QUANDO NÃO QUE COMBINAR
EU ADOREI AS ALMAS (BIS)

(P. 5)

EU ADOREI AS ALMAS
E NO DIA DE HOJE
EU ADOREI AS ALMAS

Ô ALMAS, MINHAS ALMAS
BENDITAS (BIS)
VENHAM ME VALER NAS HORAS DE
AFLIÇÃO
VENHAM ME VALER NAS HORAS DE
AMARRAÇÃO

QUEM PEDE AS ALMAS AS ALMAS
DÁ (BIS)
EU VOU PEDIR A XANGÔ
UU VOU PEDIR A NANÃ
EU VOU PEDIR ÀS SANTAS ALMAS
PARA VIR ME AJUDAR

EU VI UM CLARÃO NAS MATAS
EU PENSAVA QUE ERA DIA

MAS ERA AS ALMAS (BIS)
MAS ERA AS ALMAS NO ROSÁRIO DE
MARIA

AS ALMAS QUE ANDAM PENANDO
DIA E NOITE, NOITE E DIA
FORAM PRESAS ACORRENTADAS
JESUS CRISTO FOI NO ROSÁRIO DE
MARIA

VAMOS BEBER ÁGUA
LÁ NO TANQUE NOVO
QUE O SENHOR DO BONFIM
É UM SANTO MILAGROSO

(P. 6)

LÁ NO CÉU ABRIU UMA PORTA
E UM POMBO BRANCO APARECEU
(BIS)
ERA PAPAÍ OXALÁ
QUE VEIO VER OS FILHOS SEUS (BIS)

Ó DEUS VOS SALVE ESTA CASA
SANTA
Ó SANTA Ó SANTA
AONDE DEUS FEZ SUA MORADA
MORADA, MORADA (BIS)
AONDE MORA O CÁLICE BENTO
E A HÓSTIA CONSAGRADA (BIS)

AI QUANTAS FORÇAS TEM MEU PAI
NO CÉU

AI QUANTAS BELEZAS TEM MEU PAI
NO MAR (BIS)

AI QUANTAS FORÇAS, QUANTAS
FORÇAS TEM MEU PAI

QUANTA BELEZA TEM MEU PAI
OXALÁ (BIS)

LOUVADO SEJA MEU SENHOR

MEU PAI AMADO (BIS)

É BABALAÔ

MEU SENHOR DO BONFIM (BIS)

(P. 7) **BABALORIXÁ-YALORIXÁ**

UMA ESTRELA CLAREOU GONGÁ
COROA BABÁ COROA (BIS)

COROA BABÁ COROA

UMA ESTRELA CLAREOU GONGÁ (
BIS)

SARAVÁ BABÁ,

BABÁ D'ORIXÁ (BIS)

OI...

BABÁ TUDO ISSO É SEU

PRÁ SALDAR¹⁴⁶ A COROA

QUE OXALÁ LHE DEU

PRA SALDAR A COROA

QUE OXALÁ LHE DEU

BABÁ TUDO ISSO É SEU (BIS)

AUÊ BABÁ AUÊ INA AUÊ ENE

É ORERÊ

AUÊ BABÁ AUÊ INA AUÊ ENE

É ORIXÁ (BIS)

ELE É BABÁ BABALORIXÁ

É FILHO DE ZAMBI DO PAI OXALÁ

LOUVADO SEJA ME¹⁴⁷ SENHOR

MEU PAI AMADO

(P. 8)

É BABALAÔ MEU SENHOR DO
BONFIM

OI ME SALVE A PEMBA

TAMBÉM SALVE A TOALHA (BIS)

SALVE A COROA

É DO PAI OXALÁ É MAIOR (BIS)

OBALUAIÊ BABALORIXÁ

COM SUA COROA GRANDE

QUEM LHE DEU FOI OXALÁ

SARAVÁ BABALAÔ QUE ELE

É CHEFE DO GONGÁ

Ó QUE LINDO POEMA

Ó QUE LINDO GONGÁ

O BABALAÔ O BABÁ IXÁ

AQUÍ EU TRAGO A MINHA MÃE
PEQUENA

E TAMBEM¹⁴⁸ TRAGO A MINHA BABÁ
EU TRAGO OS MEUS OGÃS

COROADOS

¹⁴⁶ Saudar

¹⁴⁷ meu

¹⁴⁸ Também

NA FÉ DE OGUM, NA FÉ D'OXALÁ
(BIS)

UMBANDA COM UMBANDA SE
COMBINA

E NOS¹⁴⁹ VIEMOS AQUI PRA
COMBINAR

EU TRAGO A MINHA MÃE PEQUENA
E TAMBEM¹⁵⁰ TRAGO A MINHA BABÁ
(BIS)

Ela é Babá

Baba de Iemanjá

(P.9) DEFUMAÇÃO

INHASÃ PEDIU LICENÇA A OXALÁ
PARA DEFUMAR OS FILHOS COM
GUINÉ(BIS)

COM ALECRIM E AS ERVAS DA
JUREMA

OXALÁ MANDOU DEFUMAR FILHOS
DE FÉ (BIS)

A UMBANDA CHEIROU ARRUDA

A UMBANDA CHEIROU GUINÉ

A UMBANDA CHEIROU ALFAZEMA

COM AS ERVAS DA JUREMA

A UMBANDA CHEIROU

A UMBANDA CHEIROU

Á DEFUMADOR (BIS)

CORRE GIRA MEU SÃO JORGE

CORRE GIRA SEM PARAR

A UMBANDA TEM FUNDAMENTO

OS FILHOS QUEREM DEFUMAR(BIS)

COM INCENSO E BOJOIM¹⁵¹ ALECRIM
E ALFAZEMA

DEFUMAR FILHOS DE FÉ

COM AS ERVAS DA JUREMA(BIS)

A UMBANDA CHEIRA A GUINÉ

COMO CHEIROU

A UMBANDA CHEIRA

NA SUA BANDA CHEIROU

Ô BAMBÊÁ CHEIROU GUINÉ

COMO CHEIRA

Ô BAMBÊÁ CHEIROU GUINE¹⁵²

EM SUA BANDA

(P. 10)

SEU OGUM DE RONDA

PEDE LICENÇA PRÁ DEFUMAR

SEU OGUM DE RONDA

PEDE LICENÇA PRA DEFUMAR(BIS)

SEU OGUM DE RONDA

VAI DEFUMAR

SEU OGUM DE RONDA

PEDE LICEÇA¹⁵³ PAI OXALÁ(BIS)

NOSSA SENHORA INCENSOU À JESUS
CRISTO

¹⁴⁹ Nós

¹⁵⁰ Também

¹⁵¹ Benjoim

¹⁵² Guiné

¹⁵³ Licença

JESUS CRISTO INCENSOU OS FILHOS
SEUS

MAS EU INCENSO EU INCENSO ESTA
CASA

NA FÉ DE OXOSSI INHASÃ¹⁵⁴ E
OXALÁ (BIS)

ESTOU INCENSANDO ESTOU
DEFUMANDO

A CASA DE BOM JESUS DA LAPA(BIS)

NOSSA SENHORA INCENSOU SEU
AMADO FILHO

PARA DELE TODO MAL RETIRAR
(BIS)

DAI-ME LICENÇA MINHA ALDEIA DE
CABOCLOS

PARA O MAL SAIR E O BEM ENTRAR
(BIS)

DEFUMA COM AS ERVAS DA
JUREMA

DEFUMA COM ARRUDA E GUINÉ

DEFUMA COM ALECRIM E

ALFAZEMA

DEFUMA PRA SALDAR ¹⁵⁵FILHOS DE
FÉ

DEFUMA.....

CORRE-CORRE PAI TOMÉ,

SUA BANDA COMO É? (BIS)

DEFUMAR ESTE TERREIRO

COM JESUS DE NAZARÉ!(BIS)

(P. 11)

DEFUMA NOSSA BANDA

DEFUMA NOSSO GONGÁ (BIS)

DEFUMA NOSSA BANDA PEQUENINA

DEFUMA JESUS CRISTO NO ALTAR
(BIS)

VAMOS DEFUMAR A UMBANDA

COM 9 ANJOS NO CÉU (BIS)

A UMBANDA CHEIRA ROSA

ROSA CHEIRA GUINÉ(BIS)

A UMBANDA CHEIROU

CHEIROU GUINÉ

A UMBANDA CHEIROU

CHEIROU GUINÉ

(P. 12)ANJO DA GUARDA

NÃO MEXAS COM COISAS
SAGRADAS

E NÃO SE INTROMETA NO QUE NÃO
CONHECES

ENTRANDO NO TEMPLO DE
UMBANDA

COM TODO RESPEITO FAÇA SUA
PRECE

CONCENTRE O SEU PENSAMENTO
NAS COISAS

DIVINAS EM FRENTE AO ALTAR

¹⁵⁴ Iansã

¹⁵⁵ Saudar

NÃO MEIXAS EM COISAS SAGRADAS
RESPEITA A UMBANDA DE PAI
OXALÁ
QUEM QUISEIR CHEGAR À ZAMBI
TEM QUE SER DE NOSSA UMBANDA
TRATA SEMPRE COM RESPEITO
TODO POVO DE ARUANDA
A MANSÃO DE DEUS É
GRANDE, PARA TODOS TEM LUGAR
NOSSAS PORTAS ESTÃO ABERTAS
PARA QUEM QUISEIR ENTRAR (BIS)

EU FUI A BAHIA E IMPOREI;
AO MEU SENHOR DO BOFIM¹⁵⁶
QUE ELE ME AJUDASSE A SEGUIR
NA UMBANDA MEU CAMINHO ATÉ O
FIM
MEU SENHOR DO BONFIM ME AJUDE
EU PRECISO DE PAZ E SAÚDE

EU SEMPRE TE AMEI
E SEMPRE EI DE TE ADORAR
UMBANDA QUERIDA
DONA DA TERRA E DO MAR(BIS)
A UMBANDA, UMBANDA AUÊ
A UMBANDA, UMBANDA AUÁ
NO TERREIRO DE UMBANDA
QUE EU APRENDI A AMAR
FOI NA UMBANDA AUÊ
FOI NA UMBANDA AUÁ
FOI NA UMBANDA
QUE EU APRENDI A AMAR (BIS)

¹⁵⁶ Bomfim

¹⁵⁷ Cinzendo

OI SARAVÁ, SARAVÁ, SARAVÁ
ESTE POVO DE UMBANDA,
QUE É FILHO DE FÉ NO GONGÁ
OI SARAVÁ, SARAVÁ, SARAVÁ
QUE ELE PAI DE CABEÇA E
NÃO DEIXA OS SEUS FILHOS
TOMBAR
Ó LUA, Ó LUA ILUMINA TERREIRO
QUE PAI DE CABEÇA CHEGOU
Ó LUA, Ó LUA, QUE JA DEU MEIA
NOITE
E O GALO CINZETO¹⁵⁷ CANTOU (BIS)

EU VOU PRO TERREIRO
EU VOU SARAVÁ
EU VOU BATER MINHA CABEÇA
NOS PÉS DE OXALÁ
EU VOU SARAVÁ OGUM
EU VOU VESTIR MEU PATUÁ
EU VOU PEDIR A PROTEÇÃO
AO MESTRE PAI OXALÁ
LEVAREI DOCES PRA IBEJADAS
PRA MINHA MÃE UMA FLOR
VINHO PARA O PRETO VELHO
CERVEJA PRO MEU PAI XANGÔ
MAI, EU VOU...

ROSA VERMELHA OFEREÇO A
OGUM
ROSA AMARELA INHASA¹⁵⁸ E OXUM

¹⁵⁸ Iansã

E A ROSA BRANCA OFEREÇO A
OXALÁ

EU OFEREÇO TAMBEM A MÃE
IEMANJA¹⁵⁹

QUANDO NESTA CASA ENTREI
EU LOUVEI MARIA
QUANDO NESTA CASA ENTREI,
EU ENCONTREI A LUZ DO DIA

Ó ZAMBI COM LICENÇA DE ZAMBI
ACREDITO E TENHO FÉ
QUE O NOSSO GRANDE ORIXALA
ELE E O REI DO TERREIRO
VAMOS TODOS SARAVÁ
SARAVÁ TODAS AS ENTIDADES

SARAVÁ TODOS OS TERREIROS
SARAVÁ TODO O POVO DE
UMBANDA
SARAVÁ TODOS OS CURIMBEIROS

(P. 13) INHASÃ

EU VI SANTA BÁBARA¹⁶⁰ NO CÉU
A TROVOADA RONCOU LÁ NO MAR
LINHA DE CONGO ERÊRERÊ
LINHA DE CONGO ERÊ Á

TROVEJOU RELAMPEOU EM ALTO
MAR

¹⁵⁹ Iemanjá

¹⁶⁰ Bárbara

SARAVÁ INHASÃ RAINHA DO
JACUTÁ

ELA VAI DANÇAR UM BALÉ
COM SEUS EGUNS CHICOTEAR (BIS)

UÊ DIM-DIM UÊ DIM-DÁ
OLHE A MATAMBA DE ARUÊ
OLHA A MATAMBA DE ARUÁ

ERA DUAS VENTAROLAS(BIS)
QUE VINHAM BEIRANDO MAR
UMA ERA INHASÃ-E PARRE
A OUTRA ERA IEMANJA-ODOIÁ

(P. 14)

SANTA GUERREIRA
QUE AO MEU LADO CAMINHA
COM SUA TAÇA DE OURO
E SUA ESPADA NA MÃO
ELA É PARA MIN¹⁶¹ TODA RIQUEZA
VENERO SUA BELEZA
TRAGO-A EM MEU CORAÇÃO
A SUA SAIA QUANDO RODA IRRADIA
É DEUSA DA VENTANIA
É A RAINHA DO TROVÃO
COM PAI XANGÔ
INHASÃ FEZ A MORADA
ELA RODA A SUA SAIA
QUANDO OGUM TOCA ALVORADA
Ê PARRÊ,Ê PARRÊ OIÁ
SARAVÁ MÃE INHASÃ

¹⁶¹ Mim

ELA É RAINHA E ORIXÁ

INHASÃ-INHASÃ

SEGURA SEU ARERÊ INHASÃ (BIS)

Ô INHASÃ - Ô INHASÃ

SEGURA SEU ARERÊ

VENTOU NAS MATAS

VENTOU NAS PEDREIRAS

QUE VENTO FORTE NA CACHOEIRA

NÃO É OXÓSSI, NÃO É XANGÔ

É A MÃE INHASÃ COM O SEU
PATAOTÔ (BIS)

DONA DOS VENTOS E DO TROVÃO

Ó MINHA MÃE QUERO SUA
PROTEÇÃO (BIS)

(P. 15)

INHASÃ O SEU MANTO ESTÁ TÃO
LINDO

INHASÃ A SENHORA ESTÁ
SORRINDO

.INHASÃ SEU GONGÁ É UMA BELEZA

INHASÃ A DEUSA DA NATUREZA

EU VOU LEVAR ROSA AMARELA

ENTRE AS ROSAS ÉS A MAIS BELA

AI AI ELA É DONA DO MUNDO

AI AI INHASÃ VENCEU A GUERRA

OLHA EMACUTÊ SINHÁ DONA

OLHA EMACUTÊ (BIS 0

OLHA EMACUTÊ ÉÉÉ

OLHA EMACUTÊ ÉÉÉ(BIS)

NO ARERÊ DE INHASÃ

O REI CONGO CHEGOU

NO ARERÊ DE INHASÃ

SEU PONTO AFIRMOU (BIS)

NA ARUANDA

O REI CONGO CHEGOU

VENCENDO DEMANDA

O SEU PONTO AFIRMOU (BIS)

OIÁ OIÁ OLHA Ê

OLHA MATAMBA DE

CACURUCAIA CINDÊ (BIS)

OIÁ

(P. 16)

O INHACINDA OLHA A SUA BANDA

O INHACINDA OLHA O SEU GONGÁ

ELA É NETA DA COBRA CORAL (BIS)

ELA É NETA DA COBRA CORAL Ê
PARRÊ

CINDA POPÔ SANTA BÁRBARA E Á
(BIS)

OLHA CINDA MAMÃE

CINDA ~~QUILOMBO~~ OBI OROBO

SANTA BÁRBARA EM SEU JACUTÁ
(BIS)

MINHA MÃE É RAINHA DE
UMBANDA

ELA É DONA DO SEU JACUTÁ

E PARRÊ PARRÊ PARRÊ

MINHA MÃE DE ARUANDA

SEGURA A BANDA QUE EU QUERO
VER

BRILHOU NO MEIO DO BAMBUZAL
UMA ESTRELA À ILUMINAR
MAS ERA ELA A MÃE INHASÃ
QUE CLAREAVA SEU OFERENDÁ
QUE CLAREAVA LUZES MULTI-
CÔRES
QUE SINHÁ TRAZIA IAIÁ
NO SEU ALGUIDAR
TEM ACARAJÉ Ô SINHÁ TEM TEM
TEM
TEM ACARAJÉ Ô SINHA TEM TEM
TEM
BRILHOU....

(P. 17)
OIÁ OLHA ÊU OIÁ
Ô EPARRÊ EPARRÊ INHASÃ
VIAJA NA PONTAS DO VENTOS
DO CORISCO E DO TROVÃO
SENHORA DA TEMPESTADE
ME DÊ SUA PROTEÇÃO (BIS)
OIÁ OLHA ÊU OIÁ
Ô EPARRÊ EPARRÊ INHASÃ
VENCEDORA DE DEMANDA
ELA É ORIXÁ GUERREIRA
NA COROA DE XANGÔ INNHASÃ É A
PRIMEIRA (BIS)

EU VINHA DESCENDO A SERRA

TROVOADA JÁ RONCOU (BIS)
E SALVE SANTA BÁRBARA
E MEU PAI XANGÔ (BIS)
INHASÃ MENINA DO CABELOS
LOIROS
AONDE É SUA MORADA
MORA NAMINA¹⁶² DE OURO

(P. 18)
ESTÁ VENTANDO NO MAR AXÉ
É AGÔÎÊ (BIS)
É, CANTO DE OSSÃE
É CANTO DE OIÁ
OIÁ É INHASÃ
QUE É FILHA DE YEMANJÁ (BIS)

SANTA BARBARA SANTA BAMBÊ
INHACINDA NÃO É MI ZAMBÊ
AUÊ AUÊ
INHACINDA NÃO É ZAMBÊ
NO CÉU A ESTRELA BRILHA
BRILHOU, BRILHOU TÃO LINDA
SARAVÁ, SARAVÁ INHASÃ
SARAVÁ XANGÔ E OXALÁ

OLHA A MATAMBA ÊPA DENDÊ
OLHA A MATAMBA ÊPA DENDÊ
INHASÃ OLHA A MATAMBA
ÊPA DENDÊ (BIS)
É UMA MULATA URUSSANGA
ÊPA DENDÊ
INHASÃ OLHE A MATAMBA

¹⁶² Na mina

ÊPA DENDÊ (BIS)
 CABLOCO¹⁶³ É DA MORUSSANGA
 ÊPA DENDÊ
 INHASÃ OLHA A MATAMBA
 ÊPA DENDÊ (BIS)

(P. 19)
 ELA É MATAMBA
 ELA É OIA ELA É INHASA
 DESTE JACUTÁ (BIS)
 ELA É MATAMBA
 DOS CABELOS LOIROS
 SENHORA DOS VENTOS
 E DA ESPADA DE OURO (BIS)

FOI NA MACUMBEBÊ
 MACUMBA GIRÁ OI
 CHAMEI A ROSA PRÁ SARAVÁ
 MACUMBEBÊ
 MACUMBA GIRÁ(BIS)

ERE RERÊ ERE RERÊ
 NA ARUANDA AUÊ (BIS)
 XAROKÊ NA ARUANDA AUÊ
 DOBALÉ NA ARUANDA AUÊ
 OIÁ NA ARUANDA AUÊ
 OBÁ NA ARUANDA AUÊ

INHASA TEM UM LEQUE QUE VENTA
 É PARA ABANAR DIA DE CALOR
 INHASÃ MORA NA PEDREIRA
 EU QUERO VER MEU PAI XANGÔ

Ó IBERÁ Ô IBERA É INHASA
 A RAINHA DO AR É INHASÃ (BIS)
 Ó IBERÁ É INHASÃ
 INHASÃ BERÊ INHASÃ BERÊ
 GIRA NO TEMPO RAINHA DOS
 VENTOS QUE EU QUERO VER
 É DE AREÁ OIÊ É DE ORERÊ
 GIRA NA GIRA QUE É NA FÉ
 DI MI ZAMBÊ (BIS)

Ô INHASÃ SENHORA DOS VENTOS
 Ô INHASÃ VEM NOS VALER
 DÁ PROTEÇÃO PRO SEUS FILHOS
 COM SUA ESPADA,VEM NOS
 PROTEGER
 A SUA COROA É DE OURO, INHASÃ
 VEM BRILHAR NESTE GONGÁ
 VEM SARAVÁ FILHO DE PEMBA
 E VIVA O NOSSO PAI OXALÁ, OIÁ

Ê PARRÊ Ô INHASÃ
 Ê PARRÊ Ô BELA OIÁ
 COM A SUA ESPADA DE OURO
 INHASÃ
 VENHA NOS AJUDAR
 A SUA ESPADA RISCA O ESPAÇO
 VEM LÁ DO MUNDO INHASÃ IATOPE
 EU LOUVO A SUA COROA DE INHASÃ
 E VIVA O SEU ARIAXÊ
 Ô EPA RRÊ

¹⁶³ Caboclo

Ô INHASÃ MINHA MÃE INHASÃ
 A SUA ESPADA DE OURO NO CÉU
 BRILHOU
 Ô INHASÃ INHASÃ MINHA MÃE
 OBRIGADO À SENHORA
 PORQUE A BONANZA¹⁶⁴ CHEGOU
 (BIS)

(P. 20)

MAS ELA É A SENHORA DOS VENTOS
 MAS ELA É A MAIS LINDA ORIXÁ
 MAS ELA VEIO ACALMAR AS
 TORMENTAS
 E QUEM MANDOU?
 FOI MEU PAI OXALÁ

QUE MOÇA RICA
 A SUA ESPADA ILUMINADA
 A SUA COROA É CRAVEJADA DE
 BRILHANTES (BIS)
 NA UMBANDA AUÊ
 NA UMBANDA AUA
 ELA E SANTA BARBARA
 RAINHA DO JACUTÁ(BIS)

(P. 21) **PONTOS DE SUBIDA DE
 INHASA**

O VENTO É QUEM TE TROUXE E
 E QUEM TE LEVA
 O VENTO É QUEM TEM TROUXE
 E É QUEM TE LEVA PARA O AR

AUÊ AUÊAUÊ
 AUÊ SEU TARIMA
 O VENTO É QUEM TE TROUXE
 E E QUEM TE LEVA
 PARA O AR

ABENÇÃO MINHA MÃE
 OLHA REZA POR NÓS NA ARUANDA
 LÁ VAI INHASÃ ARUANDA
 LÁ VAI INHASÃ SARAVANDO

LÁ VAI MAMÃE
 OLHA O VENTO QUE TE TROUXE
 OLHA O VENTO TE LEVA MAMÃE
 LÁ VAI MAMÃE
 OLHA O VENTO TE TROUXE
 E O VENTO TE LEVA PRO AR
 LÁ VAI MAMÃE

(P. 22)

OLHA A SAIA; BELE DELE
 COMO O VENTO LEVA PRO AR
 OLHA O VENTO BELÊ
 COMO O VENTO LEVA PRO AR

VENTO MAIS QUE VENTANIA(BIS)
 INHASÃ É NOSSA MÃE
 INHASÃ E NOSSA GUIA(BIS)

(P. 23) **PONTOS CANTADOS DE
 OXUM**

¹⁶⁴ Bonança

CAMINHADO PELAS MATAS
 REFLETIDA NA CASCATA
 VI UMA FLOR SE MIRAR (BIS)
 ERA DE GRANDE BELEZA
 POSSUIA TAL BELEZA(Pureza)
 PERFUMAVA TODO AR (BIS)
 FOI NESTE EXATO MOMENTO
 QUE COMO SONHO CONTEMPLA
 A OXUM A SE BANHAR (BIS)
 E FOI ENTÃO QUE EU PERCEBI
 QUE A LINDA FLOR QUE EU VI
 ERA DEUSA DOS ORIXÁS (BIS)
 AIÊIEU AIÊIEU
 FOI NA ÁGUA DA CASCATA
 QUE A OXUM APARECEU(BIS)

MAMÃE OXUM
 TRAZ PROTEÇÃO DE ZAMBI
 OLHAI SEUS FILHOS
 COM OLHAR SERENO
 ELA É TERNURA ELA É BELEZA
 ELA É QUEM TRAZ A PROTEÇÃO DE
 NAZARENO

(P. 24)
 EU VI A DEUSA DA CACHOEIRA
 A RAINHA DA BELEZA
 COM SEU LINDO MANTO AZUL
 SEU MANTO AZUL
 PARECIA O CÉU TODO ESTRELADO
 MAS ERA O MANTO SAGRADO

DE NOSSA MAMÃE OXUM
 EU JURO PENSEI QUE FOSSE
 MIRAGEM
 AO OLHAR AQUELA IMAGEM
 EU CHOREI DE EMOÇÃO
 E ELA ERA MINHA ESTRELA GUIA
 E ABENÇOAVA EU SORRIA
 EU BEIJAVA A SUA MÃO
 MAS EU VI...

SOBRE O CLARÃO
 ÁGUA DE CASCATA
 PARECE DE PRATA
 É LINDO VÉO¹⁶⁵
 QUE VEM DAS FONTES
 DA OXUM QUE VEM DO CÉU
 AIÊIEU MINHA MÃE DONA DO OURO
 AIÊIEU MINHA MÃE
 ÉS MEU TESOURO (BIS)

GORGEIA¹⁶⁶ Ô MINHA LINDA
 PASSARADA
 GORGEIA¹⁶⁷ NO REINO DE MINHA
 MÃE OXUM
 MEU DEUS DO CÉU O QUE SERÁ?
 QUE EU NÃO FICO SE A MINHA
 LINDA OXUM IAPONDÁ
 GORGEIA¹⁶⁸GORGEIA¹⁶⁹

(P. 25)
 OXUM MARÉ O MARIÁ (BIS)

¹⁶⁵ Véu

¹⁶⁶ Gorjeia

¹⁶⁷ Gorjeia

¹⁶⁸ Gorjeia

¹⁶⁹ Gorjeia

MAMÃE SEREIA CANTOU
 LÁ NO FUNDO DO MAR
 CHAMANDO OS FILHOS DE
 UMBANDA
 PARA ELA VIM SARAVÁ
 SALVE A MINHA MÃE OXUM
 PAPAI OGUM BEIRA-MAR
 SALVE O POVO DE ARUANDA
 RAINHA YEMANJÁ

OXUM-MARÉ MARIÔ
 OXUM-MARÉ MARIÔ-MÁ
 ESTAVA NAS ÁGUAS DE AMOR
 SENHORA DAS ONDAS DO MAR
 O MANTO AZUL ROLA NA AREIA
 QUANDO O CANTO DA SEREIA
 SÃO AO OLHOS DE IEMANJÁ
 ME DEIXA GUARDA O TESOURO
 DOS SETE CONTOS DE OURO
 SEREIA NO FUNDO DO MAR
 E VER O MAR COLORIDO
 E O SEU CANTO TÃO LINDO
 SEREIA NO FUNDO DO MAR
 OXUM MARÉ.....

OXUM-MARÊ OXUM-MARÊ
 OXUM- MARÊ CADÊ VOCÊ, CADÊ
 VOCÊ ?
 VOCÊ FOI PRÁ LONGE
 MAS OUÇO MAIS O SEU CANTAR
 É TRISTE A DOR DA SAUDADE
 O SEU PRANTO A ROLAR

FIZ PROMESSA PRA NANÁ
 FIZ PRECE PRÁ OXALÁ
 EU VOU PEDIR À INHASÃ
 (P. 26)
 PRÁ OUVIR O SEU CANTAR
 OXUM-MARÊ

SE VOCÊ QUIZER¹⁷⁰ AGRADAR
 A MINHA MÃE OXUM
 UM PENTE DE OURO
 UMA ÁGUA DE CHEIRO
 PRÁ MAMÃE OXUM
 PENTEAR SEUS CABELOS

AIÊIEU-AIÊIEU MAMÃE OXUM
 AIÊIEU-AIÊIEU-AIÊIEU MAMÃE
 OXUM
 AIÊIEU MAMÃE OXUM
 AEÊIEU OXUM MARÉ (BIS)

EU VI UM BRADO DE MAMÃE OXUM
 NO ALTO DA CACHOEIRA
 MAS ERA ELA NOSSA SENHORA
 ESPERANDO OGUM PARA JURAR
 BANDEIRA

EU VI MAMÃE OXUM CHORANDO
 E ENTÃO EU PERGUNTEI PORQUE?
 E ELA ME RESPONDEU
 SE ESTOU CHORANDO É
 POR CAUSA DE VOCÊ!
 SE ESTOU CHORANDO É

¹⁷⁰ Quiser

POR CAUSA DE VOCÊ!
SEM OS MEUS FILHOS
EU NÃO PODEREI VIVER (BIS)

(P. 27)
OXUM OXUM E OLHA Ê
OLHA OXUM MARIÔ
OLHA OXUM MARIÔ
ARÊ ARÊARÊ ARÔ
OXUM MARIÔ (BIS)

ALODÊ ALODÊ IALÔ(BIS)
ALODÊ IALÔ
MINHA MÃE ALODÊ (BIS)
ALODÊ IALÔ
AONDE MORA IÊCEU¹⁷¹(BIS)

MINHA MÃE É UMA FLOR
DO JARDIM DO SENHOR
ELA E UMA ROSA
UMA ROSA UM BOTÃO
ELA É TODA TERNURA
ELA E TODA BELEZA
ELA E TODO AMOR
ELA É SENHORA DA CONCEIÇÃO

Ô FLOR DE MAIO (BIS)
A MINHA MÃE
É UMA LINDA FLOR DE MAIO
ORA YÊIEU FLOR DE MAIO
DE MAIO (BIS)

MAMÃE OXUM É RAINHA
MAMÃE OXUM É SEREIA DO MAR
NA MÃO DIREITA ELA TRAZ UMA
GUIA
PRÁ NA UMBANDA OS SEU FILHOS
SARAVÁ

(P. 27)
SE A MINHA MÃE É OXUM
É NA UMBANDA E NO CANDOMBLÉ
AIÊIEU AIÊIEUAIÊIEU
AIÊIEU MINHA MÃE OXUM MARÊ
MAS ELA VEM BEIRANDO O RIO
COLHENDO O LÍRIO PARA NOS
OFERTAR
ORA AIÊIEU AIÊIEUAIÊIEU
MINHA MÃE OXUM MARÊ

SE MINHA MAE É OXUM
ORA AIÊIEU RAINHA DA CACHOEIRA
A DEUSA DA BELEZA
É MINHA MÃE OXUM
É ORIXÁ DA NATUREZA
E AI VEM MÃE OXUM PASSEANDO
PASSEANDO NO CLARÃO DA LUA
MAS COMO É LINDA
AI COMO É LINDA
MAMÃE OXUM PASSEANDO
NO CLARÃO DA LUA
ORA IÊIEU

O PINGO DESCEU DO TRONCO

¹⁷¹ Yeieu

ESCREVEU NUMA ROSEIRA
 O NOME DE SUA AMADA
 RAINHA DA CACHOEIRA
 É É É RAINHA DA CACHOEIRA
 É É É RAINHA DA CACHOEIRA
 SEU NOME É PRIMAVERA
 NA SEGUNDA E NA TERCEIRA
 LOUVADO SEJA SEU NOME
 RAINHA DA CACHOEIRA
 É É É RAINHA DA CACHOEIRA

(P. 28)

FOI NA BEIRA DO RIO
 AONDE OXUM CHOROU
 CHORA AIEIEU
 CHORA OS FILHOS SEUS

EU VI MAMÃE OXUM
 NA CACHOEIRA
 SENTADA NA BEIRA DO RIO
 COLHENDO LÍRIO LÍRIO Ê
 COLHENDO LÍRIO LÍRIO Á
 COLHENDO LÍRIO PRÁ
 ENFEITAR NOSSO GONGÁ

AS ÁGUAS ROLAM DOS ROCHEDOS
 ATRAVÉS DAS FONTES AONDE
 OS CABLOCOS¹⁷² VÃO BEBER
 AONDE OXUM CHOROU CHOROU
 CHOROU PRÁ SEUS FILHOS
 PROTEGER
 AS ÁGUAS VEM DAS CACHOEIRAS

E DEPOIS ROLAM NO MAR
 ROLAM NO MAR
 SALVE A SENHORA DAS ÁGUAS
 ORA IÊIEU-ORA IÊIEU
 MINHA MÃE OXUM VAMOS SARAVÁ
 SARAVÁ E VAMOS SARAVÁ
 SALVE OXUM BERÊ E ABALÔ
 E APARÁ

(P. 29)

NO CÉU A ESTRELA VEM
 BRILHANDO
 NAS ÁGUAS DO AMOR REFLETINDO
 AIÊIEU OXUM DE ALEGRIA
 ESTOU SORRINDO (BIS)
 TAMBÉM NA CACHOEIRA
 TEM A FORÇA DA OXUM
 OXUM É MINHA MÃE
 E O MEU PAI É OGUM AIÊIEU

MEU DEUS MAS QUE LUZ
 É AQUELA?
 QUE VEM LÁ DO ALTO
 DA PEDREIRA?
 É A ESTRELA DA MAMÃE OXUM
 ILUMINANDO TODA A CACHOEIRA
 AI MEU DEUS

MAMÃE OLHA A SUA CACHOEIRA
 QUE VEM DESCENDO LÁ DO ALTO
 DA PEDREIRA

¹⁷² Caboclos

MAS COMO É LINDA A CACHOEIRA
DE OXUM
QUE ESTÁ GUARDADA POR
SOLDADOS DE OGUM

Ó DEUS ILUMINAI ESTE MUNDO
Ó DEUS ILUMINAI ESTE GONGÁ
E A OXUM
ACENDEI SEUS CANDIEIROS
ILUMINAI ESTE TERREIRO
PRÁ SEUS FILHOS TRABALHAR

(P. 30)

MAMÃE OXUM CHEGOU
NA GIRA DOS ORIXÁS
E TRAZ NAS ÁGUAS DOS RIOS
SUA MENSAGEM DE PAZ
MAMÃE OXUM VALEI-ME
MAMÃE OXUM OLHAI OS
SEUS FILHOS NA GIRA
OI GIRA GIRA GIRA
OI GIRA TORNA GIRA
PRÁ SALDAR FILHOS DE PEMBA
NA GIRA DOS ORIXÁS

ELE É ONDINA RAINHA DAS ÁGUAS
ELA É ONDINA ELA É NOSSA MÃE
IALODÊ NA CÔROA DE OXUM
IAIÊIEU-AIÊIEU OXUM ORÊ-WA
ORAIÊIEU ADÊ ONI DI BABÁ

NO ALTO DA CACHOEIRA
TEM UM LINDO JACUTÁ
TEM UM BANQUINHO DE OURO

AONDE A OXUM VAI SE SENTAR
AIÊIEU MAMÃE OXUM
AIÊIEU OXUM-MARÉ

(P. 31) **PONTOS DE SUBIDA DE OXUM**

OLÁ OXUM
OLHA A BANDA DA SENHORA
OLÁ OXUM
AIÊIEU JÁ VAI EMBORA
AIÊIEU JÁ VAI EMBORA
QUE ESTÁ NA HORA

ABENÇÃO MINHA MÃE
OLHA REZA POR NÓS NA ARUANDA
LÁ VAI OXUM NA ARUANDA
LÁ VAI OXUM SARAVANDO

AIÊIEU VAI EMBORA(BIS)
VAI EMBORA PRÁ ARUANDA
AIÊIEU VAI EMBORA

MAMÃE OXUM JÁ VAI
ELE VAI EMBORA
ELA VAI NA CORRENTE DOS ANJOS
E O ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA

(P. 32)

É NOSSA MÃE YÊMANJÁ
EU TENHO MUITA FÉ EM BOIADEIRO
ELE ESTÁ COMIGO EM TODO LUGAR
OXOSSI É OXOSSI É O REI DA MATA
ELA É MÃE D'ÁGUA E GOSTA MUITO
DE AJUDAR

EWÊ É JANAINA
É JANAINA É NOSSA MÃE IÊMANJÁ
OXALÁ....

IÊMANJÁ ELA É RAINHA DO MAR
E O POVO D'ÁGUA É LINHA DE
FORÇA MAIOR
AFIRMA PONTO MAMÃE
AFIRMA PONTO MAMÃE
QUE NO FUNDO DO MAR
É ORIXÁ É ORIXÁ
EU VI MAMAE SEREIA
SENTADA À BEIRA-MAR
PEDIMOS PRÁ SEUS FILHOS
ABENÇÃO DE OXALÁ
NO MAR TEM SEGREDOS
QUE EU NÃO POSSO REVELAR
TEM PEIXINHO TEM AREIA
MÃE OXUM E MÃE SEREIA
TEM MAMÃE YÊMANJA
ELA É RAINHA DO MAR (BIS)

UM PESCADOR AO FAZER
SUAS PRECES NA BEIRA DA PRAIA
DIZIA
A MESMA ORAÇÃO DE TODO DIA
AI NÃO ME LEVE SEREIA
COM SEUS ENCANTOS SEREIA
CANTO DE TODOS SEREIA
PARA O FUNDO DO MAR

(P. 33)

SALVE ELA QUE É RAINHA DAS
ÁGUAS
FLORÊS BRANCAS E CRINALDAS
¹⁷³SÃO

PARA LHE OFERTAR
A QUEM TODOS PEDEM PROTEÇÃO
PONTO DE NAVEGAÇÃO
E VIAJEM EM ALTO MAR
A IMENSIDÃO DAS ÁGUAS DE
IEMANJÁ
AIE AIÊMANJÁ¹⁷⁴
ELA RAINHA DAS AGUAS
QUE OS FILHOS
VEM HOMENAGEAR
É FESTA É FESTA
É FESTA DE IÊMANJÁ (BIS)

É DO MAR É DO MAR
E DO MAR A MAMÃE SEREIA
MAMÃE AFIRMA PONTO NA ÁGUAS
MAMÃE AFIRMA PONTO NA AREIA
QUANDO CHEGA O ANO NOVO
EM LOUVOR A YÊMANJÁ
VAMOS TODOS NA PRAIA
LEVAR AS FLÔRES NO MAR

BOTEI O MEU BARCO N'ÁGUA
PARA PODER NAVEGAR
EU PEÇO LICENÇA PRIMEIRO
A NOSSA MÃE YÊMANJÁ
Ô YÊMANJA O YÊMANJÁ
QUEM MANDA NO FUNDO DO MAR

¹⁷³ Grinaldas

¹⁷⁴ Iemanjá

É YÊMANJÁ (BIS)

(P.34)

RETIRA A JANGADA DO MAR
 E MÃE D'AGUA MANDOU AVISAR
 QUE HOJE NÃO PODE PESCAR
 QUE HOJE TEM FESTA NO MAR
 ORÊ RERÊ RERÊ RERÁ
 ELA É ELA É A RAINHA DO MAR
 TRAZ PENTE TRAZ ESPELHO Ô Ô
 PRÁ ELA SE ENFEITAR Ô O Ô
 TRAZ FLORES TRAZ PERFUME
 É ENFEITA TODO MAR(BIS)

MAMÃE MANDOU QUE EU FOSSE
 NA BEIRA DA PRAIA REZAR
 MAMÃE MANDOU E EU FAÇO O
 QUE MAMÃE MANDAR (BIS)
 A REZA É BOA NA BEIRA DO MAR
 (BIS)
 MAMÃE MANDOU E EU FAÇO O
 QUE MAMÃE MANDAR

NO AZUL DO MAR
 CHAMAREI À YÊMANJÁ
 LÁ NO ALTO MAR
 CHAMAREI À YÊMANJÁ
 OLHAI MÃE SANTA
 SEU PRANTO DE DOR
 CANTO EM TEU LOUVOR
 YÊMANJÁ ESCUTAI Ô Ô Ô

Ô SANTA DO AZUL

(P. 35)

A SANTA DO MAR
 VEM VER SEUS FILHOS YÊMANJA
 ADO ADOADO ODOÍÁ
 DOIÁ DOIÁ
 YEMANJA SAI DO MAR
 E VENHA VER A SUA YAO
 O SANTO DO AZUL...

PESCADOR PEGOU VELEIRO E FOI
 FOI PESCAR NO REINO DE YÊMANJÁ
 VELEIRO VOLTOU SOZINHO
 SEREIA DO MAR LEVOU
 MAS COMO É BELO VIVER NO MAR
 NO REINO DE YEMANJÁ

(P. 36) **PONTOS CANTADOS DE YÊMANJA**

QUANTA POESIA ENCERRA
 TODA BELEZA DA TERRA
 CRIADA POR OXALÁ
 AS ÁGUAS DA CACHOEIRA
 ROLANDO PELA PEDREIRA
 E O CANTO DO SABIÁ
 O SOLO UMEDECIDO
 FORMA UM CAMINHO FLORIDO
 PERFUMANDO TODO AR
 E AS FLÔRES FICAM LASTRANDO
 VÃO UM TAPETE FORMANDO
 PRÁ JANAINA PASSAR
 Ô JANAINA NO MAR ELA MORA
 ELA É A LUA, É O SOL
 É O DESPERTAR DA AURORA
 COMO XANGÔ ELA E JUSTICEIRA

COMO INHASÃ É GUERREIRA
É MÃE OXUM QUANDO CHORA

YÊMANJÁ TÁ LAVANDO TÁ TÁ
TÁ NO BANCO DE AREIA TÁ TÁ
SALVE A SEREIA SALVE YÊMANJÁ
SALVE OS CABLOCOS¹⁷⁵ NA BEIRA
DO MAR

OXALÁ MEU PAI ME DA LICENÇA
EU VOU LEVAR ESTE PRESENTE À
YÊMANJÁ
ELA ADORA VER O MAR TODO
FLORIDO
ELA É MÃE D'ÁGUA GOSTA MUITO
DE AJUDAR EWÊ
É JANAINA É JANAINA

(P.37)

EU VOU JOGAR EU VOU JOGAR
FLORES NO MAR PRA YÊMANJÁ
FOI UMA PROMESSA QUE EU FIZ
PARA A DEUSA DO MAR
QUE MEU PEDIDO ATENDEU
O QUE EU PROMETI VOU PAGAR

(P. 38)

FOI NA AREIA FOI NA AREIA
EU FIZ UM PEDIDO A MAMAE SEREIA
À YÊMANJÁ PARA NUNCA MAIS
PENAR
FOI NA AREIA FOI UMA NOITE

¹⁷⁵ Caboclos

NA AREIA BRANCA DO MAR
A LUA BRANCA NO CÉU
ILUMINOU O SEU DIVINO MAR
SEREIA A RAINHA DO MAR SEREIRA
¹⁷⁶(BIS)

YÊMANJÁ-YEMANJÁ
E UMA LINDA SEREIA
QUE BRINCA NA AREIA
E NAS ONDAS DO MAR (BIS)
TODO FIM DE ANO
LEVO FLORES PARA O MAR
PARA RAINHA DO MARWÊ
PARA RAINHA DO MAR EWÊ

DIA 2 DE FEVEREIRO
É DIA DE FESTA NO MAR
EU QUERO SER O PRIMEIRO
Á SALDAR À YÊMANJÁ!
E O PEDIDO QUE EU FIZ À ELA?
ELA ENTÃO ME RESPONDEU
SE TIVER PACIÊNCIA DE ESPERAR
CHEGOU CHEGOU CHEGOU
E AFINAL O DIA DELA CHEGOU

YÊMANJÁ SOBÁ CINDA MIREWIÊO
CINDA MIREIÊU YÊMANJÁ

(P. 39)

CINDA MIREIÊU (BIS)

YÊMANJÁ Ô LINDA CINDÁ
CINDÁ CINDÁ ORERÊ

¹⁷⁶ Sereia

CINDA SEREIA ÉS A RAINHA
DO MAR

SE MINHA MÃE É SEREIA
ES A RAINHA DO MAR
YÊMANJÁ COROOU

EU FUI LÁ NA BEIRA DA PRAIA
PRÁ VER O BALANÇO DO MAR
EU VI UM RETRATO NA AREIA
ME LEMBREI DA SEREIA
COMECEI A CHAMAR
VEM JANAINA VEM VEM
VEM JANAINA VEM CÁ
VEM RECEBER SUAS FLORES
QUE EU VIM LHE OFERTAR

EU VI MINHA MÃE SEREIA
LAVANDO OS SEUS CABELOS NO
MAR
SEREIA Ô ÔÔ SEREIA
SEREIA É NOSSA MÃE YÊMANJÁ

TARIMÁ, TARIMÁ, TARIMA
TARIMA TÁ NO FUNDO DO MAR
Ô GENTE CADÊ A SEREIA?
A SEREIA TÁ NO FUNDO DO MAR

(P. 40)
AS ONDAS DO MAR ROLOU (BIS)
SARAVÁ, A RAINHA DO MAR (BIS)
SARAVÁ A RAINHA DO MAR (BIS)
NOSSA MÃE YÊMANJÁ

A MAROLA DO MAR ROLOU

BRILHOU BRILHOU BRILHOU
BRILHOU NO MAR NO MANTO
DA NOSSA MÃE YÊMANJÁ
BRILHOU BRILHOU NO MAR
E AGORA VAI BRILHAR NESTE
GONGÁ!

SEREIA SEREIA
OLHE COMO A SEREIA NADA NO
MAR(BIS)
OLHA COMO A SEREIA NADA NO
MAR
ELA É DONA DO SEU JACUTÁ

ERA NOITE DE LUA CHEIA
EU SENTADO NA AREIA
QUANDO EU VI MAMÃE
SARAVÁ MAMÃE OXUM
MONTADO EM SEU CAVALO
OGUNHÊ MEU PAI OGUM
EU SARAVEI MAMÃE YÊMANJÁ
SALUBA NANÃ BOROKÊ¹⁷⁷
ODOCIABA RAINHA DO MAR

(P. 41)
SONHEI QUE ESTAVA NA BEIRA DA
PRAIA
AO VER AS ONDAS DO MAR
NO CÉU TINHA MUITAS ESTRELAS
E A LUA ESTAVA À BRILHAR

¹⁷⁷ Buruquê

PERDIDO NO MUNDO EU ESTAVA
SEM TER AONDE FICAR
DEREPENTE¹⁷⁸ UMA VOS¹⁷⁹ ME
FALOU
BEM BAIXINHO
TENHA FÉ EM OXALÁ (BIS)
MAS ERA ELA NAS ONDAS DO MAR
QUE COISA MAIS LINDA
MAMÃE YÊMANJÁ,
MAS ERA ELA NAS ONDAS DO MAR
ESTENDENDO SUA MÃO
PARA NOS ABENÇOAR,
EU SONHEI.....

**(P. 42) PONTOS DE SUBIDA DE
YÊMANJÁ**

SÓ CORRE-GIRA QUEM SABE GIRAR
ELA VAI CORRENDO GIRA
E NAS ONDAS DO MAR (BIS)

A SUA PRAIA É DE ÁGUA SALGADA
MINHA MÃE YEMANJÁ
LEVAI TODA A MALDADE

MARIA MADALENA
NÃO DEIXAI NINGUÉM CHORAR
VAI PASSANDO VAI LEVANDO
TUDO PRÁ AS ONDAS DO MAR

O DIA AMANHECEU LÁ NA
CALUNGA

¹⁷⁸ De repente

¹⁷⁹ voz

MAMÃE TÁ ME CHAMANDO
E LÁ VOU EU
ORA VIVA ZAMBI
ORA VIVA ZAMBI
QUANTO MIRONGA QUE TEM
NO FUNDO DO MAR (BIS)

OLHA A SAIA DELA OLELÊ
COMO O VENTO LEVA PRO MAR
OLHA O VENTO OLELÊ
COMO O VENTO LEVA PRO MAR

**(P. 43) PONTOS CANTADOS DE
OGUM**

O CAVALEIRO QUE BATEU
NA MINHA PORTA
PASSAREI A MÃO NA PEMBA
PRA VER QUEM É
MAS ELE É SÃO JORGE GUEREIRO
¹⁸⁰VIAJANTE

CAVALEIRO DA FORÇA E DA FÉ

Ó QUE NOITE TÃO BONITA
Ó QUE CÉU TÃO ESTRELADO
CARUAGEM TÃO BONITA(BIS)
QUE OGUM GANHOU

SÃO JORGE É A MAIOR DA ESPADA
ESTÁ DE RONDA COM SUA
CAVALARIA
SÃO JORGE É O MAIOR

¹⁸⁰ Guerreiro

E A ESTRELA DALVA É A SUA GUIA
A ESPADA QUE SEU OGUM
GUERRIOU¹⁸¹

A ESPADA QUE SEU OGUM JÁ LUTOU
QUE ELE GUERRIOU¹⁸² E TORNAR
GUERRIAR¹⁸³

SALVE OGUM MEGÊ E SALVE OGUM
BEIRA-MAR

SÃO JORGE É GUERREIRO

E ELE SABE GUERREIAR¹⁸⁴

E ELE TEM PEITO DE AÇO

(P.44)

QUE É FORRADO DE METAL

PISA LINHA DE UMBANDA

QUE EU QUERO VER

OGUM SETE ONDAS

PISA NA LINHA DE UMBANDA

QUE EU QUERO VER

OGUM BEIRA-MAR

PISA NA LINHA DE UMBANDA

QUE EU QUERO VER

SEU SETE ONDAS E

OGUM MEGÊ OLHA BANDA ÁUÊ

PISA NA UMBANDA Ô CANJIRA (BIS)

PISA NA UMBANDA QUE OGUM

É CANJIRA DE UMBANDA Ô CANJIRA

SEU OGUM BEIRA-MAR

O QUE TROUXE DO MAR

ELE VEM DO MAR

TRAZENDO AREIA

NA MÃO DIREITA

ELE TRAZ UMA GUIA

DA MAMAE SEREIA

OGUM CALOFÉ OGUM BEIRA-MAR

BEIRA-MAR BEIRA-MAR

E SENTINELA DA OXUM

É REMADOR DE YÊMANJÁ

MAS OGUM PARTIU PRA GUERRA

ELE MANDOU ORAR

ORAR ORAR-ORAR ORAR

OGUM MEGÊ (BIS)

(P. 45)

OGUM DILÊ LELÊ

OGUM DILÁ LALÁ

OGUM DILÊ VEM SARAVÁ

QUEM ESTÁ DE RONDA É SÃO JORGE

DEIXA SÃO JORGE RONDAR

É SÃO GUERREIRO

QUEM MANDA NA TERRA

QUEM MANDA NO MAR

SARAVÁ MEU PAI (BIS)

OI GIRA E BOM E BOM

GIRAR É BOM

É BOM GIRAR(BIS)

¹⁸¹ Guerreou

¹⁸² Guerreou

¹⁸³ Guerrear

¹⁸⁴ Guerrear

OGUM ESTRELA OGUM D'YALORIXÁ
(BIS)

MEU CAMINHO ESTAVA TRANCADO
PAI OGUN, QUE DESTRANCOU

SARAVÁ OGUM ESTRELA
SARAVÁ MEU PAI XANGÔ

SEU GENERAL OGUM (BIS)
ELE FOI PRAÇA DE CAVALARIA
ELE TINHA SETE ESPADAS
QUE NOS DENFEDIA¹⁸⁵
EU QUERO OGUM
EM MINHA COMPANHIA

EU TENHO SETE ESPADAS
QUE ME ACOMPANHAM
E EU QUERO OGUM
EM MINHA COMPANHIA
SEU OGUM É MEU PAI
SEU OGUM É MEU GUIA

(P. 46)
SEU OGUM VAI CHEGAR
VENHA COM DEUS E A VIRGEM
MARIA
BATE O GONGO BATE O GONGUÊ
(BIS)

TÁ NO TERREIRO DO ACARAJÉ
BATE O GONGO BATE O GONGUÊ
(BIS)

OGUM DILÈ E REI
OGUM DILÈ ORIXÁ (BIS)

TÁ NO TERREIRO DO ACARAJÉ (BIS)
ARUANDA-ARUANDA
SARAVÁ-SARAVÁ

QUANDO OS CLARINS TOCARÃO
NA ALVORADA DE UM NOVO DIA
PESCADOR VELHO CONTAVA
QUE O SOLDADO DO CÉU DESCIA
QUE REMAVA PELO MAR
QUE MARCHAVA SOBE¹⁸⁶ A AREIA
QUE TRAZIA UM BARCO LINDO
CONDUZINDO UMA SEREIA
E EM TODA PRAIA CORRIA
PRESTANDO O SERVIÇO COM SUA
MAGIA

INIMIGO ELE DERROTAVA
E A DEMANDA ELE VENCIA
ELE ERE SEU OGUM O GUERREIRO
DE HUMAITÁ

SENTINELA DA OXUM
E REMADOR DA YÊMANJÁ
E A LUA LÁ NO MAR

O SEU CORPO REFLETIA
SUA LANÇA SUA CAPA
SUA ESPADA RELUZIA
BEIRA-MAR BEIRA-MAR
SEU BEIRA-MAR

QUEM ESTÁ DE RONDA
É MILITAR(BIS)

SÃO JORGE É QUEM ESTÁ DE RONDA
SÃO JORGE É QUEM VEM RONDAR

¹⁸⁵ Defendia

¹⁸⁶ Sobre

(P. 47)

ABRE O TERREIRO MEU PAI
PARA A FALANGE QUE SÃO JORGE
TRAZ

EU VI ESTRELA NO CÉU
EU VI ESTRELA BRILHAR
EU VI SEU ROMPE MATO
OGUM DA MATAS
TÁ MORANDO À BEIRA-MAR

NA LUA NOVA ELE DEU SEU PONTO
NA LUA CEIA ELE CONFIRMOU
SÃO SETE ESTRELAS
SÃO SETE LUAS
SARAVÁ OGUM SARAVÁ
MEU PAI XANGÔ

OGUM MARINHO CORRE ÁGUA NO
ROCHEDO
AUÊ AUÊ CORRE ÁGUA
NO ROCHEDO
OGUM DA LUA.
OGUM DAS ONDAS....
CORRE ÁGUAS NO ROCHEDO...

OGUM DAS ONDAS OLHA
SEU FILHO ARARIBÓIA
OGUM ARARIBOIA
OGUM ARARIBÓIA (BIS)
OGUM MARINHO.
OGUM YARA.
OGUM ARARIBÓIA (BIS)

(P. 48)

NUMA ALVORADA
UM CAVALEIRO SURGIU
COM SEU ESCUDO E SUA LANÇA À
BRILHAR

SEU CAPACETE RELUZIA EM PLENO
CÉU
ELE ERA OGUM ELE É SEU BEIRA-
MAR
SALVE MEU PAI OGUM OGUM
ELE VEM SARAVÁ,ELE VENCE
DEMANDA
SALVE OGUM BEIRA-MAR

SALVE OGUM MEGÊ
OGUM ROMPE MATO
OGUM BEIRA-MAR
ELE TRABALHA NA AREIA MEU PAI
ELE TRABALHA NO MAR AUÊ
ELE TRABALHA NA AREIA MEU PAI
SALVE O POVO DO MAR

O SEU CAVALO CORRE
E A SUA ESPADA RELUZ
OGUM DO ORIENTE
SUA BANDEIRA COBRE
OS FILHOS DE JESUS

OGUM DI LEI É NA TATARANGOLÊ
(BIS)
SEU OGUM DILEI É NA
TATARANGOLÊ (BIS)

OGUM MEGE

GENERAL DE UMBANDA
 COM SUA ESPADA
 SEU OGUM FOI A OXALÁ
 COM SUA ESPADA
 COM SUA LANÇA

(P. 49)

VENCEU DEMANDA
 NOS CAMPOS DE HUMAITÁ
 OGUM MEGÉ...

OGUM DE LEI MEU PAI
 ESTOU LHE CHAMANDO
 OGUM DILEI MEU PAI
 ESTOU LHE ESPERANDO
 COM SUA ESPADA E SUA LANÇA NA
 MÃO

OGUM DILEI É VENCEDOR DE
 DEMANDA

OGUM DE LEI NÃO ME DEIXA
 SOFRER TANTO ASSIM
 QUANDO EU MORRER
 VOU PASSAR LÁ NA ARUANDA
 SARAVÁ OGUM
 SARAVÁ SEU SETE ONDAS

OGUM MEU GUERREIRO DE
 UMBANDA
 CAVALEIRO SUPREMO
 VENCEDOR DE DEMANDA
 E ORDENANÇA DE PAI OXALÁ
 E REMADOR DE YEMANJÁ

SENHOR DA LUA
 ILUMINA MEUS CAMINHOS
 TOMA CONTA DA MINHA VIDA
 E ME LIVRE DOS PERIGOS

CAVALEIRO SUPREMO
 MAORA DENTRO DA LUA
 A SUA BANDEIRA DIVINA
 É UM MANTO DE CURA

(P. 50)

SÃO JORGE E GUERREIRO¹⁸⁷
 ELE SABE GUERRIAR¹⁸⁸
 ELE TEM PEITO DE AÇO
 QUE É FORRADO DE METAL

A SUA ESPADA BRILHA NO RAIAR
 DO DIA
 SEU BEIRA-MAR É FILHO DA VIRGEM
 MARIA
 SEU BEIRA-MAR É FILHO DA MAMÃE
 SEREIA

ESTAVA NA BEIRA DA PRAIA
 QUANDO EU VI SETE ONDAS PASSAR
 ABRE A PORTA Ó GENTE
 QUE AÍ VEM OGUM
 COM SEU CAVALO BRANCO
 ELE VEM GIRAR

NAQUELA NUVEM BRANCA
 VEM UM CAVALEIRO

¹⁸⁷ Guerreiro

¹⁸⁸ Guerrear

COM SEU CAVALO BRANCO
 VEM DESCENDO A SERRA
 VEIO NAS ONDAS DO MAR
 E VEIO NO CLARÃO DAS LUA
 AUÊ SALVE OGUM MEGÊ
 OGUM DILÊ SALVE OGUM
 ROMPI MATO OGUM
 MATINADA AUÊ

QUE CAVALEIRO É AQUELE
 QUE VEM CAVALGANDO
 PELO CÉU AZUL
 E SEU OGUM ROMPE-MATO
 DEFENSOR DO CRUZEIRO DO SUL
 ÊÊÊ-ÊÊÁ
 (P.51)

PISA NA UMBANDA Ô CANJIRA
 PISA NO GONGÁ

PONTOS DE SUBIDA DE OGUM

VAI OGUM VAI PASSEAR (BIS)
 NUMA NOITE TÃO BONITA
 NUMA NOITE DE LUAR
 NUMA NOITE TÃO BONITA
 SEU OGUM VAI PASSEAR (BIS)

SEU ORDENANÇA MANDOU AVISAR
 QUE SEU CAVALO ESTÁ CELADO
 PRONTO PARA VIAJAR
 E COMO É LINDO O CLARÃO DA
 AURORA
 PAI OGUM VAI CAVALGANDO
 PELA ESTRADA AFORA

O BAMBE-A CELA SEU CAVALO
 BAMBE-A SEU OGUM VAI EMBORA
 VAI GIRAR

CELEI CELEI SEU CAVALO EU CELEI
 PAPAI OGUM JÁ VAI EMBORA
 SEU CAVALO CELEI

(P. 52)
 OGUM JA ME ADOROU
 OGUM JA ME SARAVOU
 FILHOS DE PEMBA PORQUE TANTO
 CHORA
 E SEU OGUM DA FALANGE
 QUE JÁ VAI EMBORA

A SUA ESPADA
 E O SEU CAPACETE
 SEU CAMBONE JÁ GUARDOU
 SARAVÁ OGUM MEGÊ
 NAZARÉ VENTO LEVOU
 SARAVÁ MEU PAI OGUM
 NA MARÉ VENTO LEVOU

ADEUS MI ZI FILHO ADEUS'
 SEGURA A CANGIRA E O JACUTÁ
 ADEUS SEU OGUM VAI ALÓ
 SEGURA A CANGIRA E O JACUTÁ
 ADEUS NÃO PERCA A FÉ
 SEGURA A CANGIRA E O JACUTÁ
 ELE VAI E TORNA À VOLTAR
 SEGURA A CANGIRA E O JACUTÁ

SEU OGUM VAI VAIVAI
 DEIXAR SAUDADE
 SEU OGUM VAI VAIVAI
 PRÁ SUA CIDADE
 SEU OGUM VAI
 QUE SUA BANDA LHE CHAMA
 SEU OGUM VAI
 DESCOBRIR SE TEM MIRONGA

(P. 53) **PONTOS CANTADOS DE CABOCLOS**

SEU TUPINIQUIM QUANDO VEM DA
 ALDEIA
 ELE TRAZ NA CINTA UMA COBRA
 CORAL
 MAS ERA UMA COBRA-CORAL
 MAS ERA UMA COBRA-CORAL (BIS)

AI QUANTO TEMPO QUE NÃO VIA
 SEU TUPINIQUIM EM SUA BANDA
 GRAÇAS À DEUS GRAÇAS À DEUS
 SEU TUPINIQUIM EM SUA BANDA
 TUPINIQUIM É BAMBÁ NA MACAIA
 ELE É CABOCLO EM QUALQUER
 LUGAR
 SÓ NÃO ME APANHE A FOLHA DA
 JUREMA
 SEM ORDEM SUPREMA DO PAI
 OXALÁ

CANIDÉ CANIDÉ

CABOCLO DA MATA É BUGRE
 CANIDÉ CANIDÉ
 COMEDOR DE CARNE CRUA

SARAVÁ SEU TUPINIQUIM
 COMEDOR DE CARNE CRUA
 VINDO DA GRANDE MACAIA
 SARAVÁ O SOL E A LUA
 NA ARUANDA NA ARUANDA
 NA ARUANDA MIRONGUÊ
 CORRE-GIRA TUPINIQUIM
 CORRE-GIRA OGUM-MEGÊ

SEU TUPINIQUIM VEM DESCENDO
 DA ARUANDA
 TRAZENDO PEMBA PRA SALDAR¹⁸⁹
 FILHO DE UMBANDA
 SE ELE É CABOCLO ELE É
 FLECHEIRO E ATIRADOR
 NA ARUANDA SEU TUPINIQUIM
 É VENCEDOR

(P. 54)

ELE É CABOCLO
 ELE NÃO PODE NEGAR
 ELE TEM SEU CAPACETE
 QUEM LHE DEU FOI OXALÁ
 QUÊ QUÊ MEU PAI EU QUERO VER
 SE MEU PAI OXOSSI
 OGUM DE ARUÊ AUÊ

NA MATA QUE MACUCO ENTRA

¹⁸⁹ Soudar

INHAMBU NÃO PIA
 ELE É CABOCLO ELE É FLECHEIRO
 É ATIRADOR
 NA MATA INHAMBÉ NÃO PIA

JUREMA É MINHA MÃE
 Ô JUREMI Ô JUREMÁ
 SEU TUPINIQUIM É NOSSO PAI
 Ô JUREMI Ô JUREMA

NO ALTO DAQUELA SERRA
 EU VI PIAR, ERA DE ADMIRAR
 MAS ERA UM ENORME JIBOIA
 ESTAVA PRÊSA NO BODOQUE DE
 TUPINAMBÁ

AS HORAS QUE MANDO EU
 NA UMBANDA(BIS)
 AS HORAS QUE MANDO EU
 NA UMBANDA(BIS)
 SEU JÚRI LÁ NA MATA
 JÁ DECLAROU GUERRA
 NÃO MECHE¹⁹⁰ COM ELE
 QUE ELE NÃO ERA

(P. 55)
 SEU TUPI QUANDO BRADA
 LÁ NA MATA
 E PRIMAVERA Ò PRIMAVERA
 AI COMO É LINDO AS FOLHAS
 VOANDO PELO CHÃO
 AI COMO É LINDO AS FLORES

DESABROCHANDO
 EU SOU O CANTO DE TUPI
 NA CANÇÃO DE GUARANI
 Ó LUAR Ó LUAR Ó LUAR A BRILHAR
 UM FLECHA ATIRAR
 ELE ZOA ZOAZOA E AS FOLHAS
 VOAM
 PARECEM FALAR
 SEU TUPI.....

COBRA-CORAL É CABOCLO (BIS)
 Y ELE MORA NA JUREMA
 JUNTO COM SEU ARRANCA-TOCO

SUCURI JIBÓIA QUANDO VEM
 BEIRANDO O MAR
 OLHA COMO BROCOCÔ
 [ilegível] COBRA-CORAL

CABOCLO BOM CABOCLO BOM
 É O CABOCLO DE PENA
 CABOCLO BOM CABOCLO BOM
 ELE VEM DA JUREMA
 EU TENHO FÉ NA VIRGEM MARIA
 NO ANJO DA GUARDA
 QUE ELE É NOSSO GUIA

CABOCLO DE PENA
 QUE ESCREVE NA AREIA
 ELE NÃO BAMBEIA, ELE NÃO
 BAMBEIA
 ELE NÃO BAMBEIA (BIS)

¹⁹⁰ Mexe

(P. 56)

CABOCLO ROXA DA PELE MORENA
ELE É OXOSI É CAÇADOR LÁ DA
JUREMA

ELE JUROU E TORNA JURAR
VEM RETOMAR OS CONSELHOS
QUE A JUREMA VEIO DAR

A JUREMA TEM A JUREMA DA
CABOCLO FORTE PRÁ TRABALHAR
CABOCLO LÁ NA MATA SUCURÍ
DENDÊ CADÊ ESTE CABOCLO
QUE NÃO QUER DESCER?
MAS ELE DESCE SIM SENHOR
MAS ELE DESCE SIM SENHOR

OKÊ CABOCLINHO LÁ NA
MATA TEM GUINÉ (BIS)
OXOSI É REI
É REI LÁ NA MACAIA
ELE VEIO DE ARUANDA
PRÁ SALDAR¹⁹¹ O SEU GONGÁ
ELE GANHOU FLECHA E BODOQUE
SUA COROA QUEM LHE
DEU FOI OXALÁ

SUA JIBÓIA ESTÁ NO RIO
EA SEREIA NO MAR
ELE SE CHAMA TUPINIQUIM
CABOCLO DE URUCAIA
MAS ELE GRITA NAS SELVAS

E A SEREIA NO MAR
ELE SE CHAMA TUPINIQUIM
CABOCLO DE URUCAIA

(P. 57)

SEU TUPINIQUIM
É UM CABOCLO VALENTE
QUE TRAZ A BANDEIRA DA PAZ
PARA QUEM QUER UNIÃO
MAS COM QUEM ELE MEXER
SEU TUPINIQUIM AJUDA PRÁ
VENCER
COM SUA TRIBO GUERREIRA
E COM IRMÃO ARERÊ
ELE ATIRA A SUA FLECHA OKÊ
CABOCLO
ELE ATIRA É PRA VENCER (BIS)

OXOSSÍ NA MATA É REI
OXOSSÍ NA MATA É
QUEM PASSAR PELOS CAMINHOS
SEM DEIXAR MARCA NO PÉ
ELE TEM FLECHA E BODOQUE
ELE TEM LANÇA E COCAR
NA MATA ESTÁ O SEU REINO
E NA MATA REINARA
OXOSI NAMATA É REI
(ESTRIBILHO)

OXOSSÍ NÃO DESACATA
OXOSSÍ SABE QUEM É
QUEM ANDA DENTRO DA MATA

¹⁹¹ Saudar

SEM DEIXAR MARCA NO PÉ

PIOU PIOU LÁ NA MATA
 PIOU PIOU LÁ NA MATA
 PIOU PIOU O REI DA MATA CHEGOU
 OXOSI É REI DA MATA
 É VENCEDOR DE DEMANDA
 Ó ORIXÁ CONSAGRADO
 COROADO NA NOSSA UMBANDA
 NA MATA...

(P. 58)

CABOCLO JÁ TEM CAMINHOS
 PARA CAMINHAR...
 ELE CAMINHA POR CIMA DE
 PEDRA POR BAIXO DE FOLHA
 [Ilegível] TODO LUGAR
 SEU CAMINHO ESTÁ ABERTO
 CABOCLO PODE PASSAR

MEU BODOQUE TEM SETE FLEXAS¹⁹²
 TODAS AS SETE FORAM ATIRADAS
 FIRMA PONTO NA JUREMA
 NO ROMPER DA MADRUGADA

SERENO QUE CAI
 [ilegível] MATAS DE MADRUGADA
 [Ilegível] QUE CAI
 [Ilegível] MATAS DE URUGUAI
 COMO CAMINHO COMO CAMINHO
 COMO CAMINHO COMO CAMINHO
 CABOCLO TUPINIQUIM

¹⁹² Flechas

¹⁹³ Flechas

NAS HORAS DIVINAS
 ELE SEMPRE CHEGOU

COCORICÓ FAZ O GALO AUÊ
 NO ALTO DAQUELA SERRA
 PARA SALDAR OS SEUS FILHOS AUÊ
 TUPINIQUIM VEM NA TERRA

Ô LÍRIO Ô LÍRIO
 COMO O LÍRIO É (BIS)
 TUPINIQUIM E UM LÍRIO
 TUPINAMBÁ É UM LÍRIO

(P. 59)

ELE É CAÇADOR
 O REI DAS MATAS
 SUA BODOQUE ATIRA
 Ô PARANGO
 SUA ¹⁹³FLEXA MATA OKÊ
 SUA FLEXA¹⁹⁴ MATA
 LEVA OS INIMIGOS Ô PARANGO
 PRÁ ONDAS DO MAR

O GUINÉ Ô GUINÉ
 OLHA QUE FALANGE É ESSA
 GUINÉ Ô GUINÉ
 QUE BALANÇA MAS NÃO CAI

EM VEM LÁ DAS MATAS
 VEM VEM DE ARUÊ
 CABOCLO DAS MATAS NÃO É
 BRINCADEIRA

¹⁹⁴ Flechas

ZUM ZUMZUM É DE NAZARÉ
CHEGOU A FALANGE QUE BATE O PÉ

LÁ NA MATA TEM,TEM QUE EU VI
SETE FALANGES DO CABOCLO
GUARAZÍ¹⁹⁵

CABOCLO TUPÍ LÁ NA MATA TEM
CABOCLO ROXO LÁ NA MATA TEM
SEU TUPINIQUIM LÁ NA MATA TEM

CABOCLO DE MATA O QUÊ QUE TU
COME?

É A FOLHA VERDE DE GUINÉ
OI ZUM ZUM MARUÊ OI ZUM ZUM
NAZARÉ

FOI NUMA TARDE SERENA
LÁ NA MATA DA JUREMA
QUE EU VI UM CABOCLO BRADAR
QUIO-QUIO QUIO QUIO-QUIERA
A SUA MATA ESTÁ EM FESTA
SARAVÁ SEU SETE FLECHAS
QUE ELE É O REI DA FLORESTA

(P. 60)
CABOCLO A SUA MATA E VERDE
E VERDE E DA COR DO MAR
SARAVÁ CACIQUE DA JUREMA
SARAVÁ O CACIQUE DE JUREMAS
(BIS)
JUREMA...

NO ALTO DAQUELA SERRA
DEBAIXO DE UM PÉ DE ANGÁ
EU VI A CABOCLA JUREMA
ATIRAR SUA FLECHA E NÃO ERRAR
ZOOU ZUOU A SUA FLECHA ZUOU

OI LELÊ CABOCLINHO ATIROU
ELE ATIROU A SUA FLECHA
CERTEIRA
ELE ATIROU-ATIROU-ATIROU
ATIRA CABOCLO SUA FLECHA É
CERTEIRA

SEU SAIOTE É CARIJÓ
A SUA FLECHA É DE INDAIÁ
TODOS OS CABOCLOS VEM SERENO
COMO O SERENO É
OXOSSEI É REI NA MACAIA
OXOSSEI É REI NA GUINÉ
ELE ATIROU ELE ATIROU
ELE ATIROU E NINGUÉM VAI
TUPINIQUIM É QUEM SABE
AONDE FLECHA CAIU

SEU ARRANCA TOCO-TÔCO DIZ
QUITOCO E
O SEU ARRANCA-TOCO DIZ
QUITOCO É PAU

OKÊ CABOCLO
CHAMA SEU COBRA-CORAL
ELE CABOCLO DA MATA VIRGEM

¹⁹⁵ Guaraci

CHAMA SEU COBRA-CORAL

(P. 61)

CABOCLINHOS ERA LEVADO NAS
MATAS UMA COBRA JIBÓIA
QUASE QUE ELE MATA

ESTAVA EM FESTA
SUA MATA ESTAVA EM FESTA
PORQUE CANTOU IRAPURU
SEU CANTAR ELE VEIO ANUNCIAR
QUE O CABOCLO TUPINIQUIM
JÁ VAI CHEGAR

COMO É BONITO
ASSISTIR FESTA NA MATA
OUVIR O SOM DA CASCATA
OUVIR O CANTO DO SABIÁ
QUE NOITE LINDA
QUE BELA NOITE DE LUAR
FOI NO CLARÃO DA LUA
QUE EU VI SEU TUPINIQUIM PASSAR
A MATA ESTAVA EM FESTA
TODA COBERTA DE FLORES
E ATÉ OS PASSARINHOS CANTAM
MEU CABOCLO
ELES CANTAM EM TEU LOUVOR
ÔÔÔ QUANTA BELEZA
ÔÔÔ QUANTO ESPLENDOR
COMO É BOM TER A CERTEZA
QUE TUPINIQUIM É NOSSO
PROTETOR

CABOCLO A SUA MATA E VERDE

É VERDE É DA COR DO MAR
SARAVÁ O CACIQUE DA JUREMA

SARAVÁ O CACIQUE DE
JUREMA(BIS)
JUREMA...

(P. 62)

PAI THOMÉ QUE VEM DE ANGOLA
DE ANGOLA BATEU TAMBOR
BATE TAMBOR LÁ NA ANGOLA
BATE TAMBOR

ORAI PELAS ALMAS NO
ROSÁRIO DE MARIA
ORAI PELAS ALMAS AO
MEIO-DIA ORAI PELAS ALMAS
NO ROSÁRIO DE MARIA (BIS)
Ò ALMAS DE SÃO MIGUEL
ALMAS TÃO INOCENTES
ALMAS PEDEM O CÉU
ALMAS DE PENITENTES

Ô ALMAS NA ESCURIDÃO
(ESTRIBILHO)

Ô ALMAS DE PRISIONEIROS
(ESTRIBILHO)

ALMAS PEDEM SALVAÇÃO
ALMAS DE FEITICEIROS

(P. 63)

SE MEU PAI É BRASILEIRO
MINHA MÃE É BRASILEIRA
SOU BRASILEIRO SIM SINHÔ
SOU BRASILEIRO COM AMOR

SOU BOIADEIRO SIM SINHÔ
SOU BRASILEIRO COM AMOR

TUMBA LÁ E CÁ TUMBA Ê CABOCLO
TUMBA LÁ E CÁ TUMBA Ê
GUERREIRO
TUMBA LÁ E CÁ TUMBA É MEU PAI
TUMBA LÁ E CA NÃO ME DEIXE SÓ

OLHA BUMBA NA CALUNGA
ELE É CABOCLO ELE É FLECHEIRO
[Ilegível] NA CALUNGA
E MATADÔ DE FEITICEIRO
CALUNGA AUÊ CALUNGA AUÁ
CALUNGA AUÊ CALUNGA AUÁ
CALUNGA AUÉ VEM SARAVÁ

AI NÃO HÁ MATA QUI EU NÃO ENTRE
AI NÃO HÁ PAU QUI EU ASSUBA
E NÃO HÁ ESTE PASSARINHO
QUE MEU BODOQUE
NÃO DERRUBA O CORIMBA
IÔ IÔ IÔ ÔCORIMBA
É DE CORRÊ(BIS)

QUEM É AQUELE CABOCLO QUE
VEM LÁ DE JUREMÁ
É O CABOCLO BOIADEIRO
MANDADO POR OXALÁ
SEU BOIADEIRO É UM CABOCLO
CAÇADOR
CAÇA E ATIRA A SUA FLECHA
ELA TRAZ PAZ E AMOR
E E Ê DA FALANGE JUREMÁ

E E Ê DA FALANGE JUREMÁ

(P. 64) **PONTOS CANTADOS DE
OXOSSÍ**

OXOSSÍ MAIOR
O QUI BANDA Ô CLIMA

OXOSSI É REI NO CÉU
OXOSSI É REI NA TERRA
ELE NÃO DESCE DO CÉU SEM COROA
E SEM AS SUA MUCANGAS DE
GUERRA

FOI NO LAGO AZUL
OUE SEU PONTEIRO ELE ATIROU
[ilegível] OXOSSI CAÇADOR
FILHO DE NOSSO SENHOR

OXOSSÍ DA PEDRA BRANCA
PASSEAVA NAQUELA RUA
OLHA QUE BELEZA
CLARÃO DA LUA

EU ATIREI EU ATIREI
NO MEU BAMBA
ELE VAI ATIRAR
VEADO NO MATO É CORREDOR
OXOSSÍ NA MATA É CAÇADOR

EU CORRI TERRA CORRI MAR
ATÉ EU CHEGUEI NA MINHA BAHIA
E SALVE OXOSSI LÁ NA MATA
QUI A FOLHA DA MANGUEIRA

AINDA NÃO CAÍA

(P.65)

NAQUELA ESTRADA DE AREIA

AONDE A LUA CLAREIA

TODOS CABOCLOS PARARAM

PARA VER A PROCISSÃO

DE SÃO SEBASTIÃO

OKÊ OKÊ CABOCLO

SEU OXOSSÍ É SÃO SEBASTIÃO

Ô LINDO CAÇADOR

AQUELA MATAS AONDE

A CORAL PIOU

OKÊ OKÊ CABOCLO

ELE OXOSSÍ NA RAIZA DA URUCAIA

NO MEU ARVORE

EU ENCONTREI OURO NO CHÃO

ÉÉÉ-É DE SÃO SEBASTIÃO

SEU OXOSSÍ É-É SÃO SEBASTIÃO

OXOSSÍ É O REI - MORADOR LÁ DO

SERTÃO

QUE GRANDE BOMBAEDEIO

QUE SE DEU LÁ NA JUREMA

ATÉ SUA CABANA OXOSSÍ QUIS

ABANDONAR

Ô JUREMÊ Ô JUREMÁ

OXOSSÍ É DONO DA COBRA-CORAL

FOI LÁ NA MATA QUE UMA COBRA

PIOU

¹⁹⁶ Mexa

[Ilegível] NO MEIO DAS MATAS QUE

OXOSSÍ MATOU

COBRA QUE PIA COBRA QUE CHORA

LÁ NO MEIO DAS MATAS

AONDE OXOSSÍ MORA

FOI ZAMBI QUEM CRIOU O MUNDO

SÓ ZAMBI SABE GOVERNAR

FOI ZAMBI QUEM CRIOU AS

ESTRELAS

QUE ILUMINAM OXOSSÍ

LÁ NA JUREMÁ

(P. 66)

AI NÃO ME MECHA¹⁹⁶ NA

ESPADA DE OGUM

AI NÃO ME MECHA¹⁹⁷ NA

MACHADA DE XANGÔ

AI NÃO ME MECHA NO

BODOQUE DE OXOSSÍ

LÁ NAS MATAS TEM UM VELHO

CAÇADOR

ESTAVA NA MATA,ESTAVA

TRABALHANDO

EU E MEU MANO LÁ NA JUREMÁ

CHEGOU AONDE É QUE MORA

EU MORO NA MATA COM NOSSA

SENHORA

OLHA SEMI ODÊ REI DE UMBANDA

OLHA SEMI ODÊ(BIS)

¹⁹⁷ Mexa

OXOSSI MORA NA RAIZ
DA GAMELEIRA
OGUM FECHOU ESPADA
E PAI XANGÔ LÁ NA PEDREIRA

ELE É CABOCLO DA BANDA DE LÁ
QUANDO VÊ A COBRA CORRE PRÁ
MATÁ
ELE ATIROU A SUA FLECHA MAS
ERROU
SENTOU-SE NA AREIA E PÔS-SE A
CHORAR
QUANDO VÊ A COBRA CORRE PRA
MATAR

AINDA TEM CABOCLO
DEBAIXO DA SAMAMBAIA
SAI SAI CABOCLO
DEBAIXO.DA SAMAMBAIA (BIS)
VESTIMENTA DE CABOCLO
É SAMAMBAIA É SAMAMBAIA (BIS)
SAIA CABOCLO NÃO SE ATRAPALHA
SAIA DO MEIO DA SAMAMBAIA

(P. 67)
VERMELHO E A COR DO SANGUE DO
MEU PAI
É VERDE É A COR DAS MATAS
AONDE MORA
VAMOS SARAVÁ SEU TUPINIQUIM
EM SUA BANDA
VAMOS SARAVÁ A BANDA AONDE
ELE MORA

QUEM TEM TEM QUEM TEM
EU QUERO VER
QUEM TEM SANGUE DE
CABOCLO TÁ NA HORA DE DESCER

AQUI NESTA ALDEIA TEM UM
CABOCLO
QUE ELE E LEAL
E ELE NÃO MORA LONGE
MORA AQUI MESMO NESTE
CANZUÁ....AQUI...

LA NAQUELA MATAS
EU VI UMA CORAL PIAR
A COBRA PIAR
EU TAMBÉM QUERO PIAR
MEU BODO QUE É DE AÇO
A MINHA FLECHA É DE INDAIÁ

SEU TIRA-TEIMA VEM
DAS MATAS AONDE A LUA CLAREIA
[Ilegível] DE SUA FALANGE
PISA NA UMBANDA E NÃO BAMBEIA

EU ESTAVA LONGE
E ME CHAMARAM EU VENHO
EU VIM COLHER AS ROSAS
QUE A ROSEIRA TENHO

(P. 68)
BATE O BUMBO LÁ NA ALDEIA
ORERÊ (BIS)
SARAVÁ SEU TUPINIQUIM

SARAVÁ SEU ORIXÁ (BIS)

BENDITO LOUVADO SEJA ELE É REI
DO PANAIÁ

COM TANTO PAU NO MATO
EU NÃO TENHO GUIA
CABOCLO VENTANIA VAI BUSCAR
A SUA GUIA
CORIMÉ CORIMÉ
CORIMBA E VEM BUSCAR A SUA
GUIA

APANHA MARACANE TATAMIRÔ
APANHA FOLHA COM FOLHA
TATAMIRÔ
SE ELE É FILHO DA JUREMA
TATAMIRÔ
NASCIDO NO JUREMÁ TATAMIRÔ
E DEIXA GIRA GIRAR
E DEIXA GIRA GIRAR
SE ELE É QUEM MANDA NA GIRA
E DEIXA A GIRA GIRAR

CURINBEBÊ CURIMBEBÁ
TUPINIQUIM É UM GRANDE ORIXÁ
NASCIDO NA MATA DE OXOSI
NA ALDEIA DE JUREMÁ
CABOCLO TUPINIQUIM
ILUMINANDO POR OXALÁ
CURINBEBÉ CURUNBENBÁ...
COM SETE DIAS DE NASCIDO
A JUREMA LHE ENCONTROU
JOGADO NAS FOLHAS SECAS
CABOCLO ELA CRIOU

(P. 69)

QUE LINDO CABOCLO DE PENA
O PANAIÁ
QUE VENHO DA CIDADE DA
JUREMA PANAIÁ
AUÊ AUÊAUÊ Ô PANAIÁ
AUÊ AUÊAUÊ Ô PANAIÁ(BIS)

GIRA O SOL GIRA A LUA
EU TAMBÉM VOU GIRAR
EU VOU GIRAR É NA LINHA
DE UMBANDA EU VOU GIRAR

É BANDA É BANDA É BANDA
E BANDA É BANDA É
SEU GIRASSOL NA BANDA
É BANDA É

Ô SERRARIA O SERRARIA
Ó QUE LINDO PASSARADA
SALVE OXOSSÍ O REI DA MATA
SALVE A FOLHA DA JUREMA
E O CABOCLO VENTANIA SERRANIA.

EU FUI NO MATO
APANHAR GUIA
EU ENCONTREI UM CABOCLO
VENTANIA
E ELE ESTAVA EM SUA MATA A
CAÇAR

SALDANDO¹⁹⁸ OXOSSI E A FALANGE
JUREMÁ

QUEM PODE PODE COM A FOLHA DA
JUREMA

QUE ATIRA FLECHA MUITO MAIS
ALÉM DO MAIS

MAS ELA É UMA CABOCLA DE PENA
É A CABOCLA IRACEMA
DONA DE SEU JACUTÁ

(P.70)

EU VI A CABOCLA JUREMA
ENSINAR JAGUAREMA

SARAVÁ O CONGÁ

EU VI UMA ESTRELA NO CÉU
A BRILHAR

EU VI TODO JUREMÁ CLAREAR

EU VI A CABOCLA JUREMA
ATIRAR A SUA FLECHA E NÃO
ERRAR

CORRI CORRICORRI
CORRI ATÉ ENCONTRAR
FOI A CABOCLA JUPIRA
ELA VAI CHEGAR

EU ESTAVA NA MATA CAÇANDO
EU VI UM COBRA CURIAPÓ
ERA A CABOCLA JUPIRA
QUE ESTAVA BRINCANDO
COM A COBRA CIPÓ

A FOLHA VERDE DE JUREMA
ILUMINOU TODO O GONGÁ
SALVE A CABOCLA JANDIRA
ELA VEM PRÁ TRABALHAR

EU VI A CABOCLA YARA
SENTADA NA BEIRA DO RIO
PEGANDO PEIXE MEU SENHOR
PEGANDO PEIXE PRÁ LEVAR
PRA QUEM PEDIU

[Ilegível] CABOCLA LINDA
É FILHA DE NOSSA UMBANDA
VOCÊ VAI VER MEU SENHOR
VOCÊ VAI VER MEU SENHOR
ELA VAI LHE AJUDAR

(P. 71)

JUREMA QUANDO VEM TRAZ UMA
ROSA

YARA QUANDO VEM TRAZ UM
JASMIM

SE AS DUAS SÃO IRMÃS NA
UMBANDA

CABOCLA TEM PENA DE MIM (BIS)

Ô JUREMA O YARA

CABOCLA TEM PENA DE MIM (MIM)

Ô JUREMI Ô JUREMÁ
SUA FOLHA CAIU SERENA O JUREMÁ
DENTRO DESTE GONGÁ
SALVE SÃO JORGE GUERREIRO

¹⁹⁸ Saudar

SALVE SÃO SEBASTIÃO
SARAVÁ TODOS CABOCLOS
QUE NOS DEU A PROTEÇÃO
DA PROTEÇÃO

(P. 72)

NO TRONCO VERDE DA JUREMA
AONDE O PAL OXOSI MORA
AONDE JESUS PASSOU E DISSE
AMÉM!
TODOS OS CABOCLOS VAI
EMBORA...
SEU TUPINIQUIM JÁ VAI EMBORA...

QUANDO A LUA SAIR
ELE VAI GIRAR(BIS)
SALVE O CABOCLO TUPINIQUIM
ELE É FILHO DA JUREMA
E NETO DE OXALÁ
QUANDO A LUA SAIR
ELE VAI GIRAR (BIS)

SEU TUPINIQUIM ELE CHORA
QUANDO VAI EMBORA PRA
ARUANDA
SEU TUPINIQUIM ELE CHORA
QUANDO DEIXA BABÁ E A
UMBANDA
ELE VAI EMBORA Ô GONGA
ELE VAI GIRAR NA ARUANDA
ELE VAI COM A LUA JUREMA
E O PAI OXALÁ

A SUA ALDEIA E LONGE

O CAMARADA
DE LONGE SE AVISTA O MAR
MAS ELE VAI
MAS ELE VAI(BIS)
PRA SUA MATA GIRAR

ELE VEIO COM O SOL
VAI EMBORA COM A LUA
SERENO NÃO MOLHA
QUANDO O CABOCLO É DE FÉ

(P. 73) **PONTOS PARA DESCARREGO**

BAIXOU BAIXOU
Ô VIRGEM DA CONCEIÇÃO
Ô MARIA IMACULADA
TIRAI TODA A PERTURBAÇÃO
SE TIVERES PRAGA DE ALGUÉM
DESDE JÁ SEJA RETIRADO
LEVANDO PRO MAR ARDENTE
PRÁ AS ONDAS DO MAR SAGRADO

SÃO JORGE É GUERREIRO
ELE VEM GUERREAR
SUA ESPADA ESTA LIVRE
SÃO JORGE AJUDAI
NO ATO DE CURAR
JESUS VEM CURAR
LEVAI ESTES MALES
PRÁS ONDAS DO MAR

QUANDO JESUS DESCEU DA CRUZ
SÃO JORGE SEGURA SEU REINADO
(P. 74)

OLHA OS ESPINHOS DA ROSEIRA
SÃO JORGE NÃO DEIXA
SEUS FILHOS CAIR

É DE CREDO EM CREDO
É DE CREDO EM CRUZ
DIVINO ESPÍRITO SANTO
OLHA SEUS FILHOS NA TERRA

IOIÔ PISOU NA PEDRA
PEDRA BALANCEOU
O MUNDO TÁ VIRADO
PAPAI JORGE ENDIREITOU

O SOL NASCEU A BEIRA-MAR
FOI DAR BOM DIA A YEMANJÁ
MAS ELE FOI CORRER A SUA GIRA
LÁ NA MATA
FOI DAR BOA-NOITE À JUREMÀ

O SOL COM SEUS RAIOS DOURADOS
ERA MORADA E INHASÃ
O SOL, COM SEUS RAIOS DOURADOS
ERA MORADA DE OXUM
POR DETRÁS DO SOL E DA LUA
FICA A MORADA COM XANGÔ

(P. 75)
SERRA SERRA SERRADOR
CORTA CORTA CORTADOR
CORTO TODO O MAL DOS FILHOS
VIVA DEUS NOSSO SENHOR

DESCARREGUEI DESCARREGUEI

NA LEI DE UMBANDA
DESCARREGUEI ELE E FILHO
DE UMBANDA

OXALÁ ESSE FILHO ESTÁ
DOENTE, MEU PAI VENHA
ME AJUDAR
UMA CORRENTE DO ESPAÇO
QUE VENHA PRA TE CURAR

SE TU QUERES LUZ
OXALÁ É QUEM DÁ
DEUS É PODEROSO
VAI TER AJUDAR

EU VOU AGRADECER À ZAMBI
O BEM QUE ELE NOS CONCEDEU
AJUDANDO ESTES FILHOS
AJUDANDO OS FILHOS SEUS

QUANDO TUPINIQUIM FUNDOU
(P. 76)

ESTE GONGÁ
OS CABOCLOS VIERAM AJUDAR
E VEIO OGU, VEIO XANGÔ
VEIO YEMANJÁ E A JUREMA
PARA CLAREAR
E AS ESTRELAS CLAREOU A
MATA ESCURA
OXALÁ ABENÇOOU
SARAVÁ TODOS OS CABOCLOS
SARAVÁ TUPINIQUIM NESTE GONGÁ

OXALÁ MEU PAI

TENHA PENA DOS SEUS FILHOS
TENHA DÓ
SE A VOLTA DO MUNDO É GRANDE
SEUS PODERES SÃO MAIOR

LÁ NA MATA DA JUREMA
TEM UM PAU QUE MATAE CURA
SE TU ÉS FILHO DE PEMBA
TANTO MATA COMO CURA

(P. 77) **PONTOS CANTADOS**
IBEIJADA

COSME E DAMIÃO A SUA CASA
CHEIRA
CHEIRA CRAVO CHEIRA ROSA
CHEIRA FLÔR DA LARANJEIRA

COSME E DAMIÃO Ô DAMIÃO
CADÊ DOUM
DOUM VAI PASSEAR NO CAVALO
DE OGUM
COSME E DAMIÃO SUA SANTA JÁ
CHEGOU
ELE VEIO DO FUNDO DO MAR
QUE SANTA BÁRBARA MANDOU
DOIS DOIS SEREIA DO MAR
DOIS DOIS NOSSA MÃE YEMANJÁ

1,2,3,4,5,6, VOU CHAMAR AS
CRIANCINHAS
NA CABEÇA DE VOCÊS

COSME E DAMIÃO E DOUM
SÃO INOCENTES

SUA FALANGE ESTÁ TODA
PRESENTE

EU VI DOUM NA BEIRA D'ÁGUA
COMENDO ARROZ BEBENDO ÁGUA
EU VI COSME NA BEIRA D'ÁGUA
COMENDO ARROZ E BEBENDO ÁGUA
EU VI DAMIÃO NA BEIRA D'ÁGUA
COMENDO ARROZ E BEBENDO ÁGUA

(P. 78)
ANTES DO SOL NASCER
E A LUA SE ESCONDER
MADRUGADA FINDAVA
A LUA CLAREOU LÁ NO CÉU
ELA E PRATEADA
E O SOL, CLAREIA À BEIRA MAR
EU VI AS CRIANCINHAS
BRINCANDO NA AREIA
SÃO FILHOS DA OXUM
E DE YEMANJÁ, ONY IBEIJADA

VEM VEM DOUM
VEM VEM COSME E DAMIÃO
VEM CRISPINIANO E CRISPIM
LÁ NO JARDIM
COLHER AS ROSAS QUE MAMÃE
DEIXOU PRA MIM
VEM NAS ONDAS VEM
VEM NAS ONDAS VAI
VEM NAS ONDAS VEM
QUE A LUA VEM TAMBÉM

VAI TER COCADA BRANCA

PRÁ CHORAR PRA CHORAR
 SE NÃO TIVER GUARANÁ
 EU VOU CHORAR
 EU VOU CHORAR

DÁ COCADA PRÁ ELE DIM-DIM
 GUARANÁ PARA ELE DERAMAR
 HOJE É DIA DE IBEIJADA
 VAMOS TODOS SARAVÁ
 VAMOS SARAVÁ O COSME E DOUM
 E TODA A FALANGE DO MAR

(P. 79)

PAPAI MANDOU AS CRIANCINHAS
 COLHER AS ROSAS BRANCAS NO
 JARDIM
 PARA ENFEITAR NO DIA DE HOJE
 O ALTAR DA NOSSA DEUSA DO MAR
 OXUM
 SÃO FLORES MAMÃE SÃO FLORES
 VIEMOS LHE OFERECER
 HUM HUM-HUM HUM
 AIEIEU MAMÃE OXUM

CRIANÇA QUANDO VEM LÁ DE
 ARUANDA
 E OXALÁ QUEM MANDA
 ELE VÊM AUÊ AUÊAUÊ
 É NO ROMPER DA AURORA
 OI DIM-DIM OI DIM-DIM
 AS CRIANÇAS VEM AÍ

O MENINO DE ANGOLA
 COMO BRINCA

VEM BRINCAR
 ELE BRINCA DE BOLA
 ELE BRINCA DE PIPA
 VEM BRINCAR

ELE FOI DOUTOR ELE ME CUROU
 ELE ME CUROU NUMA
 BRINCADEIRA
 ELE FOI DOUTOR ELE ME CUROU
 ERAM TRÊS CRIANÇAS,EU ME
 LEMBRO BEM
 TODO TERREIRO EM FESTA EU ME
 LEMBRO BEM
 VIERAO DE UM A UM,E ERA COSME,
 O DAMIÃO E O DOUM

SE EU PEDIR VOCÊ ME DÁ
 UM BRINQUEDINHO PAPAI
 PRÁ EU BRINCAR

(P. 80)

SE VOCÊ PEDIR EU DOU
 DOCE E COCADA EU DOU
 SE VOCÊ PEDIR EU DOU
 EU DOU DE CORAÇÃO
 27 SETE DE SETEMBRO
 DOCE PRA COSME E DAMIÃO

PAPAI MANDOU O BALÃO
 PARA TODA CRIANÇA QUE
 VEM LÁ DO CÉU
 TEM DOCE MAMÃE TEM DOCE
 MAMÃE
 TEM DOCE LÁ NO JARDIM

QUE LINDO CAVALO BRANCO
 QUE AQUELE MENINO
 VEM MONTADO
 ELE VEIO DESCENDO A SÊRA
 DIZENDO QUE FILHO DE UM
 SOLDADO
 É,DAMIÃO É DAMIÃO
 É DAMIÃO QUE VEM NO CAVALO DE
 OGUM...

HOJE TEM ALEGRIA
 HOJE TEM ALEGRIA (BIS)
 NO DIA DE HOJE
 HOJE TEM ALEGRIA

O FLOR Ö LINDA FLOR
 Ô FLOR VEM CÁ
 Ô FLOR Ô LINDA FLOR
 TRA LÁ LALÁ LALÁ

(P. 81)
 NA BEIRA DO MAR TODO
 MUNDO BRINCA
 NA BEIRA DOM MAR E Ê
 NA BEIRA DO MAR TODO MUNDO
 FICA
 NA BEIRA DO MAR EWÊ
 EU QUERO VER VOCÊ CHEGAR
 SE BENZER E SE JOGAR
 E DEPOIS TRAZER NOTÍCIAS
 AONDE MORA YÊMANJÁ

NA BEIRA DO MAR EWÊ
 EU QUERO VER MARIAZINHA
 JUNTAMENTE COM PEDRINHO
 NA BEIRA DO MAR EWÊ

COSME E DAMIÃO NESTA
 HORA TÃO BENDITA
 DESCE COM JESUS DO CÉU
 PRÁ CURAR QUEM NECESSITA

LÁ FORA TEM TEM UM BARQUINHO
 NAVEGANDO
 COM TRÊS ANJOS DE GUARDA
 ESPÍRITO SANTO VEM CURANDO

LÁ NA MATA TEM 3 PEDRAS
 COSME DAMIÃO DOUM
 SARAVÁ OS TRÊS MENINOS
 SARAVÁ PAPAÍ OGUM

(P. 82) **PONTOS DE SUBIDA DE
 IBEJADA**

LÁ VAI AS CRIANÇAS
 SUBINDO PRO CÉU (BIS)
 COBERTA DE GLÓRIA
 COBERTA DE VÉO¹⁹⁹ (BIS)
 É DEVAGAR DEVAGARINHO
 ELAS JÁ VÃO OLÓ (BIS)

O PAPAIZINHO ESTÁ CHAMANDO
 É LÁ NO PARAÍSO

¹⁹⁹ Véu

ADEUSZINHO ADEUSZINHO

ELE JÁ VAI EMBORA

ANDORINHA QUE VOA VOA
ANDORINHA

LEVA AS CRIANÇAS PRO CÉU
ANDORINHA

VOA VOA VOA ANDORINHA

LEVA AS CRIANÇAS PRO CÉU
ANDORINHA

SE ACABOU A BRINCADEIRA

BATEU PALMAS E CANTOU

AS IBEJADAS VÃO EMBORA

QUE JESUS JÁ LHE CHAMOU

(P. 83) **PONTOS CANTADOS DE NANÃ**

NANA É VELHA COMO TATA DE
MINA

É LA NO FUNDO DO MAR EU VI

QUE NANA E MENINA

NANA QUI JÁOCI ALODÊ

NANÃ QUI JACIDÓ ALODÊ

NANÃ QUI JACIDÓ ALODÊ

NA MESA DE UMBANDA

EU VI NANÃ EU VI NANÃ (BIS)

AUÊ AUÊ EU VI NANÃ (BIS)

EU VI EU VI NANÃ

EU VI NANÃ NA BEIRA DO RIO

O SOL DESPONTA ROMPE A AURORA

ELA É NANÃ E VAI CHEGAR AGORA

NANÃ É ORIXÁ DE UMBANDA

NANÃ E MÃE DE NOSSA SENHORA

VAMOS SARAVÁ NANÃ NANÃ QUE

ELA VAI

CHEGAR AGORA

NANÃ NANÃ

VENHA NOS VALER AUÊ(BIS)

ELA É NANÃ NANÃ BOROKÊ(BIS)

SALVE NANÃ SALVE SENHORA DAS
ÁGUAS

SALVE NANA QUE JÁ CHEGOU DE
ARUANDA

SALVE NANÃ COM SUA FORÇA E
BONDADE

SALVE NANÃ COM SUA
CACURUCAIA DE UMBANDA

(P. 84)

NANÃ OXALÁ AUÊ

OXALÁ EU VI NANÃ (BIS)

NANÃ OXALÁ AUÊ

EU VI NANÃ BOROKÊ (BIS)

SENHORA SANTANA

É MÃE DE TODO MUNDO

ELA ABENÇOOU A TERRA

ELA ABENÇOOU O MUNDO

NANÃ NANÃ 'NANÃ BOROKÊ

A SUA SAIA É ROXA

A SUA CASA É DE SAPÊ

EU VI NANÃ

EU VI NANÃ

EU VI NANÃ AUÊ

É NANÃ BOROKÊ AUÊ

É NANÃ BOROKÊ AUÊ

ATRACA ATRACA QUE AI VEM NANÃ

EIA

ATRACA ATRACA QUE AI VEM NANÃ

SEREIA

É NANÃ É OXUM

É NANÃ É NANÃ SEREIA

É NANÃ É OXUM

É OXUM É NANÃ

E SEREIA DO MAR

NANÃ É MINHA AVÓ

E MINHA VOVOZINHA

VOVÓZINHA QUE DEUS DEU

É MINHA VOVÓZINHA

(P. 85) PONTOS CANTADOS DE XANGÔ

ESTAVA SENTADO SOB A PEDRA

QUANDO A UMBANDA ME CHAMOU

ACORDA QUE JÁ É HORA

E VENHAM VER O LINDO BRADO DE

XANGÔ

XANGÔ BOTOU PEDRA EM MEU

CAMINHO

MAS NÃO ERA PRA EU PISAR

E COM AS PEDRAS QUE XANGÔ ME DEU

EU VI MEU SONHO ME REALIZAR

E COM AS PEDRAS QUE XANGÔ ME DAVA

EU FIZ A GRUTA DO MEU ARERÊ

PEDRA SOBRE PEDRA

CONSEGUIR FAZER A GRUTA DA OXUMARÊ

XANGÔ...

TROVEJOU LÁ NO CÉU

O MUNDO BALANCEOU

O DEUS O MUNDO BALANCEOU (BIS)

AUÊ AUÊAUÊ SALVE A COROA DO

PAI XANGÔ(BIS)

ELE É XANGÔ DA SALMAS

ELE É FEITO DAS ALMAS

Ó ALMAS Ó MINHAS ALMAS

SEU AGODÔ QUE VENHA ME VALER

CAÔ CABEÊNCILÊ É DE

MUNSUNSUM

AI COMO ELE VEM

É DE MUNSUNSUM

AI, COMO ELE VEM

CAÔ CABEENCILE

AI, COMO ELE VEM

(P. 86) SEU SERMÃO SEU SERIMÃO

ÉS MAIS FERROZ DO QUE LEÃO

ARREBENTOU PEDRA NO PEITO

ARREBENTOU A SUA MÃO

SEU SERIMÃO

NA PEDRA DO CARIRI
 EU VI XANGÔ ASSENTADO
 COM YÊMANJÁ E OXUM
 E SANTA BÁRBARA EM SEU LADO
 NA PEDRA DO CARIRI

NO ALTO DA PEDREIRA ESTÁ
 XANGO
 SENHOR DO MEU DESTINO ATÉ O
 FIM

SE UM DIA EU NÃO TIVER
 A FÉ QUE ELE ME DEU
 QUE EU ROLE ESSA PEDREIRA
 SOBRE MIM
 MEU PAI SÃO JOÃO BATISTA
 ELE É XANGÔ
 SENHOR DO MEU DESTINO ATÉ O
 FIM.

QUE PEDREIRA TÃO ALTA
 QUANTO LIMO CRIOU
 MAS NÃO ROLE A PEDRA
 QUE A MORADA É DE XANGÔ
 EM CIMA DAQUELA PEDREIRA
 TEM UM LIVRO QUE É DE XANGÔ
 CAÔ CAÔCAÔ CABEÊNCILÊ (BIS)
 (P. 87)

LÉ LÉLÉ Ô CÃO (BIS)
 LÉ LÉLÉ QUI BANDA OLÉ
 LÉ LÉLÉ O CAÔ

XANGÔ SEU AGODÔ

SEU TROVOADA SEU 7 FAÍSCA
 LÁ NA PEDREIRA
 AONDE XANGÔ MORAVA
 LÁ MEU PAI
 AONDE O ROUXINOL CANTAVA
 O GINO OLHA A SUA BANDA
 Ô GINO OLHA SEU GONGÁ
 AONDE O PAI XANGÔ MORAVA
 AONDE O ROUXINOL CANTAVA
 ELE É FILHO DA COBRA CORAL(BIS)
 ELE É FILHO DA COBRA CORAL CÃO

XANGÔ OLHA SUA BANDA
 XANGÔ OLHA SEU GONGÁ
 FOI LÁ NAS MATAS AONDE
 A JURITI CANTAVA
 FOI NA PEDREIRA AONDE
 O PAI XANGO FEZ SUA MORADA
 OLHA A SUA BANDA XANGÔ
 OLHA O SE GONGÁ

SEU AGODÔ JÁ PIRIMBOU NA
 ALDEIA
 XANGÔ JÁ PIRIMBOU NA ALDEIA
 JÁ PIRIMBOU JÁ PIRIMBOU NA
 ALDEIA
 XANGÔ JÁ PIRIMBOU NA ALDEIA
 SEU ALAFIM...SEU AGANJÚ...

(P. 88)
 XANGÓ SUA PEDRA ROLOU
 AONDE FOI PARAR NAS ONDAS DO
 MAR
 SARAVÁ XANGÔ SARAVÁ XANGÔ

XANGÔ MORA NA PEDREIRA
 DEBAIXO DE UM PÉ DE ANGÁ
 CAÔ CABEÊNCILE MEU PAI xANGÔ
 ÔÔÔ - ÔÔ SARAVÁ XANGÔ (BIS)

XANGÔ XANGÔ CAÔ (BIS)
 XANGÔ É MEU GUIA
 XANGÔ É MEU PAI
 A PEDRA DA PEDREIRA
 ELA ROLA MAIS NÃO CAI

PEDRA ROLOU PAI XANGÔ LÁ NA
 PEDREIRA
 SEGURA A PEDRA MEU PAI NA
 CACHOEIRA
 TEM O MEU CORPO FECHADO
 XANGÔ É MEU PROTETOR
 AFIRMA PONTO MEU PROTETOR
 PAI DE CABEÇA CHEGOU

QUEM ROLA PEDRA NA PEDREIRA É
 XANGÔ
 PEDRA ROLOU LÁ NA PEDREIRA É
 XANGÔ
 FIRMOU NA COROA DE ZAMBI
 FIRMÔ
 MAS O REI DA PEDREIRA É XANGÔ

 EU VI MEU PAI XANGÔ
 DESCENDO A SERRA
 MAS ELE VEM BEIRANDO O MAR
 ELE DEIXOU SUA PEDREIRA EM
 CIMO
 CAÔ CABEÊNCILE

(P. 89)

XANGÔ Ô INHACINDA
 XANGÔ CAÔ DI AGODÔ
 POR DETRÁS DAQUELA SERRA
 TEM UMA LINDA CACHOEIRA
 AONDE MORA XANGÔ CAÔ
 DONO DAS SETE PEDREIRAS

SENTADO NA PEDRA
 DE LIVRO ABERTO E PÉ NO CHÃO
 NA MÃO DIREITA UMA PEDRA
 DO LADO ESQUERDO O SEU LEÃO
 XANGÔ É O MESTRE DA JUSTIÇA
 NELE TENHO FÉ E ESPERANÇA
 FOI NO MEU TEMPO DE CRIANÇA
 QUE EU ME PESEI NA SUA BALANÇA
 CAÔ CAÔ XANGÔ
 CAÔ CAÔCAÔ XANGÔ

XANGÔ É JUSTICEIRO QUE VEIO LÁ
 DE ARUANDA
 BAIXAR NESTE TERREIRO PRO SEUS
 FILHOS DE UMBANDA
 SALVE O MEU FILHO DE FÉ, SEU SEU
 BABALÃO
 QUE JÁ SABE COMO É A JUSTIÇA DE
 XANGÔ
 ELE MORA NA PEDREIRA E VEM
 AQUI PARA AJUDAR
 TODA SEGUNDA-FEIRA MANDADO
 POR OXALÁ

EU BATIA A CABEÇA PRO MEU PAI
XANGÔ

E LÁ NA ARUANDA ELE ME
ABENÇOOU

MEU PAI XANGÔ É O CHEFE E O REI
DA PEDREIRA

FILHO DE FÉ DE ARUANDA ELE
ABENÇOOU

COM SUA LUZ E SUA MISSÃO
JUSTICEIRA

FILHOS DE FÉ SARAVÁ PAI XANGÔ
SARAVÁ

SARAVÁ VELHO SÃO PEDRO

OI QUI ZOA QUI ZOA ZOA

(P. 90)

OM SUA CHAVE NA MÃO

OI QUI ZOA QUI ZOA ZOÁ

VELHO SÃO PEDRO É QUEM MANDA
NA ARUANDA

É QUEM ABRE AS PORTAS DO CÉU

É ELE QUEM VENCE DEMANDA

ERAM DEZ HORAS QUANDO O SINO
TOCOU

NA MARAMBAIA CIDADE DA
JUREMA

ERAM DEZ HORAS QUANDO O

SINO TOCOU

COM LICENÇA DE ZAMBI

SARAVÁ PAI XANGÔ

(P. 91) **PONTOS DE SUBIDA DE
XANGÔ**

XANGÔ JÁ VAI JÁ VAI NA ARUANDA

ABENÇÃO MEU PAI

PROTEÇÃO PRA SUA BANDA

XANGÔ É UM SANTO QUE

NA TERRA NÃO DEMORA

QUEM QUIZER²⁰⁰ VER XANGÔ

VAI NO REINO DA GLÓRIA

PEDRA ROLOU TÁ NA HORA

PEDRA ROLOU

PAI XANGÔ VAI EMBORA

DIZEM QUE XANGÔ

MORA NA PEDREIRA

MAS LÁ NÃO É A SUA MORADA
VERDADEIRA

ELE MORA NO HORIZONTE

EM UMA CIDADE DE LUZ,

AONDE MORA SANTA BÁRBARA

OXUMARÉ E JESUS

(P. 92)

EU JÁ PLANTEI

CAFÉ DE MEIA

EU JÁ PLANTEI CANAVIAL

CAFE DE MEIA NÃO DÁ LUCRO

SINHÁ DONA

CANAVIAL MARAFA DA

²⁰⁰ Quiser

AMARRA O BOI PRETO-VELHO
NA PORTEIRA DO GONGÁ (BIS)

NA BAHIA TEM
EU VOU MANDAR BUSCAR
LAMPIÃO DE VIDRO SINHÁ-DONA
PARA CLARIAR

NA BAHIA TEM
TEM OURO FINO E TEM
OURO EM PÓ
TEM OURO FINO E TEM
OURO EM PÓ, PIMENTA DA COSTA
MACUMBA IOCÔ

A BENGALA DE PAI BENEDITO
BATE DEVAGAR MAS PODE DOER
ROSÁRIO DE PAI BENEDITO
TEM MIRONGA PRA BENZER
TEM DENDÊ MI ZI FILHO
TEM DENDÊ
ROSÁRIO DE PAI BENEDITO
TEM MIRONGA PRÁ BENZÊ

NAVIO APITOU NO MAR
AS CORDAS BALANCEOU
DA LICENÇA PRETO-VELHO
EU QUERO FALAR NAGÔ

(Pág .93)

O QUE PRETO É ESSE Ô CALUNGA
QUI VAI CHEGAR AGORA?
É O PAI JOÃO Ô CALUNGA
QUE VEIO DE ANGOLA

ESSE BOI VERMELHO O CALUNGA
AMARRA NA MANGUEIRA
E VAI TIRAR O COURO Ô CALUNGA
PRÁ FAZER PANDEIRO Ô CALUNGA

QUANTO O GALO CANTA
AS ALMAS SE ALEVANTAM
PRETO VELHO DIZ, VIVA ALELUIA
VIVA ALELUIA VIVA ALELUIA
OS ANJOS DIZEM VIVA ALELUIA

CATARINA MANDOU ME CHAMA
NUM PÉ DE OMULUCUN
EU PELEI ELA PELÔ
EU LÁ DEIXEI MEU CACHIMBU
CATARINA MOÇA NOVA
EU JÁ PASSEI DA IDADE
VOCÊ SABE MUITO BEM
QUE PRETO VELHO
NÃO VAI A CIDADE A CIDADE
URUGUAIANA PRA VER
ESTA VELHA FORMAZA
QUI AMARRA SAIA COM A
PALHA DE CANA

BAHIA Ô AFRICA
VEM CÁ VEM NOS AJUDAR
FORÇA BAHIANA FORÇA AFRICANA
FORÇA DIVINA VEM NOS AJUDAR

(P.94)

A VOVÓ NÃO PEDIU NADA
FOI A FILHA QUE PROMETEU

A BATA DA PRETA VELHA
 QUE ATÉ HOJE A FILHA NÃO DEU
 A FILHA ANDAVA ATRAPALHADA
 PASSANDO FOME E DORMINDO NA
 RUA
 VOVÓ FEZ TRABALHO FORTE
 A SUA VIDA CONTINUA
 E HOJE QUE A FILHA ESTÁ BEM
 JÁ ESQUECEU DA VOVÓ
 OLHA MINHA FILHA
 DOR DE BARRIGA NÃO DA UMA
 VEZ SÓ

LÁ NA BAHIA
 AONDE OS PRETOS VELHOS
 TRABALHAM
 NA MESA DA BAHIANA
 SÓ NÃO ME DEIXA CARREGAR SEU
 PATUÁ

BAHIANA DA SAIA RODADA
 NO TRABALHO TRAZ AXÉ
 A BAHIANA VENCE DEMANDA
 E COMO GIRAR NO CANDOMBLÉ
 Ê BAHIA, BAHIA DO MEU
 SENHOR DO BOMFIM
 Ê BAHIA, BAHIA DE SÃO SALVADOR

OLHA O PRETO COM PRETO
 LÁ NA RODA DE CIDADE
 OI QUI BAMBEIA O CIDADE
 OI QUI BAMBEIA Ô CIDADE (BIS)
 CADÊ O PRETO-VELHO
 QUI NÃO VEM NESTA CIDADE

OI QUI BAMBEIA Ô CIDADE

(P.95)
 CAMBINA SACODE A SAI NO GONGÁ
 TODA A DEMANDA QUE SAIU
 NUNCA MAIS VAI VOLTAR
 CAMBINA RISCA O PONTO
 COM MUITA FÉ
 E O INIMIGO FICA PRESO AO SEU PÉ
 CAMBINA VEM DE ANGOLA
 DE ANGOLA ANGOLÁ
 CAMBINA SABE TRABALHA
 CONHECI VOVO CAMBINA
 NO MOMENTO DE AFLIÇÃO
 ESTAVA TODO ENROLADO
 DA CABEÇA ATÉ O CHÃO
 E A VOVÓ FEZ TRABAL HO FORTE
 ME TIROU DA AMARRAÇÃO
 E AQUELE FEITIÇO A VOVÓ
 AMARROU NO MORÃO
 SEGURO O TOURO CAMBINA
 AMARRA NO MORÃO
 TOURO É BRAVO CAMBINA
 AMARRA NO MORÃO

GALO CANTOU JESUS NASCEU
 E A ESTRELA NO CÉU APARECEU
 PAI THOME É PRETO-VELHO
 PRETO QUE NUNCA PERDEU
 AI AI MEU DEUS

PAI THOMÉ ELE VEM DE ANGOLA
 NA LINHA DE UMBANDA /ELE VEM
 SARAVÁ

ELE VEM SACUNDINDO A
TOALHA DO GONGÁ

PAI THOMÉ QUE VEM DE ANGOLA
DE ANGOLA BATEU TAMBOR
BATE TAMBOR LÁ NA ANGOLA
BATE TAMBOR

(P. 96)

ABAIXA PEDRO COM SUA
FALANGE INTEIRA
NOSSA SENHORA VAI FIRMA
SUA BANDEIRA
EU VOU EMBORA QUANDO
SANTANA CHEGAR
PAI TOMÉ JÁ VAI EMBORA
COM JESUS DE NAZARÉ

PELOS CAMINHOS DA OLIVEIRA
AONDE O PRETO-VELHO VAI PASSAR
ADEUS ADEUS VOVÔ
ATÉ OUTRO DIA QUANDO
SENHOR VOLTAR

PRETO-VELHO VAI EMBORA
E VAI BENZENDO OS SEUS
FILHOS COM GUINÉ
E NA ARUANDA ELE FIRMA
SEU PONTO
E NA UMBANDA ELA DEIXA
A SUA FÉ

(P. 97) **PONTOS CANTADOS À EXU**

QUANDO EU CHEGUEI DA BAHIA
ESTRADA EU NÃO VIA
CADA ENCRUZA QUE EU PASSAVA
UMA VELA EU ACENDIA
EU SAUDEI BANDA DE CÁ
E QUEM NÃO PODE COM A
MANDINGA
NÃO CARREGA PATUÁ

EU CHEGUEI NO TERREIRO
RISQUEI O MEU PONTO
QUEM É O PRIMEIRO?
O PRIMEIRO É AQUELA
QUE ESTÁ LÁ NO CANTO
COM CARA DE SANTO
QUER FALAR COM O HOMEM LELÊ
QUER FALAR COM O HOMEN LELÊ
QUER FALAR COM O HOMEN
OLHA LÁ O MEU FILHO BOTARAM
O FEITIÇO EM SANSÊ
AGORA VÁ LÁ ENCRUZA

(P. 97)

ASCENDE²⁰¹ UMA VELA COM FITA
AMARELA MARAFA E DENDÊ
QUE EU VOU LHE PROTEGER LELÊ
QUE EU VOU LHE PROTEGER
EU VOU LHE PROTEGER
NÃO PEÇA MALEMBE MEU FILHO DE
FÉ

²⁰¹ Acende

ACREDITA EM MIM QUE EU
SOU DE EMBARÉ

SARAVÁ SEU SETE CAMPAS
HOMEM DE CHAPÉU VIRADO
NA DIREITA ELE É MANEIRO
NA ESQUERDA ELE É PESADO
OLHA SEU SETE CAMPAS
EU VENHO LHE OFERTAR
MARAFA PEDE MANDIGA
CARREGO MEU PATUÁ

DIA AMANHECEU LÁ NA CALUNGA
BABÁ ME LEVA FUNDANGA
BOTA O FOGO PRA QUEIMAR
GALO JÁ CANTOU ESTA NA HORA
TEM MUITA GENTE AÍ FORA
ESTÁ CANSADO DE ESPERAR
CHAMA O SEU SETE CAMPAS
QUERO VÊR SETE TRANCAR
TRANCA PORTÃO TRANCA
PORTEIRA
NÃO DEIXAR NADA PASSAR
CHAMA O SEU SETE CAMPAS
QUERO VER ELE TRANCAR
SE BABA QUEIMA FUNDANGA,
E PORQUE SABE QUEIMAR

(P. 98)

SARAVÁ Ê SARAVÁ Ê
SETE CAMPAS

Ô ME FECHAR A PORTEIRA
SINHÔ SETE CAMPAS

Ô SINHÔ JÁ FECHOU
OLHA QUE O ANJO DA GUARDA
TOMA CONTA DA ROMARIA
TOMA CONTA DA ROMARIA

E NOSSO SENHOR
BOA NOITE BANDA
COMO VAI COMO PASSOU
VAI MUITO BEM UMBANDA
VAI MUITO BEM UMBANDA

CORRE RONDA CORREU
SEU SETE CAMPAS
É MOJUBÁ

SETE CAMPAS QUANDO
CHEGAR NO REINO
SEGURA A GIRA PRIMEIRO

AGORA SIM A SUA BANDA
ESTÁ FECHADA
COM UM PEMBA NA CALUNGA
E OUTRO NA ENCRUZILHADA

TOMANDO CANA
MEU BARÁ TOMANDO CANA
A POMBA GIRA E O BARÁ
TOMANDO CANA

BARÁ DA RUA BARÁ EXU
BARÁ DA RUA SARAVÁ
SEU TRANCA RUA CONTINUA..

(P. 99)

BARA DA RUA BARÁ EXU
 BARÁ DE NOITE
 SARAVÁ SEU MEIA NOITE

SEU SETE CAMPAS SE COBRE
 COM SUA CAPA
 QUEM TEM SUA CAPA ESCAPA
 QUEM TEM SUA CAPA ESCAPA
 A SUA CAPA É UM MANTO DE
 CARIDADE
 A SUA CAPA COBRE TUDO
 E SÓ NÃO COBRE A FALSIDADE (BIS)

EU QUERO VER ADER
 EU QUERO VER QUEIMAR
 O FEITICEIRO QUE ME ATIRA
 TEM QUE SABER ATIRAR
 MEU PONTO É FIRMADO
 E NÃO PODE FALHAR
 E QUEM NÃO DEVE NÃO TEIMA
 QUEM DEVE VAI ME PAGAR
 BOTARAM A MACUMBA
 NA ENCRUZILHADA PARA ME
 DERRUBAR
 NÃO ADIANTE NÃO ADIANTA
 EU TAMBÉM SOU DELÁ
 SE MEU PAI É OGUM
 SE MEU PAI É OGUM
 MINHA MÃE YÊMANJÁ
 JÁ FALEI COM SEU SETE
 ELE É MEU COMPADRE
 ELE VAI ME AJUDAR

VOCÊ TEM QUE PENAR AUÊ
 VOCÊ TEM QUE PENAR

EXÚ ERA UM HOMEM PEQUENINHO
 ALÉM DE SER PEQUENO
 ALEIJADINHO
 VAI LEVANDO TODO MAL EXÚ
 QUE ENCONTRAR NOS SEUS
 CAMINHOS

(P. 100)
 SUA CARTOLA É DE OURO
 EXÚ MORA NA JUDÉIA
 SARAVÁ QUEM ESTÁ NA BANDA
 ELE E SEU SETE CAMPAS

SANTO ANTÔNIO DA BATALHA
 FAZ DE MIM BATALHADOR
 CORRE GIRA SANTO ANTÔNIO
 SETE CAMPAS E A CIGANA

RODEIA RODEIA
 SEU SANTO ANTÔNIO RODEIA
 SANTO ANTÔNIO PEQUENINO
 AMANSADOR DE TOURO BRAVO
 QUEM MEXER COM SETE CAMPAS
 ESTA MECHENDO²⁰² COM O DIABO

SANTO ANTONIO ERA MENINO
 SÃO BENEDITO ERA RAPAZ
 SANTO ANTONIO CORRIA NA
 FRENTE

²⁰² Mexendo

E SAO BENEDITO CORRIA ATRÁS
CORRE CORRE SANTO ANTONIO
EU QUERO VER QUEM CORRE MAIS

SEU SETE CAMPAS DIZ
QUE SUA BANDA É MAIOR
E NOS DIZEMOS QUE ELA
E MAIOR É DE FÉ
SEU SETE CAMPAS A SUA
BANDA GIROU
GIRA DE GONGO AUÊ
E É NA FÉ DA GUINÉ
ORERE E OREA
MEU PAI E GANGA
ELE É SEU SETE CAMPAS

EXÚ VEM ABRINDO OS CAMINHOS
E SETE NA LINHA DE FÉ
TOMA CONTA DA MINHA CANGIRA
EXÚ
TOMA CONTA DO MEU CANGERÊ
ELE É EXÚ SETE CAMPAS
(P. 101)

FORMOSURA DE EXÚ ELE É

SETE RI SETE RI
SETE RI PARA NÃO CHORAR
Ô QUE LINDA RISADA QUE O SETE
VAI DAR
SETE QUÁ QUÁ QUÁ.....

SETE E PROTETOR
E MENSAGEIRO DO AMOR
ESTÁ NO ALTO

SEU SETE ESTÁ LÁ NO ALTO
E LÁ NO ALTO
ELE OLHA POR NÓS
LEVANTA OS BRAÇOS
FIRMA SEU PENSAMENTO
E NESTE MOMENTO
SETE VAI LHE AJUDAR
SETE REINA SOBRE A TERRA
SETE REINA SOBRE O MAR

ESTÁ CAINDO UMA GAROA
LÁ ENCIMA DO CEMITÉRIO
CAI CHUVA GROSSA
CAI CHUVA MIUDA
ESTÁ MOLHANDO A SUA
CATATUMBA

RODEIA EXÚ
RODEIA ENCRUZILHADA
RODEIA A POMBA-GIRA
RODEIA A LUA E A MADRUGADA

CEMITÉRIO NOVO
A CATATUMBA ESTA BATENDO
TÁTÁTÁ A CATATUMBA
ESTÁ BATENDO

EU PASSEI NO CEMITÉRIO
AS ONZE HORAS DO DIA
TRÊS DEFUNTOS SE ALEVANTARAM
TODOS OS TRÊS ME DEU BOM DIA

CRUZ CREDO, CRUZ CREDO AVE-
MARIA

EU CHAMEI UM PADRE-NOSSO

PRÁ REZAR FEITIÇARIA

QUANTO MAIS ELE REZAVA

MAIS DEFUNTO APARECIA

CRUZ CREDO CRUZ CREDO

CRUZ CREDO AVE-MARIA

EFÔ EFÔEFÔ GIRO

O GALO CANTOU

É NO ROMPER DA AURORA

SEU SETE CAMPAS

É QUEM MANDA AGORA

O MAR RONCOU E A TERRA TREMEU
MAIOR QUE SETE CAMPAS DAS
ALMAS

SÓ DEUS,É DEUS

QUEIMOU FUNDANGA

NA PORTEIRA

BEBE DENDÊ À MEIA- NOITE

BEBE MARAFÁ COMO ÁGUA

QUERO VÊ QUEM DIGA DIGA

QUE SETE CAMPAS NÃO É HOMEN

(P. 102)

SEU SETE CAMPAS À MEIA NOITE NA
CALUNGA

ELE PLANTOU RAIZ

FOI COM AVE-MARIA(BIS)

FOI COM AVE-MARIA

AS MINHAS ALMAS

FOI COM AVE-MARIA

SEU SETE CAMPAS ELE É HOMEN É
(BIS)

SEU SETE CAMPAS É TEIMOSO DE
UMBANDA

SEU SETE CAMPAS ELE É HOMEN É
(BIS)

EXU É GUERÊ-GUERÊ

NA SUA BANDA EU QUERIA SER

MAS GUANDO²⁰³ VEM ROMPENDO A
AURORA

SEU SETE CAMPAS VAI CHEGAR
AGORA

QUEM QUIZER²⁰⁴ ME VER

SOBE EM CIMA DE UM BARRACO O
ZÉ

O HOMEN E SETE CAMPAS DE
EMBARÉ (BIS)

SETE CAMPAS E POMBA-GIRA

SÃO DOIS FIÉIS COMPANHEIROS

POMBA-GIRA NA ENCRUZA E

SETE CAMPAS NO TERREIRO

CHAMEI SEU LÚCIFER CHAMEI /

CHAMEI SEU ~~SETE CAMPAS~~ E SINHÔ

MAS ELE VEIO SARAVÁ

NA BANDA SARAVA

²⁰³ Quando

²⁰⁴ Quiser

QUIMBANDA E BABALAÔ

EXÚ CORREU SETE PORTEIRAS
 CORREU SETE PORTEIRAS
 CORREU SETE ENCRUZILHADAS
 O GALO JÁ CANTOU
 COCORICOU(BIS)
 O GALO JÁ CANTOU COCORICOU

(P. 103)

CORRE-CORRE ENCRUZILHADA
 SEU SETE CAMPAS JÁ CHEGOU
 FOI NA PORTEIRA DA CALUNGA SÓ
 FOI NO PORTÃO DE MARABÔ
 EXU É

BOA NOITE BANDA
 COMO VAI COMO PASSOU
 VAI MUITO BEM UMBANDA
 VAI MUITO BEM UMBANDA

CORRE RONDA CORREU
 SEU SETE CAMPAS
 E MOJUBÁ

PASSEI NO CEMITÉRIO
 ÀS ONZE HORAS DO DIA
 SEU EXU SE LEVANTAVA
 A CATATUMBA GEMIA
 OI ZUM ZUMZUM
 SINO QUE LA BATIA
 ZUM ZUMZUM
 A CATATUMBA GEMIA

EU PASSEI NA ENCRUZA
 REZEI UM PAI-NOSSO
 E UMA AVE MARIA
 E O DEFUNTO FALAVA
 CAIACAINÃ E A CATATUMBA
 GEMIA CAICAINÃ
 ARREIA CAICAINÃ
 ARREIA CAICAINA

BOTEI NA ENCRUZILHADA
 UMA PANELA DE ANGU
 GALINHA PRETA,FAROFA AMARELA
 PESCOÇO DE GALO E PENA DE
 URUBÚ

(P. 104)

MINHA COBRA MINHA BICHO
 MINHA URUSÚ
 MINHA COBRA MINHA BICHO
 MINHA SURUCUCÚ

QUEM PODE PODE
 QUEM NÃO PODE SE SACODE
 QUEM NÃO MORREU AFOGADO
 TEM MORRER ENFORCADO

EU NÃO SOU COVEIRO
 PRÁ FAZER BURACO ATOA
 EU PRECISO DE MULHER
 QUE SEJA MULHER BOA

EU NÃO SOU MARINHEIRO
 PRÁ SALVAR NINGUÉM DO MAR
 OI CHUVA SERENO E SOL

CONTINUA NO MESMO LUGAR

MALÊLÊ MALÊLÊ
 MALELÊ MALEME AUÁ (BIS)
 SEU SETE CAMPAS É MALELÊ
 MALELÊ MALEME AUÁ
 SEU EXU É MALELÊ
 MALELE MALEME AUÁ

EXÚ NÃO É MENINO
 QUE SE ENGANA COM TOSTÃO
 SÓ SE LEMBRA DE EXU
 QUANDO CHEGA OCASIÃO

MEIA-NOITE AUÊ MEIA-NOITE
 MEIA-NOITE O GALO CANTA,
 MEIA NOITE OS CABRITOS BERAM
 MEIA-NOITE AS CRIANÇAS CHORAM
 NO PORTÃO DO CEMITÉRIO

(P. 105)
 MEIA-NOITE O GALO CANTA GALO
 CANTA
 PINTO PIA NO PULEIRO, NO PULEIRO
 LÁ NA ENCRUZILHADA TEM
 MIRONGA
 TEM MIRONGA AUÊ
 SEU SETE CAMPAS É FETICEIRO

SEU EXÚ VELUDO
 É O REI DA ENCRUZILHADA

SEM ESSE EXÚ NÃO SE PODE FAZER
 NADA

SETE FACAS ENCRUZADAS
 ENCIMA DAQUELA MESA
 SARAVÁ EXÚ VELUDO E
 SALVE AS SETE ENCRUZILHADAS

EU VOU DAR UMA FESTA
 JURO POR DEUS
 VOCÊ BEBE DEMAIS
 A CAMBUCA ESTÁ CHEIA
 SE VOCÊ QUIZER²⁰⁵ VOCÊ BEBE MAIS
 DIABO E SEU SETE
 MARCARAM UM ENCONTRO NA
 CAVERNA
 O DIABO DEU UM BERRO
 SEU SETE PULOU E QUEBROU A
 PERNA

EXÚ FEZ UMA CASA
 COM SETE PORTAS E SETE JANELAS
 SEU EXÚ NÃO PRECISA DE CASA
 POMBA-GIRA É QUEM VAI MORAR
 NELA

EXÚ ALALAÔ ALALAÔ
 É MOJIBÁ
 ELE É EXÚ É DE QUERE-QUERÊ
 ELE É EXÚ É DE QUERÊ GIRA
 SEU SETE CAMPAS
 É DE QUERE-QUERÊ

²⁰⁵ Quiser

(P. 106)

CHAMEI SEU LÚCIFER CHAMEI
 CHAMEI SEU SETE CAMPAS E SINHÔ
 MAS ELE VEIO SARAVÁ
 NA BANDA SARAVA
 QUIMBANDA E BABALÃO

EXÚ CORREU SETE PORTEIRAS
 CORREU SETE PORTEIRAS
 CORREU SETE ENCRUZILHADAS
 GALO JÁ CANTOU COCORIOU (BIS)

QUEM QUIZER²⁰⁶ ME VER
 SOBE EM CIMA DO BARRANCO O ZÉ
 HOMEN É SETE CAMPAS DE EMBARÉ
 (BIS)
 SETE CAMPAS E POMBA-GIRA
 SÃO DOIS FIÉIS COMPANHEIROS
 POMBA-GIRA NA ENCRUZA E
 SETE CAMPAS NO TERREIRO....

Ô ZÉ QUANDO FOR PARA ALAGOAS
 TOMA CUIDADO COM O BALANÇO
 DA CANOA
 O ZÉ FAÇA TUDO O QUIZER²⁰⁷
 SÓ NÃO MALTRATA O CORAÇÃO
 DESTA MULHER

O ZÉ PILINTRA
 ZÉ PILINTRA ENGANADOR
 ENGANOU A CIGANINHA
 COM PALAVRAS DE AMOR

PILINTRA NÃO TEM LAR
 PILINTRA MORA NA RUA
 SE SEU PAI É O SOL
 A SUA MÃE É A LUA

(P. 107)

COM SEU TERNO BRANCO
 E SUA BENGALA
 OI DIM DIMDIM
 NA ENCRUZILHADA
 EXÚ DÁ RISADA

SEU ZÉ PILINTRA NA CALUNGA
 DEU UM BERRO
 ARREBENTOU CERCA DE ARAME
 ARREBENTOU PORTÃO DE FERRO

COM SEU TERNO BRANCO
 E UM BARALHO NO BOLSO
 UM CACHECOL NO PESCOÇO
 VOU PRÁ BARÃO DE MAUÁ
 TRABALHÁ TRABALHÁ
 TRABALHÁ PRÁ QUÉ
 SE EU NÃO TRABALHÁ
 UM DIA EU VOU MORRER

MORRO DA TEREZA ESTÁ DE LUTO
 PORQUE ZÉ PILINTRA MORREU
 MATARAM ZÉ PILINTRA
 NA PORTA DE UM CABARÉ
 POR CAUSA DE UMA MULHER

²⁰⁶ Quiser

²⁰⁷ Quiser

EU VOU FAZER FIGA PARA QUEM DE
 MIN FALAR
 ZUM ZUMZUM GIRAMUNDO VAMOS
 GIRAR
 MEU PAI FALOU UM DIA
 NA LÍNGUA DE CANDOMBLÉ
 NA LÍNGUA QUE FALA MUITO
 A GENTE PISA NO PÉ
 ENQUANTO O SUJEITO DORME
 E O MEU PAI TÁ NA CURIMBA
 ZUM ZUMZUM GIRAMUNDO
 OLHA D'ÁGUA PEGA ENCIMA

(P. 108)

VAI VENTO VAI
 VAI VENTO VEM
 CHAMA OS CIGANOS
 LÁ DO ALÉM

QUE BANDO É ESTE
 É UM BANDO DE CIGANOS
 CARAVANA CARAVANA
 É CARAVANA DE CIGANOS

(P. 109) **PONTOS CANTADOS DE
 POMBA GIRA**

ROSA VERMELHA
 ROSA VERMELHA SAGRADA
 ROSA VERMELHA E POMBA-GIRA
 DAS SETE ENCRUZILHADAS

O POMBA-GIRA VOCÊ É UMA ROSA

QUE FLORESCEU NO MONTE DE
 ESPINHOS
 O POMBA-GIRA VOCÊ É UMA ROSA
 VOCÊ É UMA ROSA
 POMBA-GIRA ABRA MEUS
 CAMINHOS

DESCENDO O MORRO PARA
 TRABALHAR
 ME LEVARAM PRA OUTROS
 CAMINHOS
 DIZENDO MOÇA VOCÊ VALE OURO
 VOCÊ CHEIRA ROSA
 VOCÊ É MEU TESOURO
 AI ELA CAIU NA PERDIÇÃO
 VOCÊ É POMBA-GIRA QUE VIVE
 NA RUA DA AMARGURA

POMBA-GIRÊ
 POMBA-GIRA É DE MACEIÓ
 ELA VEIO DAS ENCRUZAS
 POMBA-GIRA É DE MACEIÓ

Ô MOÇA COM TODOS OS SEUS
 ENCANTOS
 VENHA ACALMAR OS MEUS
 PRANTOS
 VEM ME CONSOLAR
 FOI NA ENCRUZA QUE ELA MORA
 E O MEU CORAÇÃO TAMBÉM
 VENHA CIGANA FACEIRA
 VEM QUE EU TE QUERO BEM

(P. 110)

TENHO UMA BARRACA VELHA
 FOI A CIGANA QUE ME DEU
 QUE É MEU E DA CIGANA
 O QUE É DELA NÃO É MEU
 A CIGANINHA MUJERÊ
 MUJERÊ MUJERÊ (BIS)

BEM QUE EU LHE AVISEI
 PRÁ VOCE NAO JOGAR
 ESTA CARTADA COMIGO
 VOCÊ JOGOU COM VALETE
 E EU FIQUEI COM A DAMA
 OLHA VOCÊ É MEU AMIGO
 POMBA-GIRA CIGANA
 E POMBA-GIRA DE FAMA

CIGANA OLHA A GIRA CIGANA
 TALECO OLHA A POMBA-GIRA (BIS)

DANDÁ DANDÁ É BOM
 E SEGURA ESTA MULHER
 DANDÁ É BOM.
 ODARÁ ODÁRA É BOM.....

POMBA-GIRA CIGANA TÁ NO ARO
 EEÊ POMBA-GIRA CIGANA
 TÁ NO ARÁ EEÁ

RAINHA POMBA-GIRA
 GANHOU SETE COROAS
 QUE ZAMBI COROOU
 E TODO POVO DE UMBANDA
 AO VER A POMBA-GIRA
 SE AJOELHOU,SE AJOELHOU

SE AJOELHOU RAINHA POMBA-GIRA
 DEU A MÃO E LEVANTOU

(P. 111)
 CIGANA A SUA VIDA É UMA
 JORNADA

CIGANA A SUA VIDA E LUTAR

CIGANA VOCÊ É

AVENTUREIRA

SÓ TENS BARRACA, MAS NÃO TENS
 ONDE MORAR

AI AIAI CIGANA, TÚ ÉS VALENTE

MAS TENS MUITO AMOR PRÁ DAR

E QUANDO EU CHEGO AO TEU LADO

CIGANA

TU TOMAS CONTAS E DOMINA MEU
 OLHAR

E QUANDO À NOITE O SERENO VEM
 CAINDO

E AOS DOMINGOS ME CONVIDAS À
 PASSEAR

A LUA CHEIA ILUMINA TODA MATA
 E OS PASSARINHOS

NOS AJUDAM A CANTAR.....

AI AIAI CIGANA....

A PORTA DO INFERNO ESTREMECEU

[Ilegível] PARA VER QUEM É?

[Ilegível] GARGALHADA NA
 ENCRUZA

ERA A POMBA GIRA

RAINHA DE LUCIFER

QUE CAMINHO TÃO ESCURO

QUE VEM SAINDO
 AQUELA LINDA MOÇA
 COM SEU VESTIDO DE CHITA
 QUEBRANDO OSSO POR OSSO
 MAS ELA É A POMBA-GIRA
 RAINHA DE TANTO
 ALVOROÇO

POMBA-GIRA JÁ MÁ COM OS ANJOS
 POMBA-GIRA JÁ MUCONGUÊ
 AIA ORERÊ
 POMBA-GIRA JÁ MUCONGUÊ
 IAIÁ ORERÊ

AO LONGE EU VI
 OS CIGANOS CHEGAR
 (P. 112)
 AO LONGE EU VI
 OS CIGANOS ACAMPAR
 O CIGANA CIGANINHA
 DO MEU CORAÇÃO
 VOCÊ PODE LER A SORTE
 NA PALMA DA MINHA MÃO

UMBANDA A SUA RAINHA CHEGOU
 UMBANDA MAIS UMA ESTRELA
 BRILHOU
 SALVE SALVE A POMBA-GIRA
 QUE VEIO DA ENCRUZILHADA
 PARA SALDAR SUA GIRA
 SALVE O SEU PONTEIRO DE AÇO
 SALVE SUA TESOURO QUE
 CORTA TODO EMBARAÇO

EU CAMINHAVA PELA ALTA
 MADRUGADA
 SOBRE UM CLARÃO DA LUA
 OUVI UMA GARGALHADA
 LINDA MORENA FORMOSA
 ME DIGA QUEM VOCÊ É?
 EU SOU A DONA DA ROSA
 SOU POMBA-GIRA DE FÉ
 POSSO ABRIR QUALQUER GIRA
 EM NOME DE LUCIFER
 SOU POMBA-GIRA CIGANA
 NÃO ME CONHECE QUEM NÃO QUER

QUIZERAM ME MATAR
 NA PORTA DE UM CABARÉ
 EU ANDO NOITE E DIA
 SÓ NÃO ME MATA PORQUE NÃO
 QUER
 EXÚ COMEU BÓ
 MAS NÃO QUIS COMER
 CONVIDOU SEUS CAMARADAS
 PARA COMER UM PEDACINHO

(P. 113)
 DEBAIXO DA PONTE PRETA
 EU VI UM GRITO DE SOCORRO
 SEGURA MINHA QUIBANDA
 A POMBA-GIRA VAI CHEGAR AGORA

PADILHA SOBERANA DA ESTRADA
 RAINHA DA ENCRUZILHADA
 É MULHER DE LUCIFER
 SUPREMA A MULHER DO DINHEIRO
 A RAINHA DO TERREIRO

SEU FEITIÇO TEM ACHÉ
 MAS ELA É ELA É ELA É
 A RAINHA DA ENCRUZA
 E A MULHER DE LUCIFER

AQUELA CASA DE POMBO
 É DA POMBA-GIRÁ
 AUÊ AUÊ-AUÊ AUÁ

POMBA-GIRA PARANGOLÊ
 COMO É A POMBA-GIRA
 ELA GIRA NO GONGUÊ
 COMO É A POMBA-GIRA

DEU UMA VENTANIA Ô GANGA
 ALTO DA SERRA
 MAS ERA A POMBA-GIRA Ô GANGA
 QUE VEM DESCENDO A SERRA

A PADILHINHA VEM
 A PADILHINHA VEM
 TRANCA TRANCA
 PADILHINHA
 QUÊ ELA TRANCA EU SEI

(P. 114)
 Ô MARIA MULAMBO PORQUE VIVE
 NESTA VIDA
 NESTA BOEMIA NESTE BECO SEM
 SAÍDA
 EM CADA ENCRUZA UM TRIDENTE
 EM CADA GUIA UMA FIGA
 VOCÊ É MULHER PODEROSA
 VOCÊ NÃO SAI DESTA VIDA

ELA É POMBA-GIRA,ELA É MULHER
 ELA É MARIA MULAMBO RAINHA DE
 LUCIFER

MOÇO ME DÁ UM CIGARRO DO SEU
 POIS EU NÃO TENHO DINHEIRO PRÁ
 COMPRAR
 MAS ELA É POMBA-GIRA MULAMBO
 É A RAINHA DA ENCRUZA
 É A RAINHA DA BELEZA

HOJE É SEXTA-FEIRA
 VOU FICAR NA MIRA
 ACENDE SETE VELAS VERMELHAS
 PRÁ POMBA-GIRA
 EU LEVEI PRÁ ELA CHAMPANHE
 E SAIA RODADA
 MINHA TRISTEZA VAI ACABAR
 POMBA-GIRA CIGANA VAI
 FAZER VOCE VOLTAR
 POMBA-GIRA EWÊ
 POMBA-GIRA EWA
 POMBA-GIRA CIGANA
 VAI FAZER VOCÊ VOLTAR

(P. 115)
 EU GIRO A MEIA NOITE
 GIRO AO MEIO DIA
 GIRO A QUALQUER HORA
 VOCÊ SABE QUEM EU SOU?
 VOCÊ SABE QUEM EU SOU?
 EU SOU EXU MULHER
 EM NOITES DE CABARÉ
 EM NOITES DE CABARÉ

EXU MARIA PADILHA ELA É
MULHER

FOI INHASA QUE ME DEU FORÇAS
EU SOU RAINHA DO CANDOMBLÉ
VAMOS SARAVÁ NOSSA RAINHA
POMBA-GIRA QUE ELA É EXÚ
MULHER
GALINHA PRETA NÃO SE DEVE
DEPENAR
SE PASSAR DENDÈ DEIXA A GIRA
TRABALHAR
DE QUEM É ESTA GALINHA É DA
POMBA-GIRA (BIS)

QUEM QUIZER²⁰⁸ ME VER
VAI NO FIM DAQUELA ESTRADA
QUE VOCÊ VAI CONHECER
POMBA-GIRA CIGANA NA
ENCRUZILHADA
QUEM QUIZER²⁰⁹ ME VER
O QUEM QUIZER²¹⁰ ME VER

QUEM VÊ POMBA-GIRA CIGANA
QUEM VÊ NUNCA PODE ESQUECER
VAS ELA MORA NA PEDRA FURADA
OMULU LHE DEU A CHAVE
ELA FEZ SUA MORADA

ARREDA HOMEN QUE AÍ VEM
MULHER
MAS ELA É A POMBA-GIRA
RAINHA DE LÚCIFER

²⁰⁸ Quiser

²⁰⁹ Quiser

SEU SETE CAMPAS VEM NA FRENTE
PRA DIZER QUEM ELA É

(P. 116)

POMBA-GIRA MULHER DE SETE
MARIDOS
NÃO MECHA²¹¹ COM ELA
Ô GENTE
QUE ELA É UM PERIGO

ESTAVA SENTADO NA PRAÇA
QUANDO A POLÍCIA CHEGOU
EU TINHA UM SENTIMENTO
PROFUNDO
SER PEGO PELA POLÍCIA
COMO UM VAGABUNDO

QUEM É ESTA MOÇA QUE VEM NO
CAMINHO
BEBENDO MARAFÁ E CAINDO NA
RUA
ELA É MARIA MULAMBO
ELA É MARIA MULAMBO
DEU UMA GARGALHADA
NA ENCRUZA QUEM É
É POMBA-GIRA

POMBA-GIRA NA UMBANDA
NINGUÉM SEGURA
É POMBA-GIRA

QUEM ANDA NA MACUMBA

²¹⁰ Quiser

²¹¹ Mexas

E NÃO TEM SEU PROTETOR
 MAS CEDO OU MAIS TARDE
 VAI FICAR BOROCOXÓ
 AI AIAI QUEM MANDOU
 ESCORREGAR
 AI AIAI VOCÊ VAI TER QUE ME
 PAGAR

(P. 117) **PONTOS DE SUBIDA DE
 EXU POMBA -GIRA**

EXÚ VAI EMBORA PRÁ ANGOLA
 EXÚ VAI EMBORA PRÁ ANGOLA
 A SUA BANDA LHE CHAMA
 EXÚ VAI EMBORA
 ENE ENE AUÊ ENE AUÊ ENE
 QUÊ ENE
 QUEM DESPEDE DA UMBANDA
 É SEU EXÚ

SINO BATEU LA NA CAPELA
 O GALO CANTOU NA
 ENCRUZILHADA
 ARREIA A SUA CAPA E SEU GARFO
 SEU EXÚ, MEU PAI OGUM
 LHE CHAMOU NA ENCRUZILHADA

EXÚ MORA NA JUDEIA
 PERTO DE JERUSALÉM
 SEU SETE CAMPAS VAI EMBORA
 PRO ALÉM
 SINO DA IGREJINHA
 FAZ BELÉM BLEM-BLOM
 CHAMANDO SETE CAMPAS

PRO ALÉM

EXÚ GIROU EXÚ GIROU
 EXÚ VAI EMBORA QUI
 ZAMBI CHAMOU

A SUA TROUXA VAI ROLANDO
 VAI ROLANDO PRÁ CALUNGA
 A SUA TROUXA VAI ROLANDO
 É SEU SETE QUE VAI EMPURRANDO

(P. 118)
 BATERAM NA MINHA PORTA
 MENINA VER QUEM É
 FOI UM HOMEN PEQUENINO
 QUE ROUBOU SUA MULHER
 MEIA-NOITE E NOITE E MISTÉRIO
 COMO MIL LETRAS NUM JORNAL
 SETE CAMPAS MATA E CURA
 NA PORTA DO SEU PUNHAL

ESCREVI COM MEU SANGUE NA
 AREIA
 AI QUE SAUDADE DA MINHA ALDEIA
 POMBO PRETO BATEU ASAS E VOOU
 SETE CAMPAS VAI EMBORA
 MAS SEU CORAÇÃO FICOU

EU NÃO VIM DE PÉ
 DE PÉ EU NÃO VOU VOLTAR
 ME DÁ UM JEITO MOLEQUE
 UM BURRO PRA EU VOLTAR

A SUA CASA ELA É TÃO BONITA

TODA DE BRONZE
 QUEM QUIZER ²¹²VAI LÁ
 DEU MEIA-NOITE ELA JÁ VAI
 EMBORA

DEU MEIA-NOITE ELA JÁ VAI GIRAR

A POMBA-GIRA ELA JÁ VAI EMBORA
 NA SUA SAIA VAI FAZER UM
 GRANDE NO

ELA JÁ VAI EMBORA
 ENCRUZILHADA E QUEM LHE
 CHAMA

A POMBA-GIRA É DONA DA FORÇA
 MAIOR

NA SUA SAIA VAI FAZER UM
 GRANDE NÓ

DEU UM VENTO NA PALMEIRA
 BALANÇOU FOLHA NO CHÃO
 LÁ NO ALTO DA COLINA
 O SOL DEU O SEU CLARÃO

(P. 118)

DEU UM VENTO NA PALMEIRA
 BALANÇOU FOLHA NO CHÃO
 LÁ NO ALTO DA COLINA
 O SOL DEU O SEU CLARÃO
 A CIGANA VAI EMBORA
 VAI DEIXANDO A PROTEÇÃO
 PELOS CAMINHOS DA MATA
 A CIGANA VAI LENDO A MÃO

AUÊ BABÁ A POMBA-GIRA GIROU
 RETIRAR SUA FALANGE
 PARA FECHAR A SUA URUSSANGA

EU VIM BUSCAR MINHA ROSA
 QUE VOCÊ PROMETEU,
 SE VOCÊ NÃO ME DÁ
 VOCÊ LEVA PRÁ EU
 CALUNGA GRANDE
 VOCÊ CHAMA POR EU

É DE MANHÃ EU VOU BUSCAR
 MINHA FLOR
 A ROSA QUE TU ME DESTES
 SERENO JÁ MOLHOU

A POMBA-GIRA VAI EMBORA
 A POMBA-GIRA VAI EMBORA
 ELA VAI AO CAMPO SANTO
 PARA VISITAR AS ALMAS
 QUE ELAS ESTÃO DORMINDO
 AGORA

(P. 120) **PONTOS CANTADOS DE
 PRETO-VELHO**

VOU VOU SUBINDO A SERRA(BIS)
 VOU DE JOELHOS IMPLORAR
 PEDINDO À DEUS MEU DEUS
 PARA ME AJUDAR
 DEUS É MEU PAI, DEUS É MEU GUIA

LOUVAI AS ALMAS NO ROSÁRIO DE
MARIA

PAI THOME É PRETO
O CAMBINA
MORA NO ROSERÁ
O CAMBINA
ELE É CHEFE DE MESA Ô CAMBINA
VENCEDOR DO MAL

PRETO VELHO QUE
NASCEU NO CATIVEIRO
HOJE BAIXA NO TERREIRO
DE CACHIMBO E PÉ NO CHÃO
E PEGA A PEMBA RISCA O
PONTO, FAZ MIRONGA
SARAVÁ MARIA GONGA
SARAVÁ O PAI JOÃO

PAI CIPRIANO TRABALHAR
COM CIPRIANO E JACÓ
ELE TRABALHA COM A CHUVA
E O VENTO
E ELE TRABALHA COM A LUA E O
SOL

(P. 121) **PONTOS DE SUBIDA DE
CABOCLO**

CABOCLO VAI EMBORA
PRÁ CIDADE DA JUREMA
BOM JESUS TÁ LHE CHAMANDO
PRÁ CIDADE DA JUREMA
ELE VAI SER COROADO

PRA CIDADE DE JUREMA
COM A COROA DE ARERÊ

CABOCLO PEGA A SUA FLECHA
PEGA SEU BODOQUE
GALO JÁ CANTOU
GALO JÁ CANTOU LÁ NA ARUANDA

OS PASSARINHOS CANTAVAM
ALEGRES NAQUELA MATA AONDE
VAI MEU PAI
MAS ELE VAI MAS ELE VAI
MAS ELE VAI PRÁ SUA MATA ELE
VAI
ADEUS TERREIRO DE UMBANDA
MAS ELE VAI PRA SUA MATA
NA ARUANDA

É NOITE DE LUAR
CABOCLO VAI GIRAR
E LÁ NO ALTO DA MONTANHA
BEM PERTO DO PAI OXALÁ

JÁ VAI JÁ VAI
MEUS CABOCLOS JÁ VAI
JÁ VAI JÁ VAI
VAI NAS HORAS DE DEUS
AUE AUA A SUA BANDA
MANDOU LHE CHAMAR

(P. 122)

[Ilegível] MUCAMBEIRA
LAVOU ROUPA NO RIBEIRÃO
LAVOU ROUPA DE XITA

NÃO É DELA É DA SINHÁ
 AUÊ ERERÊ ERERÊ RERE
 RERÊ RÊ-A
 LAVOU ROUPA DE XITA
 NÃO É DELA É DA SINHÁ

Ó PRETO VELHO QUE FUMA
 CACHIMBO
 AMARRA A CALÇA COM A
 PALHA DE CANA
 E SE A PALHA DE CANA
 ARREBENTA
 PRETO VELHO O SENHOR NÃO
 ME ENGANA
 AUÊ RÊ AIE AUÊ
 PRETO VELHO DE BOM PARACER

VOVÓ NÃO QUE
 CASCA DE COCO NO TERREIRO
 POR QUE FAZ ALEMBRAR
 TEMPO DOS CATIVEIROS
 GONGO E A CAMBINA
 VIERAM PRA TRABALHAR
 O CONGO VEIO POR TERRA
 CAMBINA VEM PELO MAR (BIS)
 ELA É CAMBINA
 PRETA VELHA FEITICEIRA (BIS)

VOVÓ É BAMBA NO ARÔ
 MAS A VOVÓ DIZ QUE ERA
 ELA É BAMBA NO ARO

(P. 123)

PAI THOMÉ CAMINHA
 DEVAGARINHO
 ENSINANDO A SEUS FILHOS
 VERDADEIRO CAMINHO
 PAI THOMÉ VENHA NOS AJUDAR
 ILUMINA A SUA BANDA
 NA FÉ DO PAI OXALÁ

PAI THOMÉ COM SUA TERNURA
 SENTADO NO TRONCO
 ELE REZA AS CRIATURAS
 A ESTRELA DE OXALÁ
 SEU PONTO ILUMINOU
 ELE É O PAI THOMÉ
 E O NOSSO PROTETOR

PEDI LICENÇA À MÃE INHANÇÃ
 PEDI LICENÇA À MEU PAI OXALÁ
 PEDI LICENÇA AO SENHOR DO
 BONFIM
 PAI THOMÉ PRA VIM TRABALHAR

QUEM VEM LÁ VEM CÁ
 VEM SARAVANDO O GONGA
 E PRETO VELHO BAHIANO
 PAI THOMÉ QUE VEM TRABALHAR

AÍ VEM A VOVÓ DE ANGOLA
 MAS ELA É DONA DO CONGÁ
 ERÊ RERÊ ERÊ RERÊ-Á
 A VOVÓ CORIANA JÁ
 VIROU GANGA NO MAR

EU VI NUM TERREIRO

DE UMBANDA EU VI,UM VELHO
TRABALHAR
ELE TRABALHA COM A PEMBA
MAS QUEM MANDA NA PEMBA
E OXALÁ

(P. 124)

VOVÓ TEM SETE SAIAS
NA ÚLTIMA SAIA ELA TEM
MIRONGA
VOVÓ VEIO DE ANGOLA
PRA SALDAR FILHO DE UMBANDA
COM SEU PATUÁ E A FIGA DE GUINÉ
VOVÓ VEIO DE ANGOLA
PRA REZAR FILHO DE FÉ

EU CHORO MEU CATIVEIRO
MEU CATIVEIRO MEU CATIVERÁ
NO TEMPO DA ESCRAVIDÃO
PRETO-VELHO MUITO TRABALHOU
MAS NÃO TINHA O QUE PENSAR
SARAVÁ PAI OGUM SARAVÁ PAI
XANGO
E QUANDO CHEGAVA TARDINHA
PRETO-VELHO BATIA TAMBOR
QUANDO VIA PARA SENZALA
TRAZIA MANDINGA PARA O SINHÔ

OI QUI BECO ESTREITO
CHEIO DE ESPINHOS(BIS)
E O PAI THOMÉ QUI VEM
NO CAMINHO(BIS)
LÁ NO CRUZEIRO DAS ALMAS
EU VI A ZABUMBA ROLAR

TODO MUNDO PEDE BENÇÃO
PAI THOMÉ JÁ CHEGOU

PAI THOMÉ CHEGO DA BAHIA
TODO MUNDO COMEU VATAPÁ
COM DENDÊ E FUBÁ E ACARAJÉ
COMIDA DE SANTO QUEM É
QUE NÃO QUE
PRÁ FAZER CANGERE SÓ A
BAHIANA,QUE SABE FAZER
TEM TEM PEMBA TEM TEM GUIA
EM SEU OLHAR TEM TEM PEMBA
TEM FEITIÇO NO OLHAR

(P. 125)

ENENE É MOJIBÁ
E MOJ BÁ (BIS)
SEU,SETE CAMPAS
É MOJIBÁ...

QUEIMOU FUNDANGA NA PORTEIRA
BEBE DENDÊ À MEIA-NOITE
BEBE MARAFO COMO ÁGUA
QUERO VÊ QUEM DIGA DIGA
QUE SETE CAMPAS NÃO É HOMEN

SEU SETE CAMPAS À MEIA
NOITE NA CALUNGA
ELE PLANTOU RAIZ
FOI COM AVE-MARIA (BIS)
FOI COM AVE-MARIA
ÀS MINHAS ALMAS
FOI COM AVE-MARIA

MAR RONCOU E A TERRA TREMEU
 MAIOR QUE SETE CAMPAS DAS
 ALMAS SÓ DEUS, É DEUS

EFÔ EFÔ,EFÔ GIRÔ
 GALO JÁ CANTOU
 É NO ROMPER DA AURORA
 SEU SETE CAMPAS
 É QUEM MANDA AGORA

SEU SETE CAMPAS ELE É HOMEN É
 (BIS)
 SEU SETE CAMPAS É TEIMOSO
 DE UMBANDA SEU SETE CAMPAS
 ELE É HOMEN É(BIS)

SUBINDO PRO CÉU
 OM NOSSA SENHORA
 DO DE VEO

VOVÓ JA VAI-JÁ VAI PRÁ ARUANDA
 ABENÇÃO VOVÓ / PROTEÇÃO PRÁ
 SUA BANDA

ORA VIVA A TOALHA DE RENDA DE
 BICO DO PAI OXALÁ
 ADEUS UMBANDA ADEUS LINDO
 GONGÁ
 ZAMBI ME TROUXE,ZAMBI VAI ME
 LEVAR
 ORA VIVA A TOALHA DE RENDA DE
 BICO DO PAI OXALÁ

EXÚ É QUERÊ QUERÊ,NA SUA
 BANDA EU QUERIA SER
 MAS QUANDO VEM ROMPENDO A
 AURORA
 SEU SETE CAMPAS VAI CHEGAR
 AGORA

(P. 126) **PONTOS DE SUBIDA DE
 PRETO-VELHO**

PAI THOMÉ ELE VAI
 ELE JÁ VAI EMBORA
 ELE VAI COM A CORRENTE DOS
 ANJOS
 E O ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA

JÁ VAI PRETO VELHO

O SINO JÁ BATEU
 PRETO-VELHO JÁ VAI CAMINHAR
 MINHA PRETO-VELHO CAMINHA
 E NÃO SE ESQUEÇA DE OXALÁ
 PRETO-VELHO ESTÁ CANSADO
 DE TANTO CAMINHAR
 PRETO-VELHO ESTÁ CANSADO
 DE TANTO TRABALHAR
 PEGAR A PEMBA E RISCA O PONTO
 QUE É LONGA A CAMINHADA
 QUEM TEM FÉ TEM TUDO
 QUEM NÃO TEM FÉ NÃO TEM NADA

APÊNDICE D – ENTREVISTA KÁTIA REGINA LUZ - ÍNTEGRA

INF: Kátia Regina Luz

00:01:03 INF:

INQ: Lucas Denir

Então, eu com a mediunidade mesmo no processo do desenvolvimento, começou em 1983, o desenvolvimento dentro de uma Casa de Santo, mas manifestações mediúnicas de visão e audição, eu lembro de... até de algumas cenas de eu criança, eu já lembro de algumas coisas que tinha, assim, né? E... e... e de adolescência, eu sentia muito, eu tinha algumas reações, algumas ações, algumas atitudes, que hoje, com o estudo, eu sei que era coisas mediúnicas, né? E, também era tratado assim dessa forma pela minha avó, e... mais pela minha avó, né, que na época era que era a Mãe de Santo e. E daí... mas quando chegou mesmo, daí, tá vivi a vida do adolescente, do jovem e tal, até que surgiu uma situação bem complicada, e nessa situação complicada é a minha Mãe veio para mim e disse que eu não estaria naquilo se eu tivesse dentro de um terreiro. E eu não sabia, na hora eu não, não admiti isso, mas, na dúvida, eu acendi umas velas e pedi, né, para sair daquele emaranhado e nesse pedido eu pedi para que em 24 horas eu queria tá com uma solução, uma luz no... no mínimo do túnel, assim, né? E, em menos de 4 horas, essa luz realmente apareceu. E a partir disso daí eu... eu fui direto para a Casa de Santo e estou até hoje, né?

Data: 28/04/2024

00:00:00 INQ:

Hoje é dia 28 de abril de 2024. São 6 horas da tarde, eu estou aqui com Kátia Regina Luz. Vamos lá? A senhora pode começar falando o seu nome e grau de instrução, essas coisas assim. Quem é a senhora?

00:00:18 INF:

Eu sou a Kátia Regina, sobrenome meu é Luz. Sou uma geminiana de 23 de maio de 1959. E...

00:00:31 INQ:

E sua formação [ININT.]?

00:00:32 INF:

Eu sou formada em Direito, sou inscrita na Ordem dos Advogados, tenho 2 especializações, 5 formações em áreas distintas do Direito.

00:00:52 INQ:

A senhora é... É Mãe de Santo, sacerdotisa de Umbanda. Como é que a senhora começou a relação da senhora com a mediunidade? Como é que isso começa?

00:02:58 INQ:

E a sua mãe era... Sua mãe era sacerdotisa de Umbanda, né, nessa época? Não era ainda sacerdotisa?

00:03:05 INF:

Na realidade, a minha mãe estava na transição. Ela já era Babá de Umbanda há muitos anos, mas em 1980, a minha avó faleceu. E daí, de 1980 a 1982, ela foi fazer essa questão de... De fazer os ritos da passagem, né? Porque com o rito da passagem da morte, veio ela daí a herdar essa parte de Santo. Então 2 anos ela se preparou para realmente ser Mãe de Santo. E daí ela fez o assentamento da casa, ela fez, daí, ela já era uma Babá coroada nas 7 linhas, mas ela algo não, não tocou, e, daí, eu não sei te dizer, mas daí ela foi para o rito de Almas e Angola. Daí ela iniciou os assentamentos todos já dentro do Almas e Angola, e, daí, sim ela passou a ser Mãe de Santo que antes ela só era Babá, ela nunca assumiu nenhum Filho de Santo, nunca fez nenhum rito sacerdotal, mas ela já, fazia uns 15 anos que ela, até mais, talvez que ela era uma babá de 7 linhas, que seria o último grau da Umbanda das 7 Linhas que ela praticava.

00:04:22 INQ:

Então quando você entrou, quando entrou para um terreiro, ela ainda era uma Babá, ela ainda não tinha uma Casa de Santo?

00:04:29 INF:

Não, quando eu entrei, ela estava ela... ela... ela tinha feito Babá, Mas ela já estava com o gongá.

00:04:38 INQ:

Com... Que já era na Tapera?

00:04:40 INF:

Que daí ela já tinha trazido, porque quando ela veio para Tapera, ela veio para Tapera, eu era criança assim, mas lá por 1970, ela começou a atender as pessoas. Então ela fez um quartinho de atendimento, que a gente chama de gongá, né? E esse quartinho de atendimento foi indo e a minha vó era viva e a vó tinha um terreiro lá, em, na... na Ponta do Leal. E a mãe atendia lá e atendia aqui. Ela atendia mais aqui, os finais de semana, nada assim muito... Não era uma, não tinha sessão e tal, né? Daí, com o advento do rito da passagem da Ana, em 1980, daí ela trouxe as coisas para cá. Daí ela foi trazendo e botando num quarto aqui todos os negócios e começou a ampliar essa salinha que ela tinha, é o... tipo, um ranchinho, né? Que daí ela ampliou a casa e botou os santinhos lá. Daí, 1982, ela se recolheu para fazer em Almas e Angola, com a Mãe Hilca de Iansã, lá do Axé Santa Rosa de Lima. E daí ela fez, e daí, em 83, ela inaugura aqui a casa. No dia que ela está inaugurando aqui, no ano que ela está inaugurando, eu estou entrando definitivamente dentro da corrente

mediúnica lá do Axé Santa Rosa de Lima, e não aqui na Tapera. Eu vim para cá para a corrente do terreiro do Reino de Iemanjá, em 1986. É... Ou oiten— Na verdade foi em 1985, porque eu fiz a minha segunda iniciação, que é o bori em 1985, e eu casei em 1986, então, nesse ínterim, eu já estava vindo para cá, que é onde que a Mãe Hilca pediu para eu vir para cá, para ajudar a mãe, porque ela precisava. É... não que ela precisasse assim, mas, ela queria que eu estivesse aqui dentro, assim como ela queria que as filhas dela estivesse com ela lá, sendo um braço direito assim, né? Daí, na tradição, uma mãe-pequena da casa. E daí é o que aconteceu. Daí eu vim pra cá em 1986, daí mês, assim, certinho, então era final de 1985, que eu deitei em junho, então lá para setembro, outubro que daí eu, eu vim para cá, né? Mas, no dia da inauguração, eu estava aqui, eu era a cambona, eu, no dia que ela inaugurou a casa, eu estava como cambona da casa, assim, porque não tinha ninguém para ser cambona, mas estava, assim.

00:07:32 INQ:

Uhum.

00:07:33 INF:

Tinha bastante médium, só que daí eles estavam na função de ficar na corrente, né? Mas eu recordo, assim, de eu estar segurando a bandeja, estar fazendo as coisas ali com a guiazinha solitária que é a guia anjo de guarda, né?

00:07:47 INQ:

E... Quando a gente vai olhar os documentos, como a gente olhou, a gente vê que há uma articulação para poder receber recursos, para obter recursos. É nessa primeira, há uma expansão para inauguração ou depois disso houve outras expansões e daí é onde foi, onde se buscou uma articulação política e social para conseguir?

00:08:13 INF:

Ah, não. Ela sempre articulou, desde quando a vó faleceu, que ela tinha que... que fazer para Almas e Angola ela já fez uma articulação, que tem até um caderno ou livro ouro, alguma coisa assim, que foi assinado por algumas pessoas que deram uns valores mais significativos. E depois houve outras... Já teve, essa casa teve quatro reformas, uma foi eu que fiz e três...

00:08:41 INQ:

Foi ela.

00:08:41 INF:

Com ela, é.

00:08:44 INQ:

E, claro que você falou que você era muito jovem, mas você se lembra o quê que era a Tapera quando, realmente, ela começa a atender aqui? Como é que a Tapera era? Como é que era a comunidade ao redor?

00:08:53 INF:

Ixi, eu lembro, sim, lógico. Ali, a barreira só tinha a Rua das Areia e a rua do Juca, entre as Areia e a Rua de Juca não existia, era catado uma ou outra casa, assim, era quase ninguém, né? Tanto que ali foi começar a ser vendido, mesmo, as terras por ali, lá depois de 1989, de 1987 a 1989, que começaram realmente a vender imóveis ali na, entre as... fazer aquelas servidões e tal, né? Mas antes, literalmente, não tinha.

00:09:30 INQ:

Mas aqui, a região da praia já era um pouco mais desenvolvida?

00:09:32 INF:

Já era... Tinha mais pessoas, assim, era... Era contado as famílias, né? Porque daí era famílias, tinha família A, B, C, só que na rua da praia, não. A rua da praia tinha bastante casas diferentes, né? Algumas servidões aqui em torno, já tinham algumas casas, mas não era muito, não, era pouco. Porque, assim, quando ela vem para cá, o trabalho, ela era professora, né? Então o professor tem uma, uma, um olhar diferente da, das

coisas, assim. Eu percebi isso quando eu encontro outros Mães de Santo que também são professoras. E eu recordo muito que ela falava algumas coisas de pessoa da comunidade, que caminhava, assim, porque aqui o pessoal era muito simples, andava muito descalço e daí tinha os pés rachados, e ela ensinou, ela... é, é assim, eu, eu, quando falar isso, eu ouço ela contando a história, assim, dela tá ensinando a pegar a telha, que antes a telha era aquelas telhas de...

00:10:35 INQ:

Barro.

00:10:36 INF:

De barro para lixar o pé, para as pessoas deixar de ter o pé... é... rachado. E ela ensinava a passar algumas ervas, como a babosa, outras coisas para poder hidratar, né? Tinha casos aqui que as mulheres eram colocadas, de uma situação muito de submissão, e ela foi empoderando essas mulheres, né? De ter casos que a gente sabe, assim, que o homem chegava, um homem policial, por exemplo, botava, chegava ou botava os pé na... na mesa, e a mulher que tinha que tirar a pró— a bota do cara, né? Tipo de situações assim, bem, imbecis, assim, né, dentro de um contexto, assim. E, aos poucos, ela foi empoderando essas mulheres, essas mulheres começaram a olhar as coisas de uma outra forma. E

começaram a tomar sentido, né? E cada uma foi crescendo, se desenvolvendo e, às vezes, com criança pequena, passando trabalho, assim, nessas relações sociais de família, e, com orientação, as pessoas foram tomando outro sentido, né? Inclusive de tá olhando as coisas e não ficar acomodada, porque mora num ranchinho ou, sabe? Ou numa casinha simples. Ela colocava esse ânimo na pessoa para ela desejar mais, não porque ela vai ser inveja ou não, mas para poder desenvolver. Então, eu vejo que muita gente se desenvolveu aqui, nesse olhar mais expansivo, com essa relação que ela teve com a comunidade, né? E tem até uma... uma menina, que ela já é babá reforçada, inclusive, que ela sempre dizia que ela conseguiu construir a casa dela com os ensinamentos da Mãe Dilma em economizar o sabão, sabão em pó, economizar água, economizar luz, economizar roupa, separar roupa de que é de sair do que a roupa de ficar em casa. Então ela... ela fala para todo mundo mesmo que ela, há muito tempo, ela saiu do terreiro, desse terreiro aqui e foi para outro, mas ela tem a fala, ela continua falando as mesmas coisas, sabe?

00:12:59 INQ:

Porque o terreiro, ele, como você disse, ele influencia o social, o desenvolvimento social, né? Para além do espiritual, para além das benzeduras...

00:13:06 INF:

Exato!

00:13:07 INQ:

Ele teve um processo de influenciar socialmente a comunidade.

00:13:13 INF:

É, porque a comunidade aqui olhava o pessoal que estava lá na praia como se fosse os doutores, porque tão tudo com casa virado pra praia, né?

00:13:21 INQ:

Uhum.

00:13:22 INF:

Tinha família aqui que são bem conhecidas de Florianópolis lá, que tinha casa de praia aqui, né? E daí as pessoas meio que se olhavam, meio que inferiorizada, essas pessoas e ela foi quebrando esses padrões, sabe? É do jeito dela...

00:13:36 INQ:

Uhum.

00:13:36 INF:

Não, não dentro do feminismo, nada disso, mas naquilo de mulher que não, sabe? Que... que a mulher tem que ser independente de qualquer coisa. E ela tinha isso na mente dela, né? Talvez por própria experiências, a gente não sabe como é que

foi, mas ela tinha muito isso, de ninguém ser dependente de ninguém.

00:13:57 INQ:

A gente vê nas fichas cadastrais que, por exemplo, bastante gente ao redor, da comunidade aqui ao redor, né, pessoas que ainda vivem é, frequentaram o terreiro, né?

00:14:02 INF:

Uhum. Sim. Isso.

00:14:05 INQ:

O que leva a crer que há uma, quando ela veio para cá, há uma relação sem preconceito, uma relação mais próxima, assim, da comunidade frequentar, da comunidade pedir orientação, não era o que, não é o que a gente vê hoje, porque a gente vê os terreiros sendo isolados da comunidade, porque a comunidade não aceita o terreiro, né?

00:14:26 INF:

Uhum.

00:14:28 INQ:

Mas a corrente mediúnica, né? Nesses primórdios, né? A gente pensa lá em 1970, final de 1970, 1980, ela era composta somente pela comunidade aqui ou tinham pessoas de outros lugares? Como é que começava isso?

00:14:39 INF:

Não! Até 1990, nessa época de 1990, era a pessoa só daqui da, do entorno, não tinha ninguém de fora.

00:14:50 INQ:

Uhum.

00:14:53 INF:

Mas teve casos aqui interessantes, por exemplo, de... fomo falá de preconceito, preconceito, não, mas intolerância religiosa de médiuns aqui que tiveram filhos, e que, é... quando eles foram, as criança iam fazer primeira comunhão, os, o... não foi aceito aqui na igreja, né? Na época era diácomo.

00:15:12 INQ:

Uhum.

00:15:13 INF:

E daí ela, quando veio, que veio essa notícia para cá, ela foi lá na Catedral falar com o arcebispo, né? E daí trouxe a carta do arcebispo impondo ao diácomo que fosse aceito para as criança fazer primeiro a comunhão. Então ela era dessa Mãe que cuidava nessa parte toda, assim, até de articulação de política pública, se a gente olhar, hoje, no nosso conhecimento, né? Maior, né? Na época, ela não tinha esse conhecimento, mas era o que ela fazia.

00:15:51 INQ:

Uhum. Uhum. Sim, sim, até porque, né? Como você falou, ela era professora, então,

ela tinha uma trajetória que ela sabia se articular, uma coisa que a comunidade isolada, não, não conseguia por si só, né?

00:16:00 INF:

É exatamente, é exatamente.

00:16:01 INQ:

Não conseguia articular. Mas já... pensando nesses primórdios, já tinha essa estrada que vem para Tapera, tudo assim, já?

00:16:11 INF:

Ma ou menos, mais ou menos. É... primeiro tinha uma estrada que vinha para cá, que era do Carianos, passava hoje aonde que é a Universidade, que era antes o Centro de Treinamento da Celesc, que vinha pra cá. Ou tinha que dar a volta no Ribeirão. Daí se passava pelo Carianos ou pela Base, né? Os ônibus passavam por dentro da Base, por quê? Para favorecer a Base Aérea, propriamente dita. E não tinha nada a ver com comunidade, porque daí tinha essa passagem ali, que era fácil. Quando chovia, virava um lodo, principalmente ali no, no, no trevo do Pedregal e o ônibus atolava, daí tinha que ir 500 homem lá para tirar, era um rolo, assim, quando chovia, né? Daí depois de alguns anos, quando eles cancelaram essa rua, porque iam fazer um projeto para ter pista do aeroporto, não sei o quê, não sei o quê, e daí a gente tinha que dar a volta lá pelo Rio Tavares, o Ribeirão da Ilha,

inteiro, para vim para cá, né? E é isso. E o ônibus passava, algumas pessoas que tinham algum vínculo com a Base Aérea passavam ali por dentro. Depois teve uma época que eles ficavam autorizando algumas pessoas a passar ali dentro, não eram todas. A pessoa tinha que ter um QI, né? Que era a indicação de alguém política. Enfim, eu não tenho ideia dos critérios.

00:17:51 INF:

Não tenho ideia dos critérios, mas era o... só, algumas pessoas podiam passar por ali.

00:17:57 INQ:

E quando... nesses primórdios, porque, assim, falando com a Eliete, ela diz que, por exemplo, tinha... Tinha as lavadeiras ainda, nessa época, ainda tinha as fontes de lavadeira aqui?

00:18:10 INF:

Uhum. Sim. Tinha, a dona Leta era, ela era uma que lavava as roupas da minha mãe, dos meus tios, que tinham casa aqui, que tinham casa de praia.

00:18:19 INQ:

Mas os engenhos aqui da praia não existiam mais? [Engenhos] de açúcar?

00:18:24 INF:

Não recordo. Isso, eu não recordo.

00:18:26 INQ:

É, não, é... É que ela, com a idade, ela já não lembra mais dados, ela diz.

00:18:28 INF:

É, é. Eu não recordo sobre isso, como, quando criança, assim, porque eu vim, eu venho para Tapera desde quando eu tinha uns 9 ano de idade, 8, 9 anos assim, mas eu não tenho essa... Até porque essa idade a gente não bota muito juízo nisso, né? Muita atenção. Não tenho mesmo, assim.

00:18:51 INQ:

Tá. Então tá retornando, né? E daí a sua mãe, em 1982, inaugura a Casa de fato. E vai até 2010 aqui na Tapera que é quando ela falece.

00:19:02 INF:

Exatamente, exatamente.

00:19:04 INQ:

E daí você assume a casa.

00:19:07 INF:

Isso.

00:19:08 INQ:

Nessa sua trajetória toda, pensando na forma que se fala dentro do terreiro, você percebe que existe uma forma diferente de falar do que se fala fora de terreiro, para outras pessoas que não são de outras comunidades de terreiro, falam? Palavras

diferentes que vocês usam, que é usual e lá fora não?

00:19:27 INF:

Ah! Ah, existe muitas coisas que se fala, assim. Na verdade, tem se perdido. Antigamente, se falava mais expressões de... do cotidiano do Santo do que hoje em dia, né? Hoje em dia é tem uma instituição da violência e do ódio, que as pessoas evitam muito usar qualquer coisa, a não ser que esteja só dentro da...

00:19:54 INQ:

Da comunidade.

00:19:55 INF:

Da própria comunidade, né? Mas, antigamente, se falava muita coisa, é tipo, a gente ia dormir, “Ah, vou...” ai, até esqueci agora o nome da... da cama, lá, que se fala, que o Preto Velho diz da cama. Ai, Jesus, bem fugiu a mente, mas enfim, depois aparece, é? Ah, tem, mas tem coisas do dia a dia, né?

00:20:25 INQ:

Uhum.

00:20:26 INF:

Cumbuca, né? Ah “pega a cambuca” é coisas que são expressão de Santo, né?

00:20:30 INQ:

Uhum. Uhum. Que ainda se usam.

00:20:32 INF:

Que se usa, né? Ainda se usa é, é “macaia”, né, que é casa. E, enfim, tem algumas coisas que se usava bastante, “epô”, daí, “Ah, olha, vamos fazer um bobó com epô” aí a turma “Epô? O que é epô?”, né? Então, mais ou menos assim.

00:20:55 INQ:

Mas ainda existe umas palavras. Claro que a tendência, como você falou, de trás para frente, é que elas vão diminuindo...

00:21:01 INF:

Diminuindo a utilização fora do, da comunidade.

00:21:04 INQ:

Mas dentro do terreiro, tu ainda vê que, dentro do terreiro, ainda tem uma permanência de um uso, assim? ou ainda, mesmo assim, também [está diminuindo]?

00:21:10 INF:

Não, tá diminuindo— tá diminuindo muito, eu acho. Eu, é... Eu tenho uma visão que quanto mais as pessoas foram é buscando conhecimento, e... e... e... e tendo mais acesso a ir para a Universidade, aos estudos, automaticamente, isso vai se, foi se perdendo, né? Porque o lado profissional da gente vai, vai ocupando a gente numa outro papel social que, que molda a nossa fala, né? Que molda o jeito de pensar, né?

Inclusive, há alguns anos atrás, eu tinha algumas discussões, quando tinha os sacerdotes junto, de... de coisas de legalização, mesmo, e jurídica e tal, que tinha gente que achava que era contra, assim, sabe? Discutia, achava que às vezes eu era até arrogante e tal. E depois essas próprias pessoas foram fazer faculdade de direito e hoje eles falam, exatamente, coisas como eu falava. E daí, quando eu percebi isso em reunião, eu fiquei rindo, né, ó, porque a Universidade molda também, né? Porque ali ela tá criando um outro olhar de um cidadão, né? Um cidadão que tem que ter opinião, o cidadão que tem que ter é... Ser é criador de... de... de... de opinião, mesmo, de... de criar alguma coisa para si, de ter a sua inteligência ativa, né? E não moldada. E antigamente, não. Assim, eu vim de uma era, que é a era da Ditadura, né? A gente não podia estar se expressando toda hora, todo instante. Então, tinha que estar batendo continência, e cantando o hino nacional. Até, acho que cantar hino nacional era uma boa, mas essa história de bater continência, só dizer “sim, senhor, sim, senhor, sim senhor” é, é manada, né? As pessoas param de pensar e hoje as Casas de Santo, muita gente está indo para, para a Universidade, é muito, a maio—. Eu, eu creio que se fizer um bom levantamento, tem Casas de Santo que não, mas tem outras que a gente vê num desenvolvimento diferente, vai tá aí com 80% já indo para a

faculdade. Antigamente, era 90% sem ter estudo, né? Até ser semianalfabetos e agora não acontece mais isso. Então, eu acho que isso também muda a fala.

00:23:35 INQ:

O acesso à Universidade?

00:23:39 INF:

Aos estudos, né? Porque vai te colocando na tua vida profissional. Tu vai assumindo cargos de liderança num, num ambiente corporativo, por exemplo, tu não vai tá falando pra um lá no ambiente corporativo, “pega uma cambuca lá pra mim”, né? Pega um epô, pega uma vasilha, não, se vai falar a expressão correta que se... que se deseja, né? Porque é uma questão de comunicação, mesmo.

00:24:09 INQ:

Sim, sim. Sim, é, sobre esse tema, né? Eu, eu... Outra pessoa, né? Ela analisa que em outros, em outro contexto, que não é a casa de umbanda, que não é o sul do país, mas ela analisa que há também esse lugar que ela chama de cristalização, né? Que ela diz que é uma aproximação muito mais da língua do colonizador, uma questão sócio...

00:24:30 INF:

Educativo.

00:24:32 INQ:

É! E, propriamente, de como é que a gente chama? É... de ter o maior prestígio a língua do colonizador do que a língua do terreiro.

00:24:40 INF:

Sim. Sim. Sim.

00:24:41 INQ:

Então a gente tende a se aproximar, com o estudo, depurar a nossa fala para que a gente, né, possa chegar lá.

00:24:47 INF:

Uhum. Sim, porque é um sistema que é estabelecido e quando tu não está nesse sistema, tu não vai chegar a nunca a lugar nenhum.

00:24:52 INQ:

A lugar nenhum.

00:24:55 INF:

Então tu vai ser sempre pequenininho, vai ser empregado.

00:24:57 INQ:

Mas lá ela percebe, por exemplo, que quando as pessoas da, as próprias comunidades, identificaram que o jeito de falar é algo que demarca a identidade dessa comunidade, por mais que fora do contexto, elas usem um português, um português brasileiro mais próximo da língua do colonizador, quando elas estão nas comunidades, elas fazem questão de fazer

uma manutenção de termos, até termos que já haviam sido perdidos.

00:25:26 INF:

Sim.

00:25:27 INQ:

E daí a pergunta que é, é se, como você falou, a gente vai perdendo uso inclusive dentro do próprio terreno, vai se perdendo alguns, mas hoje com o pessoal acessando as informações que têm na internet, que é uma grande fonte, assim, de tu ver que dentro da Umbanda de Almas e Angola, especificamente, há uma tentativa de resgatar termos de origem africana, resgatar termos do iorubá, do banto ou não, as pessoas [estão usando menos]?

00:25:55 INF:

Eu não tenho esse olhar de tá indo nas casas, buscar esse olhar, assim, então é muito difícil dizer sobre isso, né?

00:26:02 INQ:

Uhum.

00:26:04 INF:

Mas, é, quando a gente está falando sobre a identidade cultural, principalmente, eu acho que isso é importante, né? Por exemplo, eu tenho muito o hábito de falar sobre o duburu, né? “Ah, faz um duburu”, “Vou comer um duburu”, vou... Então, eu busco algumas palavras ao utilizar, mesmo

quando eu estou fora. Quando eu estava no meu contexto profissional, é eurocentrado, é, tu não tem como, né? Tu não consegues, até porque também não vai ter vários objetos, lá, que tu vai estar usando as palavras que tu conheces.

00:26:38 INQ:

Uhum. Claro.

00:26:39 INF:

Mas eu acho que o povo preto, eu acho que é o que mais trabalha para que isso aconteça, porque é a identidade deles, né? A maior parte das palavras. O indígena, né? Ele também busca a manter a linguagem é do povo original, porque é uma identidade deles, de pessoas e... E a gente que é esse mestiço maluco, que a gente nem consegue nem é se vê, porque a gente está num momento, na minha visão, que a gente está sem lugar.

00:27:17 INQ:

Uhum.

00:27:18 INF:

Né? Porque a gente não se... não se vê como colonizador, além da gente vim de uma... desse, dessa raça também, né? Do... Não, não, não é a palavra não, não é raça.

00:27:31 INQ:

Dessa etnia?

00:27:31 INF:

Não é dessa..., não é nem questão de etnia, mas desse povo, né, que... que a gente tem essa, esse, esse lado é europeu e, mas a gente se nega a estar nesse contexto euro centrado e a gente vive querendo quebrar esse padrão, né? Então a gente está no lugar que tu não está em lugar nenhum, que também é um lugar desconfortável, não está em lugar nenhum, te faz tu perder a sensação do pertencimento, né? Eu, por exemplo, eu sempre me vi, desde criança que eu não pertencia a lugar nenhum. E quando eu cresci com essa ausência de pertencimento, para mim sempre foi um horror, sempre foi difícil. E... E quando eu pensei que quando eu estava na Umbanda, que pá, vou tô entrando na, numa fraternidade, eu pertença isso, a gente começa a perceber que não, a gente nem se pertence isso, porque isso vem de uma... de um, de um outro povo, que não é esse povo que tu te vê, quando tu... tu te olha no espelho, né? E... E tu olha várias coisas que foram imbuindo dentro do teu ser, que que não faz parte de ti. E daí tu olha e diz “Putz, nem nisso aqui eu pertença”, nem na minha religião eu pertença, né?

00:28:53 INQ:

Uhum. Uhum.

00:28:54 INF:

E eu acho que isso é uma das coisas que, pra mim, é... Não entendo nada de filosofia, mas eu acho que é uma coisa que se precisa se aprofundar nesse contexto, né?

00:29:05 INQ:

Sim. É...

00:29:07 INF:

Nem sei se sai muito fora da... da coisa.

00:29:09 INQ:

((Risos)) Não tem problema, é? Você falou, por exemplo, duburu, né? Epó?

00:29:16 INF:

Urupemba é outro dia, fui a—...

00:29:18 INQ:

A pemba, a própria pemba, que é uma palavra que se usa e você vê que são palavras do tipo quando, porque, enfim, você é uma Tata de Almas e Angola tem 35, 30 e quantos anos, Babá?

00:29:31 INF:

Eu sou de 1988.

00:29:33 INQ:

Então, 32, não, 35, 35, vamos para a matemática. Então, obviamente, você é uma pessoa articulada, você, né? Tem, tem contato não com, não necessariamente, como você falou que “eu não vou nas casas”, mas tem contato com as pessoas,

sim. E você percebe que as pessoas ainda preservam, por exemplo, doburu, chamar a pipoca de, de, no contexto, de doburu, ou não?

00:29:56 INF:

Tem muitas casas que não. A maioria das casas não, mas tem outras casas que buscam mais um, o contexto mais afro, elas já utilizam mais.

00:30:08 INQ:

Entendi.

00:30:09 INF:

É, outro dia eu fui atendendo um lugar que eu passei a atender, agora, terapeuticamente e levei uma urupemba pra lá e disse, “Ah, vou deixar a minha urupemba aqui, porque eu não— é uma coisa que... que... pra mim, fica ruim, tá levando e trazendo, então eu tenho uma lá e vou deixar uma aqui”. “Ah, tá!”, quando eu tô saindo a pessoa, “O quê que é o pemba mesmo?” ((risos))

00:30:29 INQ:

((Risos)) É isso aí.

00:30:30 INF:

Que urupemba é a peneira, né? Para deixar aqui claro, né?

00:30:35 INQ:

Claro. A peneira, não a peneirinha para cozinha.

00:30:39 INF:

Não é a peneira da cozinha, é a peneira de palha. Isso.

00:30:44 INQ:

Tá, eu trouxe aqui alguns termos, ah, antes disso, é... Claro, né? A gente vê muita coisa, mas eu queria que você falasse qual é a relação do terreiro com o ponto, né? Porque antigamente a gente tinha...

00:30:55 INF:

Com o?

00:30:56 INQ:

Com pontos cantados, porque, hoje em dia, a gente vê que muita gente cria ponto. Tem até uma crítica, né, de... do... de hoje em dia se criar muito ponto, sem... Simplesmente porque é bonito, né? Mas...

00:31:08 INF:

Sem fundamento.

00:31:11 INQ:

É, porque, antigamente, eram pessoas mais sabidas assim, no sentido espiritual, era mais...

00:31:15 INF:

Sim. Sim.

00:31:16 INQ:

Querida que você dissesse essa importância assim, inclusive porque tem, tem hoje em

dia tem uma alta divulgação de pontos, né? Então, assim, se canta ponto, por exemplo, tem, tem uma crítica inclusive com pontos de mestres de Jurema, que em outro, outros contextos, outras comunidades, eles usam como ponto de pombagira, enfim. Então, acho que os pontos não são mais restritos, né? São os pontos aqui da Umbanda, são... Se tornou um pouco mais fluído e daí eu queria que você dissesse sobre a importância dos pontos cantados para a Umbanda, um pouco disso, e um pouco de como você vê essa divulgação em massa que acaba confundindo os rituais, acaba as coisas...?

00:31:59 INF:

Tá. Tem, tem... Eu acho que isso aí tem muita coisa que está é que... que envolve, né? Primeiro que, antigamente, os pontos de Umbanda era puxado por entidades. E daí o ogã aprendia, fazia o registro. É... hoje em dia a Entidade puxa um ponto e fica no esquecimento, porque nem o ogã nem os médiuns captam a mensagem e pronto. E a Entidade ele canta uma vez, se o ogã não respeitou, deu. Ele não vai repetir, porque ele não é professor. Ele, na hora que ele está puxando uma cantiga, ele está ali trazendo toda uma energia, todo um processo energético curativo, que envolve aquele ambiente, naquele momento e ele está totalmente envolto. E o ogã, é uma das missões do ogã, é exatamente captar a

cantiga do guia que chega, então cabe a ele gravar imediatamente isso para poder daí, tá. E, antigamente, era isso, todos os pontos eram. Então, é... isso tu não vê mais os ogãs anotando. Já percebi isso, várias vezes, aqui na minha casa. E... e... e os guias não estão mais puxando, porque eles estão re—... Aí, daí vem o anímico do médium, a tá cantando aquilo que ele está ouvindo no YouTube, que está ouvindo no pai Google, né? Que ele está à busca de saber mais. Então, ele não está centrado na... Na sua própria incorporação, ele está mais centrado em alguma outra esfera, e então, acaba reproduzindo isso. Isso também aconteceu com a... com o samba, né? O samba nasceu em Casa de Santo, mas o samba ele reproduz a energia do orixá, mas ele não é ponto de fundamento, e esses ogãs estão puxa— trazendo esses, as músicas do samba como se fossem um ponto.

00:34:22 INQ:

Uhum.

00:34:23 INF:

E não é, né? É, eu lembro que, por exemplo, na minha... numa das minhas saídas, foi puxada a música do Carlinhos Brown sobre o Obaluaê é linda, a cantiga que ele trouxe é linda, é de muito axé, de muita força, mas não é de fundamento.

00:34:49 INQ:

Uhum.

00:34:49 INF:

Né, não é de fundamento, porque é isso que está acontecendo, entende? Então, as pessoas não estão sabendo diferenciar isso e daí está virando essa, essa coisa que... inclusive o toque de atabaque, tu tem terreiros que tu entra, o toque é de samba e não é mais toque de Santo, né? Os ogãs não tão mais tocando a batida do Santo, não, tá tudo uma coisa só. Não tem mais a batida para Xangô, a batida para Iansã. Está tudo igual, assim. E fora os que está de batida mesmo, de, de samba.

00:35:31 INQ:

E antes. E antes tinha essas diferenças dos toques na própria Umbanda?

00:35:34

Antes tinha. Tinha, tinha, porque eu recordo, inclusive, de na casa da minha avó, eu criança, eu via que tinha, tem essa sonoridade, sabe? É uma coisa que identifica no, essa vibração de em mim, né?

00:35:48 INQ:

Uhum.

00:35:49 INF:

Eu consigo sentir essa vibração.

00:35:52 INQ:

E, e... Pensando mais tipo ali, a parte da Mãe, da Vó Ida, né? Trazendo a Umbanda de Almas e Angola, na Almas e Angola, você chegou a ver, por exemplo, porque em outras umbandas, a gente vê o uso do berimbau, do triângulo, do agogô e de outros instrumentos. Hoje em grande parte, né? Vou dizer da minha experiência, evidentemente, você vê muito o atabaque, mas você não vê a presença de outros... instrumentos. Nessa época, nesse começo, na Casa da sua vó, tinha?

00:36:17 INF:

Tinha, tinha, na casa da minha Mãe de Santo tinha, o ogã, que foi feito pela minha Mãe de Santo, até hoje ele toca, ele toca agogô, ele toca o triângulo, e ele toca o atabaque.

00:36:28 INQ:

Uhum. Tá.

00:36:29 INF:

Como a Casa que ele está hoje também tem outros ogãs, às vezes ele vai para o agogô, às vezes ele vai para o triângulo.

00:36:37 INQ:

Uhum. É, [ININT.] corren—.

00:36:37 INF:

Mas não é todas as casas, é não é exatamente, isso, porque as pessoas hoje não se toca atabaque, se toca tumba, né?

00:36:44 INQ:

Uhum.

00:36:46 INF:

Então, já é, tudo isso, é muita coisa diferente. E antes tinha tambor, era tocado tambor, daí foi para o atabaque, né? Porque o atabaque tem a sua função, mas a Umbanda, mesmo, tem que ter o tambor. E hoje tu não vê as casas com tambor.

00:37:03 INQ:

É, não, é interessante pensar como é que ela... Como é que ela se desdobra na modernidade, né? Que é o que você falou, vai perdendo alguns fundamentos, e tal.

00:37:11 INF:

É que vê a Mãe Malvina, se tu fosse falar com alguém mais antigo, que não sei como é, que onde estão, também, eu tinha um primo, mas, infelizmente, ele faleceu há pouco na pandemia, lá na Mãe Malvina era só tambor, nunca teve atabaque na casa dela, era só tocava tambor. Então, né, é na casa da minha avó era tambor, mas tinha um que era um... um tambor diferente, tipo um atabaque, mas ele era mais alto, mas ele não era aberto embaixo, ele era bem fechado, mas é pra... pro lado indígena mesmo. Daí vinha algum toque ali que daí eu não lembro, como é que era isso? Mas o tambor existe ainda, inclusive, foi lá para casa da... da Jussara.

00:37:59 INQ:

Sim, e... Você falou da pandemia, e embora não, não estava previsto, mas como é que você, nessas suas articulações, nesses seus contatos com outras Casas, como é que você viu que a Umbanda de Almas e Angola passou pela pandemia é... aqui, né, obviamente, entende? Como é que a pandemia influenciou os terreiros?

00:38:18 INF:

É, todo mundo fechou.

00:38:20 INQ:

Fechou completamente?

00:38:20 INF:

Todo mundo fechou completamente. E depois, aos poucos, cada um foi entrando, né? E... Mas eu, por exemplo, eu senti e passei para os outros e não sei se foi feito ou se não foi, mas eu recebi uma, uma fala da guiança minha, da gente ativar os pentagramas nos terreiros de Almas e Angola. Eu ativei aqui, ficou durante uns 3, 4 meses ativo para poder manter os médiuns bem, lógico, cada um tendo a sua responsabilidade, porque magia não vai ao irresponsável, né? E para que todas as casas fizessem também para o bem da humanidade, não é? E... enfim... Eu passei para isso, para as pessoas e tal, e acredito que alguns fizeram, mas não todos.

00:39:15 INQ:

É. E eu sei que você fez ações não propriamente de corrente mediúnica, mas sociais, né? O terreiro fez sobre a sua, o seu sacerdócio fez, durante esse período, ações sociais.

00:39:26 INF:

Certo.

00:39:26 INQ:

Você vê que isso aconteceu nos outros terreiros também? Por exemplo, é... arrecadar alimento, coisas que não são para os Filhos de Santo, mas para manter uma, uma comunidade?

00:39:36 INF:

A Mãe, a Mãe Dilma aqui, ela sempre fez isso, né? Para estar auxiliando, assim. É... eu, eu não lembro da minha avó. Eu lembro da avó com as festas que fazia do Santo, que daí, a comunidade, e ali era uma comunidade que tinha muita pobreza em volta. Todo mundo ia comer lá, levava marmitas para feijoada, por exemplo, feijoada de Preto Velho, toda a comunidade levava marmita, durante o dia inteiro, elas pegavam comida lá, e o fogão a lenha estava sempre fervendo, feijão ali, não tinha... E em outras festas, também, era a mesma coisa, lembro da feijoada, que é a coisa mais prática, assim, né? Mas, hoje em dia, se vê um número muito grande de Casas de Santo fazendo esse tipo de ações, mas,

antigamente, não tinha esse, esse ato de fazer cestas básicas e tal, mas tinha a questão de trazer a família para dentro da Casa de Santo, para se alimentar na Casa de Santo, entende? Então, não era dado nada, mas era trazido. A pessoa não precisava ser médium nem nada disso, né? Tinha alguém com necessidade nas comunidades, elas comiam na Casa de Santo, né?

00:40:53 INQ:

Um lugar de segurança alimentar também, assim.

00:40:55 INF:

É, exatamente, é! Em camarim, é distribuído as coisas do axé para as pessoas. Sempre foi isso, para a comunidade entorno, né?

00:41:05 INQ:

Uhum.

00:41:05 INF:

Aqui, lá na casa da minha Mãe de Santo, na casa do Avô de Santo, sempre foi isso, era sempre dessa forma. Até porque a cesta básica surgiu de um tempo para cá.

00:41:16 INQ:

Acho que por uma questão de condição para contribuir com cesta básica.

00:41:18 INF:

É! E antes o número de pessoas de... da pobreza era muito grande, né? Mas é, tinha sempre, eu lembro muito do... da dízima, né? Não sei se a palavra certa é essa, é “Não dê o peixe, mas ensine a usar a vara”, né?

00:41:40 INQ:

Uhum.

00:41:41 INF:

Mais ou menos, parecido com isso, “ensina a pescar”, né? Então, tinha essa questão assim, de estar oportunizando a pessoa para a dignidade dela, né? E não dar por dar.

00:41:53 INQ:

Uhum.

00:41:54 INF:

Então, acho que isso, existia isso muito grande, assim. Tu via nos morros, né? As Casas de Santo no morro tinham sempre atividade. As grandes festas, todo mundo articulava de pegar com políticos, né? Se via isso na Mãe Cristina, na Mãe Malvina, na Mãe Ida, na Mãe... A Mãe Lili, ela já tem uma, uma situação um pouco diferenciada, porque ela já era a Umbanda rica que se falava, porque ela, a Casa dela, era na chácara da Espanha e lidava com o pessoal mais elitizado assim, né? Mas eles tinham muito isso de ir para as comunidades e das praias, por exemplo, né? Ah, lá em Canasvieiras tem uma, uma comunidade mais carente, então as Casas faziam e

levavam algo assim, nessas condições, assim, né?

00:42:49 INQ:

E... E... É dando um salto aqui agora, mas você falou, né, algumas casas ainda permanecem fazendo ações sociais, né?

00:42:56 INF:

Uhum.

00:42:59 INQ:

Essas casas, né? Pensando como você falou aqui que a Umbanda é caminho, caminho de perder muitos fundamentos, né? No som, no, no ponto, no né, vai perdendo os fundamentos, talvez até aqui, pensando mais puramente, talvez até tenha uma associação também com a perda dos traços, das palavras, do uso da linguagem do terreiro, dentro do terreiro, né? Talvez as coisas sejam associadas.

00:43:23 INF:

É. Pode ser.

00:43:23 INQ:

É... Pensando que, hoje em dia, ainda há Casas que fazem isso e tal, há bastante Casas, pelo que você falou, fazem isso, essas Casas são Casas de pessoas mais antigas, são Casas de pessoas mais novas, são Casas que tentam resgatar um fundamento, preservar um fundamento, ou

são, acho, são em geral? Entende o que eu quero perguntar?

00:43:44 INF:

É eu... O que eu tenho visto que é em geral.

00:43:46 INQ:

É em geral?

00:43:47 INF:

É em geral, assim. O pessoal, por exemplo, os Pais de Santo que começaram a ser Pai de Santo ainda jovens, que se abdicaram-se da vida deles é... profissional para ser Pai de Santo, eu não vejo que eles têm essa articulação comunitária, mas essas Casas, elas têm a comunidade mais forte dentro da Casa deles.

00:44:15 INQ:

Uhum.

00:44:16 INF:

Entende? Então, é... sempre tem alguém da... da família dentro do terreiro e daí tem um médium e tem 15 pessoas com aquele médium e daí aquele povo todo come na Casa de Santo, entende?

00:44:30 INQ:

Uhum.

00:44:31 INF:

Então não tem essa coisa de “Ai, uma ação social”, mas é tudo família, mesmo, que a pessoa evangélica, lá, é...

00:44:38 INQ:

A comunidade toda está...

00:44:39 INF:

A comunidade inteira está dentro da Casa de Santo. Então, tu olha lá, tu fica uma coisa, né? Quando tem uma festa de Santo, parece uma festa gigante, enfim, tu vai ver 3, 4 rua com um monte de gente e não sei o quê, daí tu vai ver lá é a Casa de Santo, porque? Por isso mesmo, entende?

00:44:58 INQ:

Legal.

00:44:59 INF:

Né?

00:45:00 INQ:

Não, não. Legal? É. É porque a gente vê isso, é... isso é bom demarcar, né? A gente vê outros setores religiosos sendo muito demarcados como setores que ajudam a comunidade, né? E... E... E...

00:45:11 INF:

É porque querem mais Ibope, né? A Casa de Santo, o Pai de Santo, tem algumas coisas que eu sempre coloquei, principalmente quando eu vou para as políticas públicas, né? O Pai de Santo não tem tempo de fazer

política pública, o Pai de Santo não tem tempo de levantar bandeira, o Pai de Santo não tem tempo de ir pra rua é... fazer manifestação. O pai de Santo tem que cuidar de uma comunidade, e cuidar de uma comunidade é muito trabalhoso, arca muito tempo. E a maioria muito grande, não tem uma vida privada, sabe? A vida da gente é uma vida pública, tu deixas de ter uma vida social como um todo, né? Tem gente que, enfim, é... se dedica tanto que não... não tem uma... Tu olha e a pessoa não tem, quem olha de fora, não tem vida, mas as outras religiões eles fazem questão de ir pra televisão mostrar aquele bando de gente, aqueles caminhões com... com cesta básica, caminhão com chocolate, caminhão com Papai Noel, né?

00:46:19 INQ:

Uhum. Sim. Sim.

00:46:20 INF:

Não se tem... A gente não tem nem tempo para articular uma promoção dessa, a gente, sabe? É muita ocupação que se tem, né? Porque uma camarinha é uma semana que o Pai de Santo fica sem dormir, e ninguém olha isso. Ele deita, mas não está dormindo, ele está sempre cuidando e olhando alguma coisa, zelando, porque é um zelador, né?

00:46:46 INQ:

Uhum.

00:46:47 INF:

Então, é muita coisa que tá. Imagina numa casa um pouco até maior do que a minha, que tem trilhões de pessoas envolvidas no processo de camarinha, né? Tem pai de Santo que, quando vai fazer camarinha, no mês, são mais de 30, 40, 50 pessoas, até porque o número de gente nessa, nesse planeta parece que cresceu demais, né? E nas Casas de Santo igual. Então quer dizer o pai de Santo se des—...

00:47:12 INQ:

Uhum.

00:47:13 INF:

Se desmonta em fazer alguma coisa, e daí vai fazer esse tipo de demonstração.

00:47:19 INQ:

Promoção. Mas mesmo sem promoção, ainda têm uma ação muito latente de, de ajudar, tanto dentro da... do...

00:47:24 INF:

Muito latente.

00:47:27 INQ:

[Dentro] do terreiro, como segurança alimentar, tanto quanto com a comunidade, com a própria instrução que se fala da Umbanda.

00:47:28 INF:

É. Porque a Umbanda é amor, fé e caridade. A Umbanda é amor, fé e caridade, se não tiver essas 3 coisas juntas, não é a Umbanda, entende? Então... E a caridade se coloca dessa forma, porque as pessoas acham que caridade, às vezes, é ficar benzendo, e não é! Caridade é cuidar da comunidade, é zelar por essa comunidade, é estar atento às coisas.

00:47:58 INQ:

Uhum.

00:47:59 INF:

Entende? Então, às vezes, é isso.

00:48:02 INQ:

Sim, eu queria perguntar só algumas palavras que foram encontradas num ponto, mas.

00:48:07 INF:

E agora eu virei um dicionário ((risos)).

00:48:09 INQ:

É, não algumas palavras, na verdade, é, é, não é nem tanto, pelo significado. Mas você falar se é usual, se não é usual.

00:48:19 INF:

Tá.

00:48:20 INQ:

Se você conhece ou não conhece, né? Enfim... É eu separei aqui é canjerê.

00:48:26 INF:

Cangerê está em...? Qual é o ponto que está o cangerê? [Não] me recordo aqui.

00:48:29 INQ:

É... [Cantando] “Com a macumba e meu cangerê, eu vou bater o meu tambor, eu vou bater o meu tambor, fazendo batuques, chamando no tambor” alguma coisa assim. Cangerê. Teoricamente, o significado é divulgar a macumba.

00:48:48 INF:

É porque, assim, as palavras, quando sai de um ponto, a gente precisa saber qual é o ponto, entender o que foi trazido, para poder identificar o simbolismo dele, ali, naquela...

00:48:59 INQ:

Mas você não usa normalmente? Eu acho que é, é mais essa pergunta, assim.

00:49:04 INF:

Essa... O cangerê?

00:49:05 INQ:

Cangerê... É! É... É uma associação a macumba, na verdade, ela é semelhante de significado.

00:49:11

É na realidade, não, eu acho que não, porque canjerê tem a ver com a cangira.

00:49:17 INQ:

É, não, “cangira” também aparece bastante.

00:49:19 INF:

E “cangira” é um espaço onde tu tem uma força de uma ancestralidade.

00:49:25 INQ:

Uhum.

00:49:26 INF:

Né? E ali ela dissolve em vários vocábulos.

00:49:28 INQ:

Uhum.

00:49:29 INF:

De acordo com o que o... Um Preto Velho, por exemplo, vai puxar uma cantiga, ou um, ou para um trabalho, ou para uma afirmação. E o que que ele está trazendo ali? Ele faz um...

00:49:47 INQ:

Uhum.

00:49:47 INF:

Aquela sacada ali, da— daquela energia que ele tem, e daí ele muda a cangira pro cangeré...

00:49:52 INQ:

Uhum.

00:49:53 INF:

Sabe? Pra mistura, pra— pra magia que tá acontecendo. Então tem essas coisas assim, entende?

00:50:02 INQ:

Uhum... Uhum. Uhum. É... Outra palavra que eu, é, na verdade é uma junção, né? Porque “gongá”, “banda” e “cazuá” no dicionário eles possuem o mesmo significado.

00:50:17 INF:

Aham, basicamente, parece ser a mesma coisa.

00:50:20 INQ:

E os 3... A pergunta é se os 3 são usuais? E se você consegue perceber, porque, né, três palavras sinônimas, a gente em situações diferentes, se você consegue perceber...

00:50:30 INF:

Ó, gogá, eu já falei aqui várias vezes, né?

00:50:32 INQ:

Já falou.

00:50:34 INF:

Porque gongá é com... primeiro, o gongá é um peji, o gongá é um altar, um gongá é um, um, um espaço onde você vai benzer alguém que tem seu santinho, lá, tem a coisa de uma entidade, de um guia, tudo isso é “gongá”.

00:50:50 INQ:

O, é.

00:52:17 INF:

É que também é uma casa, né? É uma casa o “cazuá”.

00:52:19 INQ:

Uhum. Mas é um termo que é menos usado denúncia é menos usado ou usado como um código comparado a gongá?

00:52:24 INF:

É menos, é menos usado. Não, é porque o “canzuá” é usado mais com Preto Velho.

00:52:30 INQ:

Entendi.

00:52:31 INF:

Né? Um caboclo já não fala o canzuá.

00:52:34 INQ:

Uhum.

00:52:36 INF:

Aí ele vai falar o peji.

00:52:38 INQ:

Uhum.

00:52:39 INQ:

Entende? Daí da... Onde que está a raiz do guia, ele vai pronunciar, mais assim ou assado, a mesma coisa.

00:52:47 INF:

E nesse sentido é, você percebe que o... Pensando nos guias, os guias têm uma linguagem muito própria, muito diferente assim, enfim, de personalidade diferente?

00:52:55 INF:

Aham. Sim, eles usam, é.

00:52:59 INQ:

[Entrecortado] de um caboclo. Outras palavras que é, me parecem... A gente pode dar uma pausa?

00:53:05 INF:

((Risos)). A gente, vai fazer uma gravação só?

00:53:12 INQ:

Voltando... É... outras três palavras que eu achei foram “macumba”, “mandinga” e “mironga”, nesse mesmo sentido, que são palavras que, no dicionário, são sinônimas.

00:53:25 INF:

Tá, macumba é um... um tipo de ritual.

00:53:12 INQ:

Uhum.

00:53:12 INF:

Né? Que... que parece ser a umbanda, mas não é a umbanda, parece ser a quimbanda, mas não é a quimbanda. Então, é um nome que...

00:53:39 INQ:

Provavelmente um... [termo] afro-religioso, assim, de um segmento... Uma tradição.

00:53:43 INF:

É uma tradição afro. Africana.

00:53:47 INQ:

“Mandinga”?

00:53:51 INF:

Olha... A mandiga, ela tem várias características, não é? Uma delas é... São orações, e... ou qualquer ritual que tu vá fazer, para qualquer coisa.

00:54:06 INQ:

É uma mandinga.

00:54:08 INF:

É. Vais arrear a comida de Santo, vai fazer uma mandiga para o teu Santo, vai firmar um anjo de guarda, está fazendo uma mandiga para o anjo de guarda dele.

00:54:19 INQ:

Uhum.

00:54:20 INF:

Né? É mandinga, né?

00:54:20 INQ:

E a “mironga”? Qual a diferença da mironga para mandinga, assim, no uso que a gente usa, né?

00:54:27 INF:

A mironga seria quase como se fosse uma simpatia. Sabe quando a pessoa vai rezar e vai fazer simpatia, ela vai fazer uma simpatia para achar uma coisa perdida. Vai fazer o responso do Santo Antônio.

00:54:34 INQ:

Uhum. É diferente no sentido de que a mandinga parece que você faz uma coisa mais elaborada.

00:54:51 INF:

Exatamente. E a mironga...

00:54:52 INQ:

E a... e a miron—... é mais uma coisa... uma reza, uma coisa.

00:54:55 INF:

É, é uma simpatiazinha. “Ah, vou botar um sal grosso debaixo da, da, da minha porta”.

00:55:03 INQ:

Entendi, entendi. Então é isso. Por enquanto, é só isso, obrigado.

00:55:09 INF:

De nada.

[FINALIZAÇÃO DA ENTREVISTA]

APÊNDICE E – ENTREVISTA ELIETE IGNÊS ESPINDOLA - ÍNTEGRA

INF: Eliete	92.
INQ: Lucas Denir	00:00:26 INF:
Data: 30/04/2024	Foi?
00:00:00 INQ:	00:00:27 INQ:
Meu nome é Lucas Denir, hoje é dia 30 de abril de 2024, eu estou aqui com Eliete Ignês Espíndola.	Foi em 92. 92.
00:00:05 INF:	00:00:31 INF:
[Falando por cima de INQ] Eliete Ignês de Espíndola	Ai, não é? Bastante tempo.
00:00:09 INQ:	00:00:34 INQ
E a senhora nasceu quando?	Já faz 30 anos...
00:00:10 INF:	00:00:35 INF:
Nasceu no dia 02 março de 1930.	30 anos, é?!
00:00:17 INQ:	00:00:36 INQ:
Então, hoje, a senhora tem quantos [anos]?	Porque... Mais do que 30 anos, porque eu sou de 93, e eu tenho 30.
00:00:18 INF:	00:00:38 INF:
94 anos.	É! ((Risos))
00:00:21 INQ:	00:00:40 INQ:
A senhora se lembra quando é que a senhora fez Babá?	Quero que a senhora conte como é que começou a sua... a senhora com a mediunidade da senhora. A senhora contar de quando era pequenininha...
00:00:24 INF:	00:00:46 INF:
Não...	Ah, sim, olha eu, quando era pequena, eu via visagem. Eu era assim, guria duns 12 anos por aí, assim, mas é eu tinha muito
00:00:25 INQ:	

medo disso, Deusolivre! Eu não ia a cemitério, que eu tinha medo. Aí um dia, foi num sábado, eu estava na casa da minha avó, aonde eu morava, e eu me deu um negócio, me deu um, um treco em mim, que eu fiquei com os olhos bem regalado, aí todo mundo ficou com medo, pensou que eu estava ficando louca, aí foi aonde começou a vim o Pai Antônio. Preto Velho. Preto Velho!

00:01:34 INQ:

Mas a senhora pequena ou maiorzinha?

00:01:36 INF:

Não, já era uma mocinha, já. Já era uma mocinha. Depois eu não podia ver ninguém doente, abaixava o Exú. Já abaixava o Exú. Foi 2 primeiro, foi o Preto Velho e depois o Exú. Aí eu disse assim, “Meu Deus, o que que é isso?”, aí eles ficavam tudo apavorado, né?

00:02:02 INQ:

A senhora já era casada, aí?

00:02:04 INF:

Não, era solteira! Tudo solteira. Depois que eu me casei, começou, eu comecei a vim Exú, não podia ver ninguém doente. Eu não podia ir em lugar que tivesse baile, que tivesse, assim, música, essas coisas, eu já ficava toda desorientada. Eu chegava a pular calçada grande para vir-me embora. Aí eu já era casada, mas eu não tinha filho

ainda. Já era casada. Aí começou aquela ladainha, aí... Eu... Apareceu a dona Dilma aqui, uma vez, que eu não conhecia ela, começou a... Porque eu lavava antes pra cunhada dela, que era a tia da Kátia, a dona Dilma, casada com o tio da Kátia. Aí comecei a ter amizade com a dona Dilma, aí... eu falava com a dona Dilma... aí [eu] já abaixava o Preto Velho, a fala muito enrolada, né? Aí nós duas... ela começou a benzer, que ela também era espírita, a dona Dilma, mas eu não sabia, né? Que [ela] morava pro Estreito, só vinha aqui, para ir na casa da dona Dilma. Aí comecei a lavar roupa para dona Dilma. Eu comecei lavar roupa na minha casa, no meu tanque, para dona Dilma. Ela dava o sabão, né? Em pedra, dava sabão em pó e eu passava a roupinha e ela vinha buscar aqui com o seu João. Aí nós começamos a fazer trabalho na casa da dona Dilma, naquela casa que mora a Kátia, hoje em dia, né? Aí começou um pessoal a vir...

00:04:00 INQ:

Só a senhora e ela?

00:04:01 INF:

Só eu e ela. Nós 2, só. Aí ela come— aí começou um pessoal a vim, foi vindo, foi indo, foi indo, que todo mundo gostava, né?

00:04:13 INQ:

Daqui da redondeza?

00:04:15 INF:

Daqui da redondeza tudo ia pra se benzer, né? Aí foi a... depois a dona Dilma se mudou para cá. Trabalhei muito tempo, depois que a dona Dilma fez o centro. Aí eu fui...

00:04:30 INQ:

Até aí era um quartinho, só?

00:04:31 INF:

Era só um quartinho, na casa da dona Dilma, mesmo, né?

00:04:35 INQ:

Uhum.

00:04:36 INF:

Aí começou, Luquinha, o pessoal tudo a vim, tudo a vim, encheu, né? O pessoal, tinha muita gente que vinha.

00:04:44 INQ:

E como é que foi, quando, quando... Porque quando ela saiu do quartinho, que ela foi e construiu, como é que funcionou para—.

00:04:48 INF:

Aí ela fez a plantação no terreiro—, fez o terreiro, né?

00:04:53 INQ:

Uhum.

00:04:53 INF:

Trouxe a... eu acho que foi o Pai... Pai Evaldo, que veio para cá, que nós tinha bastante amizade com ele.

00:05:03 INQ:

Uhum.

00:05:03 INF:

E a dona Ilka, também, que era a Mãe da dona Dilma, né? Depois que elas se separaram. Mas nós trabalhamos muito tempo e depois foi que teve o centro.

00:05:17 INQ:

Que daí que ela construiu o centro que foi feito o...

00:05:18 INF:

Não, foi ela que construiu!

00:05:20 INQ:

Ela com o dinheiro dela?

00:05:21 INF:

Ela e o pai dela. Pai dela era carpinteiro.

00:05:25 INQ:

Ah, era vivo?

00:05:26 INQ:

Era, o avô da Kátia. Então foi aonde botou o centro aqui.

00:05:32 INQ:

E... E como é que... A senhora se lembra quando... Quando tinha esse um gungazinho, ali, a senhora se lembra como

é que era a Tapera? Ainda tinha aquela bica de lava—... de coisa, que a senhora falou, de lavadeira ou não, já não tinha mais?

00:05:42 INF:

Que... A bica de que? De lavadeira?

00:05:43 INQ:

É! Que a senhora disse que antes tinha uma fonte de... pras lava—, né?

00:05:46 INF:

Tinha! Era aqui, era aqui no meu terreiro!

00:05:49 INQ:

Ah, era a—!

00:05:50 INF:

Era aqui no meu terreiro que tinha! Água boa...

00:05:52 INQ:

Ah, eu achava que era lá em cima!

00:05:53 INF:

Não, não. É aqui mesmo, água que tinha aqui do pocinho. Vinha, aí tinha uma fonte, era tudo calçadinha, que eu e... [lembrando] Eu e a Natália, parece, que nós que fizemos. Eu e a Natália, foi. Botemo os azulejinhos, tudo em pedacinho, bonitinho.

00:06:15 INQ:

E a senhora era lavadeira?

00:06:18 INF:

Lavava para fora.

00:06:19 INQ:

E seu marido era pescador e trabalhava na base?

00:06:20 INF:

E o meu marido era pescador. Depois ele foi para a base, entrou no serviço da base, que ficou sendo funcionário, né? Da aeronáutica, aí... Mas nós era muito pobre.

00:06:36 INQ:

Mas era... Mas ele entrou pra base já era mais velho, assim, ou ele entrou ainda novo?

00:06:40 INF:

Não, ele era novo.

00:06:41 INQ:

Ele era novo?

00:06:42 INF:

Ele era novo. Antes, ele só pescava, né?

00:06:44 INQ:

E a senhora morava lá na praia nessa época?

00:06:46 INF:

Eu morava ali na praia, perto da Conceição, num rancho que tinha, ali perto do Niele, ali.

00:06:51 INQ:

Aham.

00:06:52 INF:

Um rancho que tinha, que eu acho que é, hoje em dia, onde é o bar do teu pai, creio que é ali.

00:06:58 INQ:

Mais ou menos.

00:06:59 INF:

É, por ali, é. Mas eu aí, a única casa que eu fui, fui na dona Dilma.

00:07:08 INQ:

Ah, e os seus filhos? Eu estava vendo que até a tia Dirlei, estava... Uma, uma já passou pelo terreiro?

00:07:15 INF:

A Lili?

00:07:15 INQ:

É! Que eu vi lá o nome dela lá, num... num documento lá...

00:07:20 INF:

Não, não, a Derlei nunca foi Filha de Santo.

00:07:22 INQ

Quantos filhos seus?

00:07:22 INF:

Foi o Darci, o primeiro.

00:07:25 INQ:

Uhum.

00:07:26 INF:

O Darci trava—, depois que ficou moço, começou a trabalhar na Coca. Um dia, ele deu um treco também, que era o Ogum que ele trabalhava, quase que caiu lá dentro do... do... coisa da... da Coca...

00:07:39 INQ:

((Murmura)) Jesus.

00:07:40 INF:

O Darci. O Darci trabalhava muito bem com Ogum, uma beleza. E o Darci, aí depois foi Filho de Santo da Mãe Dilma.

00:07:53 INQ:

E a tia Dagmar, né?

00:07:57 INF:

E a Dagmar, e a Daurina que era a cambona, que era— ((risos)). Mas um dia ela se enfezou com a Kátia, e a Kátia com ela, ela tirou a guia do pescoço e disse que não ia mais lá e veio se embora ((risos)).

00:08:07 INQ:

((Risos)).

00:08:10 INF:

((Risos)) Ai, ai.

00:08:15 INQ:

É...

00:08:16 INF:

Mas isso faz anos, né? Barbaridade. Eu nem sei quanto tempo.

00:08:18 INQ:

Mas quando a senhora chegou para cá, aqui já era maiorzinho, já tinha mais gente morando aqui? Ou ainda era um acolá, outro cá?

00:08:23 INF:

Não, não era pouca gente que morava aqui, era, era...

00:08:25 INQ:

Ainda era pouca, antes?

00:08:28 INF:

Tinha muita gente era na praia, aqui, gente, até que... Que...

00:08:30 INQ:

Que não era daqui?

00:08:33 INF:

Que não eram daqui, era de fora, mas morava tudo aí na praia, na beira da praia, né? Pedacinho da estrada para cima.

00:08:40 INQ:

E era gente que tinha mais poder aquisitivo, mais dinheiro?

00:08:43 INF:

Não, não era tudo gente pobre. Depois é que apareceu ali a família do... do... do... Miroski que morava ali. Do outro lá, me esqueci o nome... da dona Lilia, o seu Evaldo, mas não era nada parente da Kátia não, lá do Estreito que vieram morar aqui.

00:09:08 INQ:

Sim.

00:09:13 INF:

O... O... ((murmura)) O Ciro! Que ele tinha, o Ciro, tinha um irmão, que ele era médico e era o... era diretor do Hospital de Caridade, mas já faz muitos anos.

00:09:25 INQ:

Sim, e... E a senhora sempre conta que o Pai Antônio, quando a senhora buscava, o Pai Antônio grudava na— pegava a senhora?

00:09:34 INF:

Era!

00:09:35 INQ:

Isso aí já era depois que o terreiro já tinha aqui? Ou era antes?

00:09:37 INF:

Não, era antes! Até por isso que eu fui pra falar com a dona Dilma, né? Que eu lavava pra ela, contei, comecei a benzer com ela, pronto! Aí, eu podia ir em qualquer coisa, porque eles não me incomodavam mais. Queriam se manifestar, né? Com certeza.

00:09:56 INQ:

((Risos)) Sim. E... Ah, eu estava falando com a Kátia...

00:10:00 INF:

Sim!

00:10:01 INQ:

E ela disse que... que lotava assim da comunidade né, nas festas? Tipo de feijoada de Preto Velho, Ibejada... Era?

00:10:00 INF:

[Distante do gravador] Uhum! Lotava, sim. Lotava, sim. Era muito bom. [Volta a falar próxima ao gravador] Era terreiro bom!

00:10:17 INQ:

E não é grande, né?

00:10:19 INF:

E não é grande, é. Mas ela era uma pessoa muito boa. Ela gostava de dar o... os coisa dela, né? Chamar a gente atenção e tudo, mas era uma pessoa muito boa, a Mãe Dilma. Era, sim. A Kátia também é uma pessoa boa

00:10:42 INQ:

Ô vó, deixa eu lhe perguntar outra coisa. E aqui todo mundo assim, a comunidade, aqui a maioria é igual a senhora que era lavadeira e o marido era pescador?

00:10:53 INF:

Olha, a [fulana] era pobre.

00:10:55 INQ:

E era lavadeira também?

00:10:57 INF:

Lavava também... é... A Leni, não, porque a Leni morava lá para Porto Alegre, nesse

tempo ainda. Depois é que a Leni veio para cá. A mãe dela, que morava por aqui, também, a comadre Maria lavava para fora.

00:11:14 INQ:

E os maridos eram pescadores?

00:11:16 INF:

Eram pescadores.

00:11:18 INQ:

Ah, então, basicamente, ou era lavadeira ou era pescador.

00:11:21 INF:

É, pescador e lavadeira. Era o que tinha aqui. O pessoal da Tapera, tudo lavavam, pros soldados, ali para o posto médico, que era a enfermaria, tudo. Porque era um lugar muito pobre aqui.

00:11:38 INQ:

Sim. A sua mãe também era lavadeira?

00:11:40 INF:

A minha mãe também era lavadeira. Lá, o tempo da marinha, ela lavava por marinha. O meu pai era marinha. Só que não eram daqui, né? Servia aqui, na marinha, depois daqui eles foram se embora pro Rio, aí não sei mais... Ele saiu daqui, né?

00:12:02 INQ:

E a senhora nunca conheceu ele?

00:12:03 INF:

Nunca conheci o meu pai.

00:12:04 INQ:

E tem outros vizinhos aqui, que também é a mesma história, não é? Que... que é filha de marinheiro, também, não tem? A Ângela também não é filha de marinheiro?

00:12:14 INF:

A Ângela, também, o pai dela, o pai dela já era da aeronáutica.

00:12:19 INQ:

Ah, ela é mais nova que a senhora?

00:12:21 INF:

Era sargento.

00:12:24 INQ:

Mas, não... não morava aqui o pai dela?

00:12:26 INF:

O pai dela? Não! Ela namorava e a Ângela ficou pra ter ela, e ele era casado com outra mulher.

00:12:35 INQ:

Ah!

00:12:37 INF:

Mas ela era uma moça direita, a Nilsa, é, só teve essa filha.

00:12:42 INQ:

Sim, sim. Sim. Época da senhora, né?

00:12:44 INF:

É, que é a Ângela, é.

00:12:45 INQ:

Ainda vive, né?

00:12:46 INF:

Ainda vive, é?

00:12:48 INQ:

E... Conta pra mim, conta pra mim como é que era quando a senhora era novinha, assim, conta um pouco da sua história. Conta um pouco da sua história de quando a senhora era mais nova, assim, quando a senhora era criança. Para a gente saber como é que era a Tapera nesse tempo.

00:13:07 INF:

Ah! Não, era, era uma coisa muito pobre aqui. A gente era café cozido com banana verde cozida. Era um pãozinho, era um biscoito, né, bem... um lugar bem pobre.

00:13:24 INQ:

E a, e a senhora, a família toda da senhora é aqui da Tapera, porque a do vô era lá de... do coisa, né?

00:13:28 INF:

Toda. Toda. A do meu, do teu avô é a da Barra do Aririu, agora a minha mãe era daqui, tudo daqui.

00:13:33 INQ:

Mas a sua mãe era daqui? A mãe dela, tudo aqui?

00:13:34 INF:

A minha mãe era daqui. Tudo daqui.

00:13:37 INQ:

E a senhora chegou a conhecer a sua avó?

00:13:39 INF:

A minha avó, ela que me criou, minha avó Belmira.

00:13:44 INQ:

E a Tapera, nessa época, o povo morava, era lá pra cima, ali perto da base, não aqui pra baixo?

00:13:49 INF:

Não, era da base, dali do Arnaldo para cá ou não tem aquela rua que vai assim para dentro, que é lá para a... Para... espera aí para o Arnaldo, tu não conhece. Sim, tem o portão da base, tem aquela rua ali, né?

00:14:05 INQ:

Que vem pra baixo?

00:14:06 INF:

É, só até ali. O resto era tudo mato.

00:14:08 INQ:

Dali para cá, a Rua do Fogo não era lá em cima?

00:14:11 INF:

A Rua do Fogo é aqui pra trás, aqui pro lado.

00:14:15 INQ:

Ah, essa aqui atrás? Que era na outra rua...

00:14:17 INF:

É aí atrás, que é o terreno da base hoje em dia, né?

00:14:21 INQ:

Sim.

00:14:23 INF:

Aham, que tinha ali o clube ali do... dos oficiais.

00:14:31 INQ:

Uhum. E vó, deixa eu te perguntar uma coisa, a senhora percebe que no terreiro se fala diferente do que a gente fala no nosso dia a dia, que tem palavras diferentes?

00:14:44 INF:

Não.

00:14:44 INQ:

Tipo, é... “Menga”, a gente não usa. “Duburu”, a senhora usa duburu, a senhora fala duburu?

00:14:52 INF:

Não.

00:14:53 INQ:

Pra pipoca, não?

00:14:56 INF:

Ah...

00:14:56 INQ:

E... Mas a senhora fala “banda”!

00:15:00 INF:

Ah, banda, sim, é.

00:15:04 INQ:

Para a senhora, banda é o terreiro?

00:15:04 INF:

É o terreiro.

00:15:06 INQ:

E “gonga”, a senhora, também usa?

00:15:07 INF:

Gonga também eu sei que é onde fica os Santos, né?

00:15:12 INQ:

E “cazuá”, a senhora usa? Cazuá? Que diz...
É... É que...

00:15:19 INF:

Isso é mais novo, né? Esse?

00:15:21 INQ:

Não, é que eu estou procurando, diz que muito Preto Velho fala cazuá. Eu também nunca tinha ouvido.

00:15:26 INF:

É, isso.

00:16:22 INF:

Fazendo mindingagem, é. É feitiço também.

00:16:25 INQ:

Não, não, não, não.

00:15:27 INQ:

Nunca tinha ouvido. É, deixa eu pensar outras coisas que apareceram aqui naquele documento que pode ser. “Mironga” a senhora usa...

00:15:38 INF:

Mironga. Eu sei!

00:15:40 INQ:

Que que é mironga pra senhora?

00:15:41 INF:

É feitiço. A gente fazer mal para a outra pessoa, né? É mironga.

00:15:45 INQ:

E... Mironga é isso. E... Como é que é o nome da outra, é...? Não vou lembrar. Tem outro termo, que eu também acho é sinônimo. Que é... que é... Para mim, também é feitiço, é. Mas agora eu não vou lembrar.

00:16:17 INF:

Mindingagem?

00:16:19 INQ:

Mandinga, é.

00:16:24 INF:

Mandinga.

00:16:26 INQ:

É, é feitiço, também, para a senhora?

00:16:28 INF:

É feitiço, é, também, é. Isso é os Pretos Velho que tratam, né? ((Risos)).

00:16:34

É, não, tem... Tem muita, né? Mas é isso aí, é que, às vezes, a gente não repara. E eu queria que a senhora cantasse um ponto que a senhora se lembra.

((Cantando)) Me ajude...

00:17:27 INF:

((Cantando)) Me ajude, me ajude a seguir a Umbanda até o fim. Está certo? ((Risos)) Pode ser que eu esqueça alguma coisa.

00:17:32 INQ:

Está, está certo. [Entrecortado] Pra senhora, é o que a senhora... Está certo. Ah, e tem mais isso, vamos ver isso aí hoje... Mas

onde ela ensinava, né? Depois que teve ali, ali no... no, aonde é a prefeitura hoje, ali tinha uma escola, ali Tenente Almachio. Na subida do morro, quem sai da base, assim, tem...

00:18:16 INQ:

Uma escola.

00:18:16 INF:

00:16:48 INF:

((Cantando)) Eu fui à Bahia, e encontrei ao meu Senhor de Bonfim, eu fui. Eu fui na Bahia e implorei ao meu Senhor de Bonfim que um dia ele me ajudasse a seguir a Umbanda, seus caminhos, até ao fim. Que ele me ajudasse a seguir a Umbanda, seus caminhos até o fim. É o Senhor de Bonfim. Eu, eu não, meu Senhor de Bonfim...

00:17:26 INQ:

como? Eu não entendi, a senhora estudou até a terceira série, mas não tinha escola?

00:17:50 INF:

Não. Depois que eu entrei na escola, antes era no Jardim. Essa moça que ensinava.

00:17:57 INQ:

Jardim é jardim, jardim?

00:17:57 INF:

É, um jardimzinho que tinha, né? Era na praia, um ranchinho,

Uma escola, ali que eu estudei até o terceiro ano, ali.

00:18:21 INQ:

E a senhora era pequena? Ou só foi estudar mais tarde?

00:18:23

Eu era pequena. Era pequena. Não, era pequena. Acho que eu tinha uns 10 anos, 11, por aí, assim.

00:18:30

E o vô também? Também era assim? Só tinha estudado pouco?

00:18:32 INF:

Não.

Ele sabia fazer o nome dele direitinho, mas não botavam, lá na Barra do Aiririu eles não botavam os filhos na escola.

00:18:49 INQ:

Ah, porque ele já veio para cá grande!

00:18:50 INF:

É, é. Mas ele estudava de noite, com os outros, né? Ele já era casado. Ele ia para a escola. Aprendeu a... a escrever o nome dele.

00:19:05 INQ:

Que legal. Mas seus filhos todos estudaram?

00:18:34 INQ:

Nada?

00:18:35 INF:

O teu vô não estudava. É analfabeto. Depois é que ele começou a andar na escola, de noite.

00:19:13 INF:

Todos eles.

00:19:15 INQ:

Todos eles estudaram.

00:19:16 INF:

Todos eles estudaram, que era, o teu pai era mandrião para andar na escola, o Nieli também era, o Darci também era mandrião ((risos)).

[ENTREVISTA INTERROMPIDA]

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]

ANEXO A – DECLARAÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO TERREIRO DE UMBANDA REINO DE IEMANJÁ 1982

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins de direito e quem -
interessar possa que o TERREIRO DE UMBANDA "REINO DE
IEMANJÁ", encontra-se em pleno e contínuo funcionamento-
na localidade de TAPEIRA, neste Município, prestando rel-
vantes serviços sociais à sua Comunidade, razão pelo que,
na fé do meu cargo dou meu verdadeiro testemunho e infra
firmo para todos os efeitos.

Florianópolis, 11 de abril de 1982

Deputado Antônio Henrique Bulcão Vianna.

Fonte: Arquivo do Terreiro de Umbanda Reino de Iemanjá